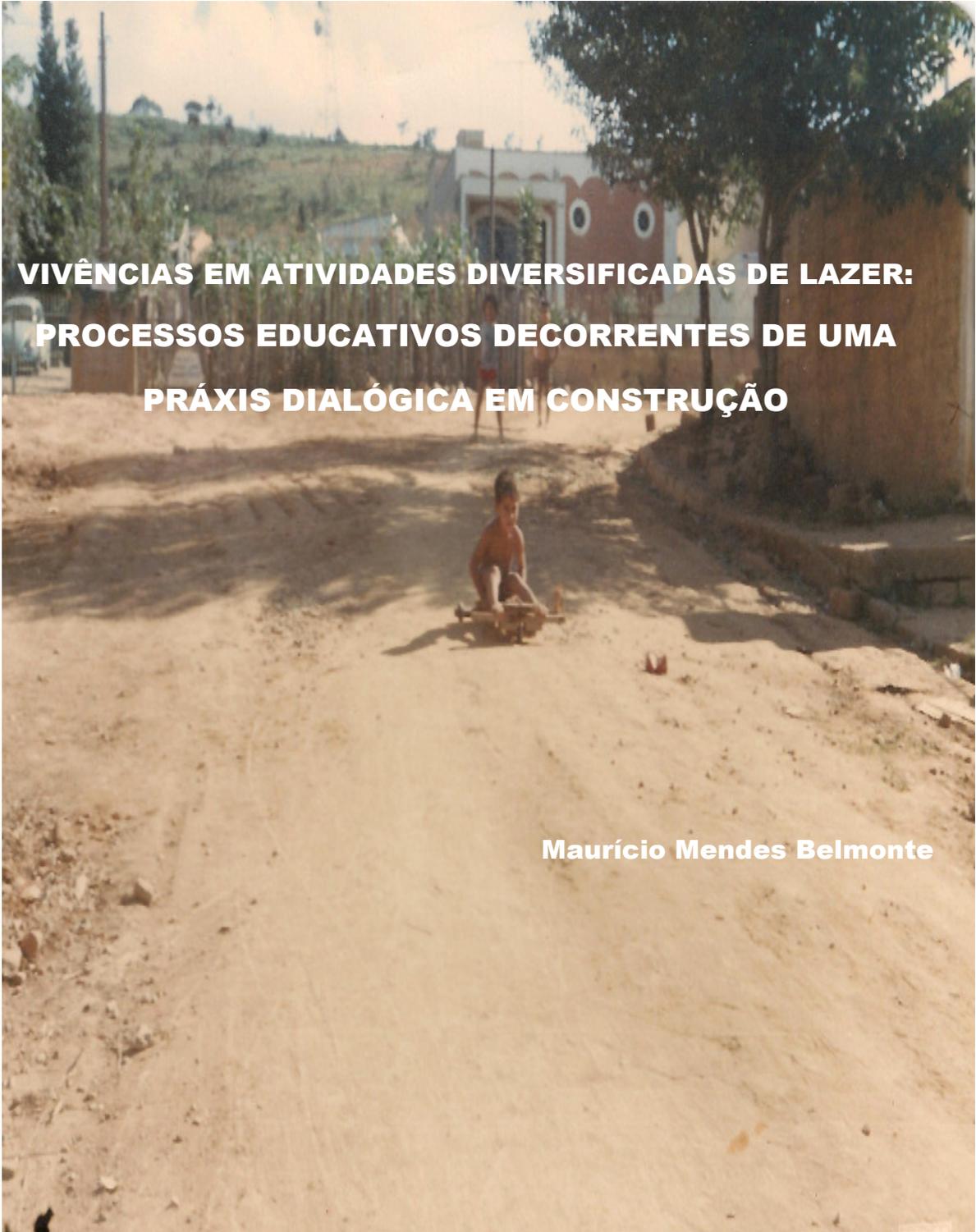




UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – UFSCAR
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

A photograph of a child playing on a dirt road in a rural setting. The child is sitting on a small wooden cart or toy on the road. In the background, there are trees, a building with a red facade, and a utility pole. The scene is brightly lit, suggesting a sunny day.

**VIVÊNCIAS EM ATIVIDADES DIVERSIFICADAS DE LAZER:
PROCESSOS EDUCATIVOS DECORRENTES DE UMA
PRÁTICA DIALÓGICA EM CONSTRUÇÃO**

Maurício Mendes Belmonte

São Carlos
2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – UFSCAR

CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



VIVÊNCIAS EM ATIVIDADES DIVERSIFICADAS DE LAZER:
PROCESSOS EDUCATIVOS DECORRENTES DE UMA PRÁXIS
DIALÓGICA EM CONSTRUÇÃO

Maurício Mendes Belmonte

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Educação e Ciências Humana da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior.

São Carlos
2014

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

B451va

Belmonte, Maurício Mendes.

Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer :
processos educativos decorrentes de uma práxis dialógica
em construção / Maurício Mendes Belmonte. -- São Carlos :
UFSCar, 2014.
313 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São
Carlos, 2014.

1. Práticas sociais e processos educativos. 2. Pedagogia
dialógica. 3. Lazer. 4. Sistematização de experiências. 5.
Temas geradores. I. Título.

CDD: 370 (20^a)



Programa de Pós-Graduação em Educação
Comissão Julgadora da Dissertação de mestrado de

Maurício Mendes Belmonte
São Carlos 24/02/2014

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior

Prof^a. Dr^a. Ilza Zenker Leme Joly

Prof^a. Dr^a. Valéria Oliveira de Vasconcelos

Handwritten signatures of the examiners: Luiz Gonçalves Junior, Ilza Zenker Leme Joly, and Valéria Oliveira de Vasconcelos. Each signature is written over a horizontal line.

Dedico este trabalho à minha mãe, Dona Márcia, ao meu pai, Seu Eiri, à minha irmã Zuzu e aos meus irmãos Marcelo e Marquinho. Sinto uma enorme gratidão pelos diálogos, amor, apoio e confiança durante este momento de distanciamento, que de nenhuma maneira significou ausência. Pelo contrário! Mais ainda eu pude perceber que estou “sendo-nós”. Presença de vocês em meu Ser. A vocês dedico amorosamente a minha luta por um mundo mais justo e solidário.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a toda gente do Jardim Gonzaga pelo acolhimento, confiança e respeito. Foram experiências intensas que me tocaram. A vocês toda minha gratidão.

Agradeço aos meus pais, aos meus irmãos e à minha irmã. Muito obrigado por me darem apoio, segurança e amor. Amo vocês!

Agradeço ao “Mestrão”, grande amigo e orientador, Luiz Gonçalves Junior. Muito obrigado por compartilhar a luta por um mundo mais justo e solidário.

Agradeço ao Fabinho, Débora, Thatha, Juliana, Eder, Gu (Forânus), Fabi, Kátia e Duda. Minha segunda família em Jundiaí.

Deixo registrado minha gratidão ao professor Daniel, às professoras Joana e Maria e à grande mestra Iolina (a Lina). Pessoas de Luz! Muito obrigado pelo acolhimento, respeito e compromisso em nossa trajetória no Jardim Gonzaga.

Agradeço às professoras Ilza Zenker Leme Jolly e Valéria Oliveira de Vasconcelos que com muita solicitude aceitaram contribuir em minha banca. E, também à professora Maria Waldenez de Oliveira em suas importantes contribuições na ocasião do Exame de Qualificação.

Aos grandes amigos Feijão, Famoso e Micuim que estiveram ao meu lado, me dando o apoio necessário para que eu pudesse realizar esta pesquisa com muita paz! E também à Mari, que fez várias correrias. Valeu camaradas!

Aos irmãos e irmãs que a vida me permitiu escolher Daniel, Sessenta, Édão, Betito, Tio Chico, Barba e Marco, Carol, Tainá e Marisa. Morar com cada um/a de vocês foi uma experiência incrível.

Aos meus/minhas grandes camaradas: Edson “Capota”, Spina, Paulokin, Claudinha, Tchos, Fabiano Maranhão, Caê, Dê, Alê, Silmara, Mizuno, Papitão, Wanderlei, Rica e Macarrão por compartilharem saberes e experiências nos diversos espaços em que convivemos.

Ao CNPQ/CAPES por apoiar a pesquisa.

Aos meus amigos e amigas da Educa-06: Cavalinho, Carvô, Prestow, Mineiro, T-four, Alba, Trakinas, Mari, Kapp, Balé, Lindinha, Florsinha, Fany, Gretchen, Dona FiFi, Fozzy, Pica-Pau, Fernanda, Lorão, Kinder, Pinky, Gigante e aos lendários Chaín, Pérsio e Bimba.

Finalmente, a todos e todas que de alguma forma tem me apoiado nesta caminhada pela construção de outro mundo possível, mais justo e solidário.

RESUMO

A presente pesquisa foi realizada a partir de enfoque qualitativo, na qual buscamos o engajamento na realização de estudo ancorado na perspectiva política das Epistemologias do Sul. Tal perspectiva tem buscado romper com a relação de colonialidade presente no campo político-econômico e, também, no campo filosófico-epistêmico. Para tanto, partimos dos aportes e consonância entre os métodos da Pesquisa Participante e Sistematização de Experiências. Foi realizada inserção junto às crianças, adolescentes, pais, mães ou responsáveis, estudantes-bolsistas, faxineira, monitora de culinária, controlador de acesso, profissionais de Educação Física, que configuraram a “comunidade participante” do projeto de extensão universitária “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer” (VADL). Ao nos apropriarmos do método de Sistematização de Experiências procuramos realizar a pesquisa com fidedignidade aos seus princípios. Desta forma, esta investigação foi desenvolvida em “Cinco Tempos” que estão inter-relacionados e são interdependentes. No “1º TEMPO” buscamos proceder à participação e ao registro da experiência, possibilitando a convivência com a comunidade participante do VADL durante o ano de 2012, nos meses de Maio à Dezembro, cujo registro da experiência totalizou 23 diários de campo. O “2º TEMPO” foi marcado por um aprofundamento teórico-político acerca das bases epistemológicas para libertação à luz do objetivo central deste estudo, na qual buscamos uma compreensão acerca dos processos educativos decorrentes da construção de uma práxis dialógica no VADL Particularmente, observando o levantamento de temas geradores junto à comunidade participante e o consequente desenvolvimento do tema selecionado com as crianças e adolescentes participantes do projeto. Desta forma, ainda no segundo tempo da pesquisa realizamos um aprofundamento acerca das bases epistemológicas para a libertação. No “3º TEMPO” foi realizada a recuperação do processo vivido, sendo apresentado o contexto na qual foi desenvolvida a pesquisa. O “4º TEMPO” foi caracterizado pelo momento na qual ocorreu a reconstrução, classificação e ordenação das informações para procedermos à análise, sintetize e interpretação crítica do processo vivido em campo. Para tanto, nos apropriamos do método de Redução Fenomenológica, possibilitando a emergência de três categorias. A saber: “A – Corporeidade do Exemplo”; “B – Boniteza da Amorosidade”; “C – Superando os conflitos a partir do diálogo”. Por fim, encerrando o ciclo desta pesquisa, no “5º TEMPO” apresentamos nossas considerações nas quais compreendemos que o VADL tem se configurado como um espaço-tempo onde o aqui e o agora do ser criança é respeitado, constituindo uma comunidade aprendente. Sua práxis de levantamento dos Temas Geradores e o seu consequente desenvolvimento tem possibilitado o protagonismo da comunidade participante no processo de conscientização para a transformação da realidade local. Em sua convivência tem sido marcante o estabelecimento de interações pautadas pelo acolhimento, afeto, confiança e alteridade, cujo diálogo tem sido o princípio fundante destas relações.

Palavras chave: Processos Educativos. Pedagogia Dialógica. Lazer. Sistematização de Experiências. Temas Geradores.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA DA CAPA - Descida de rolimã (Arquivo pessoal do autor, 1985).	CAPA.
FIGURA 1 – Primeiras moradias decorrentes do início da ocupação	42
FIGURA 2 – Aumento exponencial do número de moradias	44
FIGURA 3 – Convívio entre as pessoas em meio à ausência de saneamento básico....	45
FIGURA 4 – Primeiro mutirão popular para construção de casas de alvenaria.....	46
FIGURA 5 – Obras de urbanização (1990). Ao fundo o “campinho de terra batida”...	47
FIGURA 6 – Entrega de Estação Comunitária do Jardim Gonzaga (ECO) no final de 2005.	48
FIGURA 7 – Realização de vivências no “campinho” e nas calçadas de ruas do Jardim Gonzaga.	51
FIGURA 8 – Vivências na Chacrinha (fotos superiores) e no Centro Comunitário (fotos inferiores).....	52
FIGURA 9 – Vivências no “Minicampo” (esquerda) e na “quadra coberta” (direita) da ECO.	53
FIGURA 10 – Vivências no “Minicampo” (esquerda) e na “quadra coberta” (direita) da ECO.	56
FIGURA 11 – Reunião noturna realizada na ECO (em 15/10/2012) para eleição do Tema Gerador.	65

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Os cinco tempos da Sistematização de Experiências.....	19
QUADRO 2 – Temas Geradores e seus períodos de desenvolvimento no VADL.....	58
QUADRO 3 – Relação dos Educadores e Educadoras Participantes.	61
QUADRO 4 – Redução Temática em 2012.....	64
QUADRO 5 – Matriz nomotética.	70

SUMÁRIO

PREÂMBULO para uma pesquisa em cinco tempos.....	10
1º TEMPO: o ponto de partida	6
Participação e registro na/da experiência.	11
2º TEMPO: as perguntas iniciais.....	14
Metodologia.....	15
Bases epistemológicas para a libertação.....	20
A sinergia entre Educação Popular, Fenomenologia e Motricidade Humana.....	26
O Lazer no contexto latino-americano.	30
Procedimentos metodológicos adotados para reconstrução crítica da história	38
3º TEMPO: recuperação do processo vivido.....	41
Contextualizando a pesquisa: o Jardim Gonzaga	41
Vivências em Atividades Diversificadas em Lazer (VADL).	49
Recuperação do processo vivido: O levantamento temático realizado em 2012	58
4º TEMPO: reflexão de fundo	68
Procedimentos para análise dos dados	68
Emersão de categorias: desvelando os processos educativos.....	70
A - Corporeidade do exemplo.....	70
B - Boniteza da amorosidade	76
C - Superando conflitos a partir do diálogo	81
5º TEMPO: os pontos de chegada	85
Nossas considerações	85
REFERÊNCIAS	90
APÊNDICES	95
Apêndice 1 – Autorização para realização da Pesquisa.	95
Apêndice 2 – Diários de Campo.....	96
ANEXOS	307
Anexo 1 – Modelo do “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”.....	307
Anexo 2 - 42º Jornalzinho VADL	308
Anexo 3 - 43º Jornalzinho VADL	310
Anexo 4 - 45º Jornalzinho VADL	312

PREÂMBULO PARA UMA PESQUISA EM CINCO TEMPOS

A presente dissertação de mestrado ousou ser fruto de um trabalho “feito a mãos”, buscando evidenciar as contribuições advenientes dos diversos espaços-tempos que circunscreveram esta pesquisa. Destaco, com isso, a importância dos momentos de diálogo para orientação, rodas de conversa com as crianças, os/as respectivos/as responsáveis delas, educadores/as que participaram do projeto Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer (VADL) em 2012, bem como do momento do Exame de Qualificação, realizado em agosto de 2013.

Originalmente esta pesquisa buscou ancorar suas bases metodológicas na perspectiva da Pesquisa Participante (STRECK, 2010). Todavia, na ocasião do “Exame de Qualificação”, cuja banca foi composta pela Profa. Dra. Valéria Oliveira de Vasconcelos (UNISAL), pela Profa. Dra. Maria Waldenez de Oliveira (UFSCar) e pelo Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior (orientador da pesquisa), foi identificado que o caminho metodológico seria mais bem guiado pela Sistematização da Experiência (JARA-HOLLIDAY, 2006). A partir de então, a sinergia e complementaridade entre Pesquisa Participante e Sistematização de Experiências pautou a práxis investigativa para esta dissertação.

No trabalho com a metodologia de Sistematização de Experiências, Jara-Holliday (2006) sugere o desenvolvimento da pesquisa em “cinco tempos”: A) O ponto de partida; B) As perguntas iniciais; C) Recuperação do processo vivido; D) A reflexão de fundo; E) Os pontos de chegada. Em cada um destes tempos (A, B, C, D e E) existem “momentos, ou elementos constitutivos”. Estes “momentos” possuem uma relação dialética de interdependência e complementaridade entre si.

Na presente pesquisa encontraremos no “1º Tempo: O ponto de partida”, uma apresentação das minhas experiências e inquietações pessoais que culminaram com meu ingresso no curso de Mestrado em Educação do PPGE-UFSCar, na linha de Práticas Sociais e Processos Educativos, viabilizando a realização desta pesquisa.

O momento seguinte é composto pelo “2º Tempo: As perguntas iniciais”. Neste, é apresentada a questão de pesquisa e objetivo central desta investigação. Também é neste momento que a escrita ganha intencionalmente formas plurais, detalhando o caminho metodológico na qual apresentamos nossa opção política pela trajetória das chamadas “Epistemologias do Sul” (SANTOS; MENESES, 2009).

No “3º *Tempo: Recuperação do Processo Vivido*” foi realizada uma contextualização espaço-temporal da pesquisa. Desta forma, são apresentados o Jardim Gonzaga e as ações do VADL realizadas no ano de 2012.

Com vistas a proceder à reconstrução crítica da história vivida em campo, foi realizada a análise dos dados, culminando com a emergência de três categorias que apontaram para os processos educativos decorrentes da construção de uma práxis dialógica do VADL no contexto da pesquisa. As categorias foram apresentadas no “4º *Tempo: Reflexão de Fundo*”. Para tanto, buscamos inspiração na Fenomenologia de maneira a auxiliar nossa Sistematização de Experiências.

Por fim, marcando o ciclo de encerramento desta pesquisa junto ao PPGE-UFSCar, realizamos nossos anúncios no “5º *Tempo: Os pontos de chegada*”. Neste momento constam nossas considerações acerca dos processos vividos e revelados durante a investigação.

1º TEMPO: o ponto de partida

O meu ingresso no curso de Licenciatura Plena em Educação Física da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) ocorreu no ano de 2006. No segundo semestre deste mesmo ano iniciei minha atuação como educador voluntário junto à equipe pedagógica do projeto de extensão universitária “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer”¹ (VADL). Gradualmente fui conhecendo e me interessando pela perspectiva da Educação Popular (EP) empregada nas ações do projeto, ancorada principalmente, na pedagogia dialógica do educador Paulo Freire (2003).

Meu envolvimento com as ações do VADL possibilitou a convivência com crianças, adolescentes, educadores e educadoras participantes. Nesta convivência fui compreendendo a importância da “natureza política do processo educativo” (FREIRE, 2000, p.23). Digo isto, pois, para além dos momentos de tomada de decisão, que eram realizados de maneira coletiva, também foram possibilitados momentos de diálogo e reflexões acerca dos conflitos que emergiam durante as vivências, sobre os temas que seriam desenvolvidos, tendo como pano de fundo de nossas reflexões o contexto do bairro Jardim Gonzaga².

Ao revisitar minhas memórias, não encontrei em minha infância vivida em bairro periférico da cidade de Jundiaí (interior de São Paulo), minha participação em um grupo, instituições, entidades, Organizações Não Governamentais (ONGs), ou qualquer outro espaço-tempo organizado com vistas a desencadear processos educativos no qual nós, crianças e adolescentes, pudéssemos compartilhar a responsabilidade de escolher e organizar as atividades, os temas para discussão, ou então, dialogar de maneira horizontal com os educadores e educadoras. A compreensão deste contraste existente entre o que (não)vivi com o que estava começando a vivenciar junto ao VADL me trouxe encantamento e crescente conscientização pela perspectiva da EP.

Procurando dar coerência à minha atuação, busquei um novo espaço de formação. Assim, no início de 2007, ingressei no “Núcleo de Estudos de

¹O VADL será detalhado mais adiante no Capítulo III. Momento na qual eu descrevo mais detidamente seus referenciais e suas ações junto à comunidade do Jardim Gonzaga.

² Bairro periférico de população empobrecida. Está situado na região Sul do município de São Carlos. Com exceção às atividades de passeio, as demais vivências do VADL são realizadas no próprio bairro em questão. No Capítulo III será apresentado um breve histórico de formação do bairro.

Fenomenologia em Educação Física” (NEFEF)³. Neste os/as participantes dialogavam, trocavam experiências e saberes a partir da leitura de textos, artigos, ou, capítulos de livros que eram coletivamente escolhidos, bem como fazendo apontamentos a partir de suas práticas educativas e/ou de investigações científicas que estavam realizando. Assim, durante as reuniões deste grupo vislumbrávamos realizar aproximações, ou, distanciamentos com as obras que estavam sendo contempladas.

O NEFEF assumiu grande importância em minha trajetória, pois a partir dos encontros de estudos semanais foi possível superar a minha inicial dificuldade em compreender as complexas obras dos autores e autoras que eram postas em discussão. Ganhando destaque o respeito, a solicitude, o comprometimento e a cooperação entre os/as participantes do grupo.

Os encontros eram frequentados por estudantes da graduação, e da pós-graduação, bem como por profissionais de distintas áreas do conhecimento que buscavam complementar e/ou dar continuidade à sua formação. Assim, convivíamos com participantes de diferentes formações (Arte-Educação, Ciências Sociais, Educação Física, Fisioterapia, História, Música, Pedagogia, Psicologia, entre outras), experiências e momentos de suas trajetórias acadêmico-profissionais, enriquecendo nossos conhecimentos.

No ano de 2008 fui convidado para assessorar a equipe pedagógica do “Projeto Campeões na Rua”⁴, da Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social (SMCAS) da Prefeitura Municipal de São Carlos (PMSC). Nesta ocasião, a então

³ O NEFEF foi fundado em 1996 com a intenção de ultrapassar o discurso dicotômico cartesiano presente na Educação Física através do estudo da fenomenologia. Desta forma, em seus encontros são promovidos diálogos acerca de obras (científicas, literárias, filmes e vídeos-documentários) que buscam compreender o ser humano em sua relação com o mundo e com os outros, tendo como principal eixo a fenomenologia existencial de Merleau-Ponty. Atualmente os encontros ocorrem às sextas-feiras, no período da manhã. Participam do NEFEF estudantes de diversas áreas (Educação Física, Psicologia, Arte-Educação, História, Pedagogia, Ciências Sociais, entre outras), bem como profissionais ligados à área da Educação (Texto extraído do diretório Grupos de Pesquisa do CNPq).

⁴ O projeto “Campeões na Rua” é gerido pela Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social (SMCAS) de São Carlos. A população atendida, no contraturno escolar, é de crianças e adolescentes de 6 à 14 anos que tem seus/suas responsáveis referenciados/as no Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) do bairro Pacaembu, cujas famílias participam de programas de transferência de renda (Bolsa Família, Cartão Alimentação, Vale Gás entre outros). Este projeto teve início em 2002 e é desenvolvido de segunda a sexta-feira nos períodos da manhã e da tarde. Desde seu início estabeleceu parceria com o Departamento de Educação Física e Motricidade Humana da UFSCar através de ação compartilhada na qual educadores/as dos dois projetos (VADL e Campeões na Rua) atuam de maneira colaborativa principalmente às quintas-feiras (Data em que a equipe da UFSCar realiza sua intervenção no bairro). Estabelecendo, assim, uma profícua parceria entre as duas equipes e instituições.

Secretária⁵ da SMCAS apontou grande satisfação com a atuação dos educadores e educadoras da UFSCar, bem como com a parceria estabelecida entre as equipes pedagógicas das duas instituições, viabilizada principalmente pela atuação da supervisora⁶ da Estação Comunitária (ECO) que acompanhava o trabalho do projeto da SMCAS (o “Campeões na Rua”) desde o seu início, em 2002. Minha atuação ocorreu no sentido de assessorar a incorporação e implemento da construção de uma metodologia dialógica também no referencial do projeto “Campeões na Rua” junto aos/as educadores/as⁷ contratados pela PMSC.

Este trabalho contribuiu sobremaneira para o fortalecimento da parceria entre as equipes pedagógicas, dada a possibilidade de compartilhar a programação, agenda, atividades, informações, bem como objetivos e intencionalidades entre as equipes da UFSCar e da SMCAS.

Saliento que nesta nova jornada foi possível estreitar meu vínculo com a população local, possibilitando o estabelecimento de uma referência, a saber: A de educador/profissional da Estação Comunitária (ECO) devida minha atuação e cumprimento de uma carga horária de 40 horas semanais. Permitindo, assim, um maior contato com as famílias das crianças e adolescentes participantes, facilitando a construção de uma relação de confiança, bem como a possibilidade de um olhar ampliado e melhor inserção junto àquela comunidade.

Devido a trâmites burocráticos⁸ minha atuação junto à assessoria do projeto “Campeões na Rua” foi encerrada no final de 2009. Todavia, continuei com

⁵ No ano de 2008 o convite para minha atuação junto a SMCAS foi realizado pela Secretária Rose Mendes e pela Chefe de Divisão da citada secretaria, Raquel Hosana Souza.

⁶ A supervisão da ECO foi realizada por Maria Aparecida Maia que, como foi apontado no corpo do texto, atuava como educadora do “Campeões na Rua” desde o início de sua intervenção, em 2002. Importante registrar a participação de seu companheiro de trabalho, o educador José Adônis da Silva Junior, que também acolheu a equipe da UFSCar em tempos de início de parceria.

⁷ A partir da perspectiva da Educação Popular, bem como dos olhares e referenciais da Linha de Pesquisa de Práticas Sociais e Processos Educativos da UFSCar, compreendemos que o processo de educar e educar-se ocorre ao longo da vida, em meio a convivência de uns-com-os-outros-ao-mundo. Com efeito, toda a gente é, potencialmente, um educador, ou uma educadora. Desta forma, salientamos nossa percepção de que as funcionárias e funcionários da SMCAS são todas/os educadoras/es. Inclusive enquanto exercem suas funções nas diferentes ocupações desenvolvidas no espaço da ECO. Quais sejam: Supervisora, Faxineira, Monitora de Culinária, Controlador de Acesso e as/os Professoras/es contratados em caráter temporário. Aqui, todas e todos serão compreendidos com educadoras e educadores.

⁸ Para este primeiro trabalho de assessoria a minha contratação ocorreu como “Prestador de Serviço”. Assim, mensalmente era necessário a emissão de uma Nota Fiscal junto ao Serviços Integrados do Município (SIM). Nesta modalidade de contratação há um montante financeiro limite que pode ser investido pela prefeitura sem que haja a necessidade de abertura de licitação. Por conseguinte, não há a possibilidade de renovação, nem tampouco, de ampliação do valor limite. O próprio SIM possibilitava o controle deste montante.

minhas contribuições como educador voluntário do VADL, participando das vivências semanais junto à sua equipe.

Em 2010, o curso de Licenciatura em Educação Física da UFSCar foi incluído no “Programa de Educação Tutorial pelo Trabalho para a Saúde” (PET-Saúde⁹). Com isso o professor responsável¹⁰ pelo VADL, também foi agraciado com a preceptorial de um grupo PET-Saúde que atuaria na Unidade de Saúde da Família (USF) do Jardim Gonzaga. Diante desta possibilidade foi anunciado pelo preceptor que seria oportuna minha participação enquanto educador/bolsista do PET-Saúde, sem que fosse necessário interromper minha atuação junto ao VADL.

Assim, pude estreitar meus vínculos com a população usuária da USF-Jardim Gonzaga, grande parte eram familiares (pais, mães, avôs, avós, tias, tios) das crianças e adolescentes participantes do VADL. A perspectiva metodológica empregada pela equipe do PET-Saúde da Educação Física, também foi pautada na perspectiva da EP embasada em Paulo Freire (BELMONTE et. al, 2011), dando ênfase no desenvolvimento de ações que oportunizassem a valorização do saber popular, o envolvimento e o protagonismo da comunidade em ações de cuidados com a saúde.

O início dos trabalhos da equipe do PET-Saúde no Jardim Gonzaga, composta por quatro estudantes, foi marcado por uma entrevista realizada com a população e com as/os profissionais da USF, cujo objetivo foi de levantar os interesses e demandas dos moradores e moradoras daquela comunidade. Para tanto, foi necessário buscar empatia entre toda gente que colaborava com aquele trabalho inicial, foi necessária a escuta atenta, pois a população ao anunciar seus interesses, também comunicava suas angústias, necessidades e visões de mundo.

Nesta experiência foi marcante a necessidade de romper com práticas apriorísticas, ou com posturas assistencialistas. Práticas estas, daqueles e daquelas que buscam a dominação do povo com a “manutenção do status quo” (FREIRE, 2003), da cristalização de práticas que condicionam a liberdade das pessoas em lugar de promover a liberdade, a autonomia e a conscientização.

⁹ O PET-Saúde é um programa do Governo Federal que tem como objetivo qualificar a formação acadêmica e a futura atuação profissional dos/as estudantes de cursos da área da Saúde a partir de ações desenvolvidas junto aos serviços e equipamentos de saúde. Em minha inserção neste programa tive atuação na USF do Jardim Gonzaga. Nesta experiência convivi com os/as profissionais deste equipamento, bem como com as pessoas participantes do “Grupo de Caminhada” (matutino) e do “Grupo de Convivência” (noturno) daquela unidade. Saliento que, para além da experiência formativa acadêmico-profissional proposta pelo PET-Saúde, igualmente importante foi a convivência com a comunidade moradora do bairro, me auxiliando na construção de vínculo, empatia e confiança.

¹⁰ Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior.

Nossa tarefa inicial foi reconhecer e identificar, a partir dos elementos das entrevistas, os interesses que a população possuía diante da possibilidade de desenvolvimento de temas afetos à Saúde, bem como a eleição de práticas de atividades (caminhada, dança, esportes, ginástica, jogos, lutas, entre outros).

Após a análise das entrevistas, as ações do PET-Saúde naquele território foram direcionadas para dois grupos, quais sejam: o “Grupo de Caminhada” (matutino) e o “Grupo de Convivência” (noturno). Ambos eram preexistentes à intervenção do PET-Saúde da Educação Física. Sendo que as atividades dos grupos eram ministradas pelas/os trabalhadoras/es (Agentes Comunitários, Odontologista, Médica, Enfermeira e Auxiliar de Enfermagem) que atuavam na USF-Jardim Gonzaga.

Fui orientado, junto a mais um colega de graduação, para atuar no “Grupo de Convivência”. Este era realizado entre 19h e 20h, às quartas-feiras, data na qual o serviço de atendimento da USF era focado na saúde do trabalhador e da trabalhadora. Naquele momento, nos encontros do “Grupo de Convivência” eram vivenciadas as práticas do Lian Gong¹¹, ministrada pela odontologista da unidade, e alongamento e massagem realizadas com a mediação de uma auxiliar de enfermagem e uma enfermeira.

Com o ingresso da equipe do PET-Saúde da Educação Física foi possível contribuir com as trabalhadoras da USF, bem como atender aos interesses das participantes. Para tanto foram incorporadas novas práticas: ginástica aeróbia e anaeróbia, dinâmicas de grupo, caminhada, realização de jogos e brincadeiras, rodas de conversa com leitura e discussão do “Boletim Vida de Qualidade¹²”.

¹¹ O Lian Gong (se pronuncia “liam cum”) é uma prática de matriz oriental, mais especificamente da Medicina Tradicional Chinesa. Foi criada pelo médico ortopedista chinês Dr. Zhuang Yuen Ming e possui 18 terapias que, no Brasil, também são chamadas 18 exercícios. De acordo com o “Manual do Lian Gong”, oferecido pela Prefeitura Municipal de Campinas, esta prática emerge num contexto chinês de mudança de uma sociedade agrícola para uma sociedade industrial. Com efeito, as novas exigências corpóreas do trabalho fabril passaram a gerar complicações ergonômicas incorrendo em agressões ao corpo humano. Assim, o intento desta técnica é o combate a estas moléstias através da movimentação, concentração e controle da respiração. Para saber mais acesse: http://www.campinas.sp.gov.br/arquivos/recursos-humanos/manual_lian_gong_01.pdf.

¹² Material confeccionado pelos/as estudantes do grupo PET-Saúde e colaboradores/as voluntários/as com supervisão do Preceptor do Grupo. O “Boletim Vida de Qualidade” era composto por um texto, que geralmente não excedia uma página, escrito com uma linguagem simples e com algumas imagens. Suas matérias eram elaboradas a partir dos diálogos, comentários e interesses e demandas emergentes dos encontros dos grupos da USF-Jardim Gonzaga (Grupo de Caminhada e Grupo de Convivência). Cada edição era impressa e entregue para as participantes a partir da realização de “Rodas de Conversa”, ocasião em que realizávamos um aprofundamento acerca do tema apresentado pelo boletim. Alguns de seus textos possibilitaram o diálogo a respeito de alimentação, sono, necessidade da prática de exercícios, efeitos da cafeína e do consumo de chocolate, outros.

Esta experiência de atuação junto ao PET-Saúde contribuiu sobremaneira para meu engajamento na EP. Até aquele momento eu vinha trabalhando com a atenção voltada, focalmente, para as crianças e adolescentes moradoras do Jardim Gonzaga e bairros adjacentes. Havia colhido proveitosas experiências, porém, com as atividades do PET-Saúde, passei a conviver com pessoas que vivenciaram, inclusive, diferentes momentos de formação do Jardim Gonzaga. Este novo público apresentou distintos olhares sobre as diversas práticas que ocorriam nas ruas, esquinas, vielas, praças, daquela comunidade.

No final do ano de 2011 concluí o curso de Licenciatura Plena em Educação Física. As experiências acumuladas a partir do meu ingresso na graduação, aliadas a conseguinte participação junto a projetos de extensão, ao NEFEF e atividades profissionais possibilitaram uma formação crítica. Fazendo emergir a consciência da minha própria condicionalidade histórica, fomentando o engajamento na prática de EP na luta pela construção de outro mundo possível, mais justo e solidário.

Participação e registro na/da experiência.

O “ponto de partida” da Sistematização de Experiências tem como premissa a participação na experiência, pois de acordo com Jara-Holliday (2006, p.74) “[...] só podem sistematizar uma experiência aqueles que tenham tomado parte dela e que não é possível que uma pessoa totalmente alheia à experiência pretenda sistematizá-la”.

No ano de 2012 ingressei no curso de Mestrado em Educação do PPGE da UFSCar, na linha de pesquisa de Práticas Sociais e Processos Educativos (PSPE). Pude, junto aos/as colegas docentes e discentes, ir aperfeiçoando meu olhar acerca das possibilidades de realização da pesquisa junto/com a comunidade participante do VADL. Sem embargo, é possível afirmar que o desenho original da pesquisa que eu havia submetido ao processo seletivo do PPGE ganhou novos contornos.

Esta abertura a novos horizontes ocorreu principalmente a partir do aprofundamento em estudos de obras dos autores centrais da linha PSPE, a saber: Enrique Dussel (1995, 2005), Ernani Maria Fiori (1986) e Paulo Freire (1996, 2001, 2003, 2005). Tais autores apresentaram grandes contribuições para a emergência de novas

bases epistemológicas, situadas e emergentes da condicionalidade histórica latino-americana.

A sensibilização e empatia ao compartilhar as angústias, alegrias, demandas, interesses que emergiram durante minha convivência com crianças, adolescentes, trabalhadores e trabalhadoras, idosos e idosas que vivem no Jardim Gonzaga provocou em mim a inquietação e inclinação para buscar uma melhor compreensão acerca das práticas do VADL. Ademais, a minha escolha política pela transformação da realidade através de ações com EP também encontrou ressonância com a perspectiva da linha de pesquisa PSPE do PPGE-UFSCar, na qual Oliveira et. al (2009a) salientam:

Comprometemo-nos pela realização de estudos e pesquisas com (e não sobre!) pessoas, grupos e comunidades “marginalizados”, “desclassificados” e “excluídos” pela sociedade, não compartilhamos da ideia de turvar a realidade ao gosto do pesquisador, mas sim de originar os estudos e pesquisas do encontro de subjetividades, de pessoas, grupos e comunidades – pois só estes podem falar sobre as experiências encarnadas de “marginalização”, “desqualificação”, e “exclusão”, bem como de suas resistências, lutas e reivindicações por uma sociedade mais justa (p.14).

Minha efetiva inserção em campo, junto à equipe do VADL, ocorreu entre os meses de Maio e Dezembro de 2012. Pude compartilhar com os demais educadores/as todas as responsabilidades¹³ do projeto: ministrar atividades nos encontros com as crianças e adolescentes; Auxiliar na organização/preparação do espaço; Participar dos passeios; Ajudar na distribuição dos lanches; Deliberar conjuntamente as escolhas das atividades; Realizar o levantamento dos Temas Geradores junto à comunidade participante, em acordo com princípios da pedagogia freireana; Participar das reuniões com pais, mães e/ou responsáveis e, por fim, contribuir e realizar com o registro das vivências do VADL na forma de Diários de Campo¹⁴ (DC).

¹³ Importante salientar que nos dias destinados para intervenção do VADL a responsabilidade em ministrar/mediar as vivências foi dos estudantes-bolsistas e pesquisadores inseridos junto ao projeto de extensão. Os/as demais educadores/as, funcionários/as da SMCAS participavam dos encontros, porém no sentido de auxiliar, de estar juntos, de cooperar com a execução das atividades.

¹⁴ Os Diários de Campo foram alocados, integralmente, no “Apêndice 1”. Eles foram trazidos para os apêndices com o cuidado de manter sua escrita no formato original, ou seja, da maneira que foram produzidos pelos educadores do VADL, sem realização de correções, ou, alterações de sua escrita. Desta maneira, buscamos manter a maior fidedignidade possível dos registros com vistas a proceder ao “4º Tempo” desta pesquisa, momento na qual é realizada uma reflexão crítica do processo, a partir da descrição, reconstrução e análise crítica da história vivida durante a investigação.

Os DC tiveram importância angular para a metodologia empregada nesta pesquisa. Visto que, como “ponto de partida” para a Sistematização de Experiências, é necessário ter o registro da experiência. Nesse sentido, Jara-Holliday (2006, p.76) salienta: “Não é possível fazer uma boa sistematização se não se contar com uma informação clara e precisa do acontecido. Este é um requisito fundamental; diríamos indispensável...”.

Reconhecendo a consonância entre os métodos de Pesquisa Participante (STRECK; ADAMS, 2012) e Sistematização de Experiências (JARA-HOLLIDAY, 2006) busquei inserção junto às crianças, adolescentes, pais, mães ou responsáveis, estudantes-bolsistas, faxineira, monitora de culinária, controlador de acesso, profissionais de educação física da SMCAS, ou seja, a “comunidade participante” do VADL.

Os DC do VADL foram os documentos/fontes consultados/as para a realização da reconstrução da história vivida, procurando analisar, sintetizar e compreender, criticamente os processos vivenciados durante as vivências do VADL. Tais registros totalizaram 24 DC, arremetendo aos encontros realizados no período de Maio a Dezembro de 2012. Para tanto, após diálogo com o professor coordenador do projeto, que também é o professor orientador da presente pesquisa, optamos por não interpelar a população solicitando a assinatura em um novo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)¹⁵, uma vez que o VADL já possui tal instrumento e prevê a realização de pesquisas/investigações, de maneira a contemplar os preceitos éticos de pesquisa com seres humanos.

¹⁵ Na seção “Apêndice 2” é possível visualizar o modelo de TCLE utilizado para a realização desta pesquisa.

2º TEMPO: as perguntas iniciais

A partir deste momento da pesquisa, e em acordo com o que foi apresentado no preâmbulo desta dissertação, procuramos por em relevo uma proposição que buscou saltar de uma perspectiva singular de visão de mundo para uma construção plural¹⁶, na qual procuramos partilhar com diferentes autores/as os seus pontos de vista para a construção de conhecimentos. Apresentamos como componentes deste “2º Tempo” a questão de pesquisa, o objetivo central, a metodologia e as bases epistemológicas que sustentaram nossa trajetória metodológica. Pretendemos, assim, destacar e valorizar nossa intencionalidade para uma construção compartilhada de mundo, pautada na relação dialética e dialógica de convivência com o mundo e com os outros: “sendo-uns-com-os-outros-ao-mundo” (GONÇALVES JUNIOR; SANTOS, 2006).

Jara-Holliday (2006) nos atenta que neste momento da pesquisa deverão emergir três perguntas chaves que irão ancorar a sistematização da experiência. A saber, são elas: que experiência queremos sistematizar? Quais aspectos centrais dessas experiências nos interessa sistematizar? Para que queremos sistematizar?

Compreender a intencionalidade de cada um destes questionamentos é fundamental para proceder aos necessários encaminhamentos para a construção da pesquisa.

Ao nos debruçarmos sobre “[...] que experiência queremos sistematizar?” identificamos que devemos “[...] escolher a, ou as experiências concretas a serem sistematizadas, claramente delimitadas em tempo e lugar” (JARA-HOLLIDAY, 2006, p. 80), apontando, com isso, o objeto de estudo. Salientamos que a presente pesquisa está situada no tempo-espaço das vivências do projeto de extensão VADL, realizadas entre maio e dezembro de 2012¹⁷. Mais especificamente ainda, na práxis de

¹⁶ Diferentemente do “1º Tempo”, nas quais foram apresentadas as inquietações e motivações pessoais que fomentaram o início da pesquisa, os demais momentos da presente investigação são resultantes do processo dialógico de convivência com colegas (discentes e docentes) do PPGE, com educadores/as do VADL e, para além das leituras de texto/obras de autores e autoras que propõem caminhos para a construção de outro mundo possível, mais justo e solidário, através da conscientização, também elenco com igual importância os diálogos com as crianças e seus respectivos/as responsáveis e os/as trabalhadores da SMCAS. Assim, a partir do presente tópico, optamos por assumir a escrita na primeira pessoa no plural.

¹⁷ A apresentação do Jardim Gonzaga, bairro onde é desenvolvido o projeto de extensão VADL, bem como as ações deste citado projeto, serão detalhadas no próximo capítulo, o “3º Tempo” desta pesquisa.

levantamento de temas geradores e o conseguinte desenvolvimento do tema eleito com as crianças e adolescentes participantes deste projeto de extensão.

O segundo questionamento, “[...] quais aspectos centrais dessas experiências nos interessa sistematizar?”, nos impele a anunciar nossa inquietude e questão de pesquisa. Esta se configura como o eixo de sistematização, ou, de acordo com Jara-Holliday (2006, p.81), representa o “[...] fio condutor que atravessa a experiência”. Ainda com relação ao eixo de sistematização o citado autor nos atenta:

As experiências são em si tão ricas em elementos, que mesmo tendo um objetivo claramente definido e um objeto perfeitamente delimitado em lugar e tempo, ainda pode ser necessário precisar mais o enfoque da sistematização, para não se dispersar. Esse é o papel do eixo de sistematização (p.81).

Assim, o eixo que estrutura nossa investigação foi sintetizado na seguinte questão de pesquisa: *Quais os processos educativos decorrentes da construção de uma práxis dialógica no projeto de extensão Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer?*

Por fim, ao perguntar: “para que queremos sistematizar?” estamos interessados em desvelar o objetivo da sistematização. Desta forma, destacamos que nesta pesquisa o objetivo central foi: Buscar uma compreensão acerca dos processos educativos decorrentes da construção de uma práxis dialógica no VADL. Particularmente, observando o levantamento de temas geradores junto à comunidade participante (Crianças, Adolescentes, Pais, Mães ou Responsáveis, Estudantes-Bolsistas, Faxineira, Monitora de Culinária, Controlador de Acesso, Profissionais de Educação Física da SMCAS) e o desenvolvimento do tema selecionado com as crianças e adolescentes participantes do projeto.

Ainda compondo o “2º Tempo”, passaremos agora para a apresentação da metodologia desta pesquisa. Neste tópico será possível detalhar o caminho metodológico, bem como as bases epistemológicas que sustentaram nossa busca.

Metodologia

A presente investigação está ancorada em uma abordagem qualitativa de pesquisa. Nesta perspectiva o ato de pesquisar adquire novos contornos, pois emerge do processo a compreensão de “circularidade”, de dar voltas em torno do fenômeno

pesquisado, assumindo que o mesmo possui distintas perspectivas. De acordo com Garnica (1997):

Já aí, nas abordagens qualitativas, o termo pesquisa ganha novo significado, passando a ser concebido como uma trajetória circular em torno do que se deseja compreender, não se preocupando única e/ou aprioristicamente com princípios, leis e generalizações, mas voltando o olhar à qualidade, aos elementos que sejam significativos para o observador-investigador (p.2).

Ao nos debruçarmos sobre a práxis do VADL, buscamos respaldo nas “Epistemologias do Sul” (SANTOS; MENESES, 2009). Chamamos a atenção para o termo “epistemologias” que, neste caso, aparece no plural indicando a multiplicidade de intervenções metodológicas que possibilitam o encontro intersubjetivo, horizontal e emancipador entre toda gente participante da pesquisa no processo de produção do conhecimento.

A partir desta perspectiva identificamos e denunciemos a presença de alicerces epistêmicos totalitários, aos quais os povos do eixo sul do globo terrestre tem sido historicamente condicionados, principalmente a partir da modernidade. Sobre as “Epistemologias do Sul”, Santos e Meneses (2009) esclarecem:

Trata-se do conjunto de intervenções epistemológicas que denunciam a supressão dos saberes levada a cabo, ao longo dos últimos séculos, pela norma epistemológica dominante, valorizam os saberes que resistiram com êxito e as reflexões que estes têm produzido e investigam as condições de um diálogo horizontal entre conhecimentos. A esse diálogo entre saberes chamamos ecologia de saberes (p.9).

Vivemos esse condicionamento histórico que, ao longo de séculos, foi cristalizando ideologias de dominação. Procuramos romper com a hegemonia científica ocidental ao “SULear”¹⁸ (CAMPOS, s/d) nossa pesquisa, partindo de um *ethos* latino-americano de produção de conhecimento. De acordo com Campos (s/d):

O hemisfério norte que vê a Polar, não vê o Cruzeiro do Sul. Isso acontece também em Portugal, situado bem mais ao norte (no entorno de 40° N) do Trópico do Câncer. No entanto, nota-se indistintamente nos dicionários portugueses e brasileiros a presença única do verbo nortear (NORTEar) como orientar-se para o Norte e também dirigir,

¹⁸ Esta palavra não existe no dicionário da língua portuguesa. Trata-se de um neologismo criado pelo autor para anunciar um *ethos* de pensamento latino-americano intencionado a romper com bases epistemológicas totalizadoras e eurocêntricas.

orientar, guiar. Na noite do hemisfério sul, o encontro da direção Sul apoiado pelo Cruzeiro do Sul deveria enquadrar apenas na ideia de "SULear-se", palavra que não consta dos dicionários brasileiros. As convenções norteadoras em nosso hemisfério, como vimos na discussão das antinomias do tipo Norte/Sul, sugerem a conotação ideológica de dominação já discutida (p.53).

A partir de um posicionamento que arremete a uma escolha política de luta para a transformação da realidade, Streck e Adams (2012, p.249) anunciam que: “Do ponto de vista ético, as epistemologias do Sul propõem-se a uma construção dialógica e processual de outro paradigma de vida, com justiça, solidariedade e respeito à diversidade desde a ótica dos ‘condenados da terra’”.

Imbuídos das compreensões apresentadas até aqui, optamos pelos caminhos metodológicos da “Sistematização de Experiências”. Este método possibilita o intercâmbio de saberes e experiências. Em acordo com Jara-Holliday (2006):

A sistematização é aquela interpretação crítica de uma ou várias experiências que, a partir de seu ordenamento e reconstrução descobre ou explicita a lógica do processo vivido, os fatores que intervieram no dito processo, como se relacionaram entre si e porque o fazem desse modo (p.24).

A origem desta metodologia está intrinsecamente ligada à necessidade de descrever, interpretar, compreender, significar e compartilhar os processos educativos decorrentes de práticas de EP. Acerca desta origem Eckert (2009) faz alguns apontamentos:

A Sistematização de Experiências iniciou como uma prática de educação popular na década de 1980, no México, quando profissionais vinculados ao Centro de Estudos do Terceiro Mundo (CEESTEM) começaram a sentir necessidade de recuperar e comunicar experiências sobre as quais vinham trabalhando há alguns anos, gerando lições que não estavam sendo devidamente divulgadas e tampouco replicadas. Nesse momento, organizações de educação popular começaram a teorizar e a implementar iniciativas de experiências que, a princípio, se aplicavam sobretudo aos programas de educação popular em que trabalhavam (p.9).

A partir das décadas de 1960 e 1970 o crescente descontentamento popular com as “assimetrias sociais” (ADAMS, 2009, p.3) ocasionadas pelo sistema econômico capitalista, principalmente nos países da América Latina, África e parte da Ásia, fez aumentar a insatisfação popular com a situação de exploração e injustiças

sociais, impelindo-as a lutar por melhores condições de vida. Tais lutas foram realizadas, principalmente, por meio da organização dos movimentos sociais.

Nesse contexto de mobilização e de emergência dos movimentos sociais, surge a necessidade de sistematizar experiências para refletir sobre a história vivida, sobre os avanços e retrocessos dos movimentos para comunicar e compartilhar os saberes emergentes de tais práticas. Nas palavras de Jara-Holliday (1998):

Experiencias significativas como la de los Sin Tierra de Brasil, las Comunidades en Resistencia de Guatemala, el Movimiento Indígena Zapatista en Chiapas, son una clara muestra de las potencialidades que se encuentran en la práctica social de nuestro continente, cuyas enseñanzas urge procesar y compartir (p.3).

É necessário esclarecer que em diferentes contextos a palavra *sistematização* é utilizada para identificar processos de ordenação, classificação, compilação ou catalogação de dados. Todavia, quando empregamos tal palavra no contexto da EP e, referindo-se especificamente a uma metodologia de pesquisa, ela deverá ser apresentada seguida do termo *experiência*. Com efeito, dizemos *Sistematização de Experiências*, buscando indicar nossa intencionalidade de colher aprendizagens críticas a partir da análise e reflexão de práticas concretas, dando o necessário relevo às experiências.

Nossa opção metodológica exige participação. Esta implica em um posicionamento político que, negando uma pretensa neutralidade, considera como ponto de partida a realização de pesquisa junto/com o outro, em meio a nossa relação de sendo-uns-com-os-outros, encarnados na realidade concreta, em intersubjetividade ou intercorporeidade.

O pesquisador ou pesquisadora estão sempre envoltos/as em realidades históricas, ambivalentes e ambíguas, num constante movimento de fazer-se e refazer-se. Streck (2010) acrescenta:

O que importa destacar é que, tanto na pesquisa participante quanto na educação popular, houve um momento em que pesquisadores e educadores julgaram importante encharcar-se de realidade, a partir do reconhecimento de que, sem a participação dos maiores interessados na transformação da sociedade em direção à democracia e à humanização, o conhecimento produzido teria pouco efeito na vida das pessoas e das sociedades (p.193).

De acordo com o que apresentamos no preâmbulo desta dissertação, Jara-Holliday (2006) propõe que a Sistematização de Experiências seja realizada em “cinco tempos”. Assim, procurando facilitar a visualização e compreensão de cada um destes “momentos” elaboramos e apresentamos o “Quadro 1 – Os cinco tempos da Sistematização de Experiências”.

QUADRO 1 – Os cinco tempos da Sistematização de Experiências.

Momentos	Elementos Constitutivos
A) O ponto de partida	a.1 Ter participado da experiência; a.2 Ter o registro da experiência.
B) As perguntas iniciais	b.1) Para que queremos? (definir objetivo); b.2) Que experiência(s) queremos sistematizar? (delimitar o objeto a ser sistematizado); b.3) Que aspectos centrais dessa experiência nos interessa sistematizar? (Definir um eixo de sistematização).
C) Recuperação do processo vivido	c.1) Reconstruir a história; c.2) Ordenar e classificar a informação.
D) Reflexão de fundo: porque aconteceu o que aconteceu?	d.1) Analisar, sintetizar e interpretar criticamente o processo.
E) Os pontos de chegada	e.1) Formular conclusões; e.2) Comunicar a experiência.

Salientamos haver, em nossa perspectiva, uma relação de complementaridade e sinergia entre os métodos de Sistematização de Experiências e

Pesquisa Participante. Esta ressonância também foi identificada por Adams (2009) em ocasião de pesquisa realizada no ano de 2006, junto aos/as trabalhadores/as da Associação dos Recicladores de Dois Irmãos, cidade próxima a Porto Alegre, Rio Grande do Sul. De acordo com o autor:

Por fim, é possível afirmar que a prática de pesquisa-formação realizada aponta para um campo fértil de possibilidades para valorizar a sistematização e a pesquisa participante como mediação pedagógica dentro de uma concepção dialética de educação popular. Desse modo, valorizamos a experiência latino-americana que produziu preciosos elementos que qualificam pedagogias sempre atuais fundamentais para uma educação transformadora (ADAMS, 2009, p.11).

Realizamos, até aqui, o exercício de apontar as concepções metodológicas que sulearam nossa inserção em campo. Todavia, ressaltamos que nossa apropriação por tal método não buscou fazer uso de uma simples ferramenta, ou, um simples instrumento na qual pudéssemos realizar a coleta de dados, num *quefazer* científico desconectado de uma visão política de mundo.

Nossa opção emerge de bases epistemológicas que buscam o diálogo com o outro, o reconhecimento e valorização da diversidade cultural e do intercâmbio de saberes e experiências. Neste aspecto se consolida nossa trajetória libertadora, ou seja, nossa concepção de metodologia ser um caminho, intencionado e trilhado, para a emersão de saberes advindos da práxis dialógica em construção.

Ainda intencionados a apresentar nossa trajetória metodológica, passaremos agora a apresentar as bases epistemológicas que sustentam nosso posicionamento político, visando superar uma visão exclusivamente instrumental acerca do método. Em seguida, e finalizando este capítulo, iremos detalhar o aporte fenomenológico empregado para a reconstrução crítica do processo vivido.

Bases epistemológicas para a libertação

Buscaremos neste tópico comunicar a nossa percepção frente à necessidade de situar a atividade epistemológica da prática educativa em uma perspectiva do Sul, cujos referenciais buscam romper com uma tradição dogmática e hegemônica fundada em experiências alheias, diversas e por vezes indiferentes com aquelas das nossas culturas e valores. Nesse sentido, Dussel (1995) nos atenta:

Vale decir que estoy siendo condicionado por una historia milenaria. Yo soy lo que he sido, pero a su vez lo que he sido es el que emplaza como futuro un proyecto [...] Si hubiera nacido en Japón tendría un proyecto de japonés; pero nací en Argentina, e inevitablemente, aunque me suicide (que es un modo de afirmar lo dicho) o me vaya a vivir al Japón (que es un modo de traicionarme), sigo siendo en el fondo argentino. Es decir, el pasado condiciona o emplaza un proyecto futuro; desde ese proyecto se abren las posibilidades [...] que empuño en mi presente (p.94).

Compreender a historicidade do saber e, por conseguinte, das pessoas que criam e recriam estes saberes, perpassa pelo compromisso de situar a pesquisa no espaço-tempo em que circunscreve o fenômeno pesquisado, desvelando o encontro entre a interioridade de homens e mulheres com a exterioridade, com o outro, com o mundo que nos circunscreve. Nas palavras de Freire (2001):

Consciente de que posso conhecer social e historicamente, sei também que o que sei não poderia escapar à continuidade histórica. O saber tem historicidade. Nunca é, está sempre sendo [...] A história é tão vir-a-ser quanto nós [...], quanto o conhecimento que produzimos. [...] Seria impensável um mundo onde a experiência humana se desse fora da continuidade, quer dizer, fora da História [...]. Não podemos sobreviver à morte da história que, por nós feita, nos faz e refaz (p.18-19).

Ter consciência da condicionalidade histórica nos faz compreender que todo o porvir possui uma relação direta com o passado. Revelando, assim, a necessidade de questionarmos os condicionantes históricos latino-americanos, buscando conhecê-los para compreendê-los. Com isso emerge a percepção da dinâmica da vigência de um sistema econômico que tem gerado processos de marginalização, empobrecimento, desumanização e opressão de uns sobre os outros.

A população latino-americana se encontra subjugada pelas nações do “centro”, sob a égide do “mito da modernidade”. Este, tem impelido povos e culturas que não pertencem ao “centro” decisório político-econômico do mundo a vagarem na inércia de uma ideologia que diz romper com um modo bárbaro, tosco e rudimentar de vida. Nas palavras de Dussel (2005):

Por todo ello, si se pretende la superación de la “Modernidad” será necesario negar la negación del *mito de la Modernidad*. Para ello, la “otra-cara” negada y victimada de la “Modernidad” debe primeramente descubrirse como “inocente”: es la “víctima *inocente*” del sacrificio ritual, que al descubrirse como inocente juzga a la “Modernidad” como culpable de la violencia sacrificadora,

conquistadora originaria, constitutiva, esencial. Al negar la inocencia de la “Modernidad” y al afirmar la Alteridad de “el Otro”, negado antes como víctima culpable, permite “des-cubrir” por primera vez la “otra-cara” oculta y esencial a la “Modernidad”: el mundo periférico colonial, el indio sacrificado, el negro esclavizado, la mujer oprimida, el niño y la cultura popular alienadas, etcétera (las “víctimas” de la “Modernidad”) como víctimas de un acto irracional (como contradicción del ideal racional de la misma Modernidad) (p.49).

É nesta ótica que emerge a necessidade de reconhecimento deste mito da modernidade. Este existe e tem impellido um sistema mundo que, já na cultura dominada, gera centros e periferias, reproduzindo localmente a dinâmica mundial projetada pela visão eurocêntrica.

Dussel (2005) anuncia a *Transmodernidade*. Isto significa a não negação dos condicionantes até então empregados no projeto eurocêntrico, ou seja, é necessário “negar a negação do mito” e, com isso, partir da percepção da existência do mito para superar e transcender a totalização que insiste em limitar a liberdade de homens e mulheres. O princípio fundante da transmodernidade é a alteridade, cujo reconhecimento do “Outro” se faz na possibilidade e projeto de ser-ao-mundo de cada um e cada uma.

Nesse sistema de contradições, o qual tem causado opressão de uns sobre os outros, a responsabilidade pelos ditos “insucessos” recai na própria pessoa, gerando um processo de culpabilização da vítima. Para tanto, arroga-se a negação da existência do mito da modernidade, uma vez que o estilo de vida moderno nega a possibilidade de ser “outro”, de ser diferente. O faz sob o discurso de uma modernidade que, catalisada pela premente globalização, tem impellido um número cada vez maior de pessoas a serem empobrecidas, marginalizadas, e viverem em condições de subalternidade. Dado que o sistema econômico capitalista e a política de Estado aparenta ter maiores preocupações em contemplar os interesses de grandes multinacionais estrangeiras, cedendo às suas vontades político-econômicas, em detrimento do interesse e demanda da população. Nas palavras de Santos e Meneses (2009):

Por um lado, o capitalismo global, mais que um modo de produção, é hoje um regime cultural e civilizacional, portanto, estende cada vez mais seus tentáculos a domínios que dificilmente se concebem como capitalistas, da família à religião, da gestão do tempo à capacidade de concentração, da concepção de tempo livre às relações com os que nos estão mais próximos, da avaliação do mérito científico à avaliação moral dos comportamentos que nos afetam (p.11).

Ter consciência de que o passado foi construído a partir de uma história mitificada pela visão eurocentrista, pela dominação, e opressão dos povos latino-americanos nos faz perceber a necessidade de superar esse condicionamento e buscar o protagonismo na construção de um projeto de outro mundo, diferente deste totalizado, um mundo mais solidário e justo.

Contribuindo para a assunção da transmodernidade como possível caminho para romper com a dependência epistemológica a partir da qual nossa história foi escrita, e em certa medida ainda o é, Santos e Meneses (2009, p.23) argumentam pela superação do “pensamento abissal”. Este é a representação de um abismo entre as bases epistemológicas etnocêntricas e os saberes construídos a partir de outras experiências existenciais. Como por exemplo: a dos povos originários da América Latina, a de comunidades de países do continente africano, a de um trabalhador camponês, entre outros.

A superação do “pensamento abissal”, possibilitando a emergência de uma rica diversidade de saberes e fundadas fora da totalidade, é chamada de “pensamento pós-abissal”. Neste contexto a produção de conhecimentos emerge de um encontro profícuo, fecundo entre diversas experiências e matrizes educativas, possibilitando, assim, a emergência das “Epistemologias do Sul”. Nas palavras de Santos (2009):

A emergência do ordenamento da apropriação/violência só poderá ser enfrentada se situarmos a nossa perspectiva epistemológica na experiência social do outro lado da linha, isto é, do Sul global não imperial, concebido como metáfora do sofrimento humano sistêmico e injusto provocado pelo capitalismo global e pelo colonialismo. O pensamento pós abissal pode ser sumariado como um aprender com o Sul usando uma epistemologia do Sul. Confronta a monocultura da ciência moderna com uma ecologia de saberes. É uma ecologia, porque se baseia no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer sua autonomia. A ecologia de saberes baseia-se na ideia de que o conhecimento é interconhecimento (p.44-45).

Fundamental, portanto, compreendermos que esta a dominação não se faz ao acaso. Pelo contrário, sua manifestação expressa um projeto de totalidade, que atua em diversas frentes e experiências sociais. Nas palavras de Quijano (2009):

Com a constituição da América (Latina), no mesmo momento e no mesmo movimento históricos, o emergente poder capitalista torna-se mundial, os seus centros hegemônicos localizam-se nas zonas situadas sobre o Atlântico – que depois se identificarão como Europa – e como

eixos centrais do seu novo padrão de dominação estabelecem-se também a colonialidade e a modernidade. Em pouco tempo, com a América (Latina) o capitalismo mundial, eurocentrado, e a colonialidade e modernidade instalando-se associadas como eixos constitutivos do seu padrão de poder, até hoje (p.73-74).

Corroborando com as perspectivas anteriormente apresentadas, os autores Streck e Adams (2012) denunciam o fenômeno da colonialidade, forma de invasão cultural que, diferentemente do colonialismo dos tempos de invasões geográficas na qual o Brasil foi tornado colônia, assumem novas formas de invasão e opressão dos povos do eixo sul do globo terrestre. Atualmente, a colonialidade tem agido, principalmente, sob a égide da alienação e opressão de homens e mulheres em sua dimensão intersubjetiva. De acordo com os autores:

Trata-se de uma forma atualizada e desterritorializada da relação de dependência e subalternidade. Em síntese, enquanto o colonialismo tem claras ligações geográficas e históricas, a colonialidade atua como uma matriz subjacente do poder colonial que seguiu existindo após as independências políticas de nossos países e que hoje se perpetua pelas variadas formas de dominação do *Norte* sobre o *Sul* (p.247).

O olhar para a historicidade da sociedade brasileira, cujas bases estão fundadas nos anseios de uma elite latifundiária e, quando muito, de uma classe burguesa, nos permite desvelar a vigência de uma ideologia que tem proporcionado o empobrecimento de pessoas, povos, ou até mesmo nações inteiras. De acordo com Bosi (1992, p.12) tal ideologia é geradora de posturas preconceituosas que ora desumanizam, ora inferiorizam, num movimento de tornar o Outro “[...] mais toscos, mais rudes, mais instintivos”.

Com vistas a superar a condição de opressão para com os povos da América Latina, bem como com as nações do eixo sul do globo terrestre, grande importância é atribuída ao papel da conscientização da população através de práticas educativas libertadoras. Contudo, para que a educação seja efetivamente libertadora, é preciso que ocorra a contextualização de tal prática, emergente da concretude de sua própria cultura. Conforme Bosi (1992):

Uma filosofia da educação brasileira não deveria ser elaborada abstratamente fora de uma prática da cultura brasileira e de uma crítica da cultura contemporânea. É importante, pois, fazer a descrição e a interpretação daqueles subconjuntos diferenciados (cultura erudita, de massa, popular, criadora individualizada); e ver como se interpenetram em formas históricas concretas, multiplamente

determinadas pelo contexto econômico, pelas relações de classes, pelo dinamismo interno dos grupos e, até mesmo, pela sensibilidade individual dos criadores e dos receptores das várias culturas. Só nessa altura da análise e da interpretação histórica é que se pode responder à pergunta-matriz: educar, sim, mas para qual cultura? Presume-se que o estudo prévio tenha dado elementos para responder à outra pergunta, também prévia: estamos educando e sendo educados em qual cultura? (p.18)

Esta concepção torna explícito o papel que a cultura, ou, melhor dizendo, que as culturas (no plural) assumem na mediação dos processos educativos. Nesse sentido, Fiori (1986, p.9) apresenta: “O ensino é, assim, técnica hábil para conformar e uniformizar, ao contrário do aprendizado como método de liberação e autoconfiguração, descobrimento histórico de valores de humanização, de invenção do homem novo”.

A partir desta perspectiva o saber é construído de forma contextualizada, considerando a historicidade dos homens e mulheres em sua relação com o passado, o presente e o porvir. Um processo de conscientização que não é estanque, engessado, ou, finito: “O encontro originário da consciência e do mundo é um processo que não se totaliza, enquanto a subjetividade não se comensura consigo mesma, ao comensurar-se com sua objetividade” (FIORI, 1986, p.5).

No processo de conscientização, no qual vamos desvelando a existência de condicionantes históricos, o conhecimento é permanentemente (re)estruturado. Tal processo permite uma leitura minuciosa da realidade e um distanciamento com as ideologias dominantes do opressor. Esta leitura crítica vai tomando sempre novas qualidades, procurando sempre desvelar a significação profunda das práticas sociais, abrindo, assim, novos horizontes e novos caminhos para novas indagações frente aquilo que foi recém-apreendido.

A consciência acerca da existência de fatores condicionantes que se apresentam como situações limites, que ora se expressam através de questões socioeconômicas, ora por meio do preconceito à determinada etnia, ora pela condição de classes, ora pelo gênero, ora por crenças religiosas, ora por escolhas políticas, enfim, ajudam a desvelar esses processos de opressão de uns sobre os outros. Configurando uma das etapas da educação conscientizadora. Ganhando tônica a compreensão acerca da historicidade do saber, dado que Schnorr (2001) afirma que a relação de construção histórica da conscientização não é atemporal, nas palavras do autor:

Problematizar a condição humana só é possível na sua dimensão concreta, presente, histórica. No resgate do passado e na análise crítica deste, aprendemos que ele nos condiciona, que poderia ter sido diferente do que foi. E que o presente pode ser diferente do que é. O futuro é possibilidade e desejo de ser mais (p.70).

Na busca por compreender a realidade que nos circunda, o diálogo assume papel angular. Na perspectiva da educação libertadora o diálogo é mais do que uma conversa, mais que um falar “para” o/a outro/a. Ele se apresenta como o princípio fundante para a leitura da realidade na qual homens e mulheres, num encontro intersubjetivo, comunicam o mundo que compartilham e (com)vivem.

Os referenciais apresentados neste tópico representam nossa opção por uma práxis dialógica que busca, em sua dimensão política, romper com práticas alienantes, fixistas e mantenedoras do status quo. Nesta caminhada, compreendemos que o diálogo é o princípio fundante da relação de estarmos sendo “uns-com-os-outros-aomundo” (SANTOS, 2008). Passaremos agora para a apresentação de nossas percepções acerca da sinergia entre a Educação Popular, Fenomenologia e Motricidade Humana.

A sinergia entre Educação Popular, Fenomenologia e Motricidade Humana

Buscando não perder de vista concepção da metodologia como trajetória, trilhada na pesquisa, salientamos que nos tópicos anteriores foram apresentados elementos que apontam para a percepção de uma relação de dependência filosófica-científica-política ao qual nós, povos do sul, fomos/estamos condicionados a viver. Todavia, também buscamos realizar o anúncio, a partir da apresentação de concepções de autores/as ligados/as a uma perspectiva crítica e libertadora de educação, outras bases epistemológicas fundadas na alteridade, no diálogo e no encontro com o/a outro/a, intencionado para a construção de uma “ecologia de saberes” (SANTOS; MENESES, 2009).

Refletir acerca do papel da educação na transformação social para um outro mundo possível, implica compreender que não estamos tratando somente da educação escolar, visto que processos educativos decorrem de nossas relações com os/as outros/as, nos diversos espaços-tempos de convivências. Desta forma, Freire (2005) destaca:

Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que percebemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação (p.44).

Neste ponto do estudo explicitamos que nosso ponto de vista está ancorado na compreensão de que o movimento de educar-se, de formar-se em meio à convivência, no seio das práticas sociais, ganha a dimensão de formar para a vida em sociedade. Assumindo sentidos e significações advindos das múltiplas redes relacionais que conectam as pessoas, bem como os diversos meios culturais que as mesmas vivenciam. Corroborando com a tônica das intenções que seus diversos atores e atoras imprimem.

A busca por uma definição acerca do que vêm a ser práticas sociais, não pode incorrer no equívoco de promover um fechamento de seu conceito com vistas a uma definição exata, correndo o risco de deixar escapar e/ou desconsiderar o movimento de historicidade na qual o ser humano e cultura(s) se encontram, ambos, num constante movimento histórico de transformação. Desta forma, assumimos como perspectiva a compreensão apontada por Oliveira et. al. (2009a):

Voltando ao significado de práticas sociais que adotamos, cabe salientar que elas se constroem em relações que se estabelecem entre pessoas, pessoas e comunidades nas quais se inserem, pessoas e grupos, grupos entre si, grupos e sociedade mais ampla, num contexto histórico de nação e, notadamente em nossos dias, de relações entre nações, com objetivos como: repassar conhecimentos, valores, tradições, posições e posturas diante da vida; suprir necessidades de sobrevivência, de manutenção material e simbólica de pessoas, grupo ou comunidade; buscar o reconhecimento dessas necessidades pela sociedade; controlar, expandir a participação política de pessoas, de grupos, de comunidades em decisões da sociedade mais ampla; propor e/ou executar transformações na estrutura social, nas formas de racionalidade, de pensar e de agir ou articular-se para mantê-las; garantir direitos sociais, culturais, econômicos, políticos, civis; corrigir distorções e injustiças sociais; buscar reconhecimento, respeito, valorização das culturas e da participação cidadã de grupos sociais, étnico-raciais marginalizados pela sociedade; pensar, refletir, discutir e executar ações (p.5).

O projeto VADL sustenta sua prática educativa na perspectiva da EP, mais especificamente a partir da pedagogia dialógica (FREIRE, 2003), na

Fenomenologia Existencial (MERLEAU-PONTY, 1996) e na Motricidade Humana (SERGIO, 1999).

Ao olhar mais detidamente para os citados referenciais é possível perceber uma sinergia entre as três perspectivas, principalmente naquilo que tange a intencionalidade para a conscientização e compreensão do ser humano em sua relação com o mundo e com os outros, pois “Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros” (FREIRE, 2003, p.58).

Contribuindo com as reflexões acerca da EP enquanto processo de mobilização social para superação dos fatores condicionantes Jara-Holliday (1998) afirma:

Entendemos por “popular”, la referencia a todo aquel proceso social que busca superar relaciones de dominación, de opresión, de explotación, de discriminación, de inequidad, de exclusión. Visto positivamente, todo aquel proceso que busca construir relaciones equitativas, justas, respetuosas de la diversidad y la igualdad de derechos (p.2).

Em se tratando de EP, Paulo Freire é apontado por Streck e Adams (2012) como sendo o pioneiro no Brasil, iniciada em meados da década de 1960. Os autores ainda complementam:

Os temas e as palavras geradoras a serem aprendidas não mais viriam de outras realidades culturais, mas deveriam ser investigados por uma equipe interdisciplinar e pela própria população a ser alfabetizada. A investigação, que já era parte do processo educativo, deveria permitir a apreensão dos temas geradores, bem como a tomada de consciência das circunstâncias e condições históricas, políticas e culturais em que estavam inseridos (p.246).

Enquanto movimento intencional o diálogo só é palavra verdadeira quando assume seu papel de leitura de mundo, de conscientização para transformação da realidade, para agir com o mundo. Circunscreve-se assim em uma práxis por outro mundo possível, justo e solidário. Nas palavras de Freire (2003):

Esta busca nos leva a surpreender, nela, duas dimensões; ação e reflexão, de tal forma solidárias, em uma interação tão radical, que sacrificada, ainda que em parte, uma delas, se ressentida, imediatamente, da outra. Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí, que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo (p.77).

As proposições apresentadas aqui nos possibilitam iniciar uma caminhada compartilhada na busca pela identificação e desvelamento das contradições vividas pela e na comunidade. Contudo, é importante salientar que esta leitura de mundo não acontece no nada, no vácuo ela se inscreve num ser que é corpo e, ao mesmo tempo natureza, mundaneidade. Desta forma, Freire (2005) nos atenta:

Ninguém deixa seu mundo, adentrado por suas raízes, com o corpo vazio ou seco. Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória, às vezes difusa, às vezes nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência; a lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós, em nós, um gesto tímido, a mão que se apertou, o sorriso que se perdeu num tempo de incompreensões, uma frase, uma pura frase possivelmente já olvidada por quem a disse (p.32).

Ao refletir acerca das concepções teóricas que embasam as ações do VADL encontramos uma coerência com o processo de EP, bem como uma sinergia entre a Motricidade Humana, Educação Popular e Fenomenologia. Tal aspecto ganha maiores contornos principalmente ao lançarmos um olhar focal para o papel do corpo no processo de conscientização a partir da práxis dialógica. Identificamos o afastamento com uma pretensa prática reducionista na qual compreende o ser fragmentado, adaptado ao meio em que vive, desconsiderando sua relação com o mundo e com os outros. Para tanto, Merleau-Ponty (1996) nos atenta:

[...] a consciência projeta-se em um mundo físico e tem um corpo, assim como ela se projeta em um mundo cultural e tem hábitos: porque ela só pode ser consciência jogando com as significações dadas no passado pessoal [...] Enfim, esses esclarecimentos nos permitem compreender sem equívoco a motricidade enquanto intencionalidade original. A motricidade não é como uma serva da consciência, que transporta o corpo ao ponto do espaço que nós previamente nos representamos. Para que possamos mover nosso corpo em direção a um objeto, primeiramente é preciso que o objeto exista para ele (p.192-193).

A Fenomenologia Existencial tem buscado o retorno do ser à natureza da qual ele faz parte. Salientando que tal busca é feita de forma intencional, e anunciado que natureza e homem estão “ao” mundo, dado que este não é receptáculo para humanidade e demais seres da terra. Portanto, é possível afirmar estamos sendo-uns-com-os-outros-ao-mundo.

A perspectiva da Motricidade Humana (SÉRGIO, 1999) dialoga diretamente com a área da Educação Física, dando-lhe o aporte, assim como os outros autores citados aqui, para a (re)significação da corporeidade. Nesse sentido, em acordo com Merleau-Ponty (1996):

[...] o movimento não é o pensamento de um movimento, e o espaço corporal não é um espaço pensado ou representado. (...) a motricidade não é como uma serva da consciência, que transporta o corpo ao ponto do espaço que nós previamente nos representamos. Para que possamos mover nosso corpo em direção a um objeto, primeiramente é preciso que o objeto exista para ele. (p.192-193).

A Motricidade Humana prima pela intencionalidade. Portanto, trata do movimento intencional para transcendência, na qual o “mover-se” é substituído, intencionalmente, pelo “se mover”, anunciando que não se trata apenas de uma questão semântica. Nas palavras de Sérgio (1999):

O ser humano está todo na motricidade, numa contínua abertura à realidade mais radical da vida. E não só a motricidade assume assim um caráter fundador, como dele e nela nasce uma ontologia nova, onde o que mais importa não são as performances de ordem físico-desportiva, mas o que se é, numa cumplicidade primordial com minha própria ontogênese, como ente que se faz e se renova quer individual, quer social e politicamente (p.18).

Nossa busca por uma trajetória metodológica coerente com o objetivo de nossa investigação perpassa todos os momentos da pesquisa. Desta forma, ao realizar esta breve incursão pelos olhares compartilhados entre Motricidade Humana, Fenomenologia e Educação Popular procuramos subsídios para compreender a prática realizada pelo VADL. Assim, a partir desta compreensão passaremos agora para uma análise acerca do Lazer. Prática, esta, implementada como pano de fundo para ações de EP no contexto do projeto de extensão investigado nesta pesquisa.

O Lazer no contexto latino-americano.

No banco de dados da Pró-Reitoria de Extensão (Pró-Ex/UFSCar) Gonçalves Junior (2011) anuncia que o VADL tem como objetivo geral desenvolver educação “*para e pelo lazer*”. Buscamos ancorar nossa inserção junto à comunidade participante do VADL nos preceitos das Epistemologias do Sul. Esta escolha política-epistêmica atravessou todos os momentos da pesquisa, incluindo nossa análise sobre a

prática social do Lazer que apresentaremos neste tópico do 2º Tempo, na qual estamos aprofundando em nossa metodologia e, especificamente, nas bases epistemológicas para outro mundo possível.

Salientamos que não é nosso intento esgotar a discussão sobre o campo do Lazer. Todavia, buscamos apresentar aqui algumas perspectivas que têm fundamentado esta prática no contexto latino-americano, mais especificamente no Brasil.

Gomes e Elizalde (2012) apresentam que no Ocidente os estudos do Lazer apontam para dois principais enfoques, a saber: como uma prática emergente da antiga Grécia Clássica e, outro que indica o Lazer como uma manifestação advinda das sociedades modernas, industrializadas e urbanas. A autora e o autor ainda nos atentam que: “Essas duas interpretações distintas são divergentes em termos de ocorrência histórica do lazer e geram intensos debates acadêmicos” (p.71).

Notamos que invariavelmente a interpretação realizada pelos/as estudiosos/as acerca da prática aqui apresentada, os conhecimentos produzidos e acumulados que versam sobre o Lazer têm como correspondentes os termos “loisir” (em francês), “leisure” (em inglês) e “ócio” (em espanhol) (GOMES; ELIZALDE, 2012).

No Brasil e em Portugal, diferentemente da maioria dos países da América-Latina, o termo mais utilizado é “Lazer”, proveniente do Latin “*licere*” e que significa “ser lícito”, “ser permitido”, apontando para as atividades realizadas em um momento diferente daqueles destinados a compromissos sociais, estudos, trabalho (GONÇALVES JUNIOR, 2008).

O enfoque daqueles/as que interpretam o lazer à luz de um ethos greco-romano, o fazem a partir do “Ócio”. Esta palavra é associada ao termo grego *skholé*, e ao vocábulo romano do “*otium*”. Assim, na antiguidade greco-romana o ócio representava um distanciamento das atividades de subsistência, um estado de estar livre de obrigações, ter uma vida contemplativa. De acordo com Gomes e Elizalde (2012):

Como dependia de certas condições educacionais, políticas e econômicas, *skholé* constituía um privilégio reservado a uma pequena parcela de homens livres. Para Aristóteles, as pessoas tinham que aprender a desejar o repouso filosófico, pois é por meio dele que se tornaria possível alcançar virtudes. Dessa forma, em seu sentido grego, *skholé* era vinculada à possibilidade de descanso e repouso, condição propiciada pelo distintivo característico dos privilegiados: abstenção da necessidade de exercer o trabalho útil ou produtivo e a

possibilidade de dedicação à contemplação, à meditação e à reflexão filosófica (p.71).

Como podemos notar, o ócio foi se destacando como um privilégio de um determinado estrato social, a saber: os nobres. Neste contexto as atividades de trabalho eram consideradas como formas de degradação humana, sendo realizado somente pelos trabalhadores livres, pobres e escravos. Nesse sentido, Lara¹⁹, citada por Lemos (2007), discorre sobre a concepção de trabalho no contexto da sociedade greco-romana:

Conforme o Le Petit Robert dictionaire de la langue française, “travailler” vem do latim vulgar tripaliare, usado em 1080, e significa torturar com o tripalium, em francês ‘travail’ – ou trepalium, variação de tripalium “instrumento de tortura”, vindo do latim clássico, tripalis “as três peças”. O termo técnico, travail, em francês, se refere a um dispositivo que serve para imobilizar cavalos ou bois, para realizar sobre eles determinadas operações. O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa vai datar a palavra trabalho no século XIII como ‘traball’, trabalho, e, no século XIV, como trabalho (p.7)

O ócio se configurou como uma manifestação própria do estrato da nobreza emergindo como contraponto do quefazer das obrigações e do tempo de trabalho. Este foi visto como um meio de “tripudiar”, degradar e torturar o Outro, o pobre, o escravo.

Com o decorrer da história, a partir do processo de assunção ao poder pela igreja com a difusão do cristianismo e a crescente mudança nos meios de produção, emergiram novos posicionamentos frente ao ócio. A relação antagonista entre o ócio e o trabalho foi sintetizada pelos romanos através da expressão *negotium*, palavra de origem latina para designar negócio, entendida como ocupação, atividade. Ou seja, do ponto de vista daqueles que estavam emergindo ao poder *negotium* significava a negação do ócio. Nas palavras de Gomes e Elizalde (2012):

Sendo assim, o discurso hegemônico fez com que muitas experiências culturais de lazer, nesse contexto, estivessem carregadas de valores morais que acabaram sendo essenciais para o mundo do trabalho, sobretudo na fase histórica conhecida como modernidade. Nesse novo período, a forma de perceber o lazer foi marcada principalmente por uma visão negativa, o que deve ter sido, em parte, produto da influência do protestantismo, ao considerar as vivências de lazer como

¹⁹ LARA, F. **Trabalho, educação e cidadania**: reflexões a partir de educação entre trabalhadores. Rio de Janeiro: CAPINA/CERIS/MAUAD, 2003.

um vício e a educação como um meio moralizante para o trabalho. A visão protestante enfatizou a ética do trabalho como um bem supremo e rejeitou o lazer por considera-lo como potencial ameaça para o “espírito” de base do modelo da produção capitalista (p.73).

Gonçalves Junior (2008) aponta que o trabalho e o jogo encontravam-se imbricados ao cotidiano humano, em organicidade com o meio, obedecendo às condições naturais e às estações climáticas. Antes da emersão da sociedade urbano-industrial as pessoas desenvolviam suas atividades campesinas, ou artesanais sem a necessidade de despender um tempo significativo para o deslocamento para o trabalho, tampouco para o lazer, sendo que estas duas práticas se interpenetravam.

Com esse novo modo totalizado de ser-ao-mundo, impelida pela modernidade e crescente industrialização, a noção de passagem do tempo foi gradualmente alterando e tendo sua percepção original modificada. Assim, a noção de passagem do tempo que arremetia a uma interioridade, à existencialidade, ao tempo percebido, tempo sentido (aproximando a concepção grega de “tempo kairós”) foi gradualmente sendo substituída.

Nesse novo contexto totalizado a percepção foi substituída pela noção de tempo medido, tempo cronológico, tempo linear, mensurável (“tempo chronos”), calculado e aferido por um instrumento, a saber: o relógio mecânico (BRUHNS, 1998).

Sobre a padronização/uniformização do tempo vivido, Santos (2008) faz o seguinte apontamento:

O relógio foi a primeira máquina automática que adquiriu uma função social, pois, por meio dele, foi possível a regulamentação e arregimentação da vida dos seres humanos, condições necessárias para assegurar o funcionamento de um sistema de trabalho baseado na exploração. Podemos perceber essa exploração nos slogans da ideologia capitalista que dizem “tempo é dinheiro” e “perder tempo”, sendo, este último, considerado um pecado para a igreja (p.41).

De acordo com Gomes e Pinto (2009), as pesquisas sobre lazer realizadas no Brasil foram fortemente influenciadas pelos estudos realizados pelo sociólogo francês Dumazedier. Na concepção de Dumazedier (2001) o lazer é definido como um conjunto de ocupações que o indivíduo realiza ao expressar sua autonomia e liberdade, conferindo ao lazer a função de descanso, divertimento, desenvolvimento. O autor assim define:

[...] um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais (p.34).

Gomes e Pinto (2009) esclarecem que Dumazedier fez suas análises a partir de sociedades altamente industrializadas do século XX, “[...] fossem elas capitalistas ou socialistas” (p.62). Todavia, as autoras salientam que a percepção da passagem de uma sociedade industrial para uma sociedade de serviços demanda um olhar crítico para a teoria do sociólogo, criticando o aspecto funcionalista que o francês atribui ao lazer. Nas palavras das autoras:

Além disso, em defesa da tese de que as atividades de lazer são preferíveis ao ócio, o pensamento de Dumazedier também necessita ser repensado. O ócio é encarado como algo “nocivo” para indivíduo e sociedade por contrapor-se à lógica da produtividade e, assim, dificultar o disciplinamento das pessoas por meio do trabalho alienado e compulsivo. Atualmente essa questão vem sendo redimensionada por estudos sobre o lazer no Brasil e em outros países, porque o ócio, enquanto manifestação cultural, em geral, é negligenciada e evitada quando há intenção de conferir utilidade e funcionalidade ao lazer, equivocadamente tratado como um apêndice do trabalho produtivo em diversos contextos (p.62).

Marcellino (2000) faz sua análise ressonando com a crítica das autoras anteriormente apresentadas. O autor compreende o Lazer como um “fenômeno cultural” na qual “não se busca, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. A ‘disponibilidade de tempo’ significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa” (p.31). A partir das compreensões de Marcellino (2000), o lazer não deve ser compreendido de maneira destacada de seu contexto histórico.

Refletir sobre o Lazer no atual contexto histórico latino-americano implica compreendê-lo a partir da condicionalidade histórica na qual nós, povos do eixo Sul do mundo fomos impelidos a viver, sob os preceitos de um projeto de progresso e desenvolvimento elaborado a partir de uma perspectiva totalizadora, etnocêntrica, e invasora a qual é identificada como “Modernidade”. De acordo com Dussel (2005), esta representou um projeto eurocêntrico de desenvolvimento “provinciano”, na qual as elites do centro (no caso a Europa) expandiram seus domínios, principalmente a partir da Revolução Industrial.

Dussel (2005) chama atenção para a necessidade de reconhecer esse projeto de sistema mundo totalizante, desvelando o “Mito da Modernidade”. Nas palavras do Autor:

Si la Modernidad tiene un núcleo racional *ad intra* fuerte, como “salida” de la Humanidad de un estado de inmadurez regional, provinciana, no planetaria; dicha Modernidad, por otra parte *ad extra*, realiza un proceso irracional que se oculta a sus propios ojos. Es decir, por su contenido secundario y negativo *mítico*, la “Modernidad” es justificación de una praxis irracional de violencia (p. 48).

Com vistas a romper com o ciclo de violência gerado a partir da “Modernidade”, Dussel (2005) nos apresenta que não devemos negar a construção mítica acerca da “Modernidade”. Portanto, seria equivalente afirmarmos que o mito existe, procedendo assim ao movimento de negar sua negação. Como foi apontado anteriormente, em nossas bases epistemológicas do Sul.

No contexto brasileiro o sistema econômico capitalista tem se mostrado como um potente instrumento para a manutenção da “Modernidade” e a conseguinte negação de seu mito. Nesse sentido Gomes e Pinto (2009) apresentam:

Podemos ver que, cada vez mais, a ideologia de mercado capitalista invade amplos setores da vida social latino-americana e de todo o mundo. Paralelamente, cresce a influência da indústria cultural, principalmente norte-americana. Impulsionada pelo processo de globalização neoliberal, esta ideologia nos faz acreditar que existe um único modelo de sociedade e, com isso, uma forma única de vivenciar o lazer, que passa a ser visto como uma mercadoria a ser comercializada para ser consumida (p.109).

Mascarenhas (2005) nos atenta que a partir de uma ótica de consumo, “o lazer passa a ser acessível apenas para uma minoria, apresentando-se como um tipo de propriedade” que somente quem tem condições de adquiri-lo passa a ter seu direito de consumo. Estas relações identificam a prática do “mercolazer” (MASCARENHAS, 2005, p.105).

Brandão (2005a) aponta que é comum governos e órgãos de pesquisas lançarem mão da análise de índices de desenvolvimento econômico na busca por aferir a “qualidade de vida” da população. Desta maneira, em tais análises, critérios como o poder financeiro/aquisitivo de um povo (PIB, PIB/Per-capita), a acumulação de capital e de bens, o poder de compra, o ter, o fazer, o quanto se pode conquistar. A este

fenômeno está imbricada a dinâmica social hegemônica: o capitalismo. Nesse sentido, o autor nos atenta:

Quase toda a propaganda do mundo do mercado de bens e de serviços insiste em nos sugerir grandes vãos “de mentira”, ao mesmo tempo em que nos puxa sempre para baixo, incentivando o desejo de qualificarmos a vida pela conquista do que pode ser comprado, em vez da ousadia de criarmos por conta própria o que deve ser vivido (p.38).

Na Declaração Universal dos Direitos Humanos (2013), proclamada em 1948, consta no Artigo 24º a afirmação que “Todo o homem tem direito a repouso e lazer, inclusive à limitação razoável das horas de trabalho e a férias remuneradas periódicas” (s/p). Outro documento, este de força maior para nós brasileiros/as, é a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (BRASIL, 1988, s/p). Com vistas à possibilitar uma melhor qualidade de vida, este documento preconiza o lazer como um direito social, devendo, portanto ser resguardado.

No sistema-mundo gerador de contradições e assimetrias sociais a promulgação de leis não garante ações concretas para a plena efetivação de direitos, tampouco para a transformação da realidade. Nesse sentido, é preciso concretude, engajamento e luta.

Marcellino (2001) identifica que no âmbito da gestão pública as concepções de lazer estão revestidas de “vícios assistencialistas”, que tem condicionado a legitimidade do lazer através de uma perspectiva de utilidade:

Lazer e promoção social, lazer e violência, lazer e segurança, lazer e saúde, lazer e bem-estar, lazer etc. A colocação da palavra lazer junto a outras, ligadas pelo conectivo e, entre outras ideias, dá a de coisas diferenciadas e que agrupadas podem levar a uma superação de um estado de coisas considerado indesejável. [...] o lazer só é justificado, infelizmente em nossa sociedade, se agregado a um outro conceito que sirva para amenizá-lo, suavizá-lo ou mesmo ‘resolvê-lo’ (p.6).

Apontando críticas à “abordagem utilitarista” Marcellino (2000) anuncia que, enquanto manifestação cultural, o lazer não pode ser visto de forma abstrata, descontextualizada, ou ainda, como suporte para outras áreas. Nesse sentido, o Lazer pode ser trabalhado numa perspectiva multiprofissional, em interfaces com a saúde, com a educação, com promoção social e etc.

Todavia, enquanto um fenômeno cultural contextualizado o Lazer não pode perder sua “especificidade concreta” e a identificação do “Todo Inibidor”. Nas palavras de Marcellino (2000):

Quando se fala das atividades de lazer não fica difícil detectar um conjunto de variáveis, tendo como pano de fundo as limitações econômicas, formando um todo inibidor, quer em termos da quantidade, e principalmente, da qualidade de participação. A classe, o nível de instrução, a faixa etária, o sexo, entre outros, limitam o verdadeiro lazer a uma minoria da população. São indicadores indesejáveis verificados no plano social da situação e necessitam [...] ser atacados pelo movimento social embasado nos valores de democratização do lazer (p.55).

Melo (2006) aprofundou seus estudos na concepção a partir do enfoque da perspectiva cultural do Lazer. Desta forma, os bens culturais devem ser compreendidos de acordo com a lógica de produção, nos impelindo a pensar na relação de interdependência entre a produção e o seu meio. Nas palavras do autor:

Na ótica do materialismo cultural, os produtos não são meramente objetos, mas práticas sociais. Nosso papel como animadores culturais seria de fundamentalmente o de contribuir no processo de desvendar as condições em que se apresentam na sociedade, pensando perspectiva de intervenção que considerem suas diversas formas de estruturação de sentidos e significados, considerando também os movimentos alternativos de contestação. É esse processo complexo de tensão entre o ‘dominante’ e o ‘dominado’, é essa não-linearidade que permite a ascensão de resistências, que devem sempre nortear nosso olhar cuidadoso (p.31).

Santos (2008) nos atenta para necessidade da construção de relações fundadas no diálogo para a realização de intervenções no âmbito da cultura. Tais intervenções não deverão ser pautadas pela imposição, mas pelo estabelecimento de relações horizontais entre educador/a e educando/a. Salientando, assim a atuação do “Animador Cultural”. Este termo animação advém do grego “*anima*”, que em português, significa “alma”.

Desta forma o educador/a deverá realizar sua intervenção pedagógica através do enfoque da animação cultural. Nas palavras de Melo (2006):

Creio que os Estudos Culturais, em seu intuito de estabelecer uma leitura da “alta cultura” e da “cultura popular”, bem como de estabelecer um certo olhar sobre a “cultura de massas” (na verdade, rompe-se definitivamente com uma compreensão estática desses “níveis culturais”, agora entendidos como profundamente

relacionados e com fronteiras bem pouco precisas), pode apresentar perspectivas alvissareiras para pensarmos a Animação Cultural e os Estudos do Lazer (p.26).

Os apontamentos realizados até aqui nos auxiliaram na realização da prática de pesquisa no contexto das ações em EP do VADL. Antes de encerrar este capítulo, o “2º Tempo”, passaremos a apresentação dos métodos para a análise dos dados. Em seguida, iniciaremos um novo capítulo, o “3º Tempos”, momento na qual fazemos uma reconstrução crítica do processo vivido a partir da contextualização da pesquisa no espaço-tempo do projeto de extensão.

Procedimentos metodológicos adotados para reconstrução crítica da história

Ao nos debruçarmos neste quefazer de pesquisa, ancorados pela Sistematização de Experiências, percebemos a consonância entre esta abordagem com as proposições da “Redução Fenomenológica” (BICUDO; ESPÓSITO, 1994; GARNICA, 1997; GONÇALVES JUNIOR, 2008; KLUTH, 2011), visto que, a partir desta, buscamos uma compreensão acerca da essência do fenômeno interrogado.

Em acordo com Martins e Bicudo (1989), o significado de fenômeno vem da expressão grega *fainomenon*, uma derivação do verbo *fainestai* que representa dizer “mostrar-se a si mesmo”. Por sua vez, *fainestai* é uma forma reduzida que provém de *faino*, significando trazer à luz do dia. Em outras palavras significa aquilo onde algo pode tornar-se manifesto, visível em si mesmo.

Para proceder à redução fenomenológica realizamos diversas leituras dos Diários de Campo (DC). Dando início à análise “Ideográfica” e “Nomotética” dos dados. A primeira foi caracterizada pelo momento no qual buscamos tornar visível a intencionalidade dos colaboradores e colaboradoras da pesquisa, emergentes de suas falas. Para tanto, destacamos no corpo dos DC as Unidades de Significado (US) sublinhando²⁰ os trechos que apontam para os elementos mais significativos para o contexto da pesquisa, num movimento de busca da essência do fenômeno interrogado.

Atentamos que ao proceder com este método, foi necessário romper com posturas apriorísticas, pré-conceitos ou teorizações anteriores à própria observação do

²⁰ Para melhor compreensão consulte o “Apêndice 1 – Diários de Campo”.

fenômeno. Instaurando um movimento de “epoché”, colocamos o fenômeno em suspensão, buscando o *des-velar* do fenômeno.

Todavia, procuramos não incorrer no embuste de uma pretensa neutralidade. Pelo contrário, compreendemos que o processo de significação realizado nesta fase, mediado pela linguagem, é por si só um momento de intersubjetividade e construção histórica de significação que segue seu curso, em pleno movimento de estar sendo-uns-com-os-outros-ao-mundo. Nesse sentido, Garnica (1997) anuncia:

Consideremos, entretanto, que a análise fenomenológica não se encerra na descrição do subjetivo, como poderiam argumentar alguns. A mediação pela linguagem, sempre presente, e o “viver-com” - intersubjetivo -, permitindo a compreensão e interpretação de um discurso que não é o nosso próprio, colocam a análise conduzida pela fenomenologia como abrangendo o histórico e o social, pois encontros e mediações ocorrem temporal e contextualizadamente (p.116).

Ao prosseguir com a análise dos dados revelamos uma articulação entre as diversas US encontradas e, mais ainda, mantendo uma articulação com registros de diferentes datas e colaboradores/as. Essa identificação e articulação entre os julgamentos ingênuos, no sentido de genuínos, emergentes das falas colhidas dos DC, possibilitam a formação de categorias.

A partir desse momento iniciamos a análise nomotética que, segundo Garnica (1997):

[...] é feita com base na análise das divergências e convergências expressas pelas unidades de significado, estando vinculada, ainda, a interpretações que o pesquisador faz para obter cada uma dessas convergências ou divergências. Disso, novos grupos são formados e, num processo contínuo de convergências e interpretações, sempre explicitadas, novas categorias abertas, mais gerais, vão-se formando. As generalidades resultantes dessa análise iluminam uma perspectiva do fenômeno, dado seu caráter perspectival (p.117).

Salientamos que nosso principal eixo metodológico, a Sistematização de Experiências, perpassa todos os momentos/tempos da pesquisa, mantendo uma relação de complementaridade e interdependência entre todos os tempos. Todavia, almejando um apontamento meramente didático, realizaremos alguns “recortes pedagógicos”. Assim, passaremos agora para a apresentação do “3º Tempo”. Momento na qual ocorre a contextualização da pesquisa. Mais adiante, no “4º Tempo”, realizaremos um novo apontamento metodológico, de maneira a não sermos redundantes, mas com vistas a

tornar a leitura fluente e promover uma melhor compreensão acerca dos elementos constitutivos desta pesquisa.

3º TEMPO: recuperação do processo vivido

Mantendo nossa coerência com o método de Sistematização de Experiências, chegamos ao “3º Tempo” da pesquisa. Neste momento, Jara-Holliday (2006, p.84) nos orienta a realizar a “reconstrução da história”, bem como à “ordenar e classificar a informação”. O autor ainda nos atenta:

Em muitas situações, será fundamental incorporar, na reconstrução da experiência particular, os acontecimentos do contexto (local, nacional ou internacional) que se associam a ela. Inclusive, mostrou-se a utilidade de fazer uma cronologia paralela: numa coluna os acontecimentos da experiência; em outra os do contexto. Fazê-lo ou não, e o nível de detalhe que terá, vai depender da utilidade de cada sistematização (p. 85).

Iniciaremos, logo adiante, a contextualização espaço-temporal de nossa inserção, a saber: O Jardim Gonzaga e o projeto de extensão universitária VADL.

Contextualizando a pesquisa: o Jardim Gonzaga

A cidade de São Carlos é considerada polo tecnológico devido à implantação de duas grandes universidades públicas, ocorridas nos anos de 1950 e 1960 (CAMPOS et. al, 2003). São elas a Universidade de São Paulo (USP/campus São Carlos) e a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), respectivamente.

Na segunda metade da década de 1970 e início da década de 1980 ocorreu um crescente processo de industrialização. A instalação das duas grandes instituições de ensino superior desencadeou um grande deslocamento de pessoas advindas de diversos estados do país para o município de São Carlos. Todavia, a dinâmica do sistema econômico vigente tem gerado processos de marginalização, empobrecimento e desumanização e, São Carlos por sua, vez, situada no interior do estado de São Paulo, região sudeste do Brasil, portanto também América Latina, não escapa à condicionalidade histórica na qual toda nação latino-americana se encontra subjugada pelas nações do centro, sob a égide do “mito da modernidade” (DUSSEL, 2005).

Ao analisar o processo de industrialização que ocorreu no município de São Carlos é possível notar o concomitante crescimento populacional, indicando um

grande deslocamento de pessoas que antes viviam no campo, ou em outras cidades do estado de São Paulo, que vieram para o citado município buscando “melhoria de vida”. Nas palavras de Rosa (2008):

A São Carlos de meados da década de 1970, então uma promissora cidade em razão da crescente industrialização do estado, atraía tanto famílias excluídas do campo pelo processo de mecanização da agricultura, como outras vindas da metrópole, de diversas cidades do próprio estado e do país. Vilas operárias, bairros de trabalhadores, loteamentos populares: esse era o destino daqueles que conseguiam se inserir nos postos de trabalho do crescente polo industrial local [...] No entanto, nem todos tinham a mesma sorte. Muitos daqueles que vieram para São Carlos ainda na década de 1970, apostando na “melhoria de vida”, não conseguiram trabalho na cidade, obtendo, quando muito, trabalhos agrícolas temporários (p.48).

As famílias que vinham para o município e não conseguiam estabelecer emprego nas indústrias acabavam por assumir postos de trabalhos sazonais em meio às atividades de trabalho agrícola. Essas pessoas, com empregos temporários, não conseguiam arcar com as despesas de aluguel e moradia. Foi quando começou a ocupação irregular onde hoje chamamos de Jardim Gonzaga.

FIGURA 1 – Primeiras moradias decorrentes do início da ocupação



Fonte: Rosa (2008, p. 93).

Ancorando a percepção apontada anteriormente estão as irmãs Doraci e Sueli. Ambas são moradoras do Jardim Gonzaga e foram colaboradoras do estudo realizado por Rosa (2008), cedendo entrevista na qual apresentaram um rico depoimento

acerca da constituição do Jardim Gonzaga. Assim, de acordo com as irmãs citadas por Rosa (2008):

A gente foi morar ali na Vila Prado, porque minha tia conseguiu vir primeiro, conseguiu uma casa, e meus pais vieram e moraram junto. Mas aí, depois da Vila Prado a gente foi morar no Jardim Beatriz.⁶ Só que meus pais não arrumavam serviço, eles eram de idade, doentes, não tinham estudo. [...] nós fomos morar em uma casinha lá no Jardim Beatriz, só que eles não arrumavam serviço, e o aluguel pra pagar, estava acabando o dinheiro... aí a gente ouviu falar do Gonzaga. [Doraci, irmã de Sueli] [...] Eu fui... a terceira ou a quarta pessoa que morou no ‘Gonzaga’, eu vim parar no ‘Gonzaga’ através do próprio Gonzaga. [...] Como ele, a mulher dele trabalhavam na roça todos juntos, pegaram amizade com meu pai, com minha mãe [...] Então ele trabalhava na roça, a gente trabalhava na roça junto, aí nós fizemos um barraco lá, no ‘Gonzaga’. [...] Meu pai falou 'ah não, vamos mudar hoje mesmo. '...o próprio caminhão da roça trouxe a gente para cá. [Sueli] (p.49-50)

Salientamos que o Jardim Gonzaga começou a ser ocupado em 1977 e possui tal nome em decorrência de um dos primeiros moradores, Gervásio Gonçalves, ser conhecido como “Seu Gonzaga”. Nos primeiros anos de ocupação havia apenas algumas poucas famílias que chegaram até lá através de contato com o próprio “Seu Gonzaga”.

O espaço era um grande matagal, não havia nenhum tipo de infraestrutura para formação de um bairro, ou, até mesmo construção de casas. Todavia, com o passar dos anos a ocupação foi aumentando e em aproximadamente dois anos, já somavam um número próximo a quarenta famílias habitando o local. Esclarece Rosa (2008):

Pouco mais de três anos depois de iniciada a ocupação, os barracos já haviam se espalhado pela área, unindo as partes de cima e de baixo através de “trios” e becos, e a mesma começava a se “conectar” física e socialmente ao entorno. Em 1979, cerca de quarenta famílias já viviam no local, e não havia mais como “a cidade” ignorar a ocupação que ali se adensava: esse ano será o primeiro a ver emergir nas atas da Câmara Municipal e nos jornais “as favelas existentes nos Jardins Cruzeiro do Sul, Monte Carlo e Pacaembu” ou “as favelas do bairro de ‘Luís Gonzaga’”, numa primeira referência – ainda confusa - àquele que viria a ser o codinome do local (p.67).

Na década de 1980 os problemas se agravaram. O número de famílias havia crescido vertiginosamente. No Jardim Gonzaga ainda não havia sido instalada redes de distribuição de água. Esta, que era um problema individual dos poucos

moradores que iniciaram a ocupação, naquela década passava a ser um problema coletivo. Naquele contexto, ter água potável disponível para toda gente era uma das maiores lutas da população.

As famílias utilizavam fontes naturais para conseguir água. Para tanto, era necessário caminhar uma grande distância para baixo do “vale” para conseguir água de um riacho. O governo buscou se mobilizar, mas apropriando-se de medidas paliativas, com recursos normalmente utilizados em situações de calamidade pública. Assim, Rosa (2008) nos apresenta:

Em um primeiro momento, o poder público tentou minimizar possíveis conflitos, recorrendo a um recurso normalmente associado a situações de calamidade pública: a utilização de caminhões-pipa para abastecer de água a Favela [...] Em seguida, viriam as “torneiras públicas”, que aparecem frequentemente nas memórias dos moradores mais antigos como uma referência marcante do processo de consolidação do espaço da Favela. Em suas falas, as torneiras quase sempre são acionadas como marcos espaciais e temporais de uma determinada época e vivência, signos simultaneamente de conquista e precariedade (p.72).

A constante luta empregada pelos moradores e moradoras começou a dar visibilidade ao território. No ano de 1985 o bairro já somava um total de duzentos e cinquenta habitações, proporcionando um expressivo “adensamento da favela” (ROSA, 2008).

FIGURA 2 – Aumento exponencial do número de moradias



Fonte: Rosa (2008, p. 96).

A formação do bairro é marcada por conflitos e gestos de solidariedade de sua comunidade. Nesse sentido Rosa (2008) aponta:

Se, individualmente, a precariedade dos banheiros adquiria tais conotações, de forma mais ampla, com o crescimento da Favela a todo vapor, os banheiros aumentavam em número, com suas fossas e valas que, associadas ao esgoto que descia das redes recém-instaladas dos bairros vizinhos, geravam ainda mais problemas para os moradores como um todo. São frequentes as menções ao esgoto que corria a céu aberto, entre os barracos, pelos “trios” por onde os moradores circulavam, até chegar na “barroca”. A essa altura, o riacho e as minas onde os primeiros moradores costumavam buscar água já se encontravam contaminados, mas ainda era nesses espaços que cada vez mais homens, mulheres e crianças circulavam, lavavam e estendiam suas roupas, brincavam, ou seja, conviviam diariamente (p.88).

A necessidade de compartilhar a água, os trabalhos cooperativos para a limpeza dos matos e para a construção das habitações marcaram a caminhada compartilhada pela superação das adversidades que surgiam durante a convivência. A cada ano que passava a população crescia. Este crescimento desenfreado ocasionava novas situações limites.

FIGURA 3 – Convívio entre as pessoas em meio à ausência de saneamento básico.



Fonte: Rosa (2008, p. 97).

Com a crescente exposição da “favela do Gonzaga” os gestores municipais começaram a discutir possíveis soluções para esta problemática. Todavia, de acordo com Rosa (2008) a gestão pública, naquele contexto, não deixou de fazer “uso político da pobreza”. Assim, o processo de intervenção no bairro com vistas a solucionar os problemas do território não eram postos em pauta nas reuniões dos gestores municipais.

Somente no ano de 1986, após muitos imbróglis políticos, foi realizado o primeiro mutirão para a construção de casas de alvenarias, as chamadas “casinhas” pela população. Todavia, este processo também foi marcado por conflitos, dado que das duzentos e oitenta famílias que habitavam o território, apenas oitenta participariam deste primeiro mutirão (ROSA, 2008).

FIGURA 4 – Primeiro mutirão popular para construção de casas de alvenaria.



Fonte: Rosa (2008, p. 163-164).

A dinâmica de crescimento e ocupação ainda não havia encerrado seu ciclo. Mediante a desocupação das habitações que seriam substituídas por casas de alvenarias, ocorriam novas ocupações. Em algumas ocasiões as habitações irregulares

eram desmanchadas, destruídas. Ainda assim, eram construídas outras sobre os escombros da primeira.

No ano de 1990 foi realizada nova intervenção no bairro. Desta vez, sob o nome de “Urbanização” (ROSA, 2008). Foram realizadas obras de pavimentação das ruas, levando água encanada e energia elétrica para o bairro. Todavia, não foram realizadas obras de novas habitações. Mediante a esta situação, Rosa (2008) denuncia:

Executada como foi, “em tempo recorde”, não causa espanto que a urbanização tenha sido, como já dito, uma intervenção focada muito mais no que as obras representariam politicamente frente ao restante da “cidade”, do que em seus alcances efetivos e nos direitos dos moradores, acarretando, já em curto prazo, novas dificuldades para os mesmos, algumas das quais persistem até os dias de hoje (p.140).

FIGURA 5 – Obras de urbanização (1990). Ao fundo o “caminho de terra batida”.



Fonte: Rosa (2008, p. 168)

Entre 2004 e 2006 o citado bairro passou por transformações através do Projeto de Urbanização Integrado – Gonzaga e Monte Carlo, possibilitado a partir de financiamento viabilizado pela PMSC junto ao Programa Habitar Brasil do Banco Interamericano de Desenvolvimento (HBB-BID), cujo objetivo principal foi o de revitalizar áreas degradadas econômica e socialmente, como foi o caso do Jardim Gonzaga (SANTOS, 2008).

Destacaram-se nesta feita obras de infraestrutura (drenagem, rede de água e esgoto, pavimentação, iluminação e contenção de encostas), as de reestruturação

das casas e legalização daquelas em que os moradores já habitavam há mais de cinco anos (portanto, com direito de “usucapião”), a edificação de dois conjuntos habitacionais (pois várias construções se localizavam próximas de uma grande área de risco e de preservação ambiental, a saber: a bacia hidrográfica do Córrego da Água Quente, chamada pelos moradores locais de “buracão”) e da Estação Comunitária (ECO).

FIGURA 6 – Entrega de Estação Comunitária do Jardim Gonzaga (ECO) no final de 2005.



Fonte: Acervo de imagens do VADL.

Contudo, mesmo frente às transformações do bairro, a população daquele bairro continuou estigmatizada e, não raro, por exemplo, ouvimos depoimentos de pessoas que declaram morar em outros bairros, principalmente quando estão em situação de entrevista de emprego.

Ademais também observamos a luta na busca de melhoria das condições de vida que aquela população tem encampado. Algumas, inclusive, marcadas por grandes embates políticos e repletos de interesses que são, muitas vezes, alheios aos da população. Aponta Rosa (2008) que:

A proposta de urbanização esboçada na gestão anterior²¹ – a partir de demandas dos moradores da Favela – será modificada de acordo com

²¹ A referida gestão anterior, realizada entre os anos de 1985 à 1988, foi gerida pelo Senhor Prefeito Dagnone de Mello (o “Mello”, como era conhecido). No caso dos apontamentos feitos por Rosa (2008) a

as novas condições e interesses políticos do atual momento, determinadas significativamente pelas regras que regeriam tal convênio, que, afinal, nunca se concretizou. A começar pelo prazo estipulado para a urbanização: os seis meses anunciados inicialmente pela Prefeitura e os nove meses nos quais a intervenção foi efetivamente realizada correspondem exatamente aos cento e oitenta dias, prorrogáveis por mais sessenta, determinados pelas regras do convênio que se esperava firmar com a SEHAC. Inclusive a própria opção pela “urbanização” parece ter sido decorrente de tal perspectiva de convênio, o qual previa o financiamento de “lotes urbanizados” associados à construção de “embriões habitacionais” (ou “unidades sanitárias básicas”), determinando, de antemão, também os moldes e limites da intervenção (p.126).

Como podemos observar, a trajetória histórica do processo de formação do Jardim Gonzaga, local onde o projeto VADL é desenvolvido atualmente, também denuncia os reflexos da condicionalidade histórica encontradas, principalmente, onde há concentração da riqueza por pequenos grupos, sendo fator de geração de pobreza e marginalização.

Neste momento da pesquisa, o “3ºTempo”, continuaremos o processo de reconstrução da história para compreensão do contexto da pesquisa. Vamos agora proceder a um olhar mais detido acerca do VADL, buscando, inclusive detalhar o trabalho de levantamento do Tema Gerador realizado no ano de 2012.

Vivências em Atividades Diversificadas em Lazer (VADL).

O projeto de extensão Vivências em Atividades Diversificadas em Lazer (VADL) foi iniciado em 1999, como uma das ações do programa “Esporte para Cidadania”, do DEFMH da UFSCar. Os encontros eram semanais e as ações eram desenvolvidas dentro do próprio campus da citada instituição, com atenção voltada para crianças e adolescentes da comunidade sancarlense. Contemplando, também, a atuação junto aos filhos e filhas dos trabalhadores e trabalhadoras da própria Universidade.

Em sua trajetória histórica esse projeto de extensão tem desenvolvido ações junto a grupos empobrecidos ou socialmente marginalizados/ desqualificados. No ano 2000, o projeto de extensão extrapolou os limites geográficos do campus da UFSCar, iniciando atuação dentro da “Escola Estadual de Primeiro Grau Esterina

referida “atual gestão” era realizada pelo Senhor Prefeito Neurivaldo José de Guzzi (o “Vadinho”, como era chamado), cuja gestão iniciou no ano de 1989. Ademais, o citado convênio foi firmado com o Governo Federal através do Programa Mutirão Habitacional Comunitário – Subprograma Lotes Beneficiados da Secretaria Especial de Habitação e Ação Comunitária (SEHAC).

Placco”. Na ocasião atendendo a convite feito pela coordenadora pedagógica da citada unidade escolar.

No ano seguinte, em 2001, foi iniciada atuação junto à equipe de educadores e educadoras da “Casa Aberta” de São Carlos. Neste local eram atendidos/a adolescentes em situação de risco social. Neste mesmo ano a equipe do VADL recebeu convite, da então Chefe de Divisão de Esportes²² da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer (SMEL/PMSC), para desenvolver atividades junto a crianças e adolescentes com idade compreendida entre 7 e 14 anos que atuavam como “guardadores de carro” na região do centro comercial do Município de São Carlos. Para tanto, suas atividades passaram a ser desenvolvidas no Centro Integrado da Criança e do Adolescente (CICA) “Dário Placeres Cardoso Júnior”, instalado na região central.

A chegada do projeto de extensão VADL ao Jardim Gonzaga ocorreu em 2002, reafirmando a parceria com a SMEL e marcando uma nova, com a Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social (SMCAS). A mediação para essa nova parceria foi realizada pela Diretora Municipal²³ da SMCAS.

Com a chegada do projeto de extensão no bairro, ocorrida em 2002, as atividades passaram a ser desenvolvidas no “campo de terra batida”, bem como nas calçadas e ruas do bairro, que em sua maioria não eram pavimentadas. Nesta época, idos do ano de 2002/2003 o bairro periférico, com população marginalizada e empobrecida, ainda era conhecido como “Favela do Gonzaga”.

Em sua jornada, agora no Jardim Gonzaga, foi proposta uma perspectiva de trabalho colaborativo com a equipe de trabalho do projeto “Campeões na Rua”²⁴. Com esta inserção no Jardim Gonzaga o VADL passou a contar com a parceria dos profissionais de Educação Física que trabalhavam no projeto da SMCAS, qual compartilhavam a responsabilidade pelo desenvolvimento das atividades semanais com crianças e adolescentes participantes do VADL.

²² No ano de 2001, Valéria de Oliveira Vasconcelos era quem ocupava o cargo de Chefe de Divisão de Esportes.

²³ No ano de 2002, a equipe do VADL iniciou atuação no Jardim Gonzaga. Para tanto, Valéria Oliveira Vasconcelos, que havia transferido da SMEL para SMCAS, intermediou esta mudança de território do VADL, concretizando o convite para atuação naquele bairro.

²⁴ O projeto “Campeões na Rua” estava iniciando suas ações naquele mesmo ano, em 2002. Suas ações eram desenvolvidas junto às crianças e adolescentes moradores no Jardim Gonzaga e buscavam realizar o resgate de jogos e brincadeiras da cultura popular, bem como, a iniciação esportiva. As vivências eram desenvolvidas nas ruas, calçadas e campinho de terra batida através da ação de profissionais de Educação Física. A saber: Maria Aparecida Maia, José Adônis da Silva Junior e pela própria diretora da SMCAS Valéria de Oliveira Vasconcelos.

FIGURA 7 - Realização de vivências no “campinho” e nas calçadas de ruas do Jardim Gonzaga.

Fonte: Acervo de imagens do VADL

Dois anos depois do início das ações no bairro foram realizadas obras de infraestrutura que compreenderam desde pavimentação das vias, substituição de moradias precárias por casas de alvenaria e, até mesmo, a desocupação de moradias em área de risco. Possibilitando processos de ressignificação identitária da população mudando o modo de se referir àquele território, chamando-o de “Jardim Gonzaga” e não mais de favela.

Com o início das obras de (re)urbanização também foi iniciada a construção da Estação Comunitária do Jardim Gonzaga (ECO) no espaço do “campo de terra batida”. As atividades do VADL tiveram que ser deslocadas para o bairro Monte Carlo, no espaço da “Chacrinha”. Esta era assim chamada pelas crianças e moradores/as do Jardim Gonzaga. Tal espaço foi uma área de recreio particular, com o nome de São Jorge e que foi comprada pela prefeitura. Posteriormente, a área foi considerada de utilidade pública.

No ano de 2005, ainda com as obras da ECO por concluir, foram iniciadas as obras de construção do “Centro da Juventude Elaine Viviane” no espaço da

“chacrinha”. Mais uma vez foi necessário transferir o espaço onde eram realizadas as vivências do projeto de extensão. Passando a ser desenvolvidas no Centro Comunitário do Pacaembu, onde hoje temos instalado o Centro de Referência da Assistência Social (CRAS-Pacaembu).

Para a realização das atividades no Centro Comunitário do Jardim Pacaembu o grupo de crianças e adolescentes participantes foram divididos de acordo com suas faixas etárias, pois o novo espaço se mostrava pequeno para o número de participantes.

FIGURA 8 – Vivências na Chacrinha (fotos superiores) e no Centro Comunitário (fotos inferiores).



Fonte: Acervo de Imagens do VADL.

As obras de (re)urbanização do bairro seguiram seu curso. No início de 2006 foi concluída a construção da ECO. Este espaço é composto por uma quadra poliesportiva coberta, um minicampo de futebol, uma área de recreação infantil, três salas multiuso, uma área de convivência e uma Unidade de Saúde da Família (USF),

cozinha e banheiros masculino e feminino. Com efeito, foi possível concentrar as atividades do VADL neste local de maneira a desenvolver as atividades com todas as crianças e adolescentes juntas, não necessitando mais dividir as turmas.

FIGURA 9 – Vivências no “Minicampo” (esquerda) e na “quadra coberta” (direita) da ECO.



Fonte: Acervo de imagens do VADL.

Como podemos apresentar, as intervenções realizadas pelo VADL acompanharam a dinâmica de mudanças de espaço para intervenção (1999 - UFSCar; 2000 - EEPG Esterina Placo; 2001 - Casa Aberta; 2002-2012 - Estação Comunitária do Jardim Gonzaga) influenciando assim, em sua atuação.

Salientamos que desde sua inserção no Jardim Gonzaga, ocorrida em 2002, a equipe do projeto de extensão tem orientado sua prática a partir da perspectiva da Educação Popular (EP). Sendo as ações decorrentes objeto de estudo em diversos estudos e pesquisas de pós-graduação.

Em pesquisa realizada por Campos et. al. (2003) foram realizados importantes apontamentos no que tange as características socioeconômicas da população daquele território. Assim, questões como desemprego, exploração sexual infantil e tráfico de drogas foram elencadas. Contudo, dentre as contribuições apontadas colocamos em relevo questão da convivência entre pesquisador e/ou pesquisadora com a comunidade:

A partir de nossa presença no bairro percebemos muito claramente que realmente trazemos em nosso corpo e em nossos movimentos marcas do que somos e de onde viemos. Logo no primeiro dia, em visita ao bairro, foi possível observar, em um rápido olhar, a percepção deles sobre não pertencermos àquele “território” (este espaço construído social e culturalmente) e de como tanto o nosso olhar, quanto o deles apresentavam traços de estranhamento, que até hoje não sabemos se com a convivência se diluíram ou apenas provocaram uma mudança de enfoque (p.5).

Percebemos aqui a consonância com a proposição Oliveira (2009b) acerca do “convívio metodológico”. Nesse sentido a convivência desponta enquanto possibilidade para superação do estranhamento inerente ao movimento inicial de inserção.

Em 2005, Gonçalves Junior et. al. (2005), num contexto de mudanças decorrentes do processo de (re)urbanização do bairro, realizaram estudo sobre as percepções das crianças e adolescentes participantes dos projetos, bem como de seus pais ou responsáveis, sobre as mudanças de local de desenvolvimento das atividades; a expectativa com a (re)urbanização e a construção de equipamento específico de lazer no bairro. Assim, foi apresentada como considerações a expressiva preferência dos participantes do projeto e de seus responsáveis pelo espaço da “chacrinha” (antiga chácara de recreio adquirida pela PMSC após esta ser formalmente identificada como área de utilidade pública); grande expectativa com a urbanização do bairro e o futuro equipamento específico de lazer (a Estação Comunitária – ECO).

No estudo realizado por Santos et. al. (2007) foi possível o levantamento da condição socioeconômica das famílias das crianças que participaram do projeto de extensão e do estudo; a composição familiar das crianças e adolescentes que frequentavam o projeto; a identificação de processos educativos decorrentes da prática social do lazer.

Os autores também tecem considerações acerca da dificuldade que uma parcela dos colaboradores e colaboradoras da pesquisa apresentaram para se autoafirmarem enquanto negros. Para além deste anúncio, também foi pontada a ocorrência de outros processos educativos. Tais como: a presença de diálogo entre educadores/as e participantes no projeto; a participação voluntária de moradores/as nas ações do VADL; os educadores e educadoras se educando em comunhão com as crianças e adolescentes participantes; a atenção e cuidado dos mais velhos com os mais novos.

O estudo de dissertação de mestrado de Santos (2008), intitulado “Ludicidade, Animação Cultural e Educação: um olhar para o projeto ‘Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer’”, desvelou processos educativos decorrentes da prática do lazer nos diferentes espaços de convivência. Assim, foram apresentados: o aprender brincando, a vivência lúdica diversificada, a autonomia na decisão e forma de fruição do lazer, o afeto e a sensibilidade, o trabalho coletivo, o respeito e a solidariedade para com o outro, a afirmação étnico-racial, o respeito e a interação com o meio ambiente, o incentivo à leitura e à escrita, as aprendizagens em diferentes espaços, o comprometimento entre os participantes, educadores e familiares. Tendo destaque à relação de convivência entre gêneros, criança-criança e criança e educador.

Lage (2009) trouxe em sua dissertação de mestrado, sob o título de “Lutas e Brincadeiras: processos educativos envolvidos na prática de lutar”, outras contribuições, ao desvelar na fala dos participantes o reconhecimento e valorização da própria cultura; a valorização aos saberes de experiência; o sentir/perceber/aprender a diversidade cultural pela vivência em grupo respeitando a si e ao Outro e, por fim, a importância em ser persistente e de não esmorecer diante das adversidades colocadas pela vida.

No ano de 2009, o VADL, junto com sua comunidade participante, foi contemplado com o "Prêmio Nike Esporte Pela Mudança Social", organizado pela Universidade Solidária (UniSol). Nesta ocasião o projeto recebeu um aporte financeiro que foi utilizado para a compra de materiais e de equipamentos, bem como para o pagamento/contratação de novos/as estudantes bolsistas, ampliando a equipe de trabalho.

A partir da premiação foram inseridos/as na equipe do VADL discentes da área da Música, Biblioteconomia e Pedagogia, para além da área da Educação Física, que já atuava no projeto. Possibilitando uma ampliação do quadro pedagógico e da ação interdisciplinar. A partir de então, a equipe de educadores/as tem buscado aperfeiçoar a sistematização do trabalho de levantamento dos “Temas Geradores” (FREIRE, 2003) e conseguinte desenvolvimento deste(s) com as crianças e adolescentes participantes do VADL.

No segundo semestre de 2009, foi realizada pela primeira vez entrevistas com a comunidade participante com vistas a realizar o levantamento dos Temas Geradores. Assim, foram entrevistadas as crianças e adolescentes participantes,

seus/suas respectivos/as responsáveis e os/as educadores/as que atuavam no espaço da ECO.

FIGURA 10 – Vivências no “Minicampo” (esquerda) e na “quadra coberta” (direita) da ECO.



Fonte: Acervo de imagens do VADL.

Após as entrevistas foi realizada a tabulação de seus dados culminando com a eleição do Tema Gerador “Respeito” no segundo semestre de 2009. Desta forma, diante do interesse da comunidade participante, apontados a partir dos dados entrevistas, foram desenvolvidas atividades com o tema “Respeito” por todo o ano de 2010 e primeiro semestre de 2011.

Em estudo realizado por Carmo e Gonçalves Junior (2010), que buscou compreender os processos educativos envolvidos na prática educativa desenvolvida pelos educadores e educadoras do VADL, foi desvelada a importância dada pelos educadores e educadoras aos aprendizados que eles/as haviam colhido durante suas participações no VADL, evidenciando a satisfação com emprego de tal metodologia e, ao mesmo tempo, a dificuldade de praticar uma educação pelo diálogo.

Um novo trabalho de eleição temática foi realizado no início de 2011. Todavia, enquanto o novo tema não era eleito, a equipe seguia desenvolvendo atividades com o tema do ano anterior. Desta forma, em 2011, foram eleitos os temas “Saúde e Autoestima”.

Ao analisar a dinâmica de eleição dos Temas Geradores, salientamos que no VADL os momentos de investigação, tematização e problematização não são estanques, dissociáveis e compartimentados. Assim, a cada início de ano era realizado um novo levantamento temático. Neste ínterim, enquanto um tema ia sendo levantado, trabalhava-se à luz do tema anterior, ou, até mesmo, trabalhando a partir de uma pré-análise do novo tema em processo de levantamento.

Sobre este aspecto Gonçalves Junior (2009) comunica que os momentos de eleição dos temas geradores de “Investigação Temática”, “Tematização” e “Problematização”, são equiprimordiais e inter-relacionados. Nas palavras do autor:

Investigação temática – descobrir o que as pessoas da comunidade já sabem, que leitura fazem do mundo e qual assunto/temática lhes afeta e interessa (proporcionam tema gerador). Descobrir o que sabem aprimorarmos juntos os conhecimentos, educando e nos educando, partindo do *saber de experiência feito*.

Tematização – o educador é aquele que incentiva e motiva a partir da palavra, do tema gerador. O diálogo se faz necessário para percebermos posturas, posições, pontos de vista distintos, modos de perceber o mundo, e, de modo igualitário, compartilhar conhecimentos.

Problematização – momento do engajamento, do compromisso emancipador solidário daquele conhecimento, da construção-reconstrução do mundo lido, da transformação das condições de vida, da libertação (p.705).

No primeiro semestre de 2011 foi realizado novo levantamento temático com sua conseguinte tabulação de dados. Esta foi realizada pelos educadores/as do VADL, culminando com a eleição dos Temas Geradores “Saúde e Autoestima”, sendo desenvolvido durante o segundo semestre de 2011 e primeiro semestre de 2012.

Com vistas a apontar para um panorama geral, apresentamos o “Quadro – 2: Temas Geradores no VADL” contendo uma visão global e sintetizada do desenvolvimento dos Temas Geradores eleitos, bem como os respectivos anos/períodos de seu desenvolvimento.

QUADRO 2 – Temas Geradores e seus períodos de desenvolvimento no VADL.

Tema(s) Gerador(s)	Período em que foi desenvolvido
Respeito	<ul style="list-style-type: none"> • 2º semestre de 2009 (levantamento) • 1º semestre de 2010 (desenvolvimento) • 2º semestre de 2010 (desenvolvimento) • 1º semestre de 2011 (desenvolvimento)
Saúde e Auto Estima	<ul style="list-style-type: none"> • 1º semestre de 2011 (levantamento) • 2º semestre de 2011 (desenvolvimento) • 1º semestre de 2012 (desenvolvimento)

Na busca por compreender as ações do projeto de extensão VADL procuramos informações acerca do marco teórico que tem subsidiados as ações dos educadores e educadoras do referido projeto junto à comunidade participante.

Na base de dados da Pró-Reitoria de Extensão (ProEx) o professor responsável pelo VADL anuncia os principais eixos que embasam as vivência em campo. Assim, de acordo com Gonçalves Junior (2011), o VADL realiza ação junto a crianças e adolescentes entre 3 e 17 anos, tendo, como objetivo geral, “[...] desenvolver a educação *para e pelo* lazer”. E continua, apresentando que o referencial do VADL é embasado “[...] na perspectiva da motricidade humana (Manuel Sérgio; Sergio Toro), na fenomenologia existencial (Maurice Merleau-Ponty; Joel Martins) e na pedagogia dialógica (Paulo Freire)” (s/p).

Após a apresentação do histórico do VADL, bem como do referencial teórico que tem sustentado suas práticas de EP, passaremos agora para a análise mais detida das ações realizadas no ano de 2012, período no qual buscamos inserção junto à comunidade participante para a realização da presente pesquisa, incluindo levantamento do tema gerador para o período.

Recuperação do processo vivido: O levantamento temático realizado em 2012

A partir da compreensão da relação de complementaridade entre Sistematização de Experiências e Pesquisa Participantes, apontada durante a apresentação da nossa metodologia, no “2º Tempo”, buscamos inserção junto à equipe do VADL e compartilhamos a experiência de sua práxis dialógica de levantamento do Tema Gerador em 2012. Passaremos agora a apresentação e análise de como foi realizado este processo.

De acordo com a EP, de orientação freireana, o diálogo é o princípio fundante de estarmos sendo-uns-com-os-outros-no-mundo. Esta relação nos conduz a um processo de leitura de mundo capaz de permitir o desvelamento das situações limites, da identificação dos fatores que condicionam e cerceiam nossa vocação histórica em “ser mais” (FREIRE, 2003, p. 42).

É importante salientar que se diálogo com o Outro inaugura o processo educativo, a eleição do conteúdo programático não deverá ocorrer de maneira anterior a ele. Assim, Freire (2003) salienta:

Numa visão libertadora, não mais bancária da educação, o seu conteúdo programático já não involucra finalidades a serem impostas ao povo, mas, pelo contrário, porque parte e nasce dele, em diálogo com os educadores, reflete seus anseios e esperanças. Daí a investigação da temática como ponto de partida do processo educativo, como ponto de partida de sua dialógicidade (p.102-103).

Ao proceder à investigação temática procuramos, num primeiro momento, identificar as situações limites vividas pela comunidade participante. Neste processo, quanto mais aprofundámos na reflexão acerca do nosso mundo-vida, mais nos percebemos imersos em uma realidade que antes não percebíamos. Tal percepção possibilita a emersão da consciência de classe, do reconhecimento do nosso condicionamento, das contradições vividas, e da nossa “situacionalidade” (FREIRE, 2003).

Durante o processo de conscientização, momento na qual ocorre o engajamento e compreensão da qualidade de estar sendo-uns-com-os-outros-ao-mundo, vivendo em meio às assimetrias sociais, começa a ocorrer um movimento de movimento de afastamento/descolamento com a situação limite, do que-fazer do opressor, de maneira a permitir a realização de uma análise crítica da realidade concreta, com vistas a transformá-la. De acordo com Freire (2003):

Esta reflexão sobre a situacionalidade é um pensar a própria condição de existir. Um pensar crítico através do qual os homens se descobrem em “situação”. Só na medida em que esta deixa de parecer-lhes uma realidade espessa que os envolve, algo mais u menos nublado em que e sob que se acham, um beco sem saída que os angustia e a captam como a situação objetivo-problemática em que estão, é que existe o engajamento. Da imersão em que se achavam, emergem, capacitando-se para se inserirem na realidade que se vai desvelando (p. 101-102)

Para proceder ao levantamento do tema gerador procuramos construir com a população uma relação de empatia, de escuta atenta e de confiança. Para tanto, nós, educadores e educadoras, estabelecemos diálogos com os/as participantes no qual buscávamos conhecer melhor o dia a dia dos/as participantes, o que as pessoas gostavam de fazer em seus momentos de lazer, qual era o significado do projeto para elas, bem como, qual o tema ou assunto que deveria ser desenvolvido no projeto. Com relação a este aspecto da investigação, Freire (2003), nos orienta:

Tanto quanto a educação, a investigação que a ela serve, tem de ser uma operação simpática, no sentido etimológico da expressão. Isto é, tem de constituir-se na comunicação, no sentir comum uma realidade que não pode ser vista mecanicistamente compartimentada, simplistamente bem “comportada”, mas, na complexidade de seu permanente vir a ser (p.100-101).

Estes diálogos para a realização do levantamento temático foram registrados nos Diários de Campo (DC) do projeto VADL. Em cada encontro um educador era responsável pela escrita/registro deste diário. Contudo, é importante salientar que sendo o diário de campo um documento do projeto VADL, as anotações eram feitas de forma coletiva. Para tanto, ao final de cada encontro era realizada uma roda de conversa entre os educadores-bolsistas. Neste momento os comentários e percepções emergentes das vivências, bem como as falas mais significativas do momento de levantamento temático eram registradas. Garantindo, assim, o registro do(s) tema(s) indicado(s).

Durante o levantamento temático observamos que houve momentos em que o diálogo com as crianças participantes ocorreram de maneira reservada/particular, ou seja, afastada do grupo. Todavia, também houve momentos em que a investigação foi realizada próximo, ou até mesmo, junta as outros/as participantes. Ambos os casos aparecem descritos e identificados nos DC.

As atividades do VADL acompanharam o calendário acadêmico da UFSCar em 2012. A equipe responsável por dialogar com a comunidade participante

para a realização do levantamento temático foi composta por três estudantes. A saber: Um do curso de Educação Física²⁵, um do curso de Música²⁶ e um estudante de pós-graduação²⁷.

Apresentamos o “Quadro 3 – Relação dos Educadores e Educadoras Participantes” identificado com nomes fictícios²⁸, e suas respectivas funções na equipe de educadores/as que atuaram no VADL em 2012.

QUADRO 3 – Relação dos Educadores e Educadoras Participantes.

Educador/a	Função	Instituição
Rubens	Professor de Educação Física	SMCAS/PMSC
Erika	Professora de Educação Física	SMCAS/PMSC
Odilon	Controlador de Acesso	SMCAS/PMSC
Roberta	Faxineira	SMCAS/PMSC
Renata	Monitora de Culinária	SMCAS/PMSC
Mad	Estudante de Música	UFSCar
Micuim	Estudante de Educação Física	UFSCar
Luiz	Prof. Orientador PPGE/Coordenador do VADL	UFSCar
Maurício	Pesquisador/PPGE	UFSCar

Outros educadores/a vinculados/as à UFSCar também compuseram a equipe, porém suas participações não estiveram diretamente ligadas a realização do levantamento dos Temas Geradores. A saber, foram uma estudante-bolsista do curso de Biblioteconomia²⁹, o professor coordenador³⁰ do VADL e uma professora³¹

²⁵ Bolsista ProEx vinculado ao Departamento de Educação Física e Motricidade Humana da UFSCar.

²⁶ Bolsista ProEx vinculado ao Departamento de Arte e Educação da UFSCar.

²⁷ Maurício Mendes Belmonte. Pesquisador responsável pela presente pesquisa vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar na linha de Práticas Sociais e Processos Educativos.

²⁸ Na presente pesquisa somente dois nomes reais foram mantidos. A saber: o do Professor Orientador/Coordenador do VADL, Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior e do Pesquisador/Estudante de Pós-Graduação Maurício Mendes Belmonte. Os demais colaboradores e colaboradoras tiveram seus nomes alterados com vistas a cumprir com os preceitos éticos da pesquisa.

²⁹ Bolsista do Núcleo Multidisciplinar e Integrado de Estudos, Formação e Intervenção em Economia Solidária (NuMI-EcoSol). No período da pesquisa a estudante se dedicou à organização, classificação e catalogação dos livros que irão compor a “Biblioteca Menino Maluquinho”.

³⁰ Professor Coordenador do Projeto de extensão e Orientador da presente pesquisa. Vinculado ao Departamento de Educação Física e Motricidade Humana e ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar.

³¹ Professora colaboradora na orientação das ações com arte educação e musicalização. Vinculada ao Departamento de Artes e Comunicação da UFSCar e ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSCar.

colaboradora do curso de Música. Este grupo de pessoas citados aqui formou a equipe da UFSCar.

Numa perspectiva colaborativa com a SMCAS/PMSC, o VADL em 2012 também contou com a participação de outros/as educadoras. Estes/as contribuíram de diversas formas para o desenvolvimento do projeto neste ano. Foram eles/as: Faxineira, Monitora de Culinária, Controlador de Acesso, Profissionais de Educação Física.

O trabalho de investigação temática realizado em 2012 foi iniciado no mês de Maio. De maneira concomitante à inserção dos pesquisadores para a realização da presente pesquisa. Garantindo o acompanhamento do processo na íntegra.

No ínterim entre o levantamento temático e sua conseguinte conclusão, que ocorreu em Outubro de 2012, foram desenvolvidas atividades que mantinham relação com temas elencados no ano anterior (2011), a saber: “Saúde e Autoestima”.

Ao nos debruçarmos sobre o processo de levantamento do Tema Gerador realizado pela equipe do VADL notamos uma ressonância entre a proposição de Gonçalves Junior (2009, p. 705), ao apontar para o momento da “investigação temática”, com a proposição da “descodificação”, realizada por de Freire (2003). Nas palavras deste autor:

Em suas visitas os investigadores vão fixando sua “mirada” crítica na área em estudo, como se ela fosse, para eles, uma espécie de enorme sui-generis “codificação” ao vivo, que os desafia. Por isto mesmo, visualizando a área como totalidade, tentarão, visita após visita, realizar a “cisão” desta, na análise das dimensões parciais que os vão impactando. [...] Na etapa igualmente sui generis descodificação, os investigadores ora incidem sua visão crítica, observadora, diretamente sobre certos momentos da existência da área, ora o fazem através de diálogos informais com seus habitantes (p.104).

Gonçalves Júnior (2009) e Freire (2003) apontam que o primeiro momento do levantamento temático é fortemente caracterizado pelo processo de descodificação e conhecimento da realidade concreta. Durante o levantamento temático realizado no VADL, mediado pelo diálogo, possibilitou para os educadores/as uma imersão na realidade concreta, ampliando suas percepções acerca do contexto na qual circunscrevia as ações do projeto. Desta maneira, durante os diálogos os/as participantes

anunciavam seus interesses temáticos, como podemos destacamos no trecho a seguir, retirado do DC-VI³²:

Com relação à indicação de temas para desenvolvermos com as crianças do VADL, João, pai de Ninja, disse a Max que deveria ser desenvolvida “Educação reforçando o respeito na convivência”. E ainda indagou: “Se não tiver respeito um com o outro, como conseguir educar eles?”.

Ao iniciarmos a análise dos DC identificamos asserções que apontavam para o interesse da comunidade no desenvolvimento de temas como: “Relações familiares”, “Folclore”, “Educação Escolar”, “Respeito”, “Saúde”, “Comunidade”; “Cuidar do meio ambiente”; “Drogas”; “Sexualidade”; “Brincar”; “Falar sobre o Futuro/Sonhos”; “Esporte/luta/dança/Ginástica”; “Relações de Gênero”; “Dar outras Referências/Aprender fora do bairro”; “Cidadania”; “Convivência”; “Conversar sobre dança”; “Felicidade”; “Aprender a comer com a boca fechada”; “Pra gente ficar bonita”; “Não soube dizer”.

Após a identificação dessas asserções foram novamente consultados os DC do VADL com vistas a buscar uma melhor compreensão acerca dos apontamentos que indicavam tais temas geradores. Foi possível então, realizar a “redução” e o conseguinte agrupamento entre as asserções que apontavam para temas convergentes, ou, até mesmo, iguais. Com relação ao processo de “redução”, Freire (2003) nos orienta:

A sua última etapa se inicia quando os investigadores, terminadas as decodificações nos círculos, dão começo ao estudo sistemático interdisciplinar de seus achados [...] Estes temas devem ser classificados num quadro geral de ciências, sem que isto signifique, contudo, que sejam vistos, na futura elaboração do programa, como fazendo parte de departamentos estanques (p.114).

Logo adiante apresentamos o “Quadro 4 – redução temática em 2012”. Neste, procuramos apresentar de maneira didática o processo intersubjetivo de articulação dos apontamentos temáticos dos/as participantes com a compreensão dos educadores da UFSCar, sintetizados a partir da busca, análise e identificação de estruturas comuns entre os diversos apontamentos dos/as participantes.

³² Leia-se “Diário de Campo seis”. Assim, ao longo do texto apresentamos a abreviação DC para representar “Diário de Campo”, seguido de números romanos indicando a ordem cronológica dos DC.

QUADRO 4– Redução Temática em 2012.

Redução	Indicações temáticas pela comunidade participante	
Respeito	<ul style="list-style-type: none"> • Relações familiares; • Comunidade • Cuidar do meio ambiente; • Fala sobre o Futuro/sonhos • Dar outras Referências/Aprender fora do Bairro 	<ul style="list-style-type: none"> • Relações de Gênero • Cidadania, • Convivência • Aprender a comer com a boca fechada • Felicidade • Respeito
Saúde	<ul style="list-style-type: none"> • Saúde • Sexualidade 	<ul style="list-style-type: none"> • Drogas • Pra Gente ficar bonita
Educação Escolar	<ul style="list-style-type: none"> • Educação Escolar 	
Conteúdos	<ul style="list-style-type: none"> • Folclore • Brincar 	<ul style="list-style-type: none"> • Esporte/Luta/Ginástica • Conversar sobre Dança

O "Quadro 4" buscou sintetizar as indicações de temas e sua conseguinte redução, que, na ocasião foram chamados de "pré-temas", por se trata de uma tematização que ainda necessitava do crivo da comunidade participante.

Ainda investigando a eleição temática de 2012, identificamos que houve um terceiro momento. Neste, a equipe voltou a campo e apresentou suas compreensões para a população. Para tanto, foi realizada uma reunião noturna na data do dia 15 de Outubro de 2012. O agendamento desta data e período foi sugerido pelos educadores/as funcionários/as da SMCAS.

O mote para a citada reunião foi promover efetivação da eleição do Tema Gerador de 2012. Para tanto, contou com a participação de alguns/mas responsáveis³³ que estavam acompanhados/as por seus filhos/as, participantes do VADL. Nesta ocasião também participaram da reunião a educadora Erika e os educadores Mad e Maurício, como foi registrado no DCXVIII:

Com ajuda de Erika e Mad, expusemos que numa análise meramente quantitativa, e considerando um agrupamento que apresentava uma

³³ Para a reunião noturna estavam presentes os/as seguintes responsáveis e seus/suas respectivas crianças: Carmô (mãe de Paulinho e Mano Brow), Kely (mãe de Camilinha), João (Pai de Karatê e Ninja), Lucy (Mãe de Danilo), Aninha (mãe de Batman e Neymar), Preta (Mãe do Ronaldo), Marilena, (Mãe de Balotelli e Samanta) e outros responsáveis nas quais não possuímos o TCLE.

ordem decrescente de número asserções, primeiramente apareceu os pré-temas afetos e convergentes a um grande tema, a saber: **Respeito** (“Relações Familiares”, “Respeito”, “Comunidade/Cuidar do Meio Ambiente”, “Falar sobre Futuro/Sonhos”, “Relações de Gênero”, “Dar Outras Referências/Aprender Fora do Bairro”, “Cidadania”, “Convivência”, “Felicidade”, “Aprender a Comer com a Boca Fechada”) [...] Em seguida foram feitos apontamentos para uma convergência com o tema Saúde (“Saúde”, “Drogas”, “Sexualidade”, “Pra Gente Ficar Bonita”) que vinha seguido por um pré-tema único, a Educação Escolar. Por fim, e com um número total menor de asserções surgiram as indicações que convergiam para o tema “Conteúdos” (“Folclore”, “Brincar”, “Esporte/Luta/Ginástica” e “Conversar sobre Dança”).

FIGURA 11 – Reunião noturna realizada na ECO (em 15/10/2012) para eleição do Tema Gerador.



Fonte: Acervo de imagens do VADL.

Durante este encontro, após a apresentação dos “pré-temas”, os/as participantes da reunião foram estimulados, a partir de problematizações, a esclarecer alguns pontos/temas sobre os quais os/as educadoras tinham dúvidas. Após os esclarecimentos foi necessário fazer um novo arranjo dos “pré-temas” culminando com

a efetiva eleição do Tema Gerador “Convivência”, como aponta a esta passagem do DC-XVIII:

Em conversa com a população foi percebido a relação de interdependência entre muitos dos temas indicados. Algumas pessoas compreendiam essa convergência para além dos “pré-temas”. Assim após dialogarmos com as pessoas presentes e buscando respeitar aquilo que emergiu da análise dos diários de campo, elegemos, de maneira consensual, que a melhor configuração temática seria a eleição do tema **Convivência**, por compreendermos que a partir do desenvolvimento de tal tema seria possível contemplar de maneira adequada os interesses da comunidade participante (crianças participantes, responsáveis, funcionárias/os da ECO e equipe pedagógica do VADL). Fomentando e promovendo, desta forma, a reflexão acerca de alguns eixos: “Respeito”, “Relações familiares”, “Comunidade e meio ambiente”, “Relações de gênero”, “Relações interetárias”, “Relações e interétnicas”, bem como “Convivência Escolar”.

Num olhar mais detido ao processo de levantamento temático, também identificamos que em 2012 ocorreu a indicação de “temas dobradiças” (FREIRE, 2003). Estes arremetem à temas apontados pelos/as educadores/as, mediante a compreensão da necessidade de sua inclusão. Acerca do tema dobradiça Freire (2003) pondera:

A introdução destes temas, de necessidade comprovada, corresponde, inclusive, à dialogicidade da educação, de que tanto temos falado. Se a programação educativa é dialógica, isto significa o direito que também têm os educadores-educandos de participar dela, incluindo temas não sugeridos. A estes, por sua função, chamamos “Temas dobradiças” (p.115-116).

Como exemplo, apresentamos a indicação do educador Maurício que sugeriu, em ocasião de levantamento temático realizado com os educadores/as, o desenvolvimento dos temas “Relações de Gênero” e “Educação Escolar”. Nesse sentido, destacamos do DC-XIII a seguinte asserção:

Maurício também indicou dois temas. A saber: “importância da escola na vida das pessoas”, e a “relação entre os gêneros”. Diante da indicação deste último tema o educador justificou estar preocupado com a construção do papel e da identidade da mulher naquela comunidade, pois à elas tem sido delegado o papel de educar as crianças, os cuidados com a casa, bem como uma aparente posição subalterna em sua relação com o homem .

Nesta ocasião o tema "Relações de Gênero" também havia sido indicado pela educadora Érica, em ocasião de diálogo para levantamento temático.

A realização da reunião noturna possibilitou à equipe do VADL realizar uma releitura dos “pré-temas”, desta vez, junto com a população. Assim, após esclarecimentos e ajustes e deliberações foi eleito como Tema Gerador de 2012 a “Convivência” buscando contemplar vivências e discussões acerca de: Relações de Gênero, Relações interetárias, Relações interétnicas e Convivência Escolar. Dada a relevância indicada pela própria população.

Após apresentar o processo de levantamento temático realizado em 2012 daremos início ao “4º Tempo”. Para tanto, procuramos explicitar a relação de interdependência e complementaridade existente entre os cinco tempos da pesquisa, realizando uma sucinta (re)apresentação dos aportes de inspiração fenomenológica para realização da análise, síntese e interpretação crítica do processo vivido, preconizadas no “momento seguinte”.

4º TEMPO: reflexão de fundo

Procedimentos para análise dos dados

Seguindo a perspectiva do método de Sistematização de Experiências, e a sua conseguinte adequação na presente pesquisa, iniciaremos agora o “4º Tempo”. Todavia, é importante ressaltar que, de acordo com o que apresentamos na seção metodologia, buscamos inspiração na fenomenologia para proceder à “reflexão de fundo”, momento na qual ocorre a reconstrução, classificação e ordenação das informações com vistas a analisar, sintetizar e interpretar criticamente o processo vivido (JARA-HOLLIDAY, 2006, p.73).

Com a apresentação do presente tópico, “Procedimentos para análise dos dados”, procuramos possibilitar um olhar ampliado acerca da consonância e integração entre os métodos de Sistematização de Experiências com aportes da fenomenologia existencial.

Para a concretização desta etapa da pesquisa foi realizado a análise dos registros constantes nos 23 Diários de Campo (DC) do projeto de extensão VADL. O período analisado compreende o período de nossa inserção. Portanto, entre os meses de maio de 2012 a dezembro de 2012. Ressaltamos que a participação na experiência é uma premissa da perspectiva metodológica da Sistematização de Experiências.

Em acordo com Bogdan e Biklen (1994) os DC envolvem aspectos descritivos e reflexivos. Os aspectos descritivos registrados pelos/as pesquisadores/as podem englobar: retratos dos sujeitos (incluindo sua aparência, roupas, falas, ações); reconstruções do diálogo (as conversas e os gestos, expressões faciais); descrição do espaço físico (através de desenhos ou mesmo descrições das mobílias, piso, paredes, pintura); relatos de acontecimentos particulares (caso ocorram e sejam pertinentes); descrição das atividades (incluindo as atitudes dos participantes); comportamento do/a observador/a (considerando-se a si próprio, suas atitudes, suas suposições e tudo que possa afetar a coleta dos dados). Já a parte reflexiva envolve: reflexões sobre o método; reflexões sobre conflitos e dilemas éticos; reflexões sobre o ponto de vista do observador e pontos de clarificação.

A realização de diversas leituras dos DC permitiu a identificação dos elementos centrais contidos nos relatos dos/as participantes, à luz do fenômeno

investigado. A percepção de tais elementos permite a emersão e identificação das Unidades de Significado (US), utilizando para isso análise inspirada na fenomenologia (BICUDO; ESPÓSITO, 1994; GARNICA, 1997; GONÇALVES JUNIOR, 2008; KLUTH, 2011). Nas palavras de Martins e Bicudo (1989):

[...] como é impossível analisar um texto inteiro simultaneamente, torna-se necessário dividi-lo em unidades. [...] as unidades de significado são discriminações espontaneamente percebidas nas descrições dos sujeitos quando o pesquisador assume uma atitude psicológica e a certeza de que o texto é um exemplo do fenômeno pesquisado. [...] As unidades de significado [...] também não estão prontas no texto. Existem somente em relação à atitude, disposição e perspectiva do pesquisador (p. 99).

Na presente pesquisa as US foram destacadas e sublinhadas para facilitar sua visualização. Outro elemento utilizado para sua identificação foi a inserção de numeração arábica crescente (1, 2, 3...), logo ao final da frase que a compõe.

Salientamos que, ao procedermos a tal identificação, foram observadas proposições convergentes, possibilitando o agrupamento das US. Este movimento de aproximação entre elas possibilitou a formação de categorias temáticas para análise dos dados. Já os DC foram identificados em ordem cronológica crescente por algarismos romanos (I, II, III...).

Para a formação de categorias, foi realizada a redução fenomenológica. Para tanto, confeccionamos “Matriz Nomotética (Quadro 5)³⁴. As categorias foram identificadas e apresentadas por letras maiúsculas (A, B, C,...), além de nomeadas com título que representou o conjunto de dados em apreciação na mesma.

Com vistas a facilitar o processo de leitura e compreensão, rerepresentamos que, durante a análise dos dados, quando surgir a sigla DCII-1, por exemplo, refere-se ao “Diário de Campo dois, unidade de significado um”.

A presente apresentação acerca dos aportes da fenomenologia, ainda que pareça sucinta procurou pôr em relevo o processo de análise, sintetize e interpretação crítica do processo vivido, bem como as aproximações do método de Sistematização de Experiências com o método de análise inspirado na fenomenologia existencial.

Apresentamos, logo adiante, a Matriz Nomotética. Na coluna da esquerda estão identificados cada um dos 23 DC analisados. Já na linha superior (primeira linha)

³⁴ Salientamos que a Matriz Nomotética não procura apresentar dados estatísticos, embora possa ser possível tal observação, sua intencionalidade primeira é de realizar o movimento de convergência e agrupamento entre as US encontradas nos registros dos DC, analisadas à luz do objetivo da pesquisa.

da tabela foram indicadas as Categorias (A, B e C). A partir da segunda linha podemos visualizar as US que convergiram para composição de cada uma das categorias que emergiram no processo de reconstrução crítica da práxis do VADL, vivido no ano de 2012.

QUADRO 5 – Matriz nomotética.

Diário de Campo \ Categoria	A Corporeidade do exemplo	B Boniteza da Amorosidade	C Superando os conflitos a partir do diálogo
I	2; 3; 8	1; 4; 5; 6; 7	
II	3;	1; 2; 7	4; 5; 6
III		1; 2; 3; 4; 5; 7; 8	6
IV	2; 5;	1; 3; 4; 6	7
V	5	1; 2; 4	3
VI		2; 3; 5	1; 3; 4
VII	1; 2; 3; 7	4; 5; 6; 8	
VIII		1; 2; 3	
IX	3; 4; 5; 6	1; 2	
X	3; 4; 6	1	2; 5
XI	1	2; 3	4
XII	1; 3; 5	2; 4	
XIII	5	1; 2; 3; 4	
XIV		1; 2; 3; 5	4
XV	2; 3	1; 5	4
XVI		1; 2; 3; 5	4
XVII		1; 3; 4; 5; 6; 7	2
XVIII		1; 2; 3;	
XIX		1; 2; 3	
XX	2; 4	1; 3; 5	
XXI		1; 3; 4; 5; 6; 7; 8; 9; 10; 11; 12; 13; 14	2
XXII	2; 3; 4	1	5; 6; 7; 8
XXIII	4	1; 2; 3; 5	
XXIV	6; 7	1; 2; 3; 4; 5; 8; 9; 10; 11; 12; 13; 14	

Emerção de categorias: desvelando os processos educativos

A - Corporeidade do exemplo

O projeto de extensão VADL apresenta em seu referencial teórico a perspectiva dialógica de orientação freireana. Durante a análise dos DC nos foi revelado

que a ação em campo, implementada pelos educadores e educadoras do projeto, buscaram contemplar tal fundamentação. Igualmente, a prática educativa do VADL tem permitido um movimento práxis dialético, cujo próprio mundo-vida da comunidade participante é mote de diálogo durante a realização dos encontros:

Notamos que as crianças compreendem a importância da realização de ações de cuidado com a praça. Nesse sentido, comentamos que é preciso que cobremos do poder público uma manutenção preventiva periódica, pois, nos parece inegável que a ação do tempo tem provocado uma grande deterioração dos equipamentos. Ademais, as praças de regiões centrais recebem um cuidado diferenciado daquelas situadas em bairros periféricos e/ou empobrecidos. Demos alguns exemplos como a “a Praça Coronel Sales”, ou, “a Praça da Fonte” que fica em frente a Catedral (na avenida São Carlos). Explicamos para os participantes que nestes espaços tem funcionários quase que diariamente. Nesse momento Karatê comentou apresentando certo descontentamento: “Oloco, lá tem um cara que fica todo dia cuidando de lá?”. Maurício lhe respondeu que sim. Percebemos que o descontentamento do participante foi notar o tratamento diferenciado que há entre uma praça da região central e outra de um bairro periférico. Também comentamos o mau uso do espaço. Por exemplo: a quantidade de lixo jogada no chão, porém, de imediato Neymar falou: “Mas professor! Não tem lixeira!” Foi então que Micuim respondeu: “Mas Neymar, se não tem lixeira não significa que a gente deve sujar. Pois, os únicos prejudicados somos nós mesmos que queremos usar a praça para brincar, ir com a família. O que não podemos é sujar mais. Temos que pedir para a prefeitura colocar mais lixeira lá. Não está certo não ter uma lixeira” (DCIX-3).

O desenvolvimento de algumas vivências contou com a problematização de situações existenciais, facilitando a visualização, encorajando a reflexão:

Na praça, durante a roda de conversa, perguntamos para as crianças como poderíamos cuidar da praça para que ela fosse um bom espaço para utilizarmos. Nos chamou atenção o comentário de Samanta na qual sugeriu a colocação de cartazes ou placas com mensagens para que a população mantenha a praça limpa, para que não joguem lixo no chão. A menina não deixou de observar também, que era necessário que a prefeitura distribuísse mais lixeiras pela praça, de maneira a facilitar para que os visitantes depositassem o lixo no local apropriado. A menina ainda salientou “Não estou vendo nenhuma lixeira aqui”. Micuim ficou impressionado com a consciência de Samanta (DCIX-4).

A empatia, a escuta atenta, a abertura ao Outro também permitiram que educadores/as e educandos/as aprendessem, a partir do estabelecimento de uma relação horizontal, em reciprocidade. Tal posicionamento e inclinação agiram de forma a

facilitar o processo de identificação dos núcleos de contradições que se manifestam no território do Jardim Gonzaga e que tem gerado situações limites à população:

Maurício comentou com toda equipe que enquanto estava na praça pôde conversar com um adolescente que por muitos anos frequentou o VADL. De acordo com o educador, num dado momento da conversa o garoto comentou que estávamos em cima da sala de sua casa. Maurício disse que não entendeu direito. O garoto, então disse-lhe que lembrou quando Karatê, ao usar a escavadeira, acertou algo duro (inclusive tivemos que deslocar aquela cova, pois não se tratava de uma pedra, mas sim de uma placa de concreto). O garoto também comentou que lá havia muitas casas, mas que foram todas derrubadas pela prefeitura porque era um lugar perigoso. Maurício disse não saber identificar qual emoção traziam aquelas lembranças para o adolescente. Pareceu apenas que o garoto estava narrando um fato, mas que intuía um certo amargor por parte do jovem em lembrar que morava ali, junto a encosta que dava de frente para o buracão. Maurício esclareceu para equipe o fato dizendo que o já haviam realizado no bairro duas grandes intervenções na infraestrutura do bairro e que a última havia sido iniciada em 2004 e concluída em 2006, ano em que a prefeitura (re)locou diversas famílias que moravam nas encostas do buracão, e realizou as últimas obras de pavimentação das vias (até o momento). A professora da Terapia Ocupacional disse que não tinha residência em São Carlos, pois morava em São Paulo e quando disseram que ela viria para o bairro, disseram que ela viria para uma favela. Porém estranhou a condição das moradias, pois só tinha avistado casas de alvenaria. Foi então que Maurício explicou para a professora que uma das intervenções foi a substituição dos “barracos” por casas de alvenaria e, em alguns casos, derrubada dos barracos e relocação das famílias para outras casas, ou, até mesmo, casas em outros bairros (DCIX-5).

Nesta ocasião emergiu, de maneira angular, a condicionalidade histórica dos moradores e moradoras do Jardim Gonzaga, na qual, desde o início da ocupação, a comunidade tem sofrido com problemas de infraestrutura. Além do mais, os moradores e moradoras do bairro ainda carregam o estigma de favelados/as, sendo comuns os relatos de pessoas que omitem seus verdadeiros endereços para não perderem a chance de um emprego quando estão em situação de entrevista de trabalho/emprego, para seleção profissional.

Os/as educadores/as do VADL puderam refletir acerca das mazelas provocadas pelo sistema econômico capitalista, desvelando um regime de desigualdades sociais na qual uma determinada parcela da população brasileira, a saber, a parcela afro-brasileira, é a mais atingida. Nesse sentido, apontamos para o seguinte registro:

Neste passeio o Serviço Social do Comércio (SESC) abriu as portas para outros grupos. Portanto, para além das crianças do VADL,

estavam presentes crianças de mais duas instituições. Uma de educação infantil e a outra era de um conhecido projeto socioassistencial do município de São Carlos, que é gerido pela Igreja Católica. Nós, educadores/as, pudemos reconhecer tais instituições através dos uniformes das crianças. Nesse sentido, Maurício também observou, chamando a atenção de seus colegas educadores/as para também observarem, que na instituição particular não haviam crianças negras (ao menos neste dia) participando da atividade. Em conversa, já na ECO, Micuim disse que então pode compreender que “A desigualdade social no Brasil também é expressa pela cor de pele. Deu pra notar também a diferença nas roupas que elas usavam, nos tênis que eram de marca”. Mad comentou que “era muito marcante o contraste, porque a criança da escolinha era tudo branquinha com o olho claro” (DCXX-1).

A atividade de passeio à unidade do SESC de São Carlos contribuiu para a percepção da necessidade do desenvolvimento da temática da educação para as relações étnico-raciais, para o desvelamento da condição da população afro-brasileira, bem como para processos de valorização da identidade étnica de cada um e cada uma:

A escolha desta história (“Menina bonita do laço de fita”), especificamente, buscou dialogar com a educação para as relações étnico-raciais. Pois, para além de Novembro ser o mês da “Consciência Negra”, a temática aqui abordada também foi eleita como um dos eixos que compõem o grande tema “Convivência”, emergente no processo de eleição dos Temas Geradores. Assim, nos apropriamos da linguagem lúdica da “Contação de História” para iniciarmos o diálogo com as crianças. Para tanto, Maurício perguntou o que é que o coelhinho queria fazer? Karatê respondeu que ele queria ficar pretinho. Contudo, logo foi corrigido por Samanta que atentou: “Não, ele queria ter um filho pretinho”. Outras crianças concordaram com Samanta. E assim Maurício foi problematizando com outras perguntas relacionadas a história que ele e Micuim haviam contado. O objetivo da problematização era para que as crianças avaliassem sua própria condição hereditária (DCXXII-2).

Buscando complementar a atividade de contação de história, citada anteriormente, bem como dar continuidade à atividade de reflexão acerca da ancestralidade e descendência, os/as educadores/as do VADL solicitaram para as crianças realizarem uma consulta junto à seus/suas familiares, procurando conhecer as histórias de sua família, a naturalidade de seus parentes e, por ventura, a nacionalidade de suas mães, pais e avós, maternos e paternos (DCXXII-3).

Tais exercícios reflexivos eram desencadeados a partir de diálogos suscitados por vivências de jogos, ou, da leitura do Jornalzinho, de um momento de

contação de história. Foi comum identificar encontros nos quais as atividades propostas permitiam refletir acerca da própria condição:

Quase no fim das atividades do projeto daquele dia, Mad acompanhou as crianças na escovação junto ao enxaguatório/bebedouro. O educador comentou que naquele momento, ao observar as crianças naquela atividade de cuidado pessoal, pode inferir a consciência na qual as crianças realizavam tal tarefa (de escovar os dentes), pois de acordo com o próprio educador (Mad): “As crianças estavam escovando os dentes com uma consciência tão grande que refleti sobre o quanto era importante para elas aquele momento, pois lembrei que eu e muitos colegas meus, quando éramos mais novos, perdemos alguns dentes devido a não realização de uma atitude tão simples. Pois os nossos antigos professores poderiam ter nos ensinados sobre a importância disso após as merendas”. Portanto, estar ali com as crianças possibilitou ao educador refletir sobre sua própria história de vida, seu passado, (re)significando o simples ato de escovação (DC-I8).

Outra manifestação que contribuiu para a emergência da categoria presente foi a percepção de que nossas atitudes se inscrevem num mundo concreto e que aprendemos a partir de nossas relações de estar sendo-uns-com-os-outros-ao-mundo. Com isso compreendemos que nossas próprias atitudes, intencionalidades, comportamentos e posturas são uma rica fonte de aprendizagem:

Durante o momento do lanche, percebemos que as crianças aparentaram estar começando a compreender a importância de respeitar o momento de fala de um/a colega. Nesse sentido, Mad comentou que as crianças pareceram surpreendidas com o educador (Maurício) levantar a mão pedindo a fala, ao invés de ordená-las para que ficassem em silêncio, ou quietas. Portanto, julgamos imprescindível para a construção de uma relação dialógica que os educadores e educadoras também se manifestem a partir das mesmas convenções/regras apresentadas no ambiente. Com efeito, se a intenção é a aprendizagem do respeito, é preciso também respeitar. Ademais, embora as crianças tenham falado junto com outras crianças, de maneira aparentemente desordenada, logo elas compreenderam que precisariam instaurar uma “ordem”, levantando a mão para solicitar a fala, sem que fossem reprimidas, ou tivessem um comando verbal para tanto. Por fim, acreditamos que elas observaram uma pessoa, dita “referência”, e fizeram o mesmo. Saltando-nos a importância de nossos próprios gestos (dos educadores e educadoras), posturas e comportamentos (DC-V3).

Tais manifestações nos permitiram compreender que “pensar certo” é pensar o mundo em que vivemos. Para a construção de uma prática educativa realmente engajada com o compromisso de transformação da realidade, é preciso que para além de

simples pensar, ela também seja ação realizada uns-com-os-outros-ao-mundo, pois nas palavras de Freire (2005):

O professor que realmente ensinar, quer dizer, que trabalha os conteúdos no quadro da rigorosidade do pensar certo, nega, como falsa, a fórmula farisaica do "faça o que mando e não o que eu faço". Quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo (p.19).

Os momentos de investigação temática junto à comunidade participante, realizado para proceder à eleição dos Temas Geradores, também se configuraram como um importante espaço-tempo na qual os educadores e educadoras puderam aprender com a comunidade. Havendo, inclusive, momentos em que os/as próprios/as educadores/as explicitasse tais aprendizagens (DCXI-8; DCXIII-6, 7 e 9), como podemos observar neste diálogo realizado com a educadora Erika:

Erika comentou que por ser uma parceria (VADL e “Campeões na Rua”), encarava os dois como extensão de um trabalho comum, e que certamente o trabalho de levantamento temático seria compartilhado/considerado para as ações cotidianas do “Campeões na Rua”. Assim a educadora apontou: “Em um primeiro olhar é minha profissão, ou seja, enquanto sustendo e renda. Agora, também, é possível ver o significado de me permitir refletir o país que eu moro, as condições/situações da sociedade brasileira em termos de desigualdades sociais, bem como um processo de entender melhor o ser humano a partir da convivência com outras pessoas, famílias. O trabalho na ECO é um ambiente propício para compreender o ser humano devida as diferenças com minha própria realidade. Realidade que nasci e fui criada. Quando eu era criança eu frequentava um clube, academia. As crianças aqui vêm na quadra! Isso me permite refletir as diferenças no comportamento, nas atitudes das pessoas, cada indivíduo” (DCVI-6).

Ainda compondo a categoria “A – Corporeidade do exemplo” foram identificados os diálogos entre os educadores do VADL nos quais buscaram refletir acerca da própria prática. Com isso ganhou relevo a busca por aprender a práxis dialógica tendo concretude da própria prática como pano de fundo para as reflexões (DCVI-5; DCXXIII-4), possibilitando novas qualidades à práxis dialógica empregada pela equipe:

Em diálogo com os demais educadores do VADL, Maurício comentou que a criança deu a mesma resposta da mãe quanto ao significado, com isso o educador tinha dúvidas acerca do real significado para aquela criança, pois ele havia dado a mesma resposta que sua mãe. E

disse: “Por isso eu acho interessante uma conversa, mas uma conversa afastada de outros participantes para que um não influencie tanto nas indicações dos outros” (DCXV-6).

Salientamos que as análises e apontamentos que compuseram a presente categoria possibilitou a identificação das asserções que indicavam para a manifestação de uma efetiva práxis dialógica empregada pela equipe do VADL, cuja realidade concreta sulleou o *quefazer* pedagógico dos educadores.

Passaremos agora para a apresentação da próxima categoria construída.

B - Boniteza da amorosidade

Ao realizarmos a análise dos DC foram identificados gestos que conotavam estar construída uma convivência entre a comunidade participante do VADL a partir de uma relação de respeito, cooperação, afetividade e de cuidados de uns-com-ouros. O reconhecimento e abertura ao Outro expressou a boniteza do viver com-o-Outro na/para a construção do mundo e transformação da realidade. Nas palavras de Freire (2005):

Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objetivo da reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente. A razão ética da abertura, seu fundamento político sua referência pedagógica; a boniteza que há nela como viabilidade do diálogo (p.86).

Percebemos, com isso, existir uma convergência e complementaridade nas dimensões éticas e estéticas durante o movimento de formar-se para a vida, na qual “[...] ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.” (FREIRE, 2005, p.90). Nesse sentido, compreendemos que durante a fruição do VADL foram possibilitadas a manifestação da boniteza, da alegria, do sentimento de entusiasmo e de satisfação:

Durante a atividade, todas queriam contribuir regando as plantas, pois com a estiagem das chuvas, o clima e o solo estavam secos e algumas plantas já se apresentavam murchas. Começamos regando as quatro árvores que ficam no espaço interno da ECO. Três foram plantadas na ocasião da visita das estudantes da Terapia Ocupacional, já outra está na ECO desde a sua construção. Na primeira árvore as crianças

tiveram o impulso de despejar muita água. Micuim explicou que fora da ECO, na praça, não teríamos torneiras para encher nossas garrafas, sugerindo para que cada um despejasse apenas um pouco de água pois a árvore já teria o suficiente para mais alguns dias. Desta forma, ainda dentro da ECO as crianças foram reencher suas garrafas e passaram a regar com menos água. Percebemos que todas elas queriam regar todas as árvores, como se o intuito fosse de registrar sua contribuição para o desenvolvimento da vida de cada uma daquelas árvores. Foi uma atividade muito prazerosa, pois as crianças aparentaram entusiasmo, e de forma autônoma iam de uma árvore à outra (DCXIII-3).

A convivência, pautada em uma relação de confiança e amorosidade, possibilitou a construção e estreitamento de vínculos entre as pessoas da comunidade participante do projeto:

Hoje foi uma manhã ensolarada, sem nuvens e quente. Ao chegarmos avistamos Karatê, Ronaldo, Ricardinho, Neymar, Batman, Capoeira e Corinthians brincando de “Acorda seu Urso” na quadra. Já Barbara, Samanta, Rosinha, Betina e Laura, estavam sentadas nos bancos de concreto que ficam em frente a sala multiuso. Ao chegarmos, as crianças interromperam o jogo e correram para nos abraçar. Após a seção de cumprimentos e abraços a educadora Erika, que já estava na ECO, chamou toda gente para lavar as mãos para tomar café (DCXIV-1).

Em nossa análise podemos perceber que a dimensão estética, sintetizada aqui a partir da boniteza dos gestos de acolhimento e cuidado, revelou a amorosidade de um trabalho colaborativo que permitiu um caminhar intersubjetivo. Nas palavras de Freire (2003):

Ao fundar-se no amor, na humildade, na fé nos homens, o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um polo no outro é consequência óbvia. Seria uma contradição se, amoroso, humilde e cheio de fé, o diálogo não provocasse este clima de confiança entre seus sujeitos (p.81).

Ao compartilhar as compreensões apresentadas aqui, ganharam relevo as US que apontavam para atitudes de respeito, cooperação, afetividade e cuidado de uns com os outros:

Durante a leitura do Jornalzinho, o que nos chamou a atenção foi que, mesmo aquelas crianças que não sabiam ler (Capoeira, Romarinho, Teves, Sheike) acompanharam com os dedos o decorrer da leitura. Tendo, inclusive a ajuda de algumas crianças mais velhas indicando-as o “ponto” (Neymar, Barbara, Patrícia) na qual estava a leitura (DCI-4).

Pudemos compreender que não foram acolhidas somente aquelas pessoas que já compunham o projeto de extensão. Nesse sentido, ressaltamos a fala de uma estudante de pós-graduação, na ocasião em inserção realizada com vistas a observar as práticas educativas do VADL. Assim, de acordo com a estudante:

“Ao chegar à sala, mais uma vez, as crianças me cumprimentaram com bastante entusiasmo, me fazendo sentir como parte integrante do grupo. Foram muitos abraços calorosos”. Outra observação feita pela estudante de pós-graduação fazia menção a relação entre as próprias crianças. Assim ela comentou: “Durante essa manhã pude observar o quanto as crianças colaboram umas com as outras na realização das atividades, tornando-se instrutores uns dos outros. A incorporação das regras é outro aspecto que fica bastante visível, bem como a tentativa de burlá-las” (DCV-1).

Uma análise mais detida também nos permitiu identificar que, para além da demonstração de afetividade (DCXII-2; DCXXIV-2 e 3), o acolhimento também se manifestou a partir da cooperação entre educadores do projeto de extensão da UFSCar com a equipe de profissionais da SMCAS/PMSC³⁵ que atuam na ECO:

O educador Rubens e a educadora Erika que articularam o fornecimento do transporte, assim que foi anunciado o interesse em participar do evento na UFSCar. Eles comentaram que é sempre muito difícil conseguir transporte. Mas, curiosamente para eventos realizados em período noturno é mais fácil, dado que a demanda/concorrência é menor (DCXXI-5).

Os pares criança-criança também puderam expressar afetividade entre si (DCIII-4; DCVII-3, 4 e 5; DCXXI-7; DCXXIII-4), como observamos na seguinte asserção:

Mad comentou que percebeu que no momento realizar a atividade de palavras cruzadas, as crianças que sabiam escrever estavam ajudando os mais novos, inclusive através da demonstração das letras utilizadas na escrita do texto do “Jornalzinho” escrevendo as letras em outro papel para que as outras crianças pudessem aprender a construir as palavras (DCI-6).

Ou ainda:

Notamos que nossa orientação/preocupação para que todas as pessoas utilizassem o cinto de segurança de segurança foi compreendida pelas as crianças mais velhas que, inclusive, ajudaram afivelando seus cintos e os das crianças mais novas que apresentaram certa dificuldade

³⁵ Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social – Prefeitura Municipal de São Carlos.

nesta tarefa. Em alguns momentos também percebemos elas chamando a atenção para que as crianças mais novas permanecessem sentadas e não colocassem as mãos para fora da janela do ônibus (DCIV-4).

Com vistas a identificar a cooperação durante as práticas do VADL pudemos encontrar diversos momentos nas quais tal atitude foi manifestada de maneira a contribuir com o desenvolvimento das atividades (DCVIII-2; DCVI-2 e 5; DCVII-6; DCXII-4; DCXXIV-4).

Ao identificar as diversas atitudes que apontavam para a convergência da presente categoria foi desvelado que nos encontros nos quais eram ministrados conteúdos ligados à arte-educação, tais como dramatização, ou musicalização, percebemos que a expressão da satisfação, ou atitudes que conotavam alegria foram mais frequentes (DCVII-5; DCXIV-3; DCXIX-3). Nesse sentido, em ocasião de ensaio para a festa junina, o participante Balotelli pode apresentar uma música em seu teclado para todas as crianças e educadores/as que estavam presentes:

Balotelli também protagonizou um belo e significativo momento de protagonismo, pois, após o ensaiarmos as músicas da quadrilha pedimos para que ele tocasse alguma música de seu repertório, ou que estava aprendendo/ensaiando. No começo ele aparentou não querer, mas com apoio turma pedindo-lhe para tocar ele aceitou. De acordo com Mad ele executou uma música de grande complexidade instrumental, com um nível de dificuldade considerável. Todos ficamos felizes, com a apresentação de Balotelli, pois nós percebemos em meio à uma apresentação musical na qual ele era a principal referência. A música tinha uma melodia muito agradável e estava sendo executada de forma encantadora. Nos momentos do refrão a professora Erika e algumas crianças cantaram juntas, em inglês, ou como era compreendida. Ao final foi dada mais uma salva de palmas. Embora Balotelli tenha ficado ruborizado, nos pareceu também apresentar um aparente orgulho e satisfação pelas palmas recebidas ao sorrir e agradecer a toda gente ali presente (DCVII-6).

Neste caso, o protagonismo não desencadeou o sentimento de satisfação somente para Balotelli, mas também para as crianças e equipe pedagógica. Em outra experiência do VADL, ocorrida durante a participação no “Festival Sons e Movimentos” realizado no “Teatro Florestan Fernandes” da UFSCar, também foi destacado o protagonismo das crianças e adolescentes participantes (DCXXI-1, 4, 6 e 10). Assim, nas palavras do educador Maurício:

Todos ficamos emocionados, felizes, satisfeitos. Digo isso, por perceber a reação no corpo das crianças, elas sorriam, de súbito

olhavam para todas as direções do teatro, como se não acreditassem naquilo que estava acontecendo: “Pessoas diferentes, de diferentes idades, desconhecidas, em pé, aplaudindo com bastante energia aquela feita”. Minha percepção foi confirmada logo com a saída do teatro, pois, nem a garoa fininha e os pés molhados conseguiam conter aqueles corpos irrequietos. Ao ocuparmos a área coberta nos abraçávamos, as crianças pulavam e se abraçavam. Mano Brow, tinha uma reação diferente, como que extasiado, meio paralisado, com poucas palavras e um sorriso solto no rosto. Dizia: “foi dá hora hein!”. Parabenizei Mano Brow, e comentei com ele e Mad que da próxima vez ele é quem deveria apresentar o projeto, e não eu. Mano Brow riu. Mad e Micuim também congratularam as crianças (DCXXI-9).

O protagonismo experimentado pelos/as participantes possibilitou a experimentação vivencial de emoções como a alegria, o desconforto, a satisfação, o nervosismo, entre outras, que foram expressas durante o desenvolvimento das vivências do projeto de extensão. Compreendemos que em meio à tais emoções, a postura de acolhida ao Outro possibilitou a construção de uma relação de confiança. Construção, esta, igualmente necessária para a realização de uma caminhada compartilhada no processo de comunicação de suas realidades. Nesse sentido, Freire (1996) comunica:

É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica (p.75).

Na ocasião de apresentação das crianças durante o citado festival, também foi feito o registro de um diálogo entre o educador Maurício com Preta, mãe do participante Ronaldo. Nesta feita, ela apresentou estar feliz e satisfeita ao assistir a apresentação de seu filho e das outras crianças participantes como podemos observar na seguinte US:

Contudo, aproveitei para conversar com as três responsáveis que haviam aproveitado o convite. A primeira foi Preta, mãe do Ronaldo. Fui até o banco do coletivo que ficava bem na frente dela. Ela estava sentada junto com sua “comadre” (era como Preta tratava a mãe de um participante da tarde). Perguntei o que ela achou da apresentação e do passeio, ao que ela respondeu que estava muito feliz em poder ter ido até o teatro, pois nunca tinha entrado em nenhum. Ela disse ter chorado na hora em que aplaudiram as crianças. Nas palavras da mãe: “Eu fiquei tão emocionada professor! Eu comecei a chorar em ver meu filho sendo aplaudido. Só de lembrar eu me arrepio toda. É uma que o pessoal do Gonzaga não participa de nada. Seria bom eles verem seus filhos aqui, se apresentando, fazendo uma coisa boa!

Agora esse pessoal fica lá. Por isso que os jovem de lá são daquele jeito. Ninguém incentiva eles”. Embora ela tenha feito as críticas à postura dos outros/as responsáveis pude perceber que ela estava bastante emocionada com o conjunto do passeio (em assistir seu filho Ronaldo, em ir ao teatro pela primeira vez, em ver as crianças serem aplaudidas) (DCXXI-12).

Para além dos momentos de desenvolvimento dos conteúdos programáticos, também identificamos que durante a investigação temática emergiram manifestações que contribuíram para a composição desta categoria (DCXI-6, 7 e 9). Assim, destacamos o seguinte trecho:

Após realizar a configuração da internet no computador de Lila, o sistema voltou a funcionar. O educador então comentou que aproveitou para iniciar o diálogo sobre os temas, ou assuntos que deveriam ser desenvolvido no projeto da UFSCar. Para tanto, pediu para que ela refletisse sobre o bairro, a condição das famílias, no comportamento de seu filho e dos colegas de seu filho e fizesse a indicação. Lila comentou que o projeto deveria estimular os estudos, falar sobre sonhos, sobre o que as crianças gostariam de ser quando crescer. Lila ainda complementou: “Porque em casa eu converso com Ronaldinho, mas eu vejo que muitas crianças não conversam com seus sobre isso” (DCXIII-8).

A categoria “Boniteza da amorosidade” procurou sintetizar as atitudes que compreendemos colaborar para construção e fortalecimento de vínculos, confiança. Para tanto, atitudes como respeito, cooperação, afetividade e cuidados de uns com os outros foram fundamentais para a emersão desta categoria. Iniciaremos agora a análise da próxima categoria.

C - Superando conflitos a partir do diálogo

Ao longo de 2012 a equipe do VADL pode conviver com a comunidade participante durante o espaço-tempo das vivências do projeto. Neste contexto foram observados momentos alegria, afetuosidade, angústia, ansiedade, e também de tensão.

Nesse sentido, compreendemos que a partir de convivência temos vislumbrado diferentes oportunidades educativas, principalmente naquilo que tange estar com o outro. Em acordo, Boff (2006) salienta:

Convivência não apaga ou anula as diferenças. Ao contrário, é a capacidade de acolhê-las, deixa-las ser diferente e, mesmo assim,

viver com elas e não apesar delas. A convivência só surge a partir da relativização das diferenças a favor de pontos em comum. Então surge a convivência necessária, base concreta para uma convivência pacífica, embora sempre persistam níveis de tensão por causa das legítimas diferenças (p.33).

A presente categoria vem anunciar que durante a convivência em 2012 ocorreram diversas situações conflituosas nas quais as crianças discutiram umas com as outras:

Na hora de lavar as mãos para tomar o café da manhã houve um pequeno desentendimento por parte das crianças. Pois, de acordo com Renata (responsável pela refeição), “fica sempre esse empurra-empurra professor”. Foi quando o educador Mad fez uma proposta interessante, sugerindo a formação de uma “fila indígena”. Portanto, nas palavras do educador, “com os mais velhos e mais ‘experientes’ na frente e assim, sucessivamente, até os menores”. Após pouca resistência dos menorzinhos (pois a única menina menorzinha, com 6 anos, é a Rosinha) que estavam à frente do grupo e que, justamente, eram os que estavam no empurra-empurra, a fila foi formada, solucionando o imbróglio (DCII-4).

A partir de um olhar mais detido foram desvelados alguns contextos nas quais os conflitos ocorriam. Como nos casos da realização de jogos competitivos (DX-5; DCXVI-4; DCXXII-5 e 7):

Micuim que ficou sentado junto com as crianças que xingaram e jogaram suas garrafas disse que conversou com as crianças e comentou: “Acredito que durante o jogo “garrafobol” algumas crianças ficaram bravas e revoltadas por acharem que estavam sendo injustiçadas, até mesmo pelos educadores que estavam arbitrando o jogo. Quando sentei ao lado delas e conversei sobre a importância de não se alterar, se controlar, para não perder a razão em discussões, principalmente pelo respeito ao próximo, tive a impressão das crianças estranharem eu estar ali conversando. De acordo com que dizem sobre o desrespeito no bairro, tenho impressão que elas esperavam tomar uma bronca, serem xingadas. Mas daí eu disse que os ‘2 minutos’ era justamente pra trazer calma, para que a pessoa pensasse no que estava acontecendo” (DXXII-8).

Ademais, também notamos haver conflitos quando da competição por um lugar no ônibus (DCIV-7) ou por um objeto (DCXIV-4):

No momento de escolher os brinquedos notamos alguns desentendimentos, pois algumas crianças queriam o mesmo brinquedo que outra. Desta forma, inicialmente deixamos elas tentarem solucionar a questão. Contudo, notamos que algumas crianças não queriam ceder. Desta forma, ao ver que algumas apresentavam grande

resistência em ceder, Micuim explicou que seria muito positivo poder compartilhar os jogos e brinquedos, garantindo desta forma, que pudéssemos brincar com diversos jogos e brinquedos, em lugar de um só. A princípio houve resistência (DCXI-2).

Ao nos debruçarmos sobre os conflitos ocorridos durante as vivências do projeto, também foram identificadas situações de desrespeito (DCIII-6; DCXI-4) nas quais não foram, até o momento, identificadas uma motivação aparente:

Micuim comentou que o participante Zinho brigou durante o ensaio com Karatê, cada um dizendo que o outro havia lhe xingado. O educador então, entreviu explicando aos dois que se houvesse qualquer coisa que os incomodasse, eles deveriam chamar um educador, não devendo agredir ou xingar de volta, pois os educadores tentariam resolver da melhor forma possível. Contudo, Mad comentou: “mas em seguida Zinho também brigou com a Rosinha e com a Laura. Eu e Micuim conversamos com todos juntos e, após o diálogo as crianças pediram desculpas umas para as outras e falaram que não iriam brigar novamente” (DCVI-4).

Importante notar que competição aqui não se limita ao contexto do espaço-tempo dos jogos. Vivemos em uma sociedade cuja meritocracia é a palavra de ordem, ou seja. Vence quem tem mérito, quem consegue ganhar. Para isso, o espaço da partilha, da cooperação não é valorizado, nem, tampouco, estimulado. Vivemos tempos de competição. Nas palavras de Brandão (2005b):

Na experiência de um jogo com/contra uma outra pessoa, esta é a relação em que eu vivencio mais o prazer de haver vencido, derrotado ou mesmo “esmagado e humilhado” o meu contendor, do que a alegria generosa de haver partilhado com ele um momento de troca de forças e de energias (p.9).

Não estamos nos referindo apenas às atividades de jogos, esportes ou brincadeiras. Mas, sim, de um sistema social opressor, gerador de assimetrias e que tem, mais e mais, estimulado as pessoas a competirem por quase tudo.

Durante as ações do VADL quando identificadas situações na qual a relação foi conflituosa, os educadores procuravam intervir de modo a acolher e compreender o que estava ocorrendo. A intensão de tal gesto era que este, fosse apreendido pelas crianças:

Durante a mudança do jogo “My God” pelo “Rouba-Castelo” foi atendido o pedido das crianças para que as equipes não fossem alteradas. Percebemos que Barbara e Balotelli encabeçavam uma disputa entre as equipes. Assim, como houve empate na vivência do

primeiro jogo apresentado, as crianças queriam dar continuidade a disputa. Porém, ao final, a equipe de Balotelli perdeu, causando insatisfação nos jogadores de seu time. Karatê e Corinthians demonstraram estar bastante irritados por terem perdido, ficando bravos com os participantes da outra equipe que comemoravam. Todavia percebemos que ao comemorar algumas crianças direcionavam provocações para as equipes da equipe adversária. Micuim, no instante em que ocorriam as comemorações comentou discretamente para não intercedermos, com vistas a ver como iria se desdobrar as provocações e ver como as crianças iriam reagir. Nesse sentido, nossa única solicitação foi para que formassem uma fila à frente do professor Rubens para lavarmos a mão. Notamos o corre-corre que sempre acontece e as discussões pelo resultado do jogo logo cessaram. Nesse sentido, nos pareceu que a disputa agora era outra, a saber: Por um bom lugar na fila. Esta não gerou discussões. Micuim comentou que percebeu que Laura, Barbara e Betina não correram para fila, foram caminhando, lentamente, como não se importassem com aquela nova disputa (DCXV-4).

Percebemos, em nossas análises, que diante as situações de conflitos os/as educadores/as procuraram superá-los a partir de uma postura parcimoniosa, procurando estimular o respeito, a alteridade e a reflexão acerca das causas do conflito, bem como de sua resolução. Buscando problematizar com as crianças a necessidade de resolvê-los a partir do diálogo.

5º TEMPO: os pontos de chegada

Nossas considerações

Na presente pesquisa, compartilhada com a comunidade participante do VADL e com os/as colegas da linha de Práticas Sociais e Processos Educativos, buscamos compreender os processos educativos decorrentes da construção de uma práxis dialógica junto aos/as participantes do citado projeto de extensão.

Para realizar tal intento ancoramos nossa trajetória a partir da percepção de sinergia e complementaridade entre os métodos de Pesquisa Participante e Sistematização de Experiências. Ambas emergentes de ações em Educação Popular impelida pelos movimentos sociais na busca pela superação das assimetrias sociais e transformação da realidade.

A partir da compreensão acerca da historicidade do saber, explicitamos que toda nossa práxis investigativa teve como pano de fundo o contexto do Jardim Gonzaga, bairro cuja população tem sido historicamente alijada em seus direitos essenciais, sofrendo com as mazelas de um sistema-mundo opressor na qual a possibilidade de transformação da realidade é, muitas vezes, afetada por interesses alheios aos da população, conforme nos mostrou Rosa (2008), ao analisar o processo de urbanização do Jardim Gonzaga.

Conviver em meio à construção dialógica do projeto de extensão não significou a anulação das individualidades, ou a desconsideração das múltiplas intencionalidades em participação. Tampouco significou a adoção de uma postura de subserviência ao Outro. Durante as vivências foi possibilitado o protagonismo, a liberdade e a autonomia de seus/suas participantes. Assim, para além da escolha dos Temas Geradores, as crianças e adolescentes também participaram a deliberação das vivências semanais, auxiliando na construção do projeto. Acerca da convivência Oliveira (2009b) apresenta:

Conviver é mergulhar nos processos vivos de educação, saúde, sobrevivência e luta, os quais o(a) pesquisador(a), ou o(a), profissional, se dispõe a compreender. Conviver é conhecer a vida humana sempre em movimento: ora suave, ora abrupto; ora lento, ora vertiginoso; ora leve, ora sufocante; ora harmonioso, ora ensurdecedor. Vidas, vivências, amizades, sabores, cheiros, texturas, sons, palavras, cores, lágrimas e sorrisos tecem uma rede que embala

o pesquisador(a), o(a) profissional, integrando-o(a) aos movimentos do viver e redirecionando-lhe o olhar para novas perspectivas, visões de mundo (p.5).

Em meio a nossa convivência ocorreram situações conflituosas. Nesse sentido, foram identificadas manifestações de contenda, desentendimentos e desrespeito entre as crianças e adolescentes participantes. Em face aos conflitos os/as educadores/as buscaram (re)estabelecer o respeito através do diálogo entre os pares fazendo emergir a categoria “*Resolvendo Conflitos a partir do Diálogo*”.

Durante a relação de estar “sendo-uns-com-os-outros-ao-mundo” (GONÇALVES JUNIOR; SANTOS, 2006), fomos descortinando o núcleo de contradições e os fatores que incidem no condicionamento histórico em que os moradores/as daquele bairro vivem. Nesta abertura ao Outro e ao mundo, novos horizontes foram se abrindo, permitindo reciprocidade nos processos educativos. De modo que Freire (2003, p.39) destaca: “Já agora ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.

Sustentada nesta compreensão consideramos que categoria “*A corporeidade do exemplo*” sintetizou os caminhos trilhados pela equipe do VADL. Indicando uma trajetória que buscou o “pensar certo”, o pensar a prática, o pensar a vida. Nesta perspectiva práticas nas quais a problematização acerca de situações existenciais ganharam importância, possibilitando desencadear processos educativos tanto para as crianças, como para os educadores:

Em conversa os educadores pareceram espantados com o diálogo com Balotelli, dado que, a partir de sua cor de pele, poderíamos compreendê-lo como uma criança negra. Porém, consideramos que esta é uma possibilidade auto-responsiva e identitária. Contudo, o que mais chamou a atenção de Mad neste momento, foi uma reflexão de Maurício sobre a possibilidade de Balotelli no momento das piadas não se reconhecer como negro devido a sua condição social financeira, que realmente é melhor do que muitos/as outros/as participantes do projeto, e que quando Mad perguntou para Karatê sobre sua cor ele respondeu: “Sou negro ué”. Ficamos discutindo sobre esse ponto. Mas, ao final, compreendemos que é necessário um maior aprofundamento e observação sobre esta questão no bairro, para daí pensarmos em novas estratégias pedagógicas para tratar deste assunto (DCVII-7).

As vivências possibilitaram aprendizagens em reciprocidade, emergentes de uma relação horizontal. Com isso, consideramos que o VADL tem se estabelecido como uma “comunidade aprendente”, pois, de acordo com Brandão (2005b):

Na comunidade aprendente (um nome bem melhor do que “sala de aulas” ou “turma de alunos”) todos têm algo a ensinar enquanto aprendem e todos têm algo a aprender enquanto ensinam”. Quando situadas fora de uma concepção classificatória, utilitária e competitiva, as crianças que estudam não sabem mais-ou-menos do que as outras. Elas sabem e compreendem de maneiras diversas. Assim, tal como em outros planos da vida social, as pessoas não devem ser comparadas competitivamente através de suas desigualdades, mas devem ser avaliadas cooperativamente através de suas diferenças (p.13).

Revelamos então que a práxis do VADL está rompendo com práticas dominadoras, antidialógicas sustentadas por relações verticais entre educador e educandos que buscam a manutenção do status quo e da dominação. Nas palavras de Freire (2003):

Para dominar, o dominador não tem outro caminho senão negar às massas populares a práxis verdadeira. Negar-lhes o direito de dizer sua palavra, de pensar certo [...] As massas populares não tem que, autenticamente, “ad-mirar” o mundo, denunciá-lo, questioná-lo, transformá-lo para sua humanização, mas adaptar-se à realidade que serve o dominador. O quefazer deste não pode, por isto mesmo, ser dialógico. Não pode ser um quefazer problematizante dos homens-mundo ou dos homens em suas relações com o mundo e com os homens (p.123)

Conviver em um ambiente dialógico não significou o esquecimento de nossas vontades, ou a anulação do nosso Ser. Tampouco significou a adoção de uma postura de subserviência ao Outro. Durante as vivências foi possibilitado o protagonismo, a liberdade e a autonomia de seus participantes.

O reconhecimento do Outro como sujeito histórico, protagonista, (re)produtor da história, capaz de conduzir sua própria vida, implica num rompimento radical com uma perspectiva etnocêntrica, opressora e silenciadora do Outro. Esta tem sido a tarefa da modernidade cuja ação se expressa, principalmente através da silenciosa “invasão cultural”. Esta, de acordo com Freire (2003):

Neste sentido, a invasão cultural, indiscutivelmente alienante, realizada maciamente ou não, é sempre uma violência ao ser da cultura invadida, que perde sua originalidade, ou se vê ameaçado de perdê-la [...] Por isto é que, na invasão cultural, como de resto em todas as modalidades da ação antidialógica, os invasores são os autores

e atores do processo, seu sujeito; os invadidos, seus objetos. Os invasores modelam; os invadidos são modelados. Os invasores optam; os invadidos seguem sua opção. Pelo menos é esta a expectativa daqueles. Os invasores atuam; os invadidos têm a ilusão de que atuam, na atuação dos invasores (p.149-150).

A invasão cultural age com vistas a tornar o Outro um objeto, uma coisa. Nesta perspectiva os pares estabelecem interações “eu-isso” indicando uma relação de sujeito-coisa, em lugar de “eu-tu”, sendo esta última indicada para indicar interações sujeito-sujeito.

Consideramos que esta experiência de amor através da partilha, cooperação, satisfação, emoção, foram manifestadas durante as vivências do VADL. Tais manifestações revelaram a “Boniteza da Amorosidade”, expressas na relação educador/a-participante, participante-participante, educadores/as-educadores/as:

Ao pegarmos as mudas que já estavam na ECO à uma semana notamos que estavam bonitas, com aspecto de saudáveis, a terra escura e ligeiramente umedecidas. Levando-nos a compreender que foram muito bem cuidadas pela equipe de funcionárias/os da ECO (Renata, Odilon, Rubens, Erica e Roberta). Maurício comentou com os/as educadores/as que era importante observarmos, pois aquilo demonstrava cooperação e compromisso com os trabalhos da equipe (DCXII-2).

Brandão (2005b) nos atenta que o interesse é o antagonista, é a negação do amor. De acordo com este autor, é o interesse que funda a interação eu-isso entre os pares. Desta forma, ao estabelecer uma relação de alteridade, respeito, confiança a partir da interação eu-tu, instauramos também uma relação pautada pela manutenção da vida. Por isso, uma relação de amor pela vida, uma relação de amor para/com o Outro. Dessa trajetória emerge a necessidade de compartilhar a experiência mundana:

Nós só conseguimos viver e experimentar a vida como uma coisa boa e valiosa, quando estamos juntos e partilhamos momentos significativos deste “estar juntos”. Nós só podemos estar voluntariamente juntos quando cooperamos uns com os outros e aprendemos a ser e a viver uns através dos outros. Nós somente logramos compartilhar situações de cooperação quando não uma necessidade vital, mas quando uma vocação gratuita a ter os outros voluntária e afetuosamente junto a mim, cria entre nós um contexto de emoções de aceitação e cooperação do/com a pessoa do outro (p.5).

O projeto VADL da UFSCar tem se configurado como um espaço-tempo onde o aqui e o agora do ser criança estão sendo respeitados, constituindo-se como uma

comunidade aprendente. Assim, confirmamos as palavras de Maturana e Verden-Zöller (2004):

Brincar é atentar para o presente. Uma criança que brinca está envolvida no que faz enquanto o faz. Se brinca de médico, é médico; se brinca de montar num cavalo, é isso que ela faz. O brincar não tem nada a ver com o futuro. Brincar não é uma preparação para nada, é fazer o que se faz em total aceitação, sem considerações que neguem sua legitimidade (p.230-231).

Na impossibilidade de concluir, consideramos, por ora, que a práxis de levantamento dos Temas Geradores e o seu conseguinte desenvolvimento tem possibilitado o protagonismo da comunidade participante no processo de conscientização para a transformação da realidade local. Em sua convivência tem sido marcante o estabelecimento de interações pautadas pelo acolhimento, afeto, confiança e alteridade, cujo diálogo tem sido o princípio fundante destas relações.

REFERÊNCIAS

ADAMS, T. **A pesquisa participativa como mediação pedagógica da educação popular**. 2009. Disponível em:

<<http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT06-5171--Int.pdf>>.

Acesso em: 15/10/2013.

BELMONTE, M. M. et. al. Unidade de saúde da família e vida de qualidade: a experiência do grupo PET-Saúde junto a um Grupo de Convivência. In: 9ª JORNADA CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA DA UFSCAR, 2011, São Carlos - SP. **Anais...** São Carlos: 2011.

BICUDO, M. A. V.; ESPÓSITO, V. H. C. (Org.). **Pesquisa qualitativa em educação**. Piracicaba: Unimep, 1994.

BRANDÃO, C. R. Jogar para competir ou jogar para compartilhar? Da competição contra o outro a cooperação com o outro. In: _____. **Aprender o amor: sobre um afeto que se aprende a viver**. Campinas – SP: Papyrus, 2005b. p.85-116.

_____. Qualidade de vida, vida de qualidade e qualidade da vida. In: _____. **A canção das sete cores: educando para a paz**. São Paulo: Contexto, 2005a.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988, artigo 6º.

Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao.htm>.

Acesso em: 14 de Nov. 2013.

BOFF, L. **Virtudes para um outro mundo possível, Vol. II: convivência, respeito, tolerância**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2006.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BOSI, A. Cultura brasileira, culturas brasileiras. In: _____. **Dialética da colonização**.

São Paulo: Companhia das Letras, 1992. Disponível em: <<http://html-pdf-conversion.com/download/bosi-alfredo-cultura-brasileira-3.html>>. Acesso em 05/05/2012.

BRUHNS, H. T. Lazer, cultura e tecnologia: discussões envolvendo aspecto da globalização. **Licere**, Belo Horizonte: v. 1, n.1, p. 77-94, 1998.

CAMPOS, M. D. **SULear vs NORTEar: representações e apropriações do espaço entre emoção, empiria e ideologia**. S/d. Disponível em: <<http://www.sulear.com.br/texto03.pdf>>. Acesso em 23/09/2013.

CAMPOS, S. E. A. et. al. O lazer cotidiano do Jardim Gonzaga - São Carlos. In: XV ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER - LAZER E TRABALHO: NOVOS SIGNIFICADOS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA, 2003, Santo André. **Anais...** Santo André: 2003.

CARMO, C.; GONÇALVES JUNIOR, L. Prática educativa dos educadores do “Projeto Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer”. **EFDeportes.com. Revista Digital**. Buenos Aires, ano 15, nº 148, Setembro de 2010. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd148/projeto-vivencias-em-atividades-diversificadas-de-lazer.htm>> acesso em: 11/09/2010.

DECLARAÇÃO Universal dos Direitos Humanos. Disponível em: <<http://dhnet.org.br/direitos/deconu/textos/integra.htm>>. Acesso em: 14 de Nov. 2013.

DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001

DUSSEL, E. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, E. (Org). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005. p.24-32. (Colección Sur Sur).

_____. **Introducción a la Filosofía de la liberación**. 1995. Bogotá: Editorial Nueva América, 1995.

ECKERT, C. **Orientações para elaboração de experiências**. Porto Alegre: EMATER - RS-ASCAR, 2009.

FIORI, E. M. Conscientização e educação. In: **Educação & Realidade**. v. 11, n. 1, Porto Alegre. Jan. – Jun. 1986, p.03-10.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 39ª ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. **A sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho d’água, 2001.

_____. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 36ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

GARNICA, A. V. M. Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. **Interface: comunicação, saúde, educação**, v.1, n.1, p.109-122, 1997.

GOMES, L. C.; ELIZALDE, R. **Horizontes latinoamericanos do lazer / Horizontes Latinoamericanos del ocio**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

GOMES, C.; PINTO, L. M. S. M. O lazer no Brasil: analisando práticas culturais cotidianas, acadêmicas e políticas. In: GOMES, C. et. al. (orgs). **Lazer na América latina / Tiempo Libre, Ócio y Recreación en Latinoamérica**. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2009. p.39-76.

GONÇALVES JUNIOR, L. Dialogando sobre a Capoeira: possibilidades de intervenção a partir da Motricidade Humana. **Motriz**. Rio Claro, v.15 n.3 p.700-707, jul./set. 2009.

_____. **Edital de atividades de extensão** - vivências em atividades diversificadas de lazer. São Carlos, ProEx/UFSCar, 2011.

_____. Lazer e trabalho: a perspectiva dos líderes das centrais sindicais do Brasil e de Portugal em tempos de globalização. In: GONÇALVES JUNIOR, Luiz (org.). **Interfaces do lazer: educação, trabalho e urbanização**. São Paulo: Casa do Novo Autor, 2008, p. 54-108.

GONÇALVES JUNIOR, L. et. al. Lazer e processos educativos no Jardim Gonzaga – São Carlos/SP. In: XVII ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER – ÉTICA E LAZER NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA, 2005, Campo Grande. **Anais...** Campo Grande: UCDB, 2005.

GONÇALVES JUNIOR, L.; SANTOS, M. O. Brincando no jardim: processos educativos de uma prática social de lazer. In: VI EDUCERE - CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - PUCPR - PRAXIS, 2006, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2006. v.6. p.1902-1915.

JARA-HOLLIDAY, O. **Para sistematizar experiências**. 2ªEd. Brasília: MMA. 2006 (Série Monitoramento e Avaliação, 2) .

JARA-HOLLIDAY, O. **El aporte de la sistematización a la renovación teórico-práctica de los movimientos sociales**. San José: Alforja, 1998. Disponível em: <<http://centroderecursos.alboan.org/sistematizacion/es/registros/5774-el-aporte-de-la>>. Acesso em 15/10/2013.

KLUTH, V. S.. A rede de significação: um pensar metodológico de pesquisa. In: BICUDO, M. A. V. (Org.) **Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica**. São Paulo: Cortez, 2011. p.75-98.

LAGE, V. **Lutas e brincadeiras: processos educativos envolvidos na prática de lutar**. 2009. 207 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, 2009.

LEMOS, F. R. M. **Compreensões de trabalhadores em transnacionais de São Carlos acerca da prática social Lazer: processos educativos envolvidos**. 2007. 157f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos. 2007.

MARCELLINO, N. C. (org.). **Lazer e desporto: políticas públicas**. Campinas: Autores Associados, 2001.

_____. **Lazer e educação**. 6. ed. Campinas: Papyrus, 2000.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo: Moraes, 1989.

- MASCARENHAS, F. **Entre o ócio e o negócio:** teses acerca da anatomia do lazer. 2005. 308f. Tese (doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- MATURANA, H.; VERDEN-ZÖLLER, G. **Amar e brincar:** fundamentos esquecidos do humano. São Paulo: Palas Athena. 2004.
- MELO, V. A. **A animação cultural:** conceitos e propostas. Campinas: Papirus, 2006.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- OLIVEIRA, M. W. et. al. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: 32ª REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO: sociedade, cultura e educação: novas regulações?, 2009a, Caxambu. **Anais...** Caxambu : ANPEd, 2009a. v. 1. p. 1-17.
- OLIVEIRA, M. W. Pesquisa e trabalho profissional como espaços e processos de humanização e de comunhão criadora. **Cadernos CEDES** (Impresso), v. 29, n. 79, p.309-321, 2009b. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v29n79/02.pdf>> Acesso em: 14 mai. 2013.
- QUIJANO, A. Colonialidade do Poder e Classificação Social. In: SANTOS. B. S.; MENESES. M. P. (orgs). **Epistemologias do sul.** Coimbra: Edições Almeida. 2009. p.73–117.
- ROSA, T. T. **Fronteiras em disputa na produção do espaço urbano:** a trajetória do 'Gonzaga' de favela a bairro de periferia. Dissertação (Mestrado em História). 2008. 217f. Instituto Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2008.
- SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. Introdução. In: _____ (orgs). **Epistemologias do Sul.** Coimbra: Edições Almeida. 2009. p.9-19.
- SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (orgs). **Epistemologias do sul.** Coimbra: Edições Almeida. 2009. p.23-71.
- SANTOS, M. O. et al. Estação comunitária do Jardim Gonzaga: processos educativos vivenciados na prática social do lazer In: VII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO - EDUCERE: "saberes docentes" - edição internacional, 2007, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2007. v.1. p.1543-1555.
- SANTOS, M. O. **Ludicidade, animação cultural e educação:** um olhar para o projeto “Vivências em atividades diversificadas de lazer”. 2008. 213f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, 2008.

SCHNORR, G. M. et al. Pedagogia do oprimido. In: SOUZA, A. I. (Org.). **Paulo Freire: vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2001. p.69-100.

SÉRGIO, M. A racionalidade epistémica na educação física do século XX. In: SÉRGIO, M. et. al. **O sentido e a ação**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999. p.11-30. (Coleção Epistemologia e Sociedade).

STRECK, D. R.; ADAMS, T. Pesquisa em educação: os movimentos sociais e a reconstrução epistemológica num contexto de colonialidade. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 38, n. 1, p. 243-257, 2012.

STRECK, D. R. Educação popular e pesquisa participante: a construção de um método. In: STRECK, D. R. et. al. (orgs.). **Leituras de Paulo Freire: contribuições para o debate pedagógico contemporâneo**. Brasília: Liber livro Editora, 2010. p.171-197.

APÊNDICES

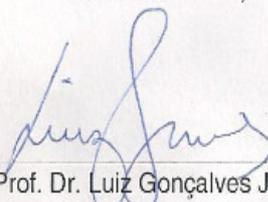
Apêndice 1 –Autorização para realização da Pesquisa.

MANIFESTO DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA

Eu, Professor Doutor Luiz Gonçalves Junior, venho por meio desta manifestar o meu aceite e autorização para que o estudante de Pós-Graduação em Educação, Maurício Mendes Belmonte, portador do documento de identidade nº 33.731.293-x, desenvolva a pesquisa intitulada **“Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer: processos educativos de uma práxis em construção”**, junto à comunidade participante do projeto de extensão universitária “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer”, do Departamento de Educação Física e Motricidade Humana da Universidade Federal de São Carlos, que se encontra sob minha responsabilidade.

São Carlos, 19 de junho de 2013.

Atenciosamente,



Prof. Dr. Luiz Gonçalves Junior
Telefone de contato: (16) 3351-8769

Apêndice 2 – Diários de Campo

Diário de Campo I

Data: 03/05/2012

Horário: 8h – 11h (manhã)

Local: Estação Comunitária do Jardim Gonzaga (ECO)

Educadores/as Presentes: Mad, Micuim (Micuim), Maurício, Erika e Rubens

Participantes Presentes: Samanta, Balotelli, Ronaldo, Neymar, Batman, Karatê, Sheik, Teves, Barbara, Laura, Corinthians, Romarinho, Patrícia, Vanessa, Capoeira.

Hoje o dia estava ensolarado, mas fazia bastante frio, ao chegarmos na ECO notamos que as crianças estavam lavando as mãos para tomar o café da manhã. Algumas crianças saíram da fila para nos cumprimentar com um forte abraço. Algumas, inclusive, vinham com as mãos ainda molhadas (1).

Conforme as crianças lavavam as mãos, elas iam pra a sala multiuso tomar o café-da-manha.

Café da manhã e roda de conversa para combinar as atividades

Os educadores presentes serviram o café, e começaram as primeiras conversas com os presentes sobre as atividades do dia. Primeiro todos começaram a falar ao mesmo tempo, porém o Maurício levantou a mão, sem dizer nada, solicitando a fala. As crianças logo foram ficando mais calmas e em silêncio, pois entenderam, que para falar eles teriam que esperar sua vez levantando a mão.

Bem, as crianças que levantaram a mão disseram que queriam fazer acrobacia, pois desde o último encontro que era para ter feito e não fizeram, disseram também que queriam brincar de outras atividades, mas a escolhida para esse dia, foi a acrobacia, atividade musical e a leitura do jornalzinho que tinha uma entrevista com o funcionário da ECO, o Mauro, bem como uma matéria com um estudante indígena da UFSCar, que falou sobre o dia do Índio e a importância desta data.

Assim enquanto conversávamos, íamos todos tomando o café da manhã que era pão com manteiga e leite quente. Ao acabar de lanchar as crianças escovaram os dentes e voltaram a sala para iniciar a leitura do jornalzinho

Leitura do jornalzinho

Neste momento o Professor Luiz entrou na sala e apresentou a todos uma nova estudante do doutorado do PPGGE, dizendo que ela nos acompanharia por um tempo. As crianças sempre ficam curiosas com pessoas que chegam pela primeira vez para participar do projeto, e com ela não foi diferente, logo perguntaram novamente seu nome, que era bastante exótico, tentando repetir para aprendê-lo. Em seguida sentamos e começamos a leitura, que começou com a Bárbara, passando para a Samanta, Laura e outros.

Também teve o momento da pintura da cruzadinha. Ao terminar a leitura fomos para a quadra desenvolver a atividade da acrobacia.

Acrobacia

Durante esta atividade pude observar que eles sentiram no primeiro momento uma dificuldade de realizar o movimento certo da cambalhota mais logo realizaram. A Laura a principio não queria fazer e até ficou em um canto, junto com ela estava a Patrícia enquanto as outras crianças continuaram a tentando. As duas só voltaram quando as outras crianças participantes já estavam conseguindo executar as cambalhotas.

Quando a atividade acabou já era hora de tomar o lanche, por isso não teve atividade musical neste dia. Para tanto, as crianças Lavaram as mãos e foram para sala multiuso para lanche.

Lanche Final

No momento do lanche final foi servido “Macarrão Colorido” (macarrão parafuso de cores diversas – verde, vermelho e bege) com molho com salsicha, suco de groselha e salada de alface.

O momento do lanche foi bem tranquilo. Aproveitamos este momento para combinarmos as atividades da semana seguinte. Assim foram combinadas de ser realizada novamente a atividade de acrobacia, dar continuidade a jornalzinho e a realização de uma atividade musical.

Conforme as crianças iam terminando seu almoço, elas iam escovar os dentes antes de ir para casa se arrumarem (colocar uniforme, pegar seus materiais e talvez almoçar) para ir para escola. Para tanto, a educadora Erika ficava próximo ao porta-escova distribuindo pasta-de-dente para as crianças.

Comentários do Observador

- Ao final, quando conversávamos sobre nossas percepções acerca daquele encontro, Madpareceu perplexo ao comentar que quando chegou na ECO percebeu que algumas crianças estavam de chinelo e sem blusa, mesmo fazendo fio. Com isso o educador relatou uma conversa que teve com um participante: “Quando eu perguntei para o Karatê se ele não estava com frio, sorrindo ele me respondeu que já estava acostumado e que não gosta de blusa. Bom, fiz a mesma pergunta para Rosinha, mas ela nem respondeu, só virou o rosto e saiu correndo para sala onde todos se preparavam para tomar o café”. Após Mad comentar sobre sua conversa, refletimos sobre as roupas de algumas crianças. Notamos, então que algumas crianças tinham roupas muito boas, inclusive, destoando da maioria que apresentou roupas bem “batidas”, com marcas de uso intenso e frequente, por exemplo com golas e punhos já sem elasticidade (esgarçados), desbotadas, com manchas, algumas com furos. Reparamos que na atividade do jornalzinho Karatê estava todo recolhido para dentro da camiseta (pois estava com os pés na cadeira, com os joelhos e braços dentro da camiseta. Notamos também que, embora as roupas apresentassem sinais de uso intenso, não percebemos nenhuma criança com roupa suja (2).
- Durante o momento do lanche, percebemos que as crianças aparentam estar começando a compreender a importância de respeitar o momento de fala de um/a colega. Nesse sentido, Mad comentou que as crianças pareceram surpreendidas com o fato de um educador (Maurício) levantar-se a mão pedindo a fala, ao invés de ordená-las para que ficassem em silêncio, ou quietas. Portanto, julgamos ser de grande importância para a construção de uma relação dialógica que os educadores e educadoras também se manifestem a partir das mesmas convenções/regras apresentadas no ambiente. Com efeito, se a intenção é a aprendizagem do respeito, é preciso também respeitar. Ademais, embora as crianças tenham falado junto com outras crianças, de maneira aparentemente desordenada, logo elas compreenderam que precisariam instaurar uma “ordem”, levantando a mão para solicitar a fala, sem que fossem reprimidas, ou tivessem um comando verbal para tanto. Por fim, acreditamos que elas observaram uma pessoa, dita “referência”, e fizeram o mesmo. Saltando-nos a importância de nossos próprios gestos (dos educadores e educadoras), posturas e comportamentos (3).

- Durante a leitura do Jornalzinho, o que nos chamou a atenção foi que, mesmo aquelas crianças que não sabiam ler (Capoeira, Romarinho, Teves, Sheike) acompanharam com os dedos o decorrer da leitura. Tendo, inclusive a ajuda de algumas crianças mais velhas indicando-as o “ponto” (Neymar, Barbara, Patrícia) na qual estava a leitura (4). Ainda na atividade de leitura, outro aspecto que nos chamou a atenção foi que as meninas, antes de iniciar a leitura, queriam saber o quanto iriam ler, pois Samanta e Barbara não queriam ler menos que as outras pessoas. Para tanto, elas olhavam o número de linhas, Dizendo: “Vou ler cinco linhas!”, “Vou ler quatro linhas e meia!”. Neste caso, em particular, nos pareceu que elas compreendiam ser muito próximo o número de linhas, não havendo discussões maiores (5).
- Mad comentou que percebeu que no momento realizar a atividade de palavras cruzadas, as crianças que sabiam escrever estavam ajudando os mais novos, inclusive através da demonstração das letras utilizadas na escrita do texto do “Jornalzinho” escrevendo as letras em outro papel para que as outras crianças pudessem aprender a construir as palavras (6). O Educador ainda comentou: “Em certos momentos eu compreendo que muitas das crianças do projeto não desenvolvem melhor suas potencialidades devida a uma escassez de estímulo, pois quando elas são estimuladas muitas conseguem atingir o objetivo da atividade com êxito”.
- A atividade de Acrobacias foi muito interessante, pois as crianças realizavam as cambalhotas, rolamentos, alguns saltos com muita empolgação. Tivemos a impressão de que as crianças se sentiam desafiadas e estimuladas a realizarem algumas das tarefas. Elas riam, se frustravam quando não conseguiam realizar uma manobra, torciam pelos colegas. Em conversa com Micuim, Maurício explicou que não é comum eles utilizarem os colchonetes de acrobacias que são muito macios e auxiliam na execução das atividades de saltos, quedas e rolamentos, de maneira a diminuir os riscos de acidentes, oferecendo segurança e, até, certo conforto. Compreendemos que o uso desse implemento (colchonete circense) junto com a realização de uma atividade não usual, tenha contribuído para a fruição da atividade.
- Para combinar o encontro seguinte, achamos que seria oportuno aproveitar o momento do lanche final, pois as crianças aparentavam estar tranquilas. Mas, no momento em

que perguntamos o que seria realizado na quinta-feira seguinte, muitas quiseram falar ao mesmo tempo. Então Micuim Levantou a mão e nós (Educadores/a) ficamos quietos. Neste momento Balotelli levantou a mão e disse em voz alta (quase que num grito) “Ô! Levanta a mão e espera! Fica todo mundo falando junto aí!”. Logo após a fala de Balotelli as crianças se apaziguaram e aguardaram (7). Micuim foi o primeiro a falar. Disse que já poderíamos aproveitar que tínhamos um professor da música para realizar uma atividade musical. Algumas crianças com mais idade aparentaram desacordo. Laura disse: “Oloco!” (franzindo as sobrancelhas). Contudo, Micuim atentou que era só uma sugestão e, que para elencar as atividades da semana seguinte seria feita uma votação. Desta forma, as crianças foram sugeridas várias atividades: Queimada, pega-na-linha, acrobacias, pé-na-lata, rouba-castelo, corrida-pô, salva, futebol e vôlei. Maurício aproveitou também para sugerir a continuidade do Jornalzinho. Realizamos uma votação para eleição de três atividades e, também, da ordem/sequência em que seriam vivenciadas as atividades escolhidas. Neste momento, pudemos perceber que Balotelli e Barbara exerciam certa influência (inclusive podendo identificar certo autoritarismo) perante as outras crianças. Pois, mesmo aqueles que inicialmente queriam outras atividades, acabaram votando (ou trocando seu voto) com vistas a contemplar o pedido e olhares de Balotelli e Barbara (que, inclusive, estudam juntos na mesma escola e classe). Portanto, após alguns cederem, foram escolhidos para serem vivenciados as seguinte atividades: a atividade do Jornalzinho (contudo, tive que argumentar sobre a importância em não abandonarmos o material informativo, bem como aproveitar a presença dos educadores/as para realização conjunta das tarefas); A nova realização da atividade de Acrobacias (sugerida por Ronaldo e endossada por boa parte da turminha), e, por fim, a atividade musical (respectivamente).

- Quase no fim do projeto, Mad acompanhava as crianças na escovação junto ao enxaguatório/bebedouro. O educador comentou que naquele momento, ao observar as crianças naquela atividade de cuidado pessoal, pode inferir a consciência na qual as crianças realizavam tal tarefa (de escovar os dentes), pois de acordo com o próprio educador (Mad): “As crianças estavam escovando os dentes com uma consciência tão grande que refleti sobre o quanto era importante para elas aquele momento, pois lembrei que eu e muitos colegas meus, quando éramos mais novos, perdemos alguns dentes devida a não realização de uma atitude tão simples. Pois os nossos antigos

professores poderiam ter nos ensinados sobre a importância disso após as merendas”.
Portanto, estar ali com as crianças possibilitou ao educador refletir sobre sua própria
história de vida, seu passado, (re)significando o simples ato de escovação (8).

Diário de Campo II

Data: 10/05/2012

Horário: 08h – 11h (**manhã**)

Local: Estação Comunitária do Jardim Gonzaga (ECO)

Educadores/as Presentes: Mad, Micuim (Micuim), Maurício, Erika e Rubens

Participantes Presentes: Samanta, Balotelli, Ronaldo, Teves, Barbara, Laura, Corinthians, Romarinho, Patrícia, Vanessa, Bboy, Thatá, Betina, Babi, Rosinha.

O dia começou meio frio e nublado, mas logo o sol apareceu e foi uma manhã quente e agradável. As crianças foram chegando e começaram a brincar de pega-pega no pátio da ECO, logo depois já fomos todos, educadores e participantes, lavar as mãos e tomar o café da manhã dentro da sala.

Café da manhã.

Foi servido pão com manteiga e leite com chocolate no café da manhã. Neste momento, também aproveitamos para relembrar o combinado da semana anterior. Assim nos programamos para realizar a atividade de leitura do jornalzinho, seguido de Acrobacias circenses e, por fim, uma atividade musical. Desta forma, após o café matinal, as crianças escovaram os dentes e em no retorno, aproveitamos para dar início a primeira atividade ali mesmo.

Atividade de leitura, escrita e pintura do Jornalzinho.

O “Jornalzinho” (em anexo) é um material informativo que é produzido em parceria entre a equipe pedagógica do VADL (Micuim, Maurício, Mad e estudante de Biblioteconomia) com colaboração das crianças e de pessoas entrevistadas. Portanto, nesta feita, o jornalzinho do mês celebrava, dentre outras coisas, o dia do trabalhador (e da trabalhadora), bem como buscava contemplar a discussão sobre o modo de vida de um povo indígena, a Saber o povo Umutina. Assim, foram lidas a entrevista que o funcionário da ECO, o Mauro concedeu para parte da turma da tarde, bem como, um texto produzido pelo estudante de Educação Física (pertencente ao povo Umutina). Após a leitura desses dois pontos do jornal, também foram desenvolvidas a atividade de passatempo e a seção vamos

colorir. Após concluirmos o trabalho com o jornalzinho fomos a quadra para iniciar as acrobacias.

Acrobacias circenses:

Esta atividade já havia sido desenvolvida na semana anterior. Porém, as crianças gostaram muito e pediram para realizar novamente. Contudo, na semana anterior, nossa preocupação (dos educadores e educadora) foi de ensinar às crianças os movimentos básicos de rolamentos, quedas. Com vistas à realizar a adequada execução dos movimentos para não ocasionar lesões. Assim, no encontro de hoje começamos a explicar o que eram acrobacias e como executar o rolamento ou cambalhota. Foi demonstrado 3 tipos de cambalhotas pelos educadores Maurício e Micuim. As maioria das crianças conseguiram reproduzir a cambalhota e se divertiram muito com a atividade. Dividimos a turma em 2 grupos, uma de maiores e outra de menores. Realizamos tal atividade para que não houvesse uma fila muito grande e, com isso, reclamações por parte das crianças no sentido de demorar para realizar novamente a acrobacia. Foi utilizado colchão circense para a realização dessa atividade.

Como foi ampliado o tempo da atividade do jornalzinho e devido o interesse das crianças na realização desta atividade optamos por ampliar o tempo da vivência com os colchonetes. Fato esse que inviabilizou a atividade musical. Para tanto, consultamos Mad (principal educador responsável pela atividade de musicalização), e em seguida as crianças, que concordaram sem ressalvas, deixando, desde já combinada para semana seguinte a atividade musica (1).

Findada a atividade circense de acrobacias, toda gente foi lavar as mãos e ir para sala multiuso almoçar.

Lanche final

Nesta refeição foi servido macarrão com carne de frango e salada de acelga. De sobremesa foram servidas bananas. Toda a equipe pedagógica (Do VADL e PMSC) almoçou junto com as crianças. Algumas crianças pediram “repetição”, como foi o caso de Macwin e Ronaldo. Conforme as crianças iam terminando a refeição elas iam até o porta escova apanhar suas escovas de dente e a pasta de dente quem distribuiu foi o educador Erika. Após a escovação as crianças foram orientadas pelo Rubens para irem para seus lares se prepararem para ir para escola.

Comentários.

- Ao chegarmos à ECO algumas crianças correram para nos abraçar e nos cumprimentar. Notamos que isso ocorre somente com as crianças mais novas e com as meninas. Os meninos mais velhos geralmente nos cumprimenta com um “toque de mãos”. Este, porém costuma ser realizado com bastante energia (2). Maurício comentou com Mad que isso expressar a representação do homem adulto no bairro bem como na sociedade, que geralmente é viril, não expressa afeto e carinho com outro homem em público. Micuim sugeriu para também nos abraçarmos, como geralmente fazemos ao nos encontrarmos na faculdade, ou em espaços festivos, com vistas a apontarmos outra referência de homem adulto, expressando essa possibilidade de que meninos também podem expressar carinho, afeto e respeito por outro homem.
- Ao chegarmos a ECO Micuim observou as crianças brincando, autonomamente de pega-pega no pátio. O educador comentou ter notado que quando elas estão brincando somente entre elas, sem nenhum educador/a propondo e ponderando a brincadeira, há uma “desordem” natural (uma organização peculiar e inerente àquelas crianças que é diferente da ordem imposta em espaços-tempos de uma educação dirigida). Contudo, ele ainda ponderou “Mas todas respeitam as regras que elas mesmas criaram e, de forma geral, respeitam umas as outras. Hoje eu pude me atentar mais a esse tipo de situação natural das crianças, quando estão brincando sozinhas”. Após o comentário de Micuim, Maurício explicou que seria muito oportuno observamos mais esses momentos de autonomia de maneira a apreendermos melhor suas linguagens, códigos, convenções, modos de agir e de perceber o mundo e, à medida que formos convidados/as, participarmos desses momentos genuinamente lúdicos, buscando respeitar a organização própria das crianças (3). Maurício ainda complementou: “Para além de aprendermos muito com as crianças, podemos aproveitar esses momentos para brincar, simplesmente”.
- Na hora de lavar as mãos para tomar o café da manhã houve um pequeno desentendimento por parte das crianças. Pois, de acordo com Renata (responsável pela refeição) “Fica sempre esse empurra-empurra professor”. Foi quando o educador Mad fez uma proposta interessante, sugerindo a formação de uma “fila indígena”. Portanto, nas palavras do educador, “Com os mais velhos e mais “experientes” na frente e assim, sucessivamente, até os menores”. Após pouca resistência dos menorzinhos (pois a única menina menorzinha, com 6 anos, é a Rosinha) que estavam à frente do

- grupo e que, justamente, eram os que estavam no empurra-empurra, a fila foi formada, solucionando o imbróglio (4).
- Micuim comentou que a leitura do jornalzinho estava indo bem até o momento que Barbara e Betina começaram a reclamar dizendo que a atividade estava chata e que elas queriam logo para a quadra brincar. Com efeito, a turma se agitou fazendo com que as outras crianças também começassem a querer acabar logo a atividade do jornalzinho para começarmos as acrobacias. Porém, conseguimos finalizar as atividades e só depois ir para fora. As meninas entenderam, com um pouco de diálogo, que era importante terminar a atividade de leitura da entrevista com o funcionário Odair, e colaboraram para o termino da atividade (5).
 - Na brincadeira das acrobacias começamos com uma única fila para todos em um mesmo colchão, mas as meninas mais velhas reclamaram que os pequenos demoravam para realizar as cambalhotas, causando, assim, muita demora para nova realização dos movimentos. Com isso resolvemos separar as turma em 2, uma com crianças mais velhas, e outra com crianças mais novas. Desta forma também foi necessário nos dividirmos por fila. Assim, Micuim e Mad ficaram com a fila das crianças menores. O Maurício, Erika e Rubens ficaram na fila das crianças com mais idade. Sem um planejamento percebemos que os educadores trocavam de fila. Percebemos, também, que isso ocorria devido à necessidade de uma explicação mais pormenorizada que determinado grupo pedia e que um dos educadores e educadora se propunha a explicar. Ao final Micuim comentou: “Foi eficaz a separação por filas, pois não houve mais desentendimentos” (6).
 - Maurício disse que as crianças apresentaram satisfação com as atividades realizadas e com a agradável manhã, pois elas sorriam enquanto realizavam as acrobacias, brincavam com um colega que não conseguia realizar a tarefa, ao mesmo tempo em que faziam sugestões quanto ao posicionamento do corpo (7).
 - Micuim comentou que foi um almoço com bastante barulho, mas o normal pela agitação das crianças após as atividades. Ao final elas foram escovar os dentes com acompanhamento do educador Rubens e logo retornaram para dar tchau e ir embora.

Investigação Temática

- Maurício salientou a necessidade de darmos início ao trabalho de investigação temática para eleição dos temas geradores daquele ano, pois desde a retomada dos trabalhos do VADL ocorrida em março de 2012, não havia sido realizado nenhuma investigação. Maurício então perguntou pelas dificuldades. Ambos educadores disseram não ter participado de tal realização no ano anterior (2011), pois, quem havia efetivamente executado era um estudante bolsista do curso de pedagogia. Maurício então disse que não seria difícil, mas que era importante compreender o significado de tal trabalho. Indicou que iria dialogar com o professor responsável sobre a necessidade de uma orientação aos estudantes, mas propôs que os dois o acompanhassem durante a realização de um diálogo com um participante com vistas a efetuar a investigação. Ambos aceitaram.
- Na hora do almoço Micuim sentou-se ao lado da Samanta. De acordo com o educador Eles conversaram sobre o cotidiano da menina. Nesse sentido, Micuim comentou que as disciplinas favoritas de Samanta são matemática e português e que em sua casa ajuda sua mãe a lavar roupa, lavar louça e varrer a casa. De acordo com o educador ela disse que gosta de ajudar no que pode e que também gosta muito de estudar. Durante nossas atividades de leitura, escrita e pintura, proporcionada pelo “jornalzinho”. Samanta se destacou com sua boa leitura e capricho na execução das atividades. Podendo nos fornecer elementos que endossam sua fala.
- Durante o almoço os educadores se aproximaram de Balotelli. Maurício começou a conversar com o garoto. Então disse a ele que todo ano eles consultavam as crianças e seus responsáveis para saber o que deveria ser ensinado no projeto. Então perguntou se Balotelli gostaria de ajudar. O participante aceitou e, de acordo com Maurício, demonstrando muita solicitude. E assim sucedeu. Antes de o garoto ir embora eles sentaram juntos para dialogar no entorno de uma mesa de concreto que fica em frente a sala multiuso. Maurício iniciou conversando sobre o dia-a-dia de Baloteli. O adolescente de 13 anos apresentou que gosta de jogar futebol e brincar de queima na escola, e que não pode fazer isso na rua da casa dele, pois passa muito carro e que

quando está em casa gosta de jogar Playstation³⁶ e mexer no computador. Ele também comentou gostar de brincar de pega-pega, esconde-esconde e queima na ECO, já que frequenta o espaço diariamente. Maurício também perguntou o que é que significa o projeto para Baloteli, de maneira que o garoto respondeu: “Ah, pra mim significa brincar, porque em casa minha avó começa a falar. Então eu venho para brincar e fazer umas atividades que eu não conhecia e daí eu conheço e eu aprendo. Tem outras que eu já sabia e aí eu renovo”. Por fim, Maurício comentou que propôs para Balotelli pensar no seu bairro, nas outras crianças, nele mesmo e dizer qual tema deveria ser desenvolvido no projeto VADL. O garoto parou por um instante, pareceu refletir sobre a pergunta e disse: “Eu acho que as crianças precisam aprender educação, porque elas deixam de ir para escola para ficar brincando na rua”. Maurício então perguntou: “Mas educação que se aprende na escola? De estudar mais?”. “É! Mas educação de respeito também!” Maurício agradeceu as contribuições de Balotelli, perguntou se era fácil conversar com sua mãe para saber dela o que ela pensa sobre aquelas mesmas coisas. O participante comentou que ela costuma ficar em casa de manhã fazendo os serviços domésticos. Assim, Maurício indicou a possibilidade de ir até a casa de Balotelli no encontro da semana seguinte (17/05). Para tanto, pediu para que ele perguntasse para sua mãe sobre essa possibilidade e que no encontro seguinte nos comunicasse. Balotelli concordou o diálogo parou por ali, até para não atrasar o garoto, pois logo deveria se preparar para ir pra escola.

³⁶ Nome de um aparelho de vídeo game.

Diário de Campo III

Data: 17/05/2012

Horário: 8h – 11h (**manhã**)

Local: Estação Comunitária do Jardim Gonzaga (ECO)

Educadores/as Presentes: Maurício, Mad, Micuim (Micuim), a estudante de Pós-Graduação (PPGE/UFSCar) e Erika (Campeões na Rua/PMSC).

Participantes Presentes: Barbara, Laura, Samanta, Babi, Betina, Rosinha, Romarinho, Huck, Ronaldo, Corinthians, Karatê, Teves, Bboy.

Café-da-manhã junto das crianças.

As crianças lavaram as mãos como sabonete líquido que o professor Rubens distribuía. Conforme as crianças iam lavando as mãos elas corriam para a sala multiuso, local onde seria servido o café-da-manhã. Neste encontro foi servido leite com achocolatado e “cookie” (biscoito integral) com gotas de chocolate. Aquela era a primeira vez que eu estava vendo ser servido aquele tipo de biscoito. Algumas crianças não gostaram do paladar do biscoito integral. Já outras gostaram e, inclusive, serviram-se dos biscoitos daqueles que não gostaram muito do “cookie”. Os educadores realizaram o desjejum junto com as crianças. Apenas Erika não quis se servir do café. Após o café-da-manhã as crianças e o Maurício escovaram os dentes.

Roda de conversa para colocar “o papo” em dia e combinar as vivências do encontro

Neste momento aproveitamos para dialogar com as crianças sobre “*como?*” haviam passado a semana, instigando-as a informar/contar alguma novidade, ou algo que achassem interessante para compartilhar com toda a turma. Aproveitamos também para relembrar o que tínhamos combinado na semana anterior e acertar a sequência na qual vivenciariamos o que foi proposto coletivamente para aquele encontro. Pois, na semana anterior havíamos esquecidos de combinar outras atividades, para além da atividade musical. Portanto ficou combinado que iríamos realizar, primeiramente, a Atividade Musical, seguida pelo “Garrafobol” e, por fim, o jogo “Rouba-Castelo”. Aproveitamos também para informar que na quinta-feira seguinte (24/05/2012) realizaríamos o passeio para o museu da TAM (empresa

privada de transporte aéreo) e que desta forma se combinaríamos jogos e atividades para semana seguinte, para além do passeio.

Atividade musical

O educador Mad vem aproveitando a “temática indígena”, iniciada no final do mês de Abril e início do mês de Maio, para realizar um trabalho de expressão musical a partir de canções indígenas, com ênfase na utilização de instrumentos de percussão. Os materiais utilizados no encontro foram: o caxixi, bolinhas de tênis-de-campo e um tambor/atabaque.

Garrafobol

Varição do jogo de “queimada”. Nesta todos os jogadores e jogadoras recebem uma garrafa plástica de refrigerante (fechada contendo pouco de água para que não caia com o vento). Assim, o objetivo é derrubar a garrafa dos(as) participantes do time oposto com a ajuda da bola. Todos(as) participantes podem utilizar seu corpo para defender sua garrafa. Aquele(a) que tiver sua garrafa derrubada pela bola, ou por acidente ao defender, deverá ocupar o “cemitério” (espaço externo à marcação da quadra de vôlei – por exemplo). Vence a equipe que conseguir derrubar todas as garrafas dos componentes da equipe adversária. Para a realização desse jogo foi necessário uma “garrafa pet” para cada participante, e duas bolas leves para que não machuque quem for queimado.

Almoço e programação das atividades da semana seguinte

Após todas as crianças e os educadores e educadoras lavarem as mãos realizamos o almoço e aproveitamos para reforçar os informes sobre a semana seguinte (breves orientações sobre o passeio). Naquela manhã foi servida uma deliciosa sopa de macarrão com mandioca e cubinhos de “coxão-mole” (carne bovina). De sobremesa foi servida banana. A sopa estava realmente muito gostosa. Muitas crianças repetiram a refeição. Conforme elas terminavam sua refeição elas iam escovar os dentes. Interessante notar que diferentemente do passado, não se faz mais necessário insistir para que as crianças escovem os dentes. Elas realizam tal tarefa autonomamente. Após a escovação as crianças retornaram para seus lares para poderem se arrumar para ir para escola.

Comentários:

- Após o café-da-manhã sentamos toda gente ao redor da mesma mesa para lembrar o que estava combinado, juntos acertamos o que faríamos naquele encontro, bem como conversarmos um pouco sobre “como foi nossa semana?”. O educador Micuim disse

estar muito feliz em estar ali, pois estava matando a saudade que sentida de toda turminha (1). Percebemos um murmurinho entre a criançada. Laura deu um “risinho” acompanhado de um “hummmmmm” (onomatopeia). As outras crianças que estavam sentadas próximas também fizeram a mesma coisa. Dê repente Laura disse: “Tô sabendo hein!”. Ela fez isso e, mais uma vez, deu um “risinho” disparando um “olhar serrado” na direção de Maurício e Estudante de pós-graduação. Como querendo insinuar que estes dois educadores estavam namorando. Foi riso geral. Pois, compreendemos que as crianças estavam insinuando um namoro entre Maurício e Estudante de pós-graduação. Maurício disse-lhes que não era possível, pois, seu grande amor era a Renata (funcionária responsável pela refeição e monitora de culinária da ECO). Maurício nos explicou depois que tem o consentimento da Renata para fazer tal brincadeira, e disse também “tenho o hábito de dizer para as crianças que estou paquerando ela, que a educadora é o amor da minha vida, e que um dia vamos nos casar”. Foi então que Barbara disse: “Então é o Micuim que a estudante de Pós-Graduação namora!”. Micuim entrou na brincadeira, olhou para a estudante de Pós-Graduação fazendo uma expressão que foi um misto de “careta com paixão”, deixando seus olhos estrábicos (vesgo) e dando um “risinho bobo” deitando sua cabeça sobre os ombros de Estudante de pós-graduação. A educadora achou graça, e correspondeu com um sorriso. Barbara, possivelmente incentivada pela curiosidade das outras crianças, decidiu perguntar quem dali já namorava. Importante salientar nossa compreensão acerca da pouca idade das crianças e adolescentes que frequentam o projeto (atendemos crianças e adolescente com idade entre 3 e 18 anos). Contudo, naquele encontro a maioria dos participantes não tinham idade superior a 10 anos. Ademais, como a pergunta foi “disparada” pela própria participante, optamos por não interrompê-la com vistas a compreender melhor a manifestação deste momento tão peculiar (a pré-adolescência e a adolescência), na qual muitas crianças experimentam suas sexualidades (de acordo com relatos de educadores/as do espaço). Desta forma, a única a se manifestar indicando que namorava foi Laura (que possui 12 anos). Compreendemos que aquele momento não era interessante discutir qual era o significado de namorar para aquelas crianças, já que somente Laura indicou namorar quando Barbara perguntou quem namorava? Assim, uma a uma apontando-lhes o dedo e dizendo: “Você namora?”.

- As atividades musicais tem nos auxiliado no sentido de estimular mais processos de cooperação/coletivismo. Nesse sentido foi muito satisfatório e importante perceber

todas as crianças envolvidas na atividade musical. Assim, mesmo com a divisão didática (caxixi de um lado e bolinha de tênis no outro), foi destacada por Mad a importância da interação entre os grupos e a harmonia musical para que toda gente pudesse desenvolver o mesmo ritmo e o compasso. As crianças pareciam se divertir no instante em que descobriam novas possibilidades de explorar movimentos e produzir sons dentro da proposta da musicalidade indígena proposta pelo Mad (2). Assim no ritmo dos “quatro tempos” as crianças riam, interagiam, ajudavam umas as outras. Principalmente aquelas que estavam com a bolinha de tênis. Outra manifestação que me chamou muita nossa atenção ocorreu durante o “segundo momento” da vivência musical. Assim, ao formarmos um círculo foi proposto reproduzir uma dança indígena circular que de acordo com Mad ela era feita por guerreiros indígenas. Inicialmente as crianças estavam preocupadas em realizar os passos como uma reprodução mecânica: deslocamento lateral em que realizávamos marcações com flexão de tronco nos tempos 1 e 3 da contagem 1,2,3,4. Contudo, Micuim introduziu expressões corporais, como um “olhar sisudo” como ele supôs ser a de um guerreiro. Ao perceber a ação daquele educador Maurício também o fez, auxiliando uma ludicidade a partir da teatralização, estimulando a imaginação. E assim se fez. As crianças também “entraram na dança” e cada uma expressou, ao seu modo, sua expressão de guerreiro indígena. As crianças pareciam gostar, pois elas riam, olhavam umas para as outras, ora imitava um amigo, ora criavam suas próprias expressões.

- A atividade musical daquele encontro, mesmo tendo se configurado como uma atividade integradora/cooperativa, possibilitou momentos de maior exposição e protagonismo para cada participante. Assim, durante a atividade de musicalização houve um instante em que cada criança era chamada (uma a uma) para ir ao centro da pequena roda e tocar o tambor/atabaque. Lá elas reproduziam aquele mesmo 1, 2, 3, 4, realizando batidas mais fortes nos tempos 1, 3 para que o restante dos(as) participantes fizessem a dança nesta mesma marcação. O olhar de curiosidade, a expressão de incerteza ao mesmo tempo de satisfação em conseguir reproduzir o som que o restante da turma dançava foi muito marcante. Somente Barbara e Karatê não quiseram “batacar”, porém os dois dançaram junto com toda turminha (3).
- Jogo “garrafobol” foi organizado dois times nas quais também tiveram os educadores e as duas educadoras participando. Não houve nenhuma confusão ou contenda durante

a esta atividade. O que mais me chamou a atenção foi a participação de toda a turminha, principalmente a interação entre as crianças mais velhas com as crianças mais novas. Por diversas vezes um(a) coleguinha pegava a bola e passava para o(a) outro(a) fazer o arremesso (4). O jogo foi muito divertido, principalmente porque na divisão das equipes os times ficaram bem equilibrados. Pude compreender que não eram somente as crianças que se divertiam, pois em diálogo posterior Maurício, Mad, Erika, Micuim e a estudante de Pós-Graduação relataram uma imersão no jogo. Nas palavras de Mad: “Foi muito louco a meninada queria queimar e a gente desviando mesmo! O mais legal é que mesmo jogando, não perdemos o foco, a gente estava atento com o lance da referência educacional ali”. Mad, estava indicando a importância de participarmos da fruição do jogo, mas não deixando de lado o fato de sermos educadores/a. Desta forma, ao jogarmos junto com as crianças defendíamos nossas garrafas com grande atenção, fazíamos arremessos com a intenção de derrubar a garrafa (com principal foco na dos educadores/as). Toda turma estava participando do jogo. Maurício foi “queimado” (tendo sua garrafa derrubada) por Ronaldo. Ele junto com a Rosinha são as crianças com menos idade que participaram daquele encontro. Pudemos perceber uma felicidade enorme estampada em seu corpo (ele comemorou levantando os braços, abrindo um sorriso enorme e gritando em comemoração à feita). A brincadeira foi realmente emocionante. Participante por participante ia sendo “queimado”, e isso incluía a equipe pedagógica. Ao final ficaram somente a estudante de Pós-Graduação em um time e Micuim no outro. Ambos se esforçavam bastante para conseguir defender sua própria garrafa enquanto a equipe adversária tentavam atacar suas garrafas quando, num arremesso certo, Neymar acertou a garrafa de Micuim. O curioso foi que, mesmo sendo uma criança a derrubar a garrafa do educador, nos pareceu que a alegria maior foi a de Estudante de pós-graduação. Pois, Ela aparentou enorme euforia e um enorme sorriso em conseguir defender sua garrafa até o final, colaborando para que sua equipe ganhasse o jogo. Ao final das atividades, após uma roda de conversa entre os educadores/as percebemos que a emoção externalizadas pela educadora era genuína. a estudante de Pós-Graduação comentou: “Nossa gente, eu não conhecia aquele jogo. Foi uma delícia jogar com a criançada! E meu time ainda ganhou comigo defendendo até o final!”. Ao dizer essas palavras a educadora sorriu, foi como se ela revivesse a emoção do jogo (5).

- Durante o jogo de garrafobol “Capoeira” ficou sentado na lateral da quadra observando. Ele estava sentado no chão, de maneira a abraçar seus joelhos junto ao peito e ainda assim, segurando em suas mãos um “arco-e-flecha” de brinquedo. Minutos depois de o garoto sentar-se o professor Luiz também sentou-se ao seu lado e conversaram. No em que conversavam não era possível que outras pessoas ouvissem o conteúdo da conversa, pois estava ocorrendo o efusivo jogo na quadra. Mas, observá-los era como olhar para dois “velhos conhecidos” que não se viam há tempos e estavam colocando a conversa em dia. Ao final da vivência do jogo na quadra, quando já estávamos preparados para lavar as mãos e ir lanchar, Luiz e a estudante de Pós-Graduação se despediram de toda a turma. Antes de ir embora Luiz e Maurício conversaram sobre o garoto Capoeira. Luiz quis saber porque aquela criança não estava participando do Projeto. Maurício disse: “Olha Luiz, a própria mãe do Capoeira veio tirá-lo do projeto ‘Campeões na Rua’ argumentando que sua família mudou de bairro e que Capoeira iria participar de outro projeto”. Assim, o entendimento era de que o garoto havia faltado no outro projeto, para além de ter chego na quadra por volta das 9h50min a 10hrs, pois não havia participado dos momentos do café-da-manhã e da roda de conversa inicial. Luiz apresentou certa indignação/tristeza em saber, por meio de sua conversa com o garoto, que aquela criança não sabia a própria data de aniversário. O professor comentou ser uma data muito importante e representativa para crianças. Outra pergunta que o professor fez referia-se à saúde de “Capoeira”, pois, durante sua conversa o garoto comentou que havia feito uma prova/avaliação para a APAE³⁷. Maurício comentou que no ato da inscrição daquela criança sua mãe nos informou que Capoeira fazia uso contínuo de ansiolítico (medicamento que exerce efeito calmante) e que enquanto participou do projeto garoto se mostrou inteligente, experto e bastante ativo. Os educadores encerraram sua conversa, Luiz e Kergilêda foram embora. Maurício se juntou aos outros educadores para auxiliar o restante da equipe a servir a refeição para as demais crianças.
- Durante o lanche final Karatê teve uma reação de indignação/desconforto demonstrada ao denunciar que seu colega Ronaldo, em voz baixa, chamou Betina (que havia faltado no projeto e estava lá somente para buscar sua irmã mais nova, Rosinha) de bruxa. A garota não ouviu. Assim, Karatê com muita eloquência e sobrancelhas franzidas falou:

³⁷ Associação de Paes e Amigos dos Excepcionais – São Carlos.

“o Maurício olha ele aqui! Eu não gosto que os outros fiquem xingando e chamando as outras pessoas de bruxa. Não está certo! (6)”. Este fato também chamou atenção do educador Mad. Este disse ter compreendido que a atitude de Karatê em defender Betina chamando atenção de Ronaldo agressivo/violento, de forma positiva e disse: “É isso aí Karatê. Quando alguém fizer alguma coisa que lhe ofenda, ou que não está certo, você tem que chamar um adulto, ou, tentar conversar. Mas, ficar discutindo ou brigar, não vai levar a nada. Só a mais violência” Ronaldo ouvia aquilo cabisbaixo. Maurício se aproximou de Ronaldo e perguntou se aquilo havia acontecido. O garoto confirmou fazendo um aceno afirmativo com a cabeça. As crianças que estavam junto com ele na mesa também disseram que sim. Micuim explicou a todas as crianças que não era bom xingarmos, ou ofendermos nossos(as) colegas, ou as pessoas. Disse-lhes que isso poderia magoá-las. Ronaldo ouvia cabisbaixo, calado, parecendo estar arrependido. Alguns minutos depois notamos que todas as crianças que estavam junto àquela mesa conversavam normalmente, era como se nada estivesse ocorrido. Maurício comentou com os seus colegas educadores: “Deve ser a tal resiliência, a capacidade que as crianças tem de dar a volta por cima, superar as dificuldades. Olha lá! Parece estar tudo bem já!. Ficamos satisfeitos pelas crianças não repreenderem o pequeno Ronaldo.

- Hoje foi o segundo dia da intervenção de Kergilêda. Contudo, mesmo sendo a segunda vez que ela participa do VADL, ela cativou algumas crianças. Como é o caso de Rosinha. Esta fez questão de ficar o tempo todo ao lado da educadora. Inclusive, em alguns momentos de mãos dadas à Kergilêda. Outro episódio que reforça esse entendimento foi acerca da brincadeira realizada pelas próprias crianças, quando primeiramente disseram que Maurício era seu namorado, mudando logo em seguida para Micuim. Ao final muitas crianças pediram para que ela também participasse do passeio ao o museu da TAM (7).
- Não foi realizado o jogo “Rouba-Castelo” devido à falta de tempo. Pois, a conversa inicial e a atividade musical acabaram utilizando um tempo maior do que o planejado inicialmente. Compreendemos que foi positivo poder estimular a fala das crianças, por isso “estouramos” o horário do momento inicial (roda de conversa). Contudo, antes de irmos embora, ficou combinado que realizaremos essa atividade na próxima quinta-feira (24/05/2012) no horário das 8h30min às 9hrs. Momento este, em que

aguardaremos o ônibus que nos levará para o passeio. Em conversa com a equipe, pudemos inferir que a temática do “namoro”, levantado por uma participante, instigou a curiosidade das crianças, fazendo-as perceber de forma diferente a roda de conversa inicial. Como resultado, para além de grande envolvimento por parte das crianças, notamos que não houveram críticas frente a necessidade de adaptação da programação do encontro (8).

Investigação Temática

- A exemplo da semana anterior, Maurício deu continuidade ao trabalho de investigação temática. Para tanto, havia conversado com Balotelli no encontro anterior (dia 10/05/2012) sobre a possibilidade de acompanhá-lo até sua casa para poder dialogar com sua mãe sobre a tematização dos encontros do VADL. Contudo, para surpresa da equipe, o garoto nos comunicou que sua mãe viria até nosso encontro logo após o almoço, no horário das 11hrs. Ficamos satisfeitos com a solicitude da mãe. Porém Maurício ponderou que a visita à sua casa do Balotelli seria uma boa oportunidade para observarmos as condições materiais daquela família.

- Ao saber da visita da Mãe de Balotelli, irmão de Samanta, aproveitamos para conversar com a menina logo após ela escovar os dentes. Para tanto, enquanto ela tomava o café, Maurício lhe explicou o objetivo da conversa dizendo-lhe que os educadores tinha a preocupação de aprender com as pessoas da comunidade aquilo que era importante desenvolver junto com as crianças do projeto. Também explicou para ela que sempre realizávamos aquele tipo de conversa. Assim sucedeu. Maurício comentou que durante a conversa Samanta disse-lhe que no terreno que mora tem duas casas: “A da frente, onde eu moro com minha mãe e com meu Pai, e a de baixo onde mora minha vó e meu irmão”. Ao nos falar da sua casa, também disse que não se trata de um sobrado, mas sim de duas residências, dado que uma é ao nível da rua, e a outra, de sua avó, fica na parte baixa do terreno. Ela também nos contou que em seu tempo livre ela gostava de jogar ping-pong na mesa de casa com seu irmão, ou, nadar na piscina inflável que ela tinha em sua casa. Ademais, também gostava de mexer no computador para usar o orkut³⁸ e de jogar o jogo de cartas “Uno”, de jogar futebol e vôlei na rua. Samanta aparenta ser bastante vaidosa, pois

³⁸ Página eletrônica de rede social virtual.

para além de ter “Luzes” em seu cabelo, a menina também comentou que gosta de pintar as unhas. Durante o diálogo que realizaram sentados no banco de concreto que fica em frente a sala multiuso a garota apontou o que significava o projeto para ela dizendo: “Gosto de vir no projeto para brincar porque ficar em casa de manhã é muito ruim pois, não tem nada pra fazer e ficar dormindo é ruim. Também venho aqui para aprender coisas novas. Tipo esportes e brincadeiras”. Por fim, Maurício também pediu para ela pensar no bairro em que morava, nos seus colegas do projeto e dizer aquilo que era importante para ela e para as crianças do bairro aprenderem ali no projeto. Samanta então disse que as pessoas do bairro precisam aprender a ter respeito, pois lá elas brigam muito e ainda complementou: “Tem menina aqui que briga até por mesa”.

- Ao final da conversa com Samanta, Maurício comentou com a equipe pedagógica que ficou impressionado com a atitude corajosa de Samanta em cortar o cabelo para vendê-lo, pois de acordo com o educador, a participante demonstra ser bastante vaidosa. Contudo, nos pareceu que a vontade em ter uma piscina foi maior que a vaidade. Micuim, também ficou impressionado e comentou: “Olha, acredito que se fosse uma família com melhores condições de renda, ela ganharia a piscina sem precisar cortar o cabelo”. Maurício ainda ressaltou: “Bem, ela pareceu bem orgulhosa e feliz com sua feita. Ademais, ainda bem que ela teve autonomia para usar o dinheiro com aquilo que queria”. Após dizer isso os educadores refletiram juntos sobre a possibilidade as condições das crianças moradoras do bairro, e que talvez outras participantes não teriam tal possibilidade, nem tampouco, autonomia.
- Como combinado Dona Marilena, mãe de Samanta e Balotelli foi ao final do encontro, bem no horário que o participante havia indicado, após o almoço (11hrs). Quando ela chegou crianças ainda escovavam os dentes. Maurício comentou com Erika acerca da chegada daquela mãe e pediu licença para que ele, Micuim e Mad pudessem se apresentar e conversar com aquela mãe. Erika consentiu dizendo que ela dava conta de terminar com as crianças. Os educadores então se apresentaram para Dona Marilena, e foram para sala dos professores, onde estava protegida do sol e havia quatro cadeiras e uma mesa de escritório. Maurício agradeceu a vinda de Dona Marilena até a ECO e lhe ofereceu água e café, mas a senhora agradeceu recusando a oferta. Em seguida Maurício iniciou o diálogo sobre investigação temática,

apresentando que a equipe do VADL vinha buscando garantir um maior envolvimento da população nas ações do projeto da UFSCar. Para tanto, ele apresentou que estávamos realizando um trabalho de investigação temática, pois queríamos saber qual tema deveria ser trabalhado com as crianças. Assim ele solicitou: “Olha Dona Marilena, pensando nos seus filhos, no bairro do Jardim Gonzaga, o que é que você acha que devemos ensinar aqui, qual o tema deveria se desenvolvido com as crianças?”. Ao concluir a pergunta aquela senhora respondeu, de imediato: “Olha, acho que vocês deveriam fazer teatro aqui. A Samanta chega a se produzir em casa, já para o Balotelli irá ajuda-lo a se relacionar melhor com outras crianças né?!”. Notamos que Dona Marilena acabou sugerindo o “conteúdo” teatro e não especificamente um tema. Portanto, Maurício, floreou a conversa dizendo que trabalhar com teatro poderia ajudar bastante, pois através da dramatização, da encenação as crianças poderiam experimentar interpretar vários papéis, e assim se sensibilizarem com diversos temas. Nesse momento ele deu o exemplo do ano anterior, na qual foram eleitos dois temas. À Saber: “Respeito e Saúde”. E reiterou a pergunta. “A senhora poderia indicar um tema que você acha importante para as crianças do bairro?”. Daí, então Dona Marilena nos disse: “Acredito que deveria ser trabalhado com as crianças do bairro o respeito, pois às vezes, ao conversar com as crianças elas fala tudo o que vêm na cabeça e na boca”. Aquela indicação acerca do tema pareceu contemplar a busca pela temática que a equipe estava realizando. Maurício ainda quis saber o que significava o projeto VADL pra ela, de modo que aquela mãe lhe disse: “Eu acho importante para que eles possam aprender e se enturmar e a conviver melhor com os outros”. Tal resposta apresentou muita coerência com sua sugestão temática, a saber, respeito (9). Maurício agradeceu pelo diálogo e perguntou se ela gostaria de saber sobre alguma coisa do projeto, se ela tinha alguma dúvida. A mãe disse que achou que tinha sido chamada por conta de alguma “travessura” de Balotelli, mas que ficou contente em saber que não tratava disso. Os educadores também foram consultados para saber se tinha algo a perguntarem eles indicaram que não. Encerramos a conversa que foi breve, durou aproximadamente 10 minutos (9).

- Maurício comentou que foi muito importante a participação e presença dos dois educadores naquele momento diálogo. Apontando para a construção de uma identidade e vínculo com os responsáveis. Micuim comentou que achou bem

tranquilo a conversa dizendo que não sabia que podia ser tão simples. Neste momento, provocados por Maurício refletimos sobre a profundidade necessária de buscarmos descodificar a realidade vivida por aquelas pessoas, através do diálogo. Portanto, tarefa que não era uma “simples conversa”, pois, as palavras daquela mulher deveriam ser transformadora de nossas ações, não servindo somente como mero acúmulo de informações. Micuim, nesse instante disse: “Pode Crer!”.

- Após a realizarmos o diálogo com a Dona Marilena, combinamos de registrar o conteúdo dos diálogos nos diários de campo do VADL, inclusive para poder realizar uma análise mais fidedigna da investigação temática. Outra orientação foi de realizar o registro logo após o diálogo com as pessoas, procurando reproduzir com maior exatidão as palavras das pessoas pois, de acordo com Maurício. As palavras carregam significados peculiares, e se descontextualizadas ou, substituídas podemos perder a significação profunda que tal termo anuncia (10).

Diário de Campo IV

Data: 24/05/2012

Horário: 08h – 12:00h (**manhã**)

Local: Estação Comunitária do Jardim Gonzaga (ECO)/Museu da TAM

Educadores/as Presentes: Mad, Micuim, Maurício, Erika e Estudante de pós-graduação.

Participantes Presentes: Ronaldo, Bboy, Primo, Corinthians, Teves, Naldinho, Rosinha, Macwin, Betina, Sheila, Laura, Thatá, Babi, Karatê, Huck, Zinho, Barbara e Douglas.

Café-da-manhã.

Hoje, no café-da-manhã foi servido Leite com achocolatado e pão-de-leite com manteiga. Com o passeio as crianças estavam eufóricas, ansiosas. Elas falavam bastante. Conforme cada uma ia terminando seu desjejum matinal elas iam escovar os dentes. Após terminado o café-da-manhã foi necessário transmitir alguns informes sobre o passeio. Para tanto, foi necessário chamar algumas crianças que já estavam na quadra para brincar de “rouba-castelo” (como havíamos combinado no encontro da semana anterior). Após todas as crianças reunidas na sala multiuso. Comentamos sobre a “visita guiada” que realizaríamos para o museu da TAM. Depois de terminado os informes recebemos a informação que o ônibus já estava na frente da ECO nos aguardando. Fomos então para o ônibus.

O Embarque e a viagem.

Com a notícia de que o ônibus já estava em frente a ECO, a quase totalidade das crianças correram para entrar. Contudo, ao chegarem lá o ônibus estava com a porta fechada, impedindo a entrada da criançada. Assim, foi explicado que cada uma entraria no ônibus de acordo com a ordem com que fossem autorizadas. Tal ordem seguiria a sequência das autorizações (ficha que continha a ciência e assinatura dos/as responsáveis). Assim se sucedeu. Uma a uma foram entrando e, após toda gente ter embarcado, o ônibus seguiu para o museu da TAM.

No início da partida do ônibus foi pedido para que as crianças ocupassem um lugar e permanecessem sentadas, inclusive passando o cinto de segurança (pois era um ônibus escolar e possuía cinto de segurança). Durante o caminho cantamos canções que as próprias crianças sugeriam, e outras recreativas. Estas sugeridas pelo Maurício.

Ao chegarmos já havia uma pessoa nos aguardando no “acesso” ao museu. Esta guia entrou no ônibus para indicar o melhor local para o estacionamento do ônibus. Contudo, o motorista explicou que não poderia ficar conosco, pois teria outras “viagens” para realizar, portanto, apenas ficaria o tempo do nosso desembarque. E assim procedeu.

Para desembarcar paramos no rol de entrada do museu. Desceu primeiro Erika e Micuim e instruíram para que todas as crianças esperassem toda gente desembarcar para entrar no museu.

A chegada e a visita ao museu.

Ao chegarmos fomos instruídos/as pela guia para que fossemos ao banheiro, pois, durante a visita, só havia banheiros naquela seção (que simulava uma bilheteria, ou, check-list de um aeroporto). Após aguardar as meninas retornarem do banheiro, fomos retirar os tíquetes junto à bilheteria e dar continuidade ao passeio.

Durante a visita nos foi apresentada a história do avião, da aviação e, principalmente, a história da “Táxi Aéreo Marília” (TAM). Para tanto, visitamos salas onde possuíam fotografias, réplicas de aviões (utilizados para transporte de pessoas, cargas, ou até mesmo, em situações de guerras). Houve inclusive a apresentação de um curta-metragem/documentário com a história do fundador da TAM.

Após realizar a visita pelo espaço inteiro, voltamos ao saguão de recepção. Lá nosso ônibus já nos aguardava. Nos despedimos da guia dizendo tchal (alguns meninos a cumprimentaram com um aperto de mão) e fomos para área de embarque.

O Retorno para o Jardim Gonzaga.

Embarcamos no ônibus da mesma forma como na saída pela manhã. Assim, de maneira a garantir que todos embarcassem, as crianças foram chamada uma à uma, até que todas embarcassem. Já com o ônibus em movimento foi pedido para que todas afivelassem os cintos de segurança. No retorno para o Jardim Gonzaga (que em parte foi feito na rodovia Washington Luiz) as crianças novamente cantaram canções do gênero sertanejo e funk (muito tocadas nas rádios, ou em programas de tv). Maurício também estimulou à cantarem algumas músicas recreativas. Ao chegarmos ao bairro, ainda dentro do ônibus as crianças foram instruídas a irem direto para suas casas para almoçarem e vestir seus uniformes para ir à escola. Como a Av. Maranhão possui um tráfego de veículos muito grande a equipe pedagógica desceu primeiro, ficando apenas Micuim no ônibus. Conforme as crianças iam

descendo nos despedíamos dizendo “Tchal, boa aula!” e observando se iam pela calçada em direção à seus lares.

Comentários dos observadores.

- Estudante de pós-graduação comentou que parou perto de um grupo onde se encontravam cinco meninas conversando. A educadora ficou surpresa ao ser recebida com abraços, e comentários sobre o passeio que se seguiria (1). Barbara comentou naquele grupo que já conhecia o Museu em uma outra visita realizada pelo projeto e tentava descrever para as outras meninas aquela experiência. a estudante de Pós-Graduação também comentou que naquela conversa perguntaram para ela sobre o que ela vinha fazer em São Carlos, bem como sobre sua família. a estudante de Pós-Graduação diz ter comentado um pouco sobre sua vida, de modo que as meninas também falaram sobre suas respectivas famílias. Em conversa com os demais educadores e educadoras a estudante de Pós-Graduação se surpreendeu com o que ouviu das meninas, pois, de acordo a educadora: “Das cinco meninas presentes, apenas uma morava com o pai e a mãe, as outras tinha família formada pela mãe com outro companheiro, ou pelo pai com outra companheira, ou moravam com os avós. Todas me questionaram sobre meu estado civil e quando falei que não era casada, ficaram surpresas e se mostraram preocupadas com minha situação dizendo que eu tinha que casar. O casamento para aquele grupo de meninas demonstrava ser fator importante para suas vidas (2).
- Maurício chamou a atenção dos educadores para as vestimentas das crianças comentando que todas estavam muito bem vestidas. Somente uma criança estava usando chinelo. Porém, foi observado que seu dedão estava machucado, causando grande incomodo o uso de tênis. O educador comentou que é comum as meninas se maquiarem, os meninos passarem perfume. “Afinal, é uma ocasião especial não é?”
- Estudante de pós-graduação também comentou sobre o comportamento de Rosinha. De acordo com a educadora essa participante ficou de mãos dadas com a educadora desde o momento de sua chegada à ECO, até o retorno do passeio. Nas falas de Estudante de pós-graduação: “Rosinha permaneceu o tempo inteiro ao meu lado, falando que estava com medo do avião, pois temia que o mesmo a levasse embora para outro lugar. Tentei acalmá-la dizendo que isso não aconteceria e ela pediu para

que eu ficasse perto dela, prometi que não me afastaria e ela continuou, durante todo o trajeto, segurando firme a minha mão” (3).

- Notamos que nossa orientação/preocupação para que todas as pessoas utilizassem o cinto de segurança de segurança foi compreendida pelas as crianças mais velhas que, inclusive, ajudaram afivelando seus cintos e os das crianças mais novas que apresentaram certa dificuldade nesta tarefa. Em alguns momentos também percebemos elas chamando a atenção para que as crianças mais novas permanecessem sentadas e não colocassem as mãos para fora da janela do ônibus (4).
- Quando chegamos ao Museu, fomos recebidos por uma guia que comentou de forma geral como seria realizada a visita. Fomos encaminhados para um espaço que representava uma aeronave. Neste momento, algumas crianças ficaram com um pouco de medo. Ronaldo chegou a perguntar se iríamos decolar. A guia explico que não, que era apenas uma cabine de simulação eu que não iríamos sair do chão. A sala era bem escura, lembrava um túnel, ou até mesmo uma pista de pouso na qual temos uma visão privilegiada apenas das luzes que guiam o caminho da pista. Um pouco mais adiante, já num outro ambiente, mas ainda num espaço limitado que nos dava a entender que estávamos no interior de uma aeronave, nossa guia mostrava fotos e protótipos e réplicas de aviões, explicando sobre a criação do mesmo, desde a sua origem até os modelos atuais. As crianças estavam animadas, querendo ver de perto cada modelo que aparecia na narrativa histórica da guia, elas se amontoavam para olhar as réplicas e imagens apresentadas. Elas estavam tão atentas que quase não falavam. Saímos da primeira sala e fomos a um galpão bastante espaçoso, onde estavam diversos estacionados diversos aviões. Estes eram de verdade, porém, por diversos motivos estavam em desuso. As crianças, eufóricas, corriam acompanhando os educadores e a guia, muitas queriam entrar nas máquinas para conhecer mais de perto os aviões. O tamanho das aeronaves impressionavam não só as crianças, mas também aos educadores. Maurício disse: “Olha como o bicho é grande!”. Realmente o tamanho impressionava. Outros aviões, porém, eram pequenos, no tamanho de um carro de passeio, por exemplo. Em fila, todos entraram em uma aeronave e comentavam sobre o tamanho, espaço e, principalmente, a cabine do piloto (nesta parte do avião eles só puderam observar da janela da porta que divide a cabine do restante da aeronave, não

podendo entrar), falando sobre a quantidade de botões. Foram apresentados os aviões de guerra, de viagem comercial e de carga, sempre acompanhados das suas respectivas histórias e uso. Às 11:40h. terminamos a visita ao Museu e retornamos para o ônibus. No trajeto de volta, todos mostravam-se felizes, cantando e brincando.

- A visita no museu da TAM também permitiu refletirmos sobre a as contradições vividas na sociedade. De acordo com Estudante de pós-graduação: “Durante essa manhã, foi possível observar o quanto algo corriqueiro na vida de muita gente – viagem de avião – é algo tão distante da realidade das crianças assistidas pelo projeto VADL. Ver uma aeronave já é motivo de espanto e encantamento para aquelas crianças, viajar, então, é um sonho distante, visto que suas condições materiais não permitem ter acesso a esse e outros bens produzidos pela humanidade, o que pode apontar para diferenças sociais extremas no nosso país, onde a má distribuição de renda é marcada pelo acúmulo na mão de poucos em detrimento da miserabilidade de muitos” (5).
- O “cuidar do outro” também foi mote de um comentário de Estudante de pós-graduação. De acordo com a educadora: “As crianças demonstram o tempo inteiro a preocupação com o bem estar umas das outras, sendo solidárias em relação aos medos e expectativas. Pudemos observar que para Rosinha (acredito que para outras crianças também) sair do seu espaço de vivência (Jardim Gonzaga) causa instabilidade, mas, principalmente encantamento e possibilidade de conhecer uma realidade ainda distante (6). Os passeios podem contribuir para que as crianças tenham acesso a novos saberes e a uma realidade diferente da que vivem cotidianamente, para além da fruição do lazer, do entretenimento, do passeio. Colaborando, assim, na formação desses meninos e meninas”.
- Durante os dois momentos de embarque, notamos que as crianças ficavam ansiosas para subirem no ônibus de forma rápida. Podendo inclusive se machucarem com o “empurra-empurra” que se formava próximo à porta do coletivo. Fazemos a ressalva que notamos que tal comportamento na volta foi menos enérgico, porém a concentração na porta ocorreu. No instante dos dois embarques Maurício realizou a estratégia de fazer uma “chamada” e disse: “Gente cuidado! Não adianta empurrar e se aglomerar aqui na porta, vou chamar uma à uma na ordem em que foram entregues às

autorizações. Portanto, todo mundo vai entrar nesta ordem”. Tal ação pareceu ajudar, contudo, é preciso repensar as situações de filas, pois, assim como na hora de lavar as mãos, todo evento que envolve um posicionamento, um lugar, ocorre uma disputa muito acirrada (7).

Diário de Campo V

Data: 31/05/2012

Horário: 08h – 11h (**manhã**)

Local: Estação Comunitária do Jardim Gonzaga (ECO)

Educadores/as Presentes: Mad, Micuim, Maurício, Erika e Estudante de pós-graduação.

Participantes Presentes: Ronaldo, Corinthians, Teves Sheila, Rosinha, Laura, Balotelli, Kaká, Ricardinho, Hulck, Zinho, Karatê, Primo.

Hoje Fez uma manhã fria, impelindo todas as pessoas a se agasalharem.

Café da manhã: Hoje no café da manhã foi servido leite com achocolatado e pão om manteiga. Após o café-da-manhã todas as crianças escovaram os dentes e voltaram para sala para combinar as atividades que seriam vivenciadas naquele encontro, pois, no encontro anterior foi realizada a visita ao museu da TAM, e não havíamos combinado as atividades para hoje. Assim se sucedeu. Reunimos as crianças em torno de uma mesa e ficou decidida a realização dos jogos Pé-na-lata e o Bolichebol.

O Jogo Pé-na-lata

O pé-na-lata foi realizado no campo, pois ao iniciarmos o jogo estava ocorrendo o encontro do grupo de caminhada. Portanto, antes de começarmos combinamos as regras (onde era permitido se esconder, se o pegador da rodada seguinte era o último, ou o primeiro a ser pego). Após combinarmos as regras iniciamos o jogo.

Algumas pessoas compreendem este jogo como uma variação do esconde-esconde. Portanto, existe a presença de um pegador/a e de fugitivos/as. Estes deverão se esconder dentro do espaço permitido para realização do jogo. O jogo se inicia com o “pegador” posicionando a lata dentro de um determinado espaço (na qual ela deverá sempre se manter) e escolhendo alguém para “dar uma bica” (um chute) na lata³⁹, arremessando-a para longe. O pegador deverá ir pegar a lata (pode ser correndo, ou caminhando) e retornar andando de costas, não podendo olhar para trás. Neste interim, enquanto o pegador vai buscar a garrafa, os fugitivos se escondem (por isso o pegador não pode olhar para trás). Após colocar a garrafa no lugar determinado o pegador começa a procurar os participantes e, a medida que ele os

³⁹ Na Estação Comunitária utilizamos uma garrafa pet com um pouco de água, equivalente a “três dedos”, para que o vento não derrubasse a garrafa, mas atentamos que originalmente era utilizado latas de óleo, achocolatado, leite em pó. Daí o nome do jogo.

encontra ele corre até a garrafa e fala o nome de quem ele encontrou. O Fugitivo que foi encontrado deve ficar sentado em um lugar próximo a área onde está a garrafa (só não é permitido ficar à frente da garrafa, pois, pode ocasionar acidentes). Porém, para que o pegador vença o jogo é preciso que ele tenha atenção, pois, pode ocorrer de algum fugitivo, que não tenha sido pego, venha dar “uma bica” na lata, libertando quem já tinha sido pego e fazendo com que o pegador tenha que buscar a lata sem olhar para trás reiniciando o jogo. Aqueles fugitivos que já estavam escondidos permanecerão escondidos (podendo trocar de lugar). O jogo termina quando o pegador consegue capturar todos os fugitivos. Então, é começada uma nova rodada com o novo pegador que, geralmente, foi o primeiro a ser pego na rodada anterior.

Realizamos algumas rodadas deste jogo e ao terminarem a brincadeira “pé na lata” que aconteceu no campo de futebol da Estação Comunitária, todos se dirigiram para a quadra poliesportiva, pois já haviam concluído as atividades do Grupo de Caminhada. Foi dado início para a segunda atividade do dia, o jogo “Boliche Ball”.

Boliche Ball.

Os Educadores Micuim e Erika dispuseram as crianças sentadas em círculo e explicaram as regras da brincadeira, visto que seria realizada pela primeira vez com aquelas crianças. Divididos em dois grupos, os participantes deveriam derrubar, com uma bola de borracha, as garrafas que estavam enfileiradas. Para tanto, foi utilizada a marcação da quadra de vôlei como espaço de jogo. Desta forma, cada grupo ficou posicionado atrás de uma linha lateral da quadra de vôlei. As garrafas (no total foram quinze) ficaram enfileiradas de modo paralelo às linhas laterais ocupando a região central do espaço. O objetivo do jogo era derrubar as garrafas realizando arremessos, vencida a equipe que derrubasse mais garrafas.

Foi realizada uma rodada deste jogo. Depois desta atividade lavamos as mãos e fomos para a sala multiuso onde foi servido o almoço.

Almoço.

Antes de ser servida a refeição dialogamos sobre programação do encontro seguinte. A saber, do dia 14 de junho, pois no dia 07 de junho seria celebrado o “Corpus Christi” não havendo encontro. Assim, foi anunciado a possibilidade da realização de uma “Quadrilha Junina” e, como houve interesse das crianças na realização desta dança, combinamos que no próximo iniciariamos o ensaio e, se houvesse tempo, realizaríamos uma brincadeira escolhida por elas.

Naquele almoço foram servidos arroz, feijão, frango assado com batata e salada de alface. A equipe pedagógica aproveitou para almoçar junto com as crianças. Conforme cada uma terminava seu almoço, autonomamente apanhavam suas escovas para realizar a higiene bucal.

Comentários e Reflexões do observador:

- Maurício sinalizou, mais uma vez, a necessidade do empenho para a realização da investigação temática, pois, os educadores declaram não ter realizado nenhum diálogo com participantes com objetivo de realizar o levantamento dos temas geradores.
- Antes de ir embora a estudante de Pós-Graduação comentou com Maurício: “Ao chegar à sala, mais uma vez, as crianças me cumprimentaram com bastante entusiasmo, me fazendo sentir como parte integrante do grupo. Foram muitos abraços calorosos”. Outra observação feita pela estudante de pós-graduação fazia menção a relação entre as próprias crianças. Assim ela comentou: “Durante essa manhã pude observar o quanto as crianças colaboram umas com as outras na realização das atividades, tornando-se instrutores uns dos outros. A incorporação das regras é outro aspecto que fica bastante visível, bem como a tentativa de burlá-las” (1).
- A comida de Renata foi muito elogiada pelas crianças, bem como pelos educadores. Balotelli comentou que a comida dela é tão gostosa quanto a comida que sua avó faz.
- Nesta manhã observamos que Rosinha mostra-se uma criança que tenta o tempo inteiro chamar a atenção para si, muitas vezes se negando a participar das atividades junto com o grupo, ora pedindo para que fiquemos junto a ela, ou de mãos dadas. Em conversa com a equipe, Mad comentou que isso pode indicar necessidade afetiva, de toque, carinho e atenção como se indicasse carência desses sentimentos (2).
- Durante a realização do Boliche Ball nos chamou a atenção a competitividade entre as crianças. Nesse sentido Ricardinho, Karatê e Ronaldo, ficaram inconformados com o fato de sua equipe ter pedido o jogo. Karatê, inclusive buscou atribuir a culpa pela derrota à um colega. Nesse sentido percebemos que é importante dialogarmos acerca

da competitividade exacerbada, bem como realizar mais jogos cooperativos, com vistas a estimular o sentimento de pertença e identificação de a comunidade (3) .

- Antes de ir embora a estudante de Pós-Graduação comentou com Maurício que estava impressionada com o carinho com a qual a equipe pedagógica buscou desenvolver suas atividades. Nas palavras da educadora: “Me impressionou a paciência e carinho dos educadores demonstraram ter com as crianças naquela manhã. No início da manhã, quando foram conversar sobre o planejamento das atividades e sua realização, Erika e os meninos (Maurício, Mad, Micuim, Erika), conseguiram priorizar as colocações das crianças, apontando a necessidade de se respeitar a vez de cada um se expressar e o respeito que se deve dar a voz dos colegas, algo difícil de se fazer com crianças, que ainda estão internalizando normas de convívio, mas primordial para a sua formação. Os educadores deixaram as crianças decidirem as atividades recreativas do dia dando algumas opções de jogos. As crianças decidiram por duas brincadeiras: pé na lata e boliche Ball. Percebi que as práticas sociais de lazer vivenciadas na Estação Comunitária nesse dia, terão repercussão na vida de todos os envolvidos, principalmente as crianças assistidas pelo Projeto VADL, que nem sempre têm oportunidade de se fazerem ouvir, ou de estabelecerem relações de respeito e solidariedade com seus pares ou adultos de sua convivência” (4).
- Erika comentou com a equipe do VADL sobre a importância que o projeto tem para as crianças. A educadora salientou que muitas crianças, principalmente as meninas, têm como prioridade de vida a constituição de uma família, ou seja, casar e ter filhos. A educadora comentou que isso a deixa muito angustiada, pois, em lugar de procurar uma formação profissional as meninas do bairro acabam por serem prejudicadas pela extrema valorização da busca por “ter um marido”. O que, nas palavras da professora, “pode levá-las a manterem relacionamentos afetivos prematuramente. Realidade já vivenciada por algumas meninas que precisaram, inclusive, abandonar os projetos” (VADL e Campeões na Rua). A educadora também nos disse ter vivenciado experiências significativas para a sua vida ali no projeto, apontando para as aprendizagens adquiridas com todos os envolvidos, inclusive, o quanto tudo isso ajudou a compreender melhor as crianças assistidas pelo VADL (5).

Diário de Campo VI

Data: 14/06/2012

Horário: 08h – 11h (**manhã**)

Local: Estação Comunitária do Jardim Gonzaga (ECO)

Educadores/as Presentes: Mad, Maurício, Micuim, Rubens e Erika.

Participantes Presentes: Ronaldo, Corinthians, Teves, Sheike, Sheila, Samanta, Rosinha, Laura, Balotelli, Kaká, Huck, Zinho, Karatê, Primo.

O dia começou fresquinho e ensolarado. Com poucas nuvens a temperatura estava agradável.

Café da manhã.

As crianças foram chegando e já fomos todos, educadores e participantes, lavar as mãos e tomar o café da manhã dentro da sala. Foi servido leite com cereal de milho nessa refeição.

As atividades do dia começaram ali mesmo na sala. Relembramos o que foi combinado no encontro anterior, que neste caso, foi o ensaio da quadrilha para a festa junina que ocorrerá na ECO no dia 28 de Junho. Também combinamos que se houvesse tempo disponível depois do ensaio, realizaríamos alguma atividade musical. Enquanto a quadra estava sendo usada para o grupo PET-saúde de caminhada, conversamos um pouco ainda na sala sobre festa junina, e se eles conheciam alguns passos de quadrilha, para inserirmos a dança que logo iríamos ensaiar. Um pouco antes desse momento, o Maurício informou a todos que ele, a Erika, e o Rubens teriam que deixar o ambiente, pois foram chamados para uma reunião com relação a prefeitura e não poderiam participar das atividades ocorrida naquele dia.

Ensaio da Quadrilha

Maurício, Rubens e Erika retornaram para a ECO às 11hrs, portanto, já havia encerrado o encontro com a turma da manhã. Então Micuim comentou sobre como foi o Ensaio para a Quadrilha Junina. Assim o educador comentou que logo que foi encerrado o café-da-manhã o pessoal do Grupo de Caminhada da Unidade de Saúde da Família (USF) ainda estava utilizando a quadra para suas atividades. Desta forma, foi iniciada uma roda de

conversa com as crianças sentadas nos bancos de alvenarias que tem do lado da cozinha, numa área em frente ao campo. Lá foram dialogados sobre alguns elementos da festa, tais como: o que poderia ter de “comes e bebes”, quais músicas seriam tocadas. Mad aproveitou para comentar que Balotelli indicou a possibilidade de tocar teclado, pois o garoto já havia sinalizado esta intenção para Maurício, porém era preciso conversar com sua mãe para saber se ela autorizaria ele trazer o teclado. Ficando combinado de nos informar no encontro seguinte (21/06/2012) acerca desta possibilidade.

Micuim comentou que a roda de conversa iniciou ao lado da cozinha, nos bancos, porém, como estava fazendo um sol forte a turma toda foi para cima do palco. Lá terminaram de fazer o planejamento da festa e, ao final da atividade do Grupo de Caminhada (às 9hrs) o pessoal começou o ensaio da quadrilha junina.

Comentários.

- Maurício comunicou que não pôde ficar com a turma da manhã devido à uma convocação da prefeitura, porém indicou que à tarde iria se debruçar na tarefa de investigação temática, enquanto ocorrer o ensaio. Assim se sucedeu.
- Micuim comentou que o dia começou tranquilo com a presença de todos os educadores, porém com a saída do Maurício, Rubens e Erika, as crianças ficaram muito agitadas e não colaboraram muito com o andamento do projeto. Foi uma manhã de muita resistência e mau comportamento, com muitas brigas e desentendimentos entre as crianças. O ensaio começou um pouco confuso e com muita resistência das crianças. No começo as crianças estavam respondendo mal aos educadores e pouco participando da atividade, pois a maioria só queria brincar e não colaborar com a coreografia. Após muito esforço e paciência e diálogo os educadores e alguns participantes, foi possível finalizar e padronizar uma dança com a participação de todos (1). Notamos que, com o tempo, as meninas mais velhas, Sheila e Laura, foram se interessando e assim começaram a participar com mais vontade e interesse. Como são mais velhas creio que influenciam um pouco as outras crianças, fazendo com que melhorasse a participação da maioria das crianças (1).
- Micuim e Mad disseram que conversaram e refletiram sobre os ocorridos daquela manhã. Assim, Mad anunciou que lembrou da conversa que os educadores tiveram

dias antes, durante uma reunião de planejamento, na qual compreendemos os dois disseram que o fato de Erika, Rubens e Maurício estar inseridos na comunidade a mais tempo, eles são a maior referência, e com a saída deles nesta manhã, mesmo com o pedido de se comportarem, não adiantou, havendo muita dificuldade em conduzir a atividade no início. Porém Micuim atenuou: “Mas ao final do dia, depois almoço, eu e Mad ficamos muito felizes e chegamos a conclusão que atingimos o objetivo de acabar o dia em paz, e com a coreografia da festa junina já definida. Que com muito esforço e muito dialogo com as crianças elas entenderam a mensagem de respeito que tentamos passar a elas” (2).

- Micuim comentou que o participante Zinho brigou durante o ensaio com Karatê, cada um dizendo que o outro havia lhe xingado. O educador então, entrevistou explicando aos dois que se houvesse qualquer coisa que os incomodasse, eles deveriam chamar um educador, não devendo agredir ou xingar de volta, pois os educadores tentariam resolver da melhor forma possível. Contudo, Mad comentou: “Mas em seguida Zinho também brigou com a Rosinha e com a Laura. Eu e Micuim conversamos com todos juntos e, após o diálogo as crianças pediram desculpas umas para as outras e falaram que não iriam brigar novamente” (3).
- Mad comentou que ao final chamou para conversar aquelas crianças que haviam se comportaram mal durante aquela manhã. De acordo com o educador, ele dialogou com elas sobre o comportamento de cada uma, bem como o necessário respeito que deveriam ter uma pela outra. O educador também comentou que apresentou seu descontentamento com as crianças, dizendo estar decepcionado com elas, pois elas haviam desrespeitado ele e o Micuim ao não cumprirem o combinado com a ausência de Erika, Rubens e Maurício.
- Micuim comentou ter parabenizado os participantes que se comportaram de forma adequada, em especial a Samanta, que segundo o educador, se comportou muito bem, inclusive ajudando-os pedindo para as outras crianças terem mais atenção com o que estava sendo ensinado (4).

- Micuim comunicou que combinou com as crianças que caso tivesse tempo, para além do ensaio seria realizada alguma brincadeira e que, para tanto, seria necessário que aproveitassem bem o ensaio e se comportassem “direitinho” para ganhar tempo com o ensaio.

Investigação Temática

- Micuim e Mad comentaram que não foi possível realizar a investigação temática com a turma da manhã por terem ficados sozinhos com as crianças, portanto, com muitas tarefas que exigiam atenção. Então Maurício sugeriu de realizarmos esse trabalho com os profissionais da ECO. Micuim e Mad concordaram. Escolhemos iniciar por Rubens e Erika e, assim, após apresentada nossas intenções para com os educadores ambos se dispuseram a colaborar.
- Maurício comentou com Micuim e Mad que é necessário incluir nos Diários de Campo a indicação temática, pois para a eleição do tema, será realizada uma análise dos diários de campo. Nas palavras do Educador: “A investigação temática é uma ação do projeto VADL que tem como objetivo atender os interesses da comunidade participante (responsáveis pelas crianças, funcionários da prefeitura e equipe do VADL), a partir do exercício dialógico de pensar a realidade concreta que vivemos. A eleição do tema é para o projeto como um todo, portanto aquilo que for indicado por todas as pessoas envolvidas será analisado, incidindo na ação do VADL, não segmentando em grupos (grupo da manhã, grupo da tarde, grupo de educadores). Procuramos uma visão compartilhada para nossa ação” (5).
- Logo após o almoço, quando toda a turma de participantes da manhã já havia retornado para seus lares, Maurício dialogou com Erika acerca das ações do projeto VADL e da história deste projeto no Jardim Gonzaga, bem como em outros espaços do município. O educador comentou que nesta nova trajetória, na qual estava procurando aperfeiçoar o trabalho de levantamento temático comentou que é imprescindível a participação de toda gente, e inclusive da equipe pedagógica. Nesse sentido, Maurício pediu para que ela refletisse sobre as condições das famílias, das

crianças, naquilo que ela observava no dia-a-dia com seu trabalho com as crianças e perguntou-lhe: “Qual tema ou assunto você indica para ser desenvolvido pela equipe do VADL?” Com efeito, a educadora respondeu: “A partir das minhas experiências no bairro, e também experiências anteriores, acredito ser muito importante trabalhar a questão de gênero, como está a relação entre homens e mulheres, seus papéis, os direitos da mulher que muitas vezes são desrespeitados. Acabando por ser ora fragilizadas, ora supra-responsabilizadas. Outros temas possíveis de se discutir seria a importância da escola para combater a evasão escolar e a descrença/desvalorização do papel da escola”. Maurício aproveitou também para perguntar o significado, ou expectativa, que o projeto VADL tinha para ela. Erika comentou que pelo fato de ser uma parceria (VADL e “Campeões na Rua”), encarava os dois como extensão de um trabalho comum, e que certamente o trabalho de levantamento temático seria compartilhado/considerado para as ações cotidianas do “Campeões na Rua”. Assim a educadora apontou: “Em um primeiro olhar é minha profissão, ou seja, enquanto sustendo e renda. Agora, também, é possível ver o significado de me permitir refletir o país que eu moro, as condições/situações da sociedade brasileira em termos de desigualdades sociais, bem como um processo de entender melhor o ser humano a partir da convivência com outras pessoas, famílias. O trabalho na ECO é um ambiente propício para compreender o ser humano devida as diferenças com minha própria realidade. Realidade que nasci e fui criada. Quando eu era criança eu frequentava um clube, academia. As crianças aqui vêm na quadra! Isso me permite refletir as diferenças no comportamento, nas atitudes das pessoas, cada indivíduo” (6). Durante o diálogo Maurício comentou que pode conhecer melhor a educadora, pois ela pode falar sobre sua infância, aquilo que gostava de fazer em seu tempo livre.

- Maurício conversou com Deby (participante do grupo da tarde). Ela tem 10 anos, passa o dia inteiro com a avó, mas mora com sua mãe, Dona Jê, que trabalha o dia inteiro, voltando só no final da tarde. Em nossa conversa a participante comentou que gosta de brincar de pega-pega, pé-na-lata com seus primos e com prima Laura (participante da manhã) ela realiza a brincadeira da bolinha que aprendeu com o Mad. A investigação temática ocorreu na ECO, com as mesmas estratégias impelidas com as crianças da turma da manhã. Assim, sentados no entorno da mesa de concreto Maurício pediu para que ela pensasse no bairro, seus colegas e dissesse qual temática deveria desenvolvida no projeto, de modo que Deby indicou: “Higiene, ou, pra não

jogar lixo no chão! É, meio ambiente, cuidado com meio ambiente”. A participante também indicou que para ela o projeto significa “ter mais educação, aprender brincadeiras novas e a respeitar as pessoas”. Maurício explicou para a participante que conversará com toda gente envolvida com o projeto. Assim conversará com outros participantes, com a equipe de funcionários da ECO e com os responsáveis das crianças participantes. Deby comentou que sua mãe combinou de ir busca-la ao final das atividades daquela tarde indicando que seria oportuno que Maurício já conversasse com ela. Assim sucedeu. Ao final das atividades do projeto, logo após o lanche, sua mãe chegou. Ao encontra-la Deby comentou sobre o trabalho de investigação temática que Maurício estava fazendo. Dona Jê apresentou ser simpática de maneira muito solícita aceitou o convite para um diálogo. Maurício lhe explicou os objetivos dizendo que nos anos anteriores já desenvolviam esse trabalho de consulta à comunidade participante do projeto da UFSCar. Maurício comentou que fez as mesmas perguntas para Dona Jê, de modo que ela respondeu: “A Deby é uma criança criada sozinha. Eu não deixo ela na rua. Ou ela está comigo, ou está na casa da Avó, ou está com a tia. Já as outras crianças, cada uma é criada pela sua família, então não adianta colocar a culpa na escola, é na família”. Com relação ao significado que o projeto tem para ela, dona Jê declarou que “Aqui ela aprende, é bom pra ela não ficar sozinha, e assim ela brinca”.

- Os educadores Micuim e Mad realizavam a investigação temática com Rubens na sala multiuso. Desta forma, comentaram com Maurício que iniciaram explicando a importância da participação de toda gente no processo de investigação temática. Inclusive das pessoas que compõem a equipe pedagógica e dos profissionais da ECO. Rubens, que já havia concordado em participar, disse que achava importante esse trabalho de levantamento dos temas geradores. Com efeito, os educadores do VADL comentaram que ao solicitarem para Rubens indicar um tema ele foi o fez com poucas palavras, sendo muito objetivo, indicando “Saúde e Cidadania”. Os educadores comentaram que não aprofundaram nas indicações, mas que quiseram saber o significado que o projeto VADL tinha para ele. De maneira que Rubens comentou: “O projeto visa trazer para a comunidade novos jeitos de brincar, permitir o convívio social, isso tudo através do esporte, brincadeiras, educação. É o educar de uma maneira diferente. Uma nova visão”. Os educadores do VADL comentaram que durante a conversa eles souberam que Rubens era sancarlense, mas que havia estudado

na Universidade Estadual de Londrina e se graduado no Curso de Ciência do Esporte. Eles também souberam que no ano de 2008 o educador atuou na USF do Jardim Gonzaga como residente. Por isso, muita gente do bairro conhecia ele.

- Maurício também conversou com a participante Gigi e com seu pai, Dicão. Este, já foi funcionário da ECO, inclusive mora em frente ao equipamento, condição que facilitou a conversa, dado que logo após o encerramento do projeto Gigi chamou seu pai para conversar conosco. Portanto, primeiro foi realizada a investigação com a Gigi, enquanto a turma da tarde ensaiava para quadrilha. Maurício comentou que logo no início do ensaio chamou-a para conversar, explicando-a que precisava de uma ajuda. Em sua explicação Maurício disse a Gigi que ela poderia ajudar os professores no projeto dizendo o que eles deveriam ensinar para as crianças. Para tanto, pediu para a menina pensar em como era o bairro, como era a casa dela, como se comportavam seus amigos para então dizer. Gigi não demorou muito para responder: “Tem que ensinar as crianças a brincar, mas não brincar de lutinha, pra machucar os outros. Brincar, mas brincar quietinho!”. Maurício comentou com a equipe que sentiu muita dificuldade em apreender o significado que Gigi dava ao projeto, de modo que após ele perguntar o que significava o projeto pra ela e a menina perguntar “como assim?”. Maurício então disse: “O que você sente quando vem aqui? Por que você vem aqui?”. Então Gigi disse-lhe: “Pra ficar no projeto pra brincar com as crianças, com os professores, e tem que obedecer os professores, as mães os pais. Porque eu gosto de brincar aqui. Eu gosto de brincar nas árvores, no lixo, nos cachorros, gosto de cuidar pra não ficar suja, eu gosto de cortar papelzinho e jogar no lixo”. Maurício então agradeceu Gigi e disse que gostaria de conversar com um responsável por ela. A menina falou que o pai dela estava em casa. Maurício disse-lhe que passaria lá mais tarde para tentar combinar uma visita na semana que vem. Maurício encerrou a conversa agradecendo a Gigi, antes de sair a menina falou: “Mas, não era pra ajudar”. Maurício disse-lhe que era só aquilo e que já tinha ajudado bastante. Com a equipe o educador comentou que provavelmente Gigi pensou que iria realizar alguma tarefa, como, por exemplo, de organização e limpeza, dado que Maurício havia pedido Ajuda.
- Maurício, Mad e Micuim dialogavam sobre o levantamento temático realizado por eles naquela tarde quando chegou na sala Dicão, pai de Gigi. Aquele senhor conhecia todos/as educadores/as e funcionários/as, pois, para além de morar em frente ao

espaço onde ocorre o projeto, ele também já atuou como controlador de acesso em anos anteriores. Assim, foi convidado para entrar. Maurício, disse à Dicão: “Poxa, conversei com sua menina hoje e disse a ela que eu passaria lá mais tarde para ver se você poderia contribuir com um trabalho que estamos realizando”. Dicão disse que sua filha comentou de nossa intenção, mas não soube dizer direito que era. Assim, ele havia decidido vir aqui conversar conosco. Maurício comentou com aquele pai que se tratava da investigação temática, pois, gostaria de saber qual tema os educadores deveriam desenvolver no projeto com as crianças. Dicão disse-lhe que no ano passado tinha conversado com a gente e que sabia disso. Maurício logo perguntou sobre qual tema ele poderia indicar para equipe. Dicão disse: “Acredito que as crianças não tem respeito, principalmente com os mais velhos. Por isso acredito que respeito deveria ser um tema trabalhado”. Durante a conversa Dicão também indicou o que o projeto significava para ele: “Pra mim é bom, porque ocupa a mente da molecada, tira da rua, ajuda a não deixar se envolver com drogas. Possibilita a aprendizagem de coisas diferentes, jogos novos e diferentes, de outros lugares”. Em diálogo os educadores perceberam que Dicão tinha uma percepção ampliada do projeto devido à sua proximidade ocasionada por já ter trabalhado no espaço. Maurício sabia que no terreno onde estava a casa de Dicão moravam outras crianças que também participavam do VADL, a saber: Karatê e Ninja. Assim, perguntou dos responsáveis, se havia algum responsável lá para podermos anunciarmos o trabalho e combinar um dia para retornarmos para dialogar sobre a temática do projeto. Dicão indicou que o pai de Ninja estava lá. Então, Mad aproveitou para ir acompanhado por Dicão até a residência de Ninja, falar com seu pai.

- Mad comentou que conversou com Ninja, participante da turma da tarde de 7 anos de idade. Em sua conversa o educador comentou que a criança nos indicou para que trabalhássemos “respeito e saúde”. Maurício perguntou à Mad se a criança havia dito daquele jeito, com aquelas palavras. O músico comentou que inicialmente Ninja não havia entendido a pergunta, indicando-lhes conteúdos como futebol, dança, porém, que após explicação do educador, o garoto acabou dizendo com aquelas palavras mesmo. Mad também comentou sobre o significado que Ninja atribuiu ao projeto, nas palavras da criança: “Gosto muito do projeto e acho muito importante porque a gente vê os amigos e brinca junto com eles”.

- Mad, Maurício e Micuim foram até a casa de João , pai de Ninja. Contudo, enquanto ainda estavam na calçada em frente a ECO, avistaram a madrastra de Paulinho que estava no ponto de ônibus. Então, Maurício sugeriu para os demais educadores de ir lá conversar. Micuim aceitou. Desta forma, Mad conversou com João e Micuim e Maurício com Carmô, madrastra de Paulinho.
- Como Mad havia conversado com Ninja, e ele aproveitou também para conversar com o pai da criança assim que soube que ele estava em casa. Para tanto, foi só atravessar a rua. Assim, lá se encontrou com João, na qual conversaram ali mesmo na calçada. Mad comentou que no terreno da casa de Ninja moram três famílias. Era um terreno de “meio lote”. Durante a conversa ele soube que moram um total de doze pessoas naquele endereço. Mad comentou que ficou muito impressionado com a postura daquele pai. O educador nos disse que durante a conversa João se mostrou ser uma pessoa bastante esclarecida, paciente, calma e simpática. Também comentou que o homem aparentava ser jovem, com aproximadamente 24 anos. Com relação à indicação de temas para desenvolvermos com as crianças o rapaz disse a Mad que deveria ser desenvolvida “Educação reforçando o respeito na convivência”. Ainda indagou: “Se não tiver respeito um com o outro, como conseguir educar eles?”. Mad também comentou as palavras do pai de Ninja, quanto ao significado do projeto: “O projeto é bom pra tirar as crianças da rua, ajuda na educação”. Mad comentou também que Ninja é irmão de Karatê (participante da manhã) e que os dois se aproximaram exatamente ao final da conversa. Mad disse ter reparado que o pai demonstrou ser muito afetuoso com seus filhos, pois, as crianças se aproximaram e cada um segurou em uma das mãos de João, colando seus corpos junto a perna do pai que os aconchegou colocando as mãos sobre os ombros da criança.
- Micuim conversou com Paulinho. O educador comentou que foi muito complicado compreendê-lo, ao mesmo que também foi muito difícil se fazer compreender, pois a criança tem baixa audição que o impele a utilizar aparelho auditivo. Ademais, sua mãe não o deixa ir de aparelho para o projeto, pois, pelo fato de realizarmos jogos, brincadeiras, e outras práticas corporais que exigem bastante movimentação, faz com que sua mãe tenha receio de que Paulinho quebre o aparelho. Portanto, notamos que a maioria das vezes ele está sem aparelho. Micuim comentou que hoje não foi diferente, ele estava novamente sem aparelho. Com isso, o educador disse ter muita dificuldade,

mas acredita que conseguiu realizar a tarefa, pois, em meio às dificuldades de comunicação o educador comentou que utilizou da escrita. Nas palavras do educador: “Primeiro eu comecei falando, gesticulando, mas percebi que estava fazendo tudo errado, daí então eu escrevi: O que você acha que as crianças do bairro tem que aprender aqui no projeto? De modo que ele respondeu: ‘Educação’. Daí eu perguntei o que é que ele gostava de fazer e ele me respondeu que era jogar bola e soltar pipa. Daí o mais difícil foi tentar saber o que é que o projeto significava para ele. Daí eu tive que escrever, mas eu escrevi assim: O que é que significa o projeto? Porque que você vêm aqui? O garoto respondeu que era pra brincar”.

- Maurício e Micuim foram ao encontro de Carmô, que estava no ponto de ônibus. Lá Maurício à cumprimentou com um aperto de mão que foi correspondido com muita simpatia de maneira que a mulher perguntou: “E professor! Sumiu da ginástica hein?”. Maurício conhecia Carmô dos encontros semanais do “Grupo de Convivência” (atividade noturna do PROPET-Saúde desenvolvida em parceria com a USF-Jarim Gonzaga cuja oferta era destinada aos trabalhadores/as). Assim Maurício justificou que foi mais algumas vezes, mas acabou se desligando do grupo porque havia se formado e estava focando seu trabalho com as crianças do bairro. Maurício apresentou Micuim para aquela senhora e disse que ele também era um educador que veio ajudar no Projeto da UFSCar (algumas pessoas do bairro conhecem o VADL como “projeto da UFSCar). Assim, após os cumprimentos e apresentações Maurício anunciou o propósito e perguntou: “Carmô, enquanto você espera o ônibus a gente pode conversar um pouquinho? É sobre o projeto da UFSCar com as crianças. Carmô disse que sim, mas que não poderia perder o ônibus. Maurício ponderou que seria rápido. Desta forma, o educador comentou que naquela tarde Micuim havia conversado com seu filho, Paulinho. A mulher interrompeu Maurício com um sorriso e disse: “Ele não é meu filho não professor! Ele é meu sobrinho, filho da minha irmã que abandonou o pai dele. Ele me chama de mãe porque eu crio como se fosse meu, sabe? Ainda mais depois que eu juntei com o pai dele. Agora que é meu filho mesmo”. Maurício perguntou sobre os outros dois meninos que frequentavam o projeto no passado, Carmô explicou que aqueles dois eram dela mesmo e que, inclusive, tinha uma menina mais velha e que inclusive já tinha até filho. Após aquela breve apresentação o educador comentou sobre seu intento em realizar a investigação temática que, posteriormente, seria transformada em atividades, conteúdos para serem

desenvolvidos junto às crianças na ECO. Carmô concordou de imediato e apontou: “Olha, lá podia ensinar as crianças a não ficar xingando, falando palavrão. Mas isso é pensando na comunidade toda né? Porque se um fizer e os outros não fizerem, não adianta. Porque se eu não varrer a rua desde lá de cima, ninguém varre”. Maurício perguntou, então se o tema era respeito e cuidados com a comunidade, Carmô disse que sim! Repetindo as palavras “Respeito e comunidade” (7). Carmo tinha um sotaque bem carregado em sua fala, Maurício ficou curioso e perguntou de onde vinha aquele sotaque. Aquela mulher que aparentava ter aproximadamente 47 anos disse ser natural da Bahia, do município de Pintadas. Como o ônibus não havia chego ainda Maurício aproveitou para perguntar o que é que o projeto significava para ela e a mãe do Paulinho respondeu: “Eu acho bom, Porque não fica na rua, que é onde só aprende o que não presta. Então lá ele vai aprender coisas boas. Aprender atividades. Uma coisa que é boa né?”. Antes de encerrar Maurício aproveitou para perguntar sobre o aparelho do Paulinho, Carmô (re)afirmou que ela temia que o aparelho quebrasse, por isso ela não deixava ele ir todo dia com aparelho. Pedimos então, para que ela permitisse que, ao menos às quintas-feiras ela autorizasse ele ficar com aparelho, pois estaríamos atentos para não causar risco ao aparelho. A mãe concordou, mas salientou para que tivéssemos cuidado com seu menino e com o aparelho. Antes de ir embora Carmô comentou que há alguns dias atrás flagrou Paulinho chorando sozinho em um canto da casa. Ela conversou com o garoto e soube que seu marido e seus dois filhos saíram para jogar bola e não levaram Paulinho por achar que ele é “aleijado”. Daí, ela disse que brigou com seu marido, pai (inclusive biológico) de Pedrinho, e seus dois filhos dizendo: “Eu disse que o menino não é aleijado, que ele sabe das coisas, que ele é esperto”. Comentamos com aquela mãe que Pedrinho é muito querido pelas crianças do projeto devida a sua simpatia e participação, pois, participa de todas as atividades propostas. Ela sorriu ao ouvir os educadores dizer aquilo. Tão logo os educadores falaram de Paulinho, o ônibus apontou. Maurício e Micuim agradeceram pela conversa e retornaram para ECO enquanto Carmô entrava no ônibus.

Diário de Campo VII

Data: 21/06/2012

Horário: 8h – 11h (**manhã**)

Local: Estação Comunitária do Jardim Gonzaga (ECO)

Educadores/as Presentes: Maurício, Mad, Micuim, Rubens e Erika

Participantes Presentes: Macwin, Sheila, Karatê, Bboy, Naldinho, Clarinha, Dézinha, Douglas, Samanta, Patrik, Primo, Betina, Barbara, Balotelli e Kaká.

O dia em São Carlos estava chuvoso e bastante frio, pois o inverno chegou. Com efeito, pudemos observar que algumas crianças estavam bem agasalhadas e outras não.

Café da manhã

No café da manhã foi servido bolachas de água-e-sal e leite quente com achocolatado que ajudou a esquentar todo mundo. Enquanto o pessoal realizava o desjejum matinal, Mad foi imprimir as letras de duas músicas juninas para cantarmos e tocarmos. Maurício e Micuim se sentaram junto às crianças para tomar café-da-manhã juntos. Após o café-da-manhã todas as crianças e os dois educadores escovaram os dentes.

Enquanto Mad finalizava a impressão das letras das músicas aproveitamos para perguntar sobre como havia sido a semana da turma, se tinham alguma novidade que gostariam de compartilhar. Foi então que Ronaldo pediu para Maurício contar uma piada/anedota. Assim, ele o fez. Em seguida perguntamos se alguma criança gostaria de contar uma piada. Balotelli se manifestou dizendo que gostaria de contar uma piada e assim o fez. Contudo, o participante acabou contando uma piada que havia um forte caráter preconceituoso com pessoas portadores de necessidades especiais. Assim, logo após que Balotelli contou sua piada, algumas crianças riram e, procurando não constranger o participante, procuramos realizar uma discussão sobre a questão do preconceito.

Antes de iniciarmos as atividades musicais foi perguntado se mais alguém gostaria de contar uma piada. Ninguém se manifestou, assim, demos início a atividade musical.

Atividade musical

O objetivo deste encontro era que ao final todos deveriam ter compreendido as melodias e letras das cantigas a serem cantadas na festa junina. As cantigas são essas:

Pula a Fogueira*Cantiga Popular Brasileira*

Pula a fogueira ia-ia

Pula fogueira ioiô

Cuidado para não se queimar

Pois essa fogueira já queimou meu amor

Balão*Cantiga Popular Brasileira*

O balão vai subindo

Vai caindo à garoa

O céu é tão lindo

E a noite é tão boa

São João, São João

Acende a fogueira do meu coração

Começamos a atividade organizando as cadeiras em roda, iniciativa essa proposta pelos educadores e crianças, que foi fundamental para uma melhor interação e integração dos participantes. Neste momento ligamos o teclado do Balotelli e Mad se posicionou com sua sanfona. Ambos no grande círculo e enquanto Mad orientava Balotelli quanto aos acordes necessários, íamos distribuindo as folhas com as canções. Antes de tocar seu instrumento Mad falou da história da sanfona, a origem deste instrumento e até tocou trechos de músicas populares. A criançada observou em silêncio.

Antes de iniciar a vivência coletivamente, com os dois músicos tocando (Mad e Balotelli) e a criançada cantando, Mad pediu para que primeiro as crianças ouvissem os instrumentos, pois iria tocar junto com Balotelli, depois, ao seu comando seriam introduzidas as vozes. E assim se sucedeu. Quando sinalizou para que toda gente cantássemos juntos, as crianças soltou a voz. Muito rapidamente elas encontraram o tom e o ritmo. Autonomamente elas começaram a bater palmas marcando o passo da música.

Após algumas sequências das músicas, foi pedido para que Balotelli tocasse no teclado uma música de seu repertório, de sua vontade. Após apresentar certa timidez ele tocou uma música de uma cantora estrangeira chamada Adele (música “Someone Like You”). Sem anunciar o nome da artista ele começou a tocar. De imediato as crianças identificaram a

música, pois ela está sendo muito tocada em uma novela, bem como nas rádios. A canção era em língua inglesa e Erika e as crianças sabiam cantar o refrão.

Após esta apresentação do nosso tecladista, fomos para a quadra para ensaiar a dança.

Ensaio da quadrilha

Fomos para a quadra. Mad levou sua sanfona e Balotelli o seu teclado. Todas as crianças ensaiaram, inclusive aquelas que apresentavam certa relutância em participar deste momento. Ensaíamos os passos básicos da quadrilha, a saber: os passos eram o “balancê”, “a chuva”, “a ponte quebrou”, “o caracol”, “o túnel”, “a grande roda” e, por fim a despedida.

Encerramos o ensaio e todas as crianças foram lavar as mãos. Para tanto, antes de pedir para que fossem executar tal tarefa, as crianças foram orientadas a realizar a fila indígena. Portanto, com os maiores à frente. Não observamos nenhuma queixa entre as crianças, nem tampouco atrito. Tudo ocorreu de maneira harmônica. Conforme elas lavavam as mãos, já iam para sala multiuso para escolher um lugar para sentar.

Almoço.

O almoço deste dia foi macarrão com carne desfiada e legumes, acompanhado por almôndegas e salada de alface, como sobremesa foi servida bananas. Lanchamos todos sentados à mesa. Enquanto a turma almoçava aproveitamos para fazer alguns. Assim, foi falado que quem não pudesse se maquiar, fazer bigode, e coisas assim não precisaria se preocupar pois nós ajudaríamos. Aproveitamos também para reiterar o comunicado para que convidassem suas/seus respectivos responsáveis.

Comentários do Observador

- Ao final do encontro conversamos sobre as percepções que emergiram daquele encontro. Nesse sentido, havíamos percebido que algumas crianças vieram muito bem agasalhadas. Tais crianças eram as mesmas que vinham bem vestidas no dia-a-dia do projeto, portanto, com roupas limpas e em bom estado. Já aquelas que não estavam muito bem agasalhadas, são as mesmas que parecem não possuir boas roupas, ou até mesmo, ter pouca roupa. O VADL tem uma camiseta (uniforme), Porém, é comum algumas crianças vestiram durante a semana e não vesti-la às quintas-feiras, ou até mesmo, utilizá-las fora do horário do projeto (1).

- Com relação às vestes das crianças Mad Comentou com a equipe pedagógica: “Percebi, através de um olhar mais acentuado sobre essa situação, tendo como referência os outros dias e um conhecimento um pouco cada participante, que o reflexo social econômico de cada família reflete diretamente no dia-a-dia de cada criança e na sua postura diante ao meio. Pois geralmente são as mesmas crianças que andam bem agasalhadas (2). Outro fato que chamou a atenção ao chegar, foi que o Balotelli, um dos participantes com mais idade do projeto, estava em frente ao posto de saúde segurando em seu colo, com tanto cuidado e carinho, um teclado. Fiquei extremamente feliz, pois o motivo dele estar com o teclado ali naquela manhã chuvosa, ocorreu devido a preparação da festa junina. Mas principalmente por uma corrente de ideias e diálogos decorrentes entre os educadores e ele, na qual ele comentou com Maurício que estava apreendendo a tocar teclado com um professor particular. Digo isso pois sinceramente eu já o tinha vista em outros momentos no projeto, mas não sabia que ele estava aprendendo a tocar, quem me disse isso foi o Maurício, numa reunião de planejamento do VADL. Confesso que assim como Maurício, eu também fiquei empolgado com essa informação, pois seria extremamente importante para o desenvolvimento da musicalização dentro Do VADL, um dos participantes se apresentar disposto a tocar junto com todos, criando uma referência musical não só dos educadores, mas sim de um participante (3).
- Notamos que Balotelli, ao contar sua piada, acabou se manifestando de forma preconceituosa, pois contou uma anedota cujo personagem era uma pessoa com deficiência física (não possuía braços nem pernas), na qual o enredo preconceituoso para com as pessoas com deficiência. Ao contar o desfecho de sua piada as crianças riram. Nós (Maurício, Mad, Micuim, Erika, Rubens) nos entreolhamos como se exigíssemos uns dos outros uma intervenção. Sendo assim Maurício interviu. Para tanto, com muito tato, pois não era a intenção reprimir Balotelli, buscou atentá-lo acerca do caráter preconceituoso, ou discriminatório que algumas piadas continham (4). Desta forma, Maurício chamou a atenção de toda a gente, dizendo: “Olha turma, eu já ouvi piadas que tiram sarro pessoas loiras, de português, de pessoas gordas, de pessoas negras e de pessoas com deficiência. O problema é que não é legal agirmos assim, isso é preconceito bobo e causam grandes tristezas às pessoas. Olha só, imagina para quem tem uma pessoa querida, amiga ou da família, que seja deficiente? Como deve ser para essa pessoa, que todo o dia enfrenta dificuldades para ir para escola,

fazer as tarefas em casa, pegar um ônibus? E como deve sentir seus amigos e parentes percebendo essas dificuldades? Vocês conhecem alguém que no bairro tenha alguma deficiência?”. Samanta, irmã de Balotelli disse: “Todo dia passamos em frente a uma casa, aqui perto da quadra (é como as crianças chama a ECO), que tem uma mulher que não tem os dois braços e as duas pernas dela vai até o joelho só”. Nós da equipe também víamos essa mulher, pois ela sempre ficava na calçada em frente a sua casa, em cima de uma placa de duratex (maderite) observando a rua. As crianças ficaram um tempo em silêncio. Pareceu-nos um pesar, como se tivessem sentindo uma tristeza. Maurício continuou: “Então, tinha uma época em que as pessoas faziam piadas com pessoas que eram negras. Quem aqui é negro?” Somente Barbara e Karatê levantaram as mãos. Maurício então disse: “Pois é, devemos tomar cuidado para não sermos preconceituosos e causar tristeza nas pessoas, pois, muitas já sofreram com preconceito, inclusive na hora de trabalhar: Ou porque é negro, ou porque é mulher, ou porque é da região norte, ou do nordeste do Brasil”. As crianças ouviam e pareceu-nos concordar (5). Compreendemos que foi de extrema importância o diálogo, dado que foi iniciado de forma espontânea, a partir de uma prática do universo delas, a piada. Acreditamos que isso poderá desencadear processos educativos no sentido de permitir-lhes uma reflexão sobre essa temática, o preconceito.

- Ao final do projeto, discretamente, Maurício pediu para Balotelli esperar um pouquinho para conversar. Nossa intenção era de as crianças não perceberem que queríamos conversar com ele. O intuito da conversa era esclarecer que não queríamos dar bronca, mas despertar naquele adolescente a necessidade de refletir sobre o preconceito, dado que ele não se manifestou no momento em que foi perguntado quem era negro. Desta forma, como ele tinha que recolher seu teclado (desligar o teclado, retirar os cabos, colocar de volta na caixa/embalagem) naturalmente ele ficou mais tempo que o restante das crianças. Maurício começou perguntando se estava tudo bem, se ele havia entendido a conversa do início da manhã, sobre a piada. Balotelli comentou que sim e que não havia pensado sobre o preconceito. Maurício disse-lhe que não havia nada de grave e que também já contou um montão de piadas quando era mais jovem e que só depois havia entendido que muitas delas tinham características preconceituosas. Erika, para além de ser mulher, é loira com os olhos claros. Maurício, então perguntou se ela havia sofrido preconceito por ser loira. Erika disse que preconceito por ser loira não, embora nunca gostasse desse tipo de piada. Porém ela

reforçou que por ser mulher ela teve dificuldades no antigo emprego e que nenhuma das dificuldades tinha a ver com a capacidade ou não de trabalhar, mas sim com um preconceito machista. Maurício, então, perguntou a cor de cada um, iniciando pelos educadores. Micuim, Mad, Erika, Rubens, o próprio Maurício e por fim a de Balotelli. Na equipe pedagógica, com exceção de Maurício, toda gente respondeu branco. Maurício disse ser pardo, já Balotelli ficou quieto. Ele não soube o que dizer. O garoto sorria de forma tímida e dizia “Ah... num... é... a, sei lá...”. Maurício pareceu não querer insistir na discussão, porém, comentou que no passado muitas pessoas haviam sido escravizadas por serem negras e que, até hoje, muita gente sofre preconceito por conta da sua cor de pele, e que isso também era uma violência (6). Maurício agradeceu pela conversa e pela colaboração no ensaio. Balotelli não pareceu triste, ou acanhado com a conversa, mas pareceu-nos incomodado, talvez pelas provocações do nosso diálogo. Mad agradeceu pela parceria musical e parabenizou-o pelo talento.

- Em conversa os educadores pareceram espantados com o diálogo com Balotelli, dado que, a partir de sua cor de pele, poderíamos compreendê-lo como uma criança negra. Porém, consideramos que esta é uma possibilidade auto-responsiva e identitária. Contudo, o que mais me chamou atenção de Mad neste momento, foi uma reflexão de Maurício sobre a possibilidade de Balotelli no momento das piadas não se reconhecer como negro devido a sua condição social financeira, que realmente é melhor do que a muitos outros participantes do projeto, e que quando Mad perguntou para Karatê sobre sua cor ele respondeu: “Sou negro ué”. Ficamos discutindo sobre esse ponto. Mas, ao final, compreendemos que é necessário um maior aprofundamento e observação sobre esta questão no bairro, para daí pensarmos em novas estratégias pedagógicas para tratar desta questão (7).
- Após o almoço Mad refletiu sobre a vivência musical e se surpreendeu com muitas ocorrências durante sua intervenção, principalmente com Balotelli. De acordo com Mad: “Comecei com uma breve introdução da história da sanfona, e suas origens, o silêncio era tanto que até comentei, que lindo esse silêncio, tendo como paisagem sonora de fundo a chuva. Enquanto as folhas iam sendo distribuídas conversei com o Balotelli sobre os acordes, que são a parte técnica da música. Ele rapidamente já os reconheceu e executou em seu teclado a sequência harmônica. Este fato comprova o seu empenho em estudar o instrumento, Disse-lhe que a dedicação é uma das formas

para se transformar em um bom músico, pois é necessário estudar frequentemente para conseguir responder rapidamente aos estímulos necessários para a execução de uma peça instrumental, ou uma canção acompanhada por outras pessoas”.

- Durante a atividade musical percebemos que algumas crianças, como foi o caso de Sheila, Barbara, Samanta e Karatê, já conheciam as músicas e começaram a cantar, inclusive, atenderam o pedido de Mad para auxiliar as crianças mais novas, que não sabiam ler, a cantarem juntas (8). Mad comentou que pensou em distribuir instrumentos de percussão. Porém, compreendeu que poderia perder o foco da atividade que, naquele momento estava voltado para o dia da apresentação.
- Notamos que o ensaio junto com Balotelli foi um momento extremamente importante para o nosso desenvolvimento (crianças e educadores), pois todas as crianças estavam com uma expressão de felicidade em suas faces e cantando coletivamente, sendo, inclusive, acompanhados por um amigo de projeto tocando seu teclado. Em conversa com Maurício, o Educador Mucuím comentou ter percebido que as crianças estavam protagonizando um pequeno espetáculo, pois, de acordo com o educador Maurício, Luiz, Erika, Rubens e Renata estavam visivelmente emocionados. De repente o professor Luiz entrou na sala aparentando grande satisfação e emoção ao ver aquela realização, pois estava sorrindo e brincando com as crianças e educadores. Quando paramos de cantar, uma grande salva de palmas foi ecoada pela sala da ECO. Neste momento até a Renata estava com a gente e demonstrou grande satisfação comentando: “Fico bonito mesmo, não é gente!” (9).
- Balotelli também protagonizou um belo e significativo momento de protagonismo, pois, após o ensaiarmos as músicas da quadrilha pedimos para que ele tocasse alguma música de seu repertório, ou que estava aprendendo/ensaiando. No começo ele aparentou não querer, mas com apoio da turma pedindo-lhe para tocar ele aceitou. De acordo com Mad ele executou uma música de grande complexidade instrumental, com um nível de dificuldade considerável. Todos ficamos felizes, com a apresentação de Balotelli, pois nos percebemos em meio à uma apresentação musical na qual a referência e educador era outro participante. A música tinha uma melodia muito agradável e estava sendo executada de forma encantadora. Nos momentos do refrão a professora Erika e algumas crianças cantaram juntas, em inglês, ou como era

compreendida. Ao final foi dada mais uma salva de palmas. Embora Balotelli tenha ficado ruborizado, nos pareceu também apresentar um aparente orgulho e satisfação pelas palmas recebidas ao sorrir e agradecer a toda gente ali presente (10).

- Toda a equipe pedagógica demonstrou satisfação com as realizações daquele encontro, pois pareceu-nos haver uma efetiva participação das crianças no ensaio, e percebemos que os ensaios estão ocorrendo em tempo hábil para a apresentação da quadrilha. Sobre esse ponto, Erika, Maurício, Micuim fizeram comentários dizendo que na hora da apresentação as coisas dão tudo certo. Nas palavras de Maurício: “Na hora meu, a meninada representa, fica até melhor!”. Comprendemos que isso se dá pelo fato delas se concentrarem mais na hora da apresentação.
- Ao apresentar a sanfona para turma percebemos uma enorme curiosidade das crianças. Foi a partir deste sentimento que Mad comentou: “A cara de espanto de curiosidade diante ao instrumento foi extremamente importante para eu entender que às vezes quando eles se queixam da aula de música, talvez seja pelo fato de ainda não ter tido uma vivência como a de hoje, é claro que o caminho foi extremamente fundamental para esse divisor de águas musical ocorrido hoje. Pois neste momento a Sheila disse baixinho que queria aprender a tocar violão, o Karatê também se manifestou dizendo que queria tocar violão, e que eu tinha prometido levar, fato esse que tenho que dizer que realmente eu levaria o violão, contudo infelizmente estou sem violão no momento” (11).
- O ensaio da quadrilha também nos surpreendeu positivamente. Pois, nos outros encontros as crianças aparentaram certa resistência, aparentando ser este um momento difícil, pois observamos que nem todos demonstravam disposição em dançar e nem dar as mãos aos seus companheiros de dança. Contudo, neste encontro as crianças estavam tão tranquilas que até os meninos, que geralmente são os mais relutantes em dar as mãos para um colega, não se importaram em ter que dançar com outro amigo (em geral a quantidade de meninos são maiores). Assim, para ajudar no ensaio o Micuim dançou fazendo papel de mulher, Mad e Balotelli tocando, e as crianças fazendo os passos da quadrilha orientados por Maurício e Rubens (12).

Diário de Campo VIII

Data: 28/06/2012

Horário: 08h-11h (manhã)

Local: Estação Comunitária do Jardim Gonzaga (ECO)

Educadores/as Presentes: Maurício, Mad, Micuim, Erika e Rubens

Participantes presentes: Karatê, Batman, Neymar, Barbara, Balotelli, Ricardinho, Corinthians, Rosinha, Samanta, Ronaldo, Ket, Kim, Naninha, Naldinho, Dezinha, Clarinha, Douglas, Macwin, Kaká, Huck, Zinho, Danilo, Patrik, Teves, Capoeira.

Descrição:

Hoje fez uma manhã ensolarada. Ao chegarmos avistamos os participantes dos projetos “Vivências e Atividades Diversificadas de Lazer” (VADL) PROPET-Saúde (parceria do Ministério da Saúde, UFSCar e Prefeitura Municipal de São Carlos). Neste grupo estão inseridos estudantes do curso de Educação Física que junto à outros funcionários da Unidade de Saúde da Família (USF) que desenvolvem atividades junto ao “Grupo de Caminhada”. Tal grupo é fortemente caracterizado por mulheres adultas e adultas idosas (apenas dois homens idosos da comunidade participam), cuja maioria das pessoas foi diagnosticada com diabetes, ou pressão alta.

Ao chegarmos notamos que algumas crianças estavam caracterizadas, como era o caso de Karatê e de Corinthians. Outras pediram para que ajudássemos em sua caracterização. Assim, fizemos o que foi pedido: Pintinhas no rosto das meninas e barba, bigode e sobrancelhas nos meninos. A educadora Erika também ajudou fazendo trancinhas nas meninas e adaptando lacinhos coloridos, feitos com TNT (Tecido-não-tecido). Algumas mulheres do PROPET-Saúde também pediram nossa ajuda para se caracterizarem.

Enquanto auxiliávamos as crianças, Mad chegou com seus amigos músicos. Juntos eles formava a banda “Ofício difícil” e tocariam, junto com Balotelli para animar a festa. Assim, logo que chegaram já foram do espaço da quadra para preparar o som, junto com nosso tecladista.

Diferentemente dos encontros anteriores, neste não houve o café da manhã, pois às 10hrs seria realizado um grande café-da-manhã juntos. Com algumas comidas típicas que os educadores levaram, junto com as pessoas participantes do grupo de caminhada.

Fomos todos nos reunindo na sala multiuso, conversando sobre a festa e se preparando para ela enquanto maquiávamos o pessoal. Foi também nesse momento que também colocamos a vestimenta tradicional da festa junina.

Logo após a arrumação, avisamos ao pessoal da banda que estávamos todos prontos. Eles também sinalizaram positivamente, ou seja, que também já estava com o som pronto pra festa. Erika veio avisar-nos que já podia começar. Assim, com alguns pares já definidos e outros arranjados ali na hora, nos dirigimos para a quadra para dar início a festa.

Para começar, foi formado uma grande fila com os pares. Sheila e Karatê formaram “o casal” à frente seguido das crianças do projeto e por último, o pessoal do Grupo de Caminhada. A quadrilha foi muito bem executada conforme o ensaiado nas semanas anteriores, todos estavam dançando com entusiasmo e acompanhando com ritmo a banda que estava tocando ao vivo.

Atendendo a pedidos dos adultos participantes do PROPET-Saúde, depois de terminado a quadrilha, ainda foi tocado um pouco de forró. Algumas crianças dançaram acompanhadas pelos educadores, assim, como algumas mulheres do Grupo de Caminhada.

Depois de terminado a quadrilha e o forró, toda gente foi convidada para um café-da-manhã especial. Assim todos convidados se dirigiram para sala multi-uso, onde havia uma grande mesa, com bolos, salgados, e bebidas.

O “lanche” se encerrou por volta das 10hrs, as pessoas participantes do PET-Saúde após participarem deste momento foram embora, pois usualmente em seus encontros (terças e quintas-feiras) ocorrem no horário das 8hrs às 9hrs. Já com a criançada, após todas estarem satisfeitas com a refeição, escovamos os dentes e voltamos para a quadra. Lá elas pediram para fazermos algumas brincadeiras. A saber: “Acorda seu Urso”, “Morceguinho-Morcegão”. Assim se sucedeu. Às 11hrs encerramos as atividades com as crianças para que elas pudesse voltar para casa e se preparar para ir pra escola.

Comentários e Reflexões do observador:

- Ao chegarmos pudemos notar o ânimo dos participantes dos dois projetos (VADL e PET-Saude), pois chegaram mais cedo do que o costume, entusiasmados, e alguns já totalmente preparados para começar a festa como Karatê, Teves, Capoeira.
- No começo de arrumação para a festa, percebemos que houve uma pouca integração entre as crianças do VADL e os participantes do PET-Saúde, pois os participantes dos

diferentes projetos estavam sentados distantes e bem separados. Porém com o decorrer das atividades e a realização da quadrilha foi notável que essa atitude de estarem distantes, foi superada. Pois em cada atividade que realizávamos, (maquiagem, quadrilha, forró, celebração com comidas e bebidas) as pessoas iam se aproximando.

- Micium comentou ficar feliz com a atitude dos mais novos em respeitar a temporalidade das pessoas com mais idade que participavam daquela festa. Assim, ficou visível esta relação de respeito no momento da dança, na qual as pessoas idosas realizavam os passos de forma mais lenta, bem como na hora de lanche, na qual Ronaldo disse para esperar os mais velhos para se servirem primeiro. Pois, nos comentários de Micium: “Essa harmonia e integração entre todos também foi visível na hora do lanche, onde as crianças esperaram os participantes do PET-SAÚDE se servirem primeiro, para depois começarem a pegar sua comida, mostrando assim, também, respeito aos mais velhos” (1).
- Houve nessa festa junina também a participação especial no teclado do Balotelli, que com algumas semanas de antecedência perguntou se podia tocar junto com a banda que tocaria no dia da festa. Nós então incentivamos a participação dele que culminou com sua participação no “palco” deste evento. Em conversa, percebemos que foi motivo de grande orgulho e felicidade para nós vê-lo tocar e perceber que deu tudo certo em sua participação (2).
- Enquanto as pessoas participantes do projeto VADL e PROPET-Saúde dançavam na quadra, muitas pessoas da comunidade vieram observar, posicionando-se no alambrado cerca a quadra. Maurício, que estava “puxando a quadrilha”, convidou as pessoas que assistiam para participar por duas vezes. Porém, ninguém se manifestou favorável. Contudo, na hora do forró, uma senhora da comunidade veio dançar conosco dizendo que forró era muito bom. Percebemos que mesmo tendo gostado de assistir, algumas pessoas se sentiram acanhadas em dançar junto. Ao final, no passo do “agradecimento” as pessoas que assistiam aplaudiram a apresentação. Compreendemos que foi de grande importância para as pessoas que se apresentavam, crianças e adultos, para se perceberem protagonistas e participantes de momentos de satisfação, alegria e beleza (3).

Diário de Campo IX

Data: 16/08/2012

Horário: 8h – 11h (**manhã**)

Local: Estação Comunitária do Jardim Gonzaga (ECO)

Educadores/as Presentes: Maurício, Erika e Micuim.

Participantes Presentes: Ronaldo, Karatê, Balotelli, Macwin, Primo, Bárbara, Samanta, Laura, B-Boy, Homen Aranha, Patrícia, Ben-10 e Babi.

O dia estava ensolarado e com uma temperatura agradável. Chegamos a ECO e as crianças já se enfileiraram para lavar as mãos, e se encaminharam para sala para tomar o café da manhã.

Café da manhã

Neste café da manhã foram servidos iogurte de morango com cereal achocolatado. Aproveitamos este momento para combinar as atividades que seriam vivenciadas naquela manhã, pois, hoje foi o retorno das atividades do VADL no bairro após as férias acadêmicas (dos estudantes da UFSCar). Assim, após toda criançada comer e escovar os dentes iniciamos uma roda de conversa. Na qual estimulamos as crianças a contar algumas novidades, bem como combinamos as atividades que seriam vivenciadas.

Assim, como já havíamos iniciado um diálogo com uma professora do Departamento de Terapia Ocupacional, que propôs a atividade de plantio de árvores no dia (30/08) junto com as crianças da turma da manhã do projeto VADL e o grupo “Amigas da Praça” (formado especificamente por mulheres moradoras no Jardim Gonzaga), transmitimos o convite para as crianças, que, por sua vez, aceitaram de imediato. Então, como a atividade de plantio seria realizada na semana seguinte com a turma da tarde, combinamos de realizar algumas atividades em uma outra praça, que também fica próxima à ECO. Porém não será contemplada pela atividade de plantio de árvore.

Desta forma, durante a roda de conversa ficou combinado que participaríamos da atividade junto aos outros dois grupos (estudantes da TO. e grupo “Amigas da Praça”) e, que no encontro de hoje iríamos para uma praça vizinha com objetivo de brincar nela e avaliar suas condições. Optamos em ir para lá tal praça e combinar lá a brincadeira.

Antes de sair da ECO combinamos que deveríamos tomar cuidado com a rua, pois, embora fosse muito próximo à quadra, nós iríamos nos deslocar por onde teria trânsito.

Portanto combinamos de um “cuidar do outro”, para cada pessoa deveria escolher outra para dar a mão.

Atividades na Praça.

Ainda dentro da ECO cada pessoa escolheu alguém para dar as mãos. Desta forma, as crianças com mais idade procurou uma mais novinha para conduzir até a praça. Também houve crianças pequenas que deram as mãos para outras crianças pequenas. O Educador Maurício levou um saco com alguns materiais, tais como cordas, bolas e coletes coloridos (1).

Durante o percurso tomamos o cuidado de atentá-los para que andassem nas calçadas. Num dado momento, Macwin entrou dentro do terreno onde ficava a casa de sua tia. Ela estava lá e o recebeu na parte externa de sua casa, numa espécie de corredor. Primo correu para junto Macwin, pois se tratava de sua casa e os dois eram primos. A mãe de Primo autorizou para que eles pegassem alguns papelões, pois, eles queriam escorregar no barranco que havia na praça. Junto com alguns pedaços de papelão, eles conseguiram duas grandes placas de Duratex que deu impressão de ser os fundos de um rack (móvel para colocar aparelho televisor, de som, discos e cds). Neymar, Batman, Karatê e Ronaldo ajudaram a levar os papelões.

Chegamos na praça e nem tivemos tempo para organizar as brincadeiras, imediatamente eles correram para cima dos barrancos, e começaram as decidas. Os papelões eram divididos com todas as crianças e era muito eficiente em deslizar. Porém, não se igualavam aos duratex, maiores que os papelões e também, mais rápidos, eram utilizados somente por Macwin, Balotelli, Karatê e Primo. Estes, inclusive, diferentemente das crianças que desciam sentados, esses quatro desceram em pé, como se estivessem “surfando”.

A equipe de educadores, logo ao chegar na praça tentou verificar as condições de segurança (se haviam pedras, cacos de vidros, ferros ou pedaços de paus que pudessem oferecer riscos para as crianças). Porém, dado o entusiasmo das crianças, tal inspeção ocorreu somente após alguns descerem. Contudo, com sorte nenhum acidente ocorreu, pois foram encontrados lugares impróprios para a prática que se realizava (chamado pelas crianças de “esquibunda”), assim havia um ponto com plantas com espinhos, um com uma barra de ferro enterrada (que estava impossível de retirar sem uso de ferramentas, portanto, permanecendo naquele espaço), e um lugar que havia um pequeno buraco que poderia causar dor se alguém passasse escorregando por lá.

Como procedimento, de segurança. Após a descida daquelas quatro primeiras crianças, paralisamos a prática para poder lhes indicar os locais que ofereciam riscos. Para então, dar continuidade.

Após um bom tempo “esquiando” optamos por parar e dialogar sobre as condições da praça e combinar outro jogo. Para tanto, nos ajeitamos entre os bancos de alvenaria e uma pequena área gramada da praça. Lá foram observadas que a praça estava com seus brinquedos em muito bom estado. Todos funcionavam perfeitamente, pois a prefeitura havia realizado uma grande reforma à aproximadamente quatro meses atrás. Também foram observadas uma grande quantidade de lixo que estava espalhado pelo chão da praça. Assim, pudemos encontrar desde cacos de vidro (que de acordo com as crianças estavam quebrados para fazer cerol), garrafas pet, roupas abandonadas, papel de ofertas de mercados, sacolas plásticas e latas de condimentos. Conversamos sobre as ações necessárias para a recuperação daquele espaço, bem como na necessidade de conservação para que possamos ter um espaço seguro e bonito para que pudéssemos nos divertir com nossos amigos e familiares.

Após esse diálogo, Maurício comentou sobre os materiais que havia levado para utilizar. Então após uma breve apresentação sobre as brincadeiras possíveis na praça, optamos por realizar o “Pega-rabo-do-macaco”. Este jogo é uma variação do “pega-pega”. Porém, nesta brincadeira não há equipes, e todo mundo tem a tarefa de “pegador” e “fugitivo” ao mesmo tempo. Explicamos: Todos os participantes receberam um colete que deveriam colocar na parte de trás do corpo sem prendê-lo. Podendo, para isso, utilizar o “passador” (local onde passa o cinto) da calça, ou junto ao elástico na cintura, ou ainda, junto à alguma parte do vestido na qual não caísse ao correr. A ideia é que o colete simule ser um rabo, por isso ficar na parte de trás do corpo. O objetivo da brincadeira é capturar o “rabo” dos outros “macacos” de maneira a não deixar que ninguém capture o “seu próprio rabo”. Assim, vence o jogo aquele que pegar o maior número de rabos e não ter o seu capturado. Com exceção de Erika, toda gente brincou.

Após algumas rodadas observamos as horas e decidimos interromper a brincadeira para realizarmos o almoço sem precisar correr. Foram realizadas quatro rodadas do jogo “pega-rabo-do-macaco”. Antes de sairmos da praça, pedimos para que fossem recolhidos os papelões e as duas placas de duratex, de maneira a deixar o local limpo, bem como, devolver o material que nos foi emprestado. Assim fizeram as crianças. Para além disso, pedimos novamente para que cada um escolhesse um colega para dar as mãos e caminhar sempre na calçada.

No caminho de volta os papelões e as placas de duratex foram deixadas na casa da mãe do Primo, no mesmo local em que foram encontradas.

Ao chegar na ECO, as crianças se organizaram em fila para lavar as mãos. Erika, distribuiu o sabonete líquido e, conforme cada um ia lavando suas mãos se encaminhava para a sala multiuso para escolher um lugar a mesa para almoçar.

O almoço.

Antes de servirmos a refeição, conversamos sobre a atividade que havíamos vivenciado na praça. Também aproveitamos para combinar as atividades da semana seguinte. Assim, foi apresentado que na semana seguinte participaríamos de uma visita ao Centro da Juventude Elaine Viviani (que fica situado no bairro vizinho, o Monte Carlos), pois fomos convidados para participar do evento “Olimpíadas do CJ” pela própria coordenadora do Espaço. Lá iríamos participar das oficinas que estariam sendo oferecidas. As crianças concordaram e ficaram animadas com a proposição.

Neste encontro foi servido arroz, feijão, linguiça frita, salada de brócolis e, de sobremesa, tivemos banana. Os educadores almoçaram junto com as crianças. Conforme as crianças iam terminando a refeição, elas escovavam os dentes e vinham se despedir.

Comentários do Observador:

- No momento inicial, durante o café-da-manhã, enquanto conversávamos sobre nossas férias, o período de ausência, algumas crianças demonstraram sentir saudade e satisfação em nos rever. Micuim endossou essa percepção ao comentar que foi recebido com abraços das crianças e palavras de saudação no momento de sua chegada a ECO. Nas palavras do educador: “fiquei muito feliz com os comentários das crianças, demonstrando saudades tanto quanto do projeto em si, quanto de nós educadores, foi muito gratificante e importante saber que eles sentem nossa falta e dão valor quando nós voltamos ao trabalho” (2).
- Notamos que as crianças compreendem a importância da realização de ações de cuidado com a praça. Nesse sentido, comentamos que é preciso que cobremos do poder público uma manutenção preventiva periódica, pois, nos parece inegável que a ação do tempo tem provocado uma grande deterioração dos equipamentos. Ademais, as praças de regiões centrais recebem um cuidado diferenciado daquelas situadas em

bairros periféricos e/ou empobrecidos. Demos alguns exemplos como a “a Praça Coronel Sales”, ou, “A praça da Fonte” que fica em frente a Catedral (na avenida São Carlos). Explicamos para os participantes que nestes espaços tem funcionários quase que diariamente. Nesse momento Karatê comentou apresentando certo descontentamento: “Oloco, lá tem um cara que fica todo dia cuidando de lá?”. Maurício lhe respondeu que sim. Percebemos que o descontentamento do participante foi notar o tratamento diferenciado que há entre uma praça da região central e outra de um bairro periférico. Também comentamos o mau uso do espaço. Por exemplo: A quantidade de lixo jogada no chão, porém, de imediato Neymar falou: “Mas professor! Não tem lixeira!” Foi então que Micuim respondeu: “Mas Neymar, se não tem lixeira não significa que a gente deve sujar. Pois, os únicos prejudicados somos nós mesmo que queremos usar a praça para brincar, ir com a família. O que não podemos é sujar mais. Temos que pedir para a prefeitura colocar mais lixeira lá. Não está certo não ter uma lixeira” (3).

- Na praça, durante a roda de conversa, perguntamos para as crianças como poderíamos cuidar da praça para que ela fosse um bom espaço para utilizarmos. Nos chamou atenção o comentário de Samanta na qual sugeriu a colocação de cartazes ou placas com mensagens para que a população mantenha a praça limpa, para que não joguem lixo no chão. A menina não deixou de observar também, que era necessário que a prefeitura distribuísse mais lixeiras pela praça, de maneira a facilitar para que os visitantes depositassem o lixo no local apropriado. A menina ainda salientou “Não estou vendo nenhuma lixeira aqui”. Micuim ficou impressionado com a consciência de Samanta. (4)
- As crianças demonstraram grande entusiasmo quando foi anunciado que iríamos, toda gente do projeto, realizar uma intervenção na praça, plantando árvores. Micuim comentou com as crianças que plantar uma árvore é muito legal e que cada um de nós (educadores e crianças) poderia deixar esse registro na história do bairro, pois uma árvore, quando bem cuidada, pode viver muitos anos. Nesse momento Ben-10 falou: “Lá em casa tem um pé de manga gigante que foi meu avô que plantou. E tem também coco”. A casa de Ben-10 faz divisa com a ECO. Inclusive, muitas crianças colhem manga e goiaba dos pés que atravessam as fronteiras entre a casa do avô de Ben-10 com a ECO. Rubens aproveitou o momento e comentou: “Tá vendo, olha quanto

tempo faz que o avô do Ben-10 plantou aquela árvore, e olha quantas pessoas podem colher manga agora! Já pensou?!”. Após esses comentários, nos pareceu que as crianças ficaram ainda mais entusiasmadas. Maurício alimentou ainda mais a imaginação do pessoal que estava ali dizendo: “Imaginem só daqui à alguns anos, vocês ali na pracinha e observar alguém sentado embaixo de uma árvore, ou até mesmo, ver uma criança que improvisou um balanço numa árvore e você dizer: Poxa, essa foi eu que plantei. Olha só que alegria em vê-la tão grande hoje! Sei lá, mas eu acho que eu até daria um abraço na árvore, como se fosse uma velha amiga”. Enquanto o educador dizia aquilo ia dramatizando como “se estivesse em pleno encontro com sua velha amiga árvore”. Após essas palavras, algumas crianças riram, Batman comentou: “Balança na árvore é ‘mor’ (leia-se maior) da hora!” De modo geral a equipe pedagógica avaliou que esta será uma ótima oportunidade para compreendermos os usos que as pessoas já fazem daquele espaço, bem como, vivenciar com as crianças, mais esta experiência e desvelar os processos educativos decorrentes de tal atividade (5).

- Em conversa com a Equipe do VADL, acreditamos ter sensibilizado as crianças acerca das condições da praça, a partir da experiência da visita ao espaço e posterior diálogo sobre as condições reais em que se encontra aquele local. Com as crianças procuramos explicitar a necessidade da mobilização popular não só para conservação do espaço, bem como, da luta e cobrança por uma gestão municipal que contemple ações de manutenção preventiva e cuidados assim como ela tem realizado, principalmente, nas regiões centrais (6).

Investigação Temática

- Nesta manhã Micuim e Maurício aproveitaram para conversar com os irmãos Batman e Neymar. Assim, enquanto lanchávamos Batman disse para Micuim que no seu dia-a-dia ele gostava de brincar de pega-pega, pega-na-linha e pé-na-lata, jogar capoeira. E que brinca onde der (na rua, na eco, ou na escola). Mas, a brincadeira que ele mais gosta é de soltar pipa. Ele também comentou que gosta muito de dormir e comer e que não gosta de ir para escola. Quando ele disse isso, Micuim e Maurício se entreolharam como se tivessem estranhando a resposta de Batman. A conversa seguiu, Micuim perguntou para o participante o que é que significava o projeto para ele? De modo que

Batman, de forma espontânea respondeu: “Brincar, que eles podem ensinar uma coisa nova, e pintar que eu gosto. Ah! E brincar com meu irmão. Pular em cima dele, e de capoeira”. Maurício e Micuim ouviam atentamente. Então, Micuim comentou sobre nosso trabalho de investigação temática, para tanto disse: “Olha, a gente sempre procura ouvir as pessoas para saber o que precisamos ensinar aqui no projeto. Por isso estamos aqui conversando com você agora. Nós gostaríamos que você indicasse qual o tema, ou assunto que devemos desenvolver aqui no VADL?”. Batman disse: “Não brigar, não chutar e não correr na rua quando estiver passando carro, e também não ficar brincando com agulha para não furar os outros”. Os educadores comentaram com aquele participante que iria conversar com muitas pessoas e que, inclusive precisaria conversar com a mãe dele. Ele disse que ela está sempre em casa e que hoje ela estaria lá também. Assim, de acordo com as experiências anteriores, dissemos para ele que tentaríamos conversar com ela logo que terminássemos o encontro daquela manhã. Agradecemos a contribuição dele e iniciamos a conversa com seu irmão, o Neymar.

- Depois dos comentários de Batman puxamos o assunto com seu irmão, o Neymar, que estava sentado na mesma mesa e imediatamente à frente de seu irmão. Portanto, pode escutar nossa conversa. Assim, ele falou sobre o que gosta de fazer no seu dia-a-dia, nas palavras de Neymar: “gosto de jogar vídeo-game e jogar bola com meu irmão na quadra ou em casa mesmo”. Depois, perguntamos o que significava o projeto para ele, de maneira que Neymar nos respondeu: “Que eles vão nos ensinar a gente atividades e leitura. De terça-feira e nos outros dias eles ensinam as brincadeiras para nós”. Após ele indicar o que significa o projeto, pedimos para ele refletir sobre o bairro que ele morava, sobre o assunto, ou tema que deveria ser desenvolvido no projeto. Micuim e Maurício comentaram que Neymar pareceu refletir um pouco sobre a questão, ficou calado por uns instantes e somente depois ele disse: “Não falar palavrão e não brigar e ter respeito e só”. Maurício e Micuim agradeceram as indicações de Neymar e encerraram a conversa.
- Importante salientar que ambas as crianças Batman e Neymar para além de serem irmãos, possuem uma familiar que trabalha na ECO. No caso a funcionária Branca, que avó das crianças e trabalha como responsável pela limpeza e organização do espaço. Chamamos a atenção para isso por perceber que eles podem ter uma relação diferente com a ECO, dado o envolvimento de sua avó com aquele espaço (ela mora

exatamente em frente à ECO e em muitos momentos participou de atividades que ali se desenvolveram como voluntária e, por fim, foi contratada pela prefeitura tornando-se, oficialmente – com vínculo empregatício, salário e o status que pareceu existir perante outros moradores e moradoras, uma vez que em conversa com os demais educadores fiquei sabendo que boa parte dos moradores não possuem trabalho formal).

- Após terminar o almoço, Maurício foi acompanhando os irmãos Batman e Neymar até sua residência, ele moram próximo à ECO (aproximadamente 300 metros). No caminho passamos em frente à pracinha onde brincavam algumas crianças. Neymar comentou que os brinquedos haviam sido substituídos a pouco tempo, mas que alguns já estavam quebrados, como foi o caso de uma balança que estava com a corrente estourada. De acordo com Neymar o que ocorreu foi que montaram muitas crianças juntas no balanço e a corrente não aguentou. Maurício comentou com os outros educadores que Neymar parecia descontente com o mau uso que as outras crianças fizeram do brinquedo. Ainda na praça avistamos Aninha, mãe de Batman e Neymar que vinha, logo adiante, em nosso encontro. Aninha é bem jovem, tem 24 anos, ela é nora de Luíza (funcionária da ECO). Aninha comentou que já estava indo para ECO para conversar com Branca, então, Maurício aproveitou para dizer comentar sobre o trabalho de investigação temática que estava realizando e que seria muito importante que ela também contribuísse. A mãe das crianças comentou que ela tinha tempo e perguntou se poderia ser naquele momento. Maurício disse que sim e, caminhado de volta em direção da ECO ele conversou com Aninha realizando a investigação temática. Ao anunciar o propósito, qual seja, elencar a temática, ou o assunto que seria desenvolvido no VADL, Aninha respondeu: “Acredito que quando vocês começaram a aqui eles (as crianças do bairro) já melhoraram bastante, mas acho que deveria ser trabalhado de novo o respeito”. Acerca do significado do projeto Aninha disse: “Eles estão tendo uma oportunidade que eu não tive: De ter infância, de brincar, de vir no projeto, coisa que eu não tive”. Ela, ainda apontou que começou a trabalhar quando tinha 10 anos na colheita da laranja, por isso seus filhos e outras crianças estavam tendo uma oportunidade que ela não tinha. Maurício, Aninha, Batman e Neymar caminharam ,sem pressa, até a ECO. Enquanto caminhavam conversavam. Maurício, ao final comentou com os demais educadores que achou a mãe dos garotos uma

mulher de personalidade forte e ficou surpreso ao saber que, aos 10 anos de idade, ela já trabalhava em emprego muito “pesado”.

- Logo após o período da tarde, porém antes do início do projeto Maurício conversou com Mauro, trabalhador na ECO na função de “Controlador de Acesso”. Assim, ao vê-lo sentado sozinho em um banquinho de concreto que fica posicionado em frente à USF (local onde algumas pessoas aguardam para ser chamada para consulta) o educador decidiu realizar o trabalho de investigação com ele. Mauro, para além de ser trabalhador na Estação Comunitária é também morador do bairro. Ele, sua mãe, sua esposa e seu filho moram em frente a “quadra” (é como a população chama a ECO). Durante a conversa Mauro comentou que já participou do VADL em meados dos anos de 2002 até 2004, quando ele ainda era adolescente. Ele adorava brincar no projeto, embora tenha assumido ter dado muito trabalho para os “professores e professoras” de sua época. Maurício aproveitou para contar um pouco da trajetória do projeto da UFSCar, que, em partes, Mauro já havia vivenciado e conhecia até melhor que o educador. Em seguida, Maurício explicou sobre a importância do trabalho de levantamento temático, com vistas a atender os interesses da população, a partir das demandas concretas do bairro. Assim, perguntou para Mauro se ele poderia contribuir indicando temas/assuntos para que fossem desenvolvidos junto com as crianças. Ele aceitou de prontidão dizendo: “Que não existe diferenças de classes, que eles não são menores (leia-se “inferiores”) por serem pobres, pois trabalhando eles poderão também ser ricos. Porque eu percebo que eles estão crescendo e estão vivendo o que estão vendo. O projeto pode dar outras referências para as crianças”. Durante a conversa com o trabalhador o educador quis saber qual o significado que o projeto da UFSCar tinha para ele. De modo que Mauro respondeu: “Acho que um desenvolvimento na educação das crianças, Ao menos os educadores tem tentado não é? E educação diz tudo. Já esta tirando da rua pra não dar oportunidade de ser um traficante, um ladrão. Todas as oportunidades que a Rua dá é que são ruins!”. Durante a conversa Mauro apresentou ter 24 anos e aquele era o primeiro emprego registrado de sua vida. Ele diz ter “vivido no mundo do crime”, chegando, inclusive a ser preso. Porém, agora “tem procurado a paz na palavra do senhor”. Maurício comentou que Mauro se mostrou muito solícito e franco ao colaborar com a investigação e contar um pouco de sua história.

- Hoje, no final do encontro da tarde também foi conversado com a funcionária Dinha. Ela está cobrindo a ausência de uma outra funcionária que está de licença maternidade. Portanto, neste interim, Dinha desempenha a função de “gestora comunitária”. Assim, os assuntos e ações relacionados com familiares e demais membros da comunidade são direcionados à ela. Após todas as crianças terem ido embora Maurício foi até a cozinha tomar um café. Lá encontrou Dinha que estava também tomando um café. O educador achou oportuno conversar com ela sobre a investigação temática, dado que ela também compunha a equipe de educadoras/es que trabalhavam no espaço. Então, ele comentou sobre as ações que estavam sendo realizadas no sentido de colher da comunidade participante os temas/assuntos que deveriam ser desenvolvidos pelo projeto VADL com as crianças. Dinha atuou por muitos anos no Centro Comunitário do Jardim Pacaembu. Espaço, inclusive, que atende às famílias em situação de “vulnerabilidade social”. Portanto conhece bem a realidade do bairro, bem como possui um bom vínculo com as famílias. Maurício aproveitou para lhe perguntar sobre o significado que o projeto tinha para ela de modo que a funcionária apresentou que acha o projeto muito importante, pois as crianças adoravam ir lá para brincar, e também tinha a questão das regras, dos horários e que as crianças gostavam das regras. Dinha também comentou que as atividades da música estava “soltando eles”. Quando foi pedido para que ela realizasse indicações de temas, ou assuntos, ela disse: “Acho que as crianças precisam sair daqui, passear mais, ver outros lugares. No fundo eu acho que elas ficam muito focados aqui. Eles tinham que aprender a se comportar, por isso acho que os passeios ajudariam. Percebo que os adultos acabam saindo, mas não levam seus filhos e filhas para passearem, tipo no shopping, no SESC, nos parque e etc...” Após ela anunciar essas possibilidades temáticas Maurício agradeceu pela contribuição e disse que seria muito proveitosa as reflexões de suas indicações, ambos terminaram de tomar seus cafés e Maurício foi para sala Multiuso conversar com Micuim.

Diário de Campo X

Data: 23/08/2012

Horário: 08h – 11h (**manhã**)

Local: Estação Comunitária do Jardim Gonzaga (ECO)

Educadores/as Presentes: Mad, Micuim, Maurício, Rubens e Erika, Luiz e Dois estudantes de Pós-Graduação.

Participantes Presentes: Ronaldo, Corinthians, Teves, Danilo, Sheila, Samanta, Rosinha, Laura, Balotelli, Kaká, Huck, Zinho, Karatê, Primo.

O dia começou com um céu azulado, e um vento gelado típico para esta estação climática em São Carlos. Ao chegarmos à ECO fomos recebidos por Corinthians e Teves com forte abraço (1). Notamos que algumas crianças brincavam de “Suruba” no espaço coberto, em frente à cozinha. Micuim, aproveitou para brincar junto com as crianças. Às 8hrs foi pedido para que as crianças lavassem as mãos para tomar o café-da-manhã. Notamos que neste momento, como algumas delas estavam jogando “suruba” e interromperam o jogo para correr para ocupar um lugar na fila. Rubens distribuiu o sabonete.

Café da manhã

Nesta manhã foi servido leite quente com cereal de milho. Nesta data, não notamos nenhum educador tomando café-da-manhã junto das crianças. Após o desjejum, as crianças escovaram os dentes e retornaram para sala para combinar as atividades daquele encontro. Assim se sucedeu.

Nos sentamos ao entorno de uma mesa retangular bem grande. Foi explicado que o evento “Olimpíadas do CJ” era uma atividade que celebrava o evento mundial olímpico, bem como, buscava ajudar com a divulgação do espaço do “Centro da Juventude Elaine Viviane” (CJ) e estimular a apropriação/uso por parte da população infanto-juvenil. Assim, a partir de reunião entre a equipe de coordenação do CJ com o a coordenação do VADL, surgiu o convite de participação nas olimpíadas. A proposta do CJ foi de organização de uma semana inteira com jogos e brincadeiras, algumas pré-desportivas, outras, com forte características lúdicas, ou cooperativas. Também foi explicado que nós do VADL participaríamos somente das atividades daquela quinta-feira por ser a data que costumeiramente nos reuníamos, porém. Toda gente poderia se organizar para ir autonomamente com seus amigos e amigas, pois era

um evento aberto que ocorreria no período da manhã e da tarde, com uma organização temática de acordo com cada data.

Após explicado a intenção da realização do evento, explicamos que nossa intenção era usufruir daquele espaço e aproveitar o convite e as atividades que estavam sendo ofertadas. Também explicamos que seria fornecido um lanche pela própria organização do evento. Portanto não almoçaríamos na ECO.

Antes de sairmos, foi pedido para que as crianças escolhessem um colega para dar as mãos, com vistas a cuidar uns dos outros e ter cuidado na rua. Pois, embora boa parte das crianças tenham frequentado o CJ e conheçam bem as ruas do bairro, bem como o caminho, Aquela seria uma situação inusitada, pois estávamos em um grupo relativamente grande. Assim sucedeu, tão logo que terminamos a conversa já estávamos saindo da ECO para ir em direção ao CJ.

As Olimpíadas do CJ.

Ao chegarmos no CJ encontramos com outros educadores e crianças. No espaço estavam organizadas estações de brincadeiras. Desta forma, encontramos o pessoal do “Projeto de Educação Ambiental e Lazer” (PEDAL-UFSCar) com uma estação de “ciclismo”, Na quadra estava ocorrendo uma estação de futebol e no campo, uma estação de “Bets” (em alguns lugares este jogo também é conhecido como “taco”). Como não havia bicicleta para todo mundo, haja visto que era um evento aberto à população e, para além das crianças do VADL, também haviam crianças e adolescentes da comunidade, desta forma ocorreu uma divisão em nosso grupo, havendo a proposta de troca de estações. Desta forma, após a divisão, demos início à nossa participação.

Contudo, percebemos haver uma predileção pela atividade de PEDAL, ademais notamos que não ocorreu um efetivo rodízio, pois algumas crianças que já haviam realizado as atividades desta estação, ficava por lá, para auxiliar, ou apenas observar um colega na execução das tarefas daquele circuito. Assim, os educadores, dentre eles o professor Luiz, instruíam as pessoas participantes acerca de mobilidade urbana (normas com a qual o ciclista deve se comportar no trânsito), iniciação ao ciclismo (“primeiros passos” para quem não sabia andar de bicicleta) e um circuito na qual as pessoas eram estimuladas a ampliar suas habilidades no ciclismo (zig-zag, equilíbrio, obstáculos). Também foi realizada a “corrida-maluca”. Nesta seria vencedora a pessoa que conseguisse chegar por último. Nesse sentido, era estimulado a capacidade de equilíbrio na condução da bicicleta, pois, o objetivo era se deslocar o mais lento possível, sem apoiar os pés do chão, nem cair da bicicleta.

Na estação do “Bets” Mad foi quem ficou mediou, desta forma, embora tivessem os educadores do espaço, o músico do VADL contribuiu para a mediação. Esta atividade, também é considerada um “jogo tradicional”, compondo o rol dos jogos e brincadeiras de rua, muito vivenciado pelas crianças, principalmente onde há um lugar sem trânsito. Nesta atividade brinca-se quatro participantes por vez, formando duas duplas. É um jogo de rebatidas na qual o objetivo é alcançar um determinado número de pontos (geralmente é estabelecido pelos próprios brincantes). Portanto vence o jogo a dupla que obter a pontuação máxima combinada.

Por fim, parte das crianças do VADL também iniciaram as atividades participando do futebol. Nesta feita, foi realizado o “futebol de salão”. Para tanto, como havia um número grande de brincantes, superior à 15 crianças, foi organizados “times de fora”. Esta é uma linguagem tradicional do futebol de rua, na qual montam-se equipes que aguardarão o final do jogo que está sendo disputado. O ganhador permanece na quadra, já a equipe derrotada deverá sair de quadra para que o “time de fora” entre para que uma nova partida seja reiniciada. Para tanto, foi estabelecido que uma partida teria a duração de um tempo de 7 minutos, ou caso uma equipe marcasse dois gols. Portanto o jogo se encerraria ao se obter uma dessas duas possibilidades (dois gols marcados por uma equipe, ou esgotado o tempo). Em caso de empate, seriam trocadas as duas equipes, entrando em quadra para jogar dois “times de fora”.

As atividades foram encerradas às 11hrs. Todas as crianças que estavam no CJ foram convidadas a lanchar. Para tanto, pedimos para que as crianças lavassem as mãos antes de realizar o lanche.

Lá foi servido um “cachorro quente” (pão de leite com salsicha e molho de tomate) com suco de morango. Após todas as crianças terminar de lanchar nos reunimos debaixo do pé-de-jaca onde Erika realizou uma “contagem”, para ver se não tinha nenhuma criança “perdida”. Também perguntamos o que as crianças haviam achado daquele passeio.

Como o tempo estava apertado, não pudemos prolongar na conversa. Aproveitamos então, para combinar que na semana seguinte iríamos realizar uma atividade de junto com uma turma de educadoras do curso de Terapia Ocupacional da UFSCar e, que nesta atividade iríamos realizar o plantio de árvores na praça “do mirante” (fica quase em frente a ECO e possui um tablado de madeira com vista para um vale conhecido no bairro como “buracão”, mas também chamado de “bacia hidrográfica do córrego da água quente”). Também comunicamos que não voltaríamos para a ECO naquele dia, portanto as crianças deveriam escovar os dentes em casa. Também sugerimos, por conseguinte autorizamos, as crianças que

moravam em meio ao trajeto para ir para casa. Não precisando nos acompanhar até a ECO, para somente depois, irem para suas casas.

Antes de sair do CJ orientamos as crianças para escolher um colega para dar as mãos, bem como, para andar sempre na calçada e ter muito cuidado com o trânsito. Na volta, percebemos que a maioria das crianças não estavam de mãos dadas. Porém, diferentemente da ida, na volta elas demonstraram uma menor ansiedade utilizando de forma adequada a calçada.

Comentários

- O dia começou tranquilo com a presença de todos os educadores, porém com caminhada até o CJ, algumas crianças ficaram muito agitadas e não colaboraram muito com os pedidos de cuidados na rua. Tivemos que o tempo todo sinalizar para que andassem nas calçadas e que dessem as mãos para um colega. Notamos que entre as crianças mais novas isso não foi um problema, pois eles escolheram a Erika, ou, os demais educadores. Já com as crianças com idade entre 10 e 11 anos, elas aparentaram sentir vergonha em dar as mãos para um colega. Em verdade, percebemos que tais crianças (pré-adolescentes) preferiam dar as mãos para aquelas bem novinhas (idade de 5 e 6 anos), pois, nos pareceu terem certa vergonha em caminhar de mãos dadas com seus pares (com outros pré-adolescentes) (2).
- Na atividade de hoje, mais uma vez fomos estimulados a andar pelo bairro. Inclusive o caminho que fizemos (que era o mais curto, e também pareceu o mais seguro no quesito de fluxo de veículos) contemplou uma passagem pela praça que brincamos na semana anterior com as crianças da manhã. Após a atividade, e já de volta à ECO a equipe pedagógica pode refletir também acerca de quanto a atividade de hoje pode colaborar em nossa percepção sobre algumas “condições materiais” observadas no bairro, Tais como: a pavimentação das ruas, a condição das moradias, a configuração das ruas, os usos que as pessoas fazem do espaço, as características das casas, os tipos de veículos que por lá circulam. Pois, de forma geral, realizamos nossas atividades dentro da ECO. Sendo poucas as ocasiões que realizamos saídas/visitas à outros espaços. Nesse sentido, Maurício comentou sobre a condição das calçadas, pois de acordo com este educador, para além de serem estreitas, elas estavam muito ruins, e haviam muitos trechos que elas não estavam cimentadas. Muitas apresentam grandes degraus, favorecendo apenas o acesso de veículos nas residências e dificultando a

circulação das pessoas. Nas palavras do educador: “Em alguns trechos me parece que é mais viável e seguro a pessoa caminhar nas ruas, como fizeram as crianças. Fico imaginando uma pessoa com mais idade, ou que tenha alguma dificuldade para caminhar, um cadeirante, um deficiente visual. Imaginem como deve ser para essas pessoas”. Também notamos que ao nos afastarmos da ECO existe uma tendência de melhoria nas condições das moradias. Assim, próximo à ela as muitas casa não possui acabamento externo (minimamente chapiscado, ou, rebocado, ou ainda pintado). Existem a presença de muitos cachorros na rua e nas casas, percebemos que, com o afastamento, haviam menos cachorros na rua, e observamos menos cachorros dentro das casas (foi muito comum observar casas com dois cachorros ou mais nas proximidades da ECO, conforme nos afastávamos, as casas que foi possível notar a presença de cachorro, vimos víamos apenas um). Com relação aos veículos Micuim comentou que não viu muita diferença entre “marcas”. Mas observou que próximos ao CJ os veículos aparentam ser “mais novos” (modelos com anos mais recentes) (3).

- Mad reproduziu uma conversa que teve com Karatê e Ronaldo logo que chegaram no CJ. A saber, foi ela:

“Um fato interessante que chamou a atenção foi o quanto o Ronaldo e o Karatê ficaram impressionados ao verem as bicicletas novas do projeto do Pedal, com isso perguntei se eles tinham bicicletas em suas casa, e eles me responderam da seguinte maneira. Primeiro foi o Karatê:

Karatê – Se acha professor, uma bike é muito caro, meu pai não têm dinheiro para comprar.

Mad - Mas você têm uma bike diferente dessas?

Karatê – Não, mais tô vendo uns esquema.

Mad – Que esquema.

Karatê – A professor, tô vendo uns trampo.

Mad – Mais você é novo para trabalhar.

Karatê – Se acha, e se eu não trabalhar como eu vou consegui uma bicicleta.

Fiquei quieto. O segundo foi o Ronaldo:

Mad – E você tem uma?

Ronaldo – Não igual essas, mais tenho uma sim..

Quando eu achei que a conversa ia acabar, o karatê disse:

Karatê – É professor, a do Ronaldo também é legal.

Mad – É mesmo? E por que?

Karatê – A porque ele me empresta, não é mesmo Ronaldo?

O Ronaldo acenou positivamente com a cabeça e saíram correndo por entre os outros participantes, em sentido a fila que se formou para andar de bicicleta.

- Sobre o episódio acima transcrito o educador comentou que pode refletir acerca das condições sociais de algumas crianças, bem como, o quanto este condicionamento as impelem a buscar meios que, em muitos casos, podem não ser os melhores para conquistar um bem material desejado. Nesse sentido ele afirma: “Pude refletir o quanto as condições socioeconômica dos participantes são por vezes tão baixa, a ponto de uma criança perceber que o único meio dela obter algumas coisas será através do trabalho dela, sanando assim sua vontade. Sinceramente acredito que não seja tão maléfico isto para um individuo que esta, em pleno desenvolvimento. Porém, devo refletir mais sobre a aproximação com atividades ilícitas devido à sua condição de marginalidade, pois muitas coisas ocorrem diante de seus olhos, todos os dias, gerando talvez um pensamento que o único meio de atingir tal objetivo seja pegando o atalho nessas tais coisas. Portanto, compreendo que ações como o do VADL de aproximar seus participantes às ações de projetos como o PEDAL, possa contribuir para uma melhora no desenvolvimento dessas crianças. No caso da bicicleta eles vivenciaram momentos de prazer, desenvolvimento motor, respeito com relação há uma organização das filas, trabalho de perceber o quanto uma bicicleta é importante para um cidadão, de maneira que, a partir dessa experiência, possam conseguir algo para além da alegria, perceber também outros valores da bicicleta” (4).
- Durante nossas atividades houve uma situação de desentendimento entre Balotelli e Zinho. Mad entrevistou conversando com os dois participantes. O educador disse ter percebido os dois discutindo, de maneira a trocar ofensas. Mad conversou com os dois, cada um acusava o outro de estar agindo de maneira incorreta. Zinho disse que Balotelli teria xingado ele. Já Balotelli se defendeu dizendo que Zinho era um mané que não estava

deixando os outros jogarem. Mad lhes disse que numa situação em que qualquer um deles se sentisse incomodado era para chama-lo, ou a outro educador, mas que não era para xingar de volta ou brigar. O educador também comentou que sugeriu aos dois para que quando se sentirem incomodados ou ofendidos com uma ação de um colega, eles deveriam dizer, de imediato, de maneira respeitosa com vistas a tentar resolver o problema da melhor maneira possível. Após a conversa observamos mais detidamente os dois. Nesse sentido, percebemos que eles não conversaram mais um com o outro naquele encontro, demonstrando certa insatisfação com o colega (5). Porém, salientamos que também não percebemos mais discussões. Em conversa entre a equipe pedagógica, percebemos que o silêncio entre eles também pode indicar, para além do descontentamento, o tempo necessário para que cada um possa refletir sobre a discussão, ou, o para sessar o sentimento de angústia e raiva, ou ainda, pensar sobre a proposição de Mad. De acordo com o Micuim: “A meu, é normal depois de uma briga você dar um tempo, ficar meio calado. Daqui a pouco os dois tão conversando de novo. Vocês vão ver”.

- Com exceção do episódio da discussão de Balotelli com Zinho, percebemos que todos os outros jogos ocorreram de forma harmoniosa e respeitosa, possibilitando que todas as crianças realizassem suas práticas com satisfação e que pudessem compartilhar de momentos de alegria. Micuim comentou: “Eu fiquei mais junto do Futebol, e achei super legal o jeito que as crianças brincaram, não teve brigas, a meninada foi muito respeitosa umas com as outras, e não foi só as nossas não! A meninada que não era do projeto foi muito gente fina. Pensando aqui agora, foi muito legal lá. Tirando a discussão do Balotelli com o Zinho, que nem foi tão grave assim” (6).
- Tivemos a percepção, nós da equipe pedagógica (Erika, Micuim, Mad e Maurício), que as crianças não lavariam as mãos caso não fosse solicitado pelos educadores, pois, quando a coordenadora do Centro da Juventude sinalizou que já seriam distribuídos os lanches as atividades nas estações foram encerradas e, em meio à outras crianças, as do VADL também começaram a caminhar em direção ao local onde se organizava uma fila onde estavam distribuindo o cachorro quente e o suco. Possivelmente, por conta da rotina dos projetos da ECO, na qual temos a prática de lavar as mãos antes de cada refeição, automaticamente os educadores do VADL pediram para as crianças lavarem as mãos antes de pegar seu lanche, pois, em todas as práticas existia o contato das mãos com

superfícies que não haviam sido limpas (a manopla das bicicletas, a bola de futebol e de taco que ficaram em contato direto e constante com o solo, ou a própria mão direto no chão). Contudo, percebemos que a equipe do CJ não havia se organizado para tal prática (a de lavar as mãos para o lanche). Dado que o comando foi: “Já pode falar pras crianças vir pegar o lanche”. Assim, pedimos para que as crianças lavassem as mãos. Notamos que as participantes do VADL foram, inclusive Corinthians se queixou que não tinha sabonete e lavou as mãos apenas com água com água. Algumas crianças que não participavam do VADL lavaram as mãos. Mas, salientamos, foram poucas. Já após o retorno, Mad ainda comentou: “Percebi que fora da ECO é mais difícil organizar a higiene das crianças, simplesmente por estarem fora de um ambiente onde as condições para uma prática consciente da higienização das mãos e dos dentes não sejam aquelas as quais estão acostumadas”.

- Ao final, avaliamos como positiva a oportunidade de participarmos daquele evento no CJ, pois, para além de vivenciar um momento diferenciado de fruição do lazer com as crianças, seja a partir do uso de equipamentos como as bicicletas, seja por estar com crianças que não participam do projeto, notamos que aprendemos muito sobre aspectos que podem interferir no comportamento de cada criança. Tais como sua moradia, os espaços que elas têm para brincar no entorno de sua casa, os equipamentos de lazer do bairro, entre outros (7).
- Ao final do encontro, em conversa com a equipe pedagógica do VADL, foi verificado que não ocorreu a investigação temática no período da manhã. Micuim, Mad e Maurício disseram não se atentar para tal atividade. Micuim ainda comentou: “Eu estava tão ligado na criançada no meio da rua que eu nem lembrei”. Maurício comentou estar preocupado, pois já estávamos no mês de agosto e havíamos feito poucos levantamentos.

Investigação Temática

- Durante o período da tarde Maurício conseguiu dialogar com mais três pessoas acerca da investigação temática. A saber: Os irmãos Ganso e Lindinha e sua mãe, Dona Maria. As duas crianças são participante do período da tarde. O primeiro a contribuir foi ganso. Assim, durante o caminhada para o Centro da Juventude Maurício acompanhou Ganso e outras crianças. Com ele, o educador iniciou dizendo que era

importante ouvir o que a turma achava do projeto, o que é que seria desenvolvido com as crianças do bairro, e que para isso ele precisava da ajuda de todas as pessoas que tinham envolvimento no projeto. Então o educador perguntou se ele poderia ajudar. Ganso respondeu que sim. Maurício pediu para que ele dissesse o que ele gostava de fazer em seu dia-a-dia de modo que a criança indicou que gosta de brincar de pega-pega, soltar pipa e de esconde-esconde à noite. Disse que faz isso com seus amigos na rua de sua casa. Então o educador perguntou o que ele gostaria de sugerir que fosse desenvolvido como tema, ou assunto no projeto. Ganso disse não saber, Maurício comentou que todos os anos, através dos jogos e brincadeiras os educadores procuravam ensinar algo e que, no ano anterior havia sido sobre Saúde e Respeito e, que aquela conversa que ele estava tendo com o garoto iria contribuir para os temas deste ano. Ganso, ficou quieto por alguns segundos e disse: “Eu não sei dizer professor”. O educador também comentou sobre o significado que Ganso atribui ao projeto. Assim, o participante comentou: “Bem, não sei direito, acho que é pra crescer, ser um rapaz bom e para brincar”. Ao final do encontro com a turma da tarde Maurício comentou que no momento ele compreendeu que o participante poderia não ter interesse de participar deste processo, assim ele disse para Mad e Micuim: “Olha, me parece que o Ganso é bem esperto, ele já 10 anos. É possível que eu não tenha conseguido transmitir o quão é importante as ideias dele, ou, então, que ele realmente não se interesse por isso. No momento, a partir da fala dele, tive impressão que realmente se tratava de desinteresse. Por isso, disse que se ele lembrasse de algo importante ele nos procurasse. Bem, até o final do projeto ele não falou nada comigo. Pode ter esquecido, ou não!”.

- Maurício também comentou que conversou com Lindinha enquanto as crianças comiam seu lanche. Para tanto, sentou-se à beira de um pé de jaca, onde a participante comia seu lanche. Portanto, assim como ele havia feito com seu irmão, o educador iniciou o diálogo explicando que estava conversando com todas as pessoas do projeto para saber o que elas acreditavam ser importante que fosse desenvolvido no projeto. Para tanto, começou perguntando sobre o que Lindinha ela mais gostava de fazer no seu dia-a-dia. A menina respondeu: “Eu gosto de brincar!”. Maurício insistiu e quis saber quais eram a brincadeira. Lindinha disse: “Eu gosto de brincar de pega-pega na rua de casa”. Diferentemente de seu irmão, Lindinha aparenta ser um pouco tímida e meiga, durante o projeto ela sempre diz poucas palavras, e é muito comum ela falar

sorrindo. Após a apresentação da intenção em colher os temas geradores a menina respondeu: “Ensinar a fazer respeito ué!”. Por fim, Maurício também conversou com ela no sentido de compreender o significado que o projeto tem para ela. Assim, a menina de 7 anos respondeu: “Eu acho que eu vou fazer aulas de livro”. Maurício não detalhou nem comentou a resposta com ela. Mas, após encerrada as atividades do projeto comentou ter a impressão que a menina estava indicando que o projeto poderia significar para ela o aprendizado escolar da leitura.

- Após encerradas as atividades do período da tarde no Centro da Juventude (CJ-Elaine Viviane), já no caminho de volta para ECO Maurício comentou com Ganso e Belinha que gostaria de conversar com algum responsável deles sobre o projeto. Ganso indicou que seu pai estaria trabalhando, mas que sua mãe estaria em casa. Maurício então pediu para lhes acompanharem até em casa com objetivo de conversar com a mãe eles. As crianças aceitaram e Maurício foi para lá. Ao chegar Maurício pediu para conversar com Dona Maria. No portão de sua casa Lindinha correu para dentro anunciando minha chegada. Sua mãe logo saiu para atender ao educador. Maurício explicou o motivo da visita e que seria breve. Dona Maria disse-lhe que tinha tempo, pois o almoço das crianças já estava pronto, e só era preciso esquentá-lo. Então, Maurício explicou para Dona Maria sobre a investigação temática: “Então Dona Maria, começamos a fazer o levantamento temático do projeto da UFSCar agora. Assim, gostaríamos de ouvir de toda a população que tem envolvimento com o projeto o que é que é importante trabalhar lá com as crianças. Assim, que assunto, ou tema a senhora acha importante que seja trabalhado com seu filho?”. Dona Maria respondeu: “Lá vocês deveriam falar sobre Respeito, pois as crianças brigam muito e sobre violência doméstica, pois vejo muitos pais, ou responsáveis, agredindo e batendo em suas crianças”. Maurício também aproveitou para perguntar o que é que significava o projeto para ela, de modo que ela ficou um pequeno tempo sem dizer nada, pareceu estar pensando. Daí disse não entender a pergunta. Então Maurício repetiu: “Qual o significado do projeto para a senhora? Quando a senhora pede para que seus filhos frequentem o projeto o que a senhora pensa? O que significa eles frequentarem o projeto?” Então Dona Maria respondeu: “Eu acho bom por ser perto de casa, e é bom porque assim ela não fica na rua aprendendo coisas ‘diferentes’ da rua”. Maurício agradeceu, e seguiu pelas ruas do bairro até chegar na ECO para encontrar com os educadores que já estavam no espaço. Lá chegando, o educador comentou com seus

colegas sobre o diálogo que havia tido com Dona Maria. Neste momento os educadores refletiram sobre a dificuldade em conseguir sintetizar uma pergunta que queira perceber das pessoas o significado que elas atribuem ao projeto (8).

Diário de Campo XI

Data: 30/08/2012

Horário: 8h – 11h (**manhã**)

Local: Estação Comunitária do Jardim Gonzaga (ECO) – Praça próxima a ECO

Educadores/as Presentes: Mad, Micuim, Maurício, Rubens Erika, e três representantes do curso de Terapia Ocupacional da UFSCar (uma professora e duas estudantes).

Participantes Presentes: Samanta, Balotelli, Homem Aranha, Ronaldo, Macwin, Zinho, Huck, Guiga, Corinthians, Ricardinho, Douglas, Clarinha, Bárbara, Laura, Patrícia, Ben-10, Rosinha, Kim, Ket.

Hoje fez uma manhã muito bonita. O céu estava bem azul, poucas nuvens, e uma temperatura agradável. Até um pouco quente para a época do ano. Neste dia Maurício (que fica na região central de São Carlos) comentou que foi caminhando para a ECO e, que no trajeto, fico refletindo sobre a positividade da atividade de plantio das árvores.

Café-da-manhã e Roda de Conversa

Após todas as crianças lavarem as mãos com sabonete foi servido o café-da-manhã. Nesta data foi servido leite com chocolate e biscoito de amido de milho (“maizena”). Após o café-da-manhã as crianças escovaram os dentes;

Nesta data, inicialmente, estava combinado para ocorrer o plantio de árvores às 9hrs. Contudo, antes de sairmos para tal atividade iríamos realizar uma “roda de conversa” para dialogarmos sobre as matérias do jornalzinho “Esporte para Cidadania” até o momento de ir para a praça e realizar a atividade de plantio das árvores. Até aquele momento, tudo corria como combinado, e seguimos com nosso planejamento.

Roda de Conversa e leitura do Jornalzinho “Esporte para Cidadania”

O “Jornalzinho⁴⁰” é um tanto extenso para ser trabalho em um único encontro, pois são duas páginas. Assim, antes de iniciar a leitura efetivamente, deliberamos acerca de quais seções seriam contempladas naquele encontro. Para tanto, foram apresentadas e, sucintamente, explicadas, as seções daquela edição, a saber: “Editorial”, “Pedalando no

⁴⁰ Consultar anexo 2 – 43ºJornalzinho VADL

Centro da Juventude”, “Entrevista do Mês”, “Festa Junina”, “Dia do Folclore” e “Vamos Colorir”. Foram inicialmente escolhidas, a partir de votação o “Editorial” e a “Entrevista do mês”.

Ao iniciar a leitura explicamos a importância em ler esta parte de jornais e revistas e outros materiais informativos, pois nesta “seção” é apresentado, sucintamente, o conteúdo da obra que será contemplado. Coincidentemente ao término do editorial, chegaram, às 9hrs, as educadoras da Terapia Ocupacional (TO.) participantes do projeto METUIA. Assim, a professora responsável e mais duas estudantes juntaram-se à nossa “Roda de Conversa”, anunciando que a atividade de plantio iria atrasar para começar.

Desta forma, como havíamos escolhido as seções do “jornalzinho” a partir de uma outra perspectiva de tempo disponível, foi solicitado pelas crianças para trocar as seções que seriam contempladas. Houve um novo pleito e (re)combinamos que iríamos desenvolver a leitura sobre o “Dia do Folclore” e realizaríamos as atividades da seção “Vamos Colorir” até o momento de início da atividade do plantio das árvores.

Ao percebermos o adiantado da hora, pois já era 10hrs (as crianças deveriam retornar às 10h30min para almoçar e ir para casa se aprontar para a escola) e depois de muitas “idas e vindas” da estudante de TO. e do educador Mad até a praça onde se realizaria a atividade de plantio das árvores, compreendemos que não seria inviável realizar a atividade com as crianças naquela manhã, pois o tempo disponível seria muito curto. Ademais, tão logo percebemos a inviabilidade, a professora da TO anunciou que não seria possível realizar a atividade com a turma da manhã neste encontro, pois após receber uma ligação de sua equipe ela foi informada que as mudas de árvore seriam entregues na ECO somente às 14hrs devida a não entrega das árvores por parte do pessoal da Prefeitura Municipal de São Carlos.

Não informamos as crianças de imediato, optamos por explicar o ocorrido na quadra. Para tanto, pedimos para que as crianças fossem encerrando suas pinturas pois, iríamos para a quadra para explicar o que estava ocorrendo. Assim se sucedeu e, em aproximadamente cinco minutos, todas as crianças já haviam encerrado sua atividade de pintura e guardado seu jornalzinho.

Roda de conversa para explicar o cancelamento da atividade planejada pela equipe do METUIA e brincadeira do pega-corrente

Fomos para a quadra para explicar para todas as crianças participantes o “*porque?*” não houve a atividade do plantio. Após realizada a explicação uma das estudantes de TO.

sugeriu um jogo que teria como temática “as relações ambientais⁴¹”. Contudo, já era 10h15 e não teríamos tempo para preparar o material e espaço para tal vivência. Desta maneira, após explicado que não teríamos o tempo necessário para desenvolver tal atividade, a própria estudante propôs a realização da brincadeira de “pega-corrente”. Assim, entre às 10h15min e 10h30min foram vivenciadas duas rodadas da brincadeira de “pega”.

Almoço e planejamento do encontro seguinte

Após todas as crianças e educadores e educadoras lavarmos as mãos, fomos para a sala multiuso para fazer nosso lanche final e planejarmos o encontro seguinte. Desta forma, para o lanche foi servido macarronada com molho de tomate, frango assado com batatas e para acompanhar, salada de alface e banana de sobremesa. As crianças gostaram muito da refeição. Macwin e Ronaldo repetiram três vezes cada um. Antes de ir embora a professora da TO, responsável pela atividade, combinou que à tarde ela receberia as mudas de árvore para a realização do plantio, mas que iria guardar algumas para poder fazer a atividade com a turma da manhã no encontro da semana seguinte. Ficando, então, combinado a partir do consentimento dos participantes do VADL, bem como da equipe pedagógica deste projeto, a realização da atividade de plantio de árvores para a semana seguinte (06/09/2012). Antes de ir embora todas as crianças escovaram os dentes.

Comentários

- Após o café da manhã, foi organizada uma roda de conversa para ler e dialogar acerca dos registros contidos no jornalzinho. Assim, estrategicamente foi distribuído um exemplar para cada criança e disponibilizado alguns minutos para que elas pudessem olhar/manuseá-lo de forma autônoma. Notamos que este momento foi muito interessante, pois, as crianças ficaram empolgadas em se reconhecer nas fotos. Elas sorriam, chamavam a atenção de um colega para que observasse sua imagem no jornal, faziam comentários sobre um(a) amigo(a). Uma das imagens era a de um registro da turma da tarde em atividade do grupo “PEDAL-Consciente” realizada no Centro da Juventude na semana anterior. Já a outra imagem era a da festa “Julina”. Esta compunha um registro de atividade realizada com a turma da manhã. Também percebemos que a quase totalidade das crianças que participaram da festa “junina”

⁴¹ Foi proposto um jogo em que seria demarcado um espaço circular com um barbante. Neste espaço seriam colocados diversos resíduos (garrafas pet, sacolinhas, papel, papelão, latas de alumínio e outros materiais) com vistas a realizar a coleta seletiva e o adequado acondicionamento desses materiais.

estava também presentes ali, naquela roda de conversa. Desta forma, destacamos o entusiasmo e empolgação das crianças em reconhecer a si e a suas(seus) colegas nas fotos. Ronaldo comentou: “Olha que ‘largo’ (leia-se ‘sortudo/bom/esperto’) esse Corinthians, está pertinho da Erika!”. O garoto disse isso apontando para a imagem em que seu primo estava próximo à professora Erika (1).

- Maurício comentou que em momentos anteriores já foi dialogado com a equipe pedagógica sobre a importância dos registros fotográficos para aquelas crianças, dada a compreensão de que elas, e seus pares não são representadas pela mídia (impressa, ou televisiva). E quando isso ocorre, é feito de maneira depreciativa. Portanto, é geralmente atribuído um padrão de beleza na qual somente um fenótipo é valorizado (pessoas brancas, cabelos lisos, altas, magras e jovens). Nesse sentido, compreendemos que o Jornalzinho pode contribuir para a afirmação e valorização da identidade étnica das crianças que participam do VADL. Que em sua maioria aparentam ser afrodescendentes. Mad e Erika comentaram que nunca pararam para refletir sobre esta questão, sobre o padrão de beleza divulgado nas mídias, e acharam interessante a possibilidade do jornalzinho contribuir com processos educativos de valorização das pessoas que geralmente não refletem o padrão estético imposto pela mídia (2).
- Para a leitura dos trechos escolhidos coletivamente do “jornalzinho”, mantivemos o círculo. Foi solicitado para aquele ou aquela que quisesse realizar a leitura se manifestasse levantando o braço. Algumas crianças apontaram predileção para a leitura de determinados trechos. O primeiro trecho lido foi o “Editorial”. Este Balotelli leu inteiro. Ao final da leitura desse trecho foi perguntado para as crianças se havia alguma palavra, ou frase que não havia sido entendida. Desta forma, alguns termos utilizados no “jornalzinho”, como “destreza”, “mobilidade”, “lúdico” e “Motricidade Humana” tiveram que ser explicados. Samanta, disse que destreza, por exemplo, significava “ser bom em andar de bicicleta”. Ela teve esse cuidado em contextualizar “destreza”, pois foi explicado que as palavras guardavam sentidos naquele texto, mas que poderiam ter significados diferentes quando ditas/lidas em outros lugares. Os outros termos foram explicados por Maurício. Para tanto, ele apresentou preocupação

de fazer aproximações com a linguagem das crianças, buscando dar exemplos⁴² do cotidiano das crianças e das(os) educadoras(es).

- Enquanto Balotelli lia as outras crianças ouvia-o atentamente. Após a leitura do “Editorial” as crianças puderam conhecer melhor o que havia em cada seção do jornalzinho. Coincidentemente com o término da leitura do editorial chegaram as educadoras do METUIA, bem como a informação acerca do atraso da atividade do plantio de árvore. Em conversa com a equipe pedagógica do VADL, compreendemos a possibilidade de um relativo despreparo por parte do coletivo do METUIA, pois em nossa análise já fazia aproximadamente um mês que a atividade estava programada. Enfim, surgiu aí a necessidade, e de certo modo uma oportuna ocasião, para experimentarmos a flexibilização do nosso planejamento. Nesse sentido, pudemos realizar ajustes para o bom andamento do “processo” de aprender junto com os participantes do VADL. Isso foi explicitado para as crianças e educadoras do METUIA. Então, foi solicitada a alteração das seções que seriam lidas. Fizemos então a leitura do “Pedalando no CJ” e “Dia do Folclore”, sendo agendada para a semana seguinte a leitura da “Entrevista do Mês” (3). Assim, a primeira ajudar na leitura do “Pedalando no CJ” foi Samanta e, a exemplo de seu irmão, Balotelli, ela leu muito bem. Mais uma vez as crianças ouviam-na atentamente. Outra pessoa a realizar a leitura do mesmo trecho foi Kaká que, embora esteja na mesma classe escolar de Balotelli, não apresentou a mesma desenvoltura/habilidade para leitura.
- Em nossa análise após o encerramento das atividades daquela manhã, percebemos que todas as crianças que leram apresentaram prazer em estar realizando aquela feita. Pois, pediam para ler com entusiasmo, enquanto liam seguravam o papel firmemente com as duas mãos, algumas, inclusive projetavam seu corpo à frente tirando as costas do encosto da cadeira. Outra criança que nos chamou atenção pela sua boa leitura foi Patrícia, pois com nove anos ela destoou dos demais participantes, enquanto lia,

⁴² Para explicar “lúdico” busquei exemplificar com o jogo de futebol, jogado de forma livre e espontânea, buscando ter prazer e imerso na atividade. Para exemplificar “mobilidade” falei um pouco sobre a necessidade de conhecer as regras/leis de trânsito que “protegem” e devem ser seguidas pelas(os) ciclistas, sobre a necessidade da criação/ampliação de ciclovias seguras, como sinalizar uma “troca de via”, ou seja, mobilidade como um conjunto de comportamentos, regras/leis e demandas para o uso consciente da bicicleta como meio de transporte, lazer, ou prática desportiva. Por fim, para explicar a “Motricidade Humana” disse-lhes que alí no jornalzinho significava o “nome” do prédio do curso de Educação Física e que era uma espécie de homenagem ao nome de uma ciência que acreditava que o ser humano busca transformar o mundo para ser e viver melhor.

parecia nos contar uma história, inclusive gerando comentário de um colega. Nesse sentido: Balotelli a chamou de “CDF”, que imediatamente o fez dizer: “não foi uma ofensa, mas um elogio” (4).

- Guiga foi outra criança que também leu trechos do jornalzinho. Ele tem apenas sete anos. Desta forma seu exercício de leitura foi mais demorado, pausado. Isso fez com que Macwin tirasse sarro dizendo “ele não sabe ler”. Contudo, quando Mad perguntou para Macwin se ele gostaria de contribuir realizando a leitura de um trecho, o Macwin respondeu dizendo: “Não, porque eu não quero gastar minha voz” (5). Devido à essas palavras e a outros momentos vivenciados durante as atividades do VADL compreendemos que Macwin tem muita dificuldade em ler, inclusive, de acordo com o professor Erika: “ Todos os dias da semana nós temos um horário para ajudar as crianças com a explicação da “lição de casa” passado na escola. A mãe do Macwin pediu nossa ajuda e, algumas vezes ajudamos o Macwin com sua tarefa. Nossa! Dá até pra dizer que ele não sabe ler, porque ele tem uma dificuldade enorme, ele vai tropeçando nas sílabas, repetindo-as. Daí, quando ele fica meio de saco cheio ele diz que não consegue e meio que desiste. Percebo que ele perde atenção muito fácil também. Qualquer coisa é motivo para ele desviar sua atenção da lição. Quando eu estou ajudando ele, é muito comum eu fazer uma pergunta referente à um exercício e ele apresentar outra pergunta referente ao seu cotidiano, ou, à sua imaginação”.
- Maurício comentou que durante a prática da leitura pode observar a estudante de TO. E Mad, entravam e saiam da sala constantemente. Maurício disse ter a impressão de que os dois estavam preocupados com a possibilidade de não realização da atividade de plantio da árvore. A professora responsável pelo METUIA também apontou descontentamento com o anúncio que não seria possível realizar a atividade naquele encontro. Esse descontentamento foi generalizado, pois, antes da notícia do cancelamento as crianças perguntavam e cobravam pelo início da realização da atividade. Maurício comentou: “Senti, também, a falta de um plano alternativo, pois, o pessoal da prefeitura não entregou as árvores à tempo. Mas, e se chovesse? E se não tivéssemos as ferramentas adequadas?”. Assim, as adaptações das atividades daquele encontro foram sugeridas pela equipe do VADL, inclusive quando, próximo ao final, a estudante de TO. Sugeriu a vivência de uma atividade que levaria muito tempo para preparar, inviabilizando sua execução.

- Após a saída das crianças fomos até a praça, onde também aguardavam a chegada das mudas algumas mulheres que faziam parte da organização “Amigas da praça”. Tal organização é composta por moradoras do Jardim Gonzaga. Em conversa uma das mulheres nos explicou que este grupo foi recém formado. O mote de sua formação foi a falta de manutenção periódica (corte do mato, manutenção dos brinquedos, limpeza da praça) por parte da prefeitura, bem como o mal uso por parte de alguns moradores. Assim nos foi apresentado que o objetivo era organizar um grupo de mulheres que ajudaria a cuidar da praça deixando-a mais bonita e agradável para que as famílias pudessem frequentar mais lá, ir junto de seus filhos. Para tanto, elas poderiam tanto fiscalizar quem estava jogando entulho, ou lixo, como também cobrar da prefeitura a adequada manutenção do espaço. Nós da equipe pedagógica percebemos que existe um uso intenso da praça. Esta passou, recentemente (aproximadamente 3 meses), por reforma. Nesta feita foram substituídos os brinquedos que estavam completamente destruídos (muito mais pela falta de manutenção e natural deterioração do que pelo uso inadequado) por brinquedos confeccionados com madeiras de dormentes de trilhos e pneus velhos. Também foi feita a pavimentação da calçada com concreto (pois antes não havia calçada cimentada) e reforma de um “mirante” (um tablado de madeira que permite uma bela visão para um vale onde está localizada a bacia hidrográfica do Córrego da Água Quente, cuja população local chama de “Buracão”). Contudo, mesmo frente às reformas compreendemos, junto a organização “Amigas da Praça”, que ainda é necessária a instalação de lixeiras grandes (dado que o Jardim Gonzaga é um bairro populoso e o caminhão de coleta não passa diariamente no bairro, havendo grande concentração de lixo naquele espaço).
- Ao nos deslocarmos até a praça após o término do encontro, conversamos com um rapaz que nos contou atuar como voluntário em diversas ações desenvolvidas no bairro, principalmente através da “grafitagem⁴³” e que auxiliava na organização da atividade. Ele nos contou que terá que ir buscar as mudas com seu veículo (um veículo modelo caminhonete), pois a diretoria de Meio Ambiente de São Carlos, não poderia

⁴³ Arte de pintar principalmente muros, que teve início em meio a cultura “hip-hop” composta pelos três elementos: DJ/discotecagem, B-Boy/dançarino e o Grafite/pintura de frases e desenhos em muros. Muito frequentemente o grafite é confundido com pichação. Enquanto o primeiro é compreendido como uma expressão artístico cultural o segundo é compreendido como ato de vandalismo e depredação.

entregar as mudas, mesmo havendo programado com antecedência a entrega deste material.

- Conversamos com a supervisora do espaço, Dinha, acerca da necessidade de acomodar as mudas de árvores que seriam utilizadas na semana seguinte (quinta-feira 06/09/2013). Ela autorizou a acomodação das mudas num espaço situado do lado da cozinha, inclusive, ao lado de um tanque. Local que, nas palavras da supervisora, facilitaria no cuidado de regá-las e elas teriam sol, e sombra.
- Ao final, dada as experiências vivenciadas no encontro desta data, a equipe do VADL compreendeu que mesmo que tenha sido frustrante a não realização da atividade de plantio das árvores, que havia sido planejada para hoje, foi importante explicitar a experiência da “flexibilização” da programação. Principalmente quando em casos como ocorrido neste encontro, que escapam ao controle da equipe (pois a responsabilidade de entrega das árvores era da Diretoria de Meio Ambiente da Prefeitura Municipal de São Carlos) que está organizando.
- No período da manhã apenas o educador Micuim realizou a investigação temática com um participante. Foi com Ronaldo. Em seguida ele aproveitou para conversar com a mãe do participante, Preta, pois ela tem o hábito de ir busca-lo.

Investigação Temática

- Durante o almoço Micuim aproveitou para conversar com o participante Ronaldo acerca dos temas geradores. De acordo com o educador ele fez isso “entre um prato e outro”. Pois Ronaldo havia repetido a refeição três vezes. O educador comentou que aproveitou o momento do almoço para conversar com aquele participante. Assim, em sua conversa Micuim disse: “O Ronaldo falou que a gente tinha que ensinar as crianças a ficarem quietas, boazinhas, pra ganhar lanche e não ficar igual ao Macwin, que vai embora antes de acabar o projeto, sem avisar ninguém, e depois volta”. Micuim também comentou que perguntou para Ronaldo o que ele achava sobre o significado do projeto, de maneira que Ronaldo disse-lhe que o projeto significava lugar de brincadeira, que significava brincar. Micuim também relatou que na hora de investigar o significado que a criança atribuía ao projeto, ele teve também que refazer

a pergunta, detalhando-a e dando outros elementos para que Ronaldo lhe desse alguma resposta, pois num primeiro momento a criança disse que não sabia. Ademais, o educador disse que aproveitou para saber o que o participantes gostava de fazer no seu dia-a-dia. De acordo com o educador a criança falou várias brincadeiras: “Ah! Na hora que eu perguntei do que ele gostava de brincar ele falou várias brincadeiras. Disse que gostava de brincar de basquetinho, lutinha, capoeira, esconde-esconde e futebol, perto da casa dele com seus amigos, vizinhos e irmãos. E que na ECO ele gostava de brincar de Rouba-Castelo e Pé-Na-Lata”.

- Micuim aproveitou que a mãe de Ronaldo foi busca-lo logo após o lanche. Micuim nos disse que iniciou a conversa no pátio em frente o enxaguatório, pois na hora em que Preta chegou para buscar seu filho, ele ainda estava escovando os dentes. O educador comentou que ao realizar o trabalho sobre a investigação temática optou por indicar temas dos anos anteriores. Justificou que fez isso para que Preta não confundisse “tema” com “conteúdo/atividades”. Micuim disse que Preta foi muito atenciosa, e simpática, concordando em colaborar. Assim ela apontou que o projeto deveria falar sobre família, pois no bairro eram muitos escassos os espaços onde o tema era “a família” e que para ela isso era muito importante. Micuim comentou que antes de terminar a conversa perguntou qual era o significado do projeto para ela, de maneira que ela comentou que o projeto era muito bom, pois ela diz ter percebido que o Ronaldo havia aprendido coisas diferentes, e coisas que nem ela sabia para ensinar pra ele. Ao final das atividades matinais, Micuim comentou com Mad, Maurício, Erika e Rubens que a mãe de Ronaldo era uma pessoa muito simpática. Rubens comentou que ela era “gente boa” e cheia de cuidados com o Ronaldo. Erika ainda comentou que houveram ocasiões que Preta presenteou os professores do VADL com doces, pois aquela mãe possuía uma “vendinha” em sua casa.
- Imediatamente após o almoço das crianças Maurício foi ajudar a recolher as louças e levá-las para cozinha. Lá encontrou Renata e lembrou que nenhum educador havia realizado a investigação temática com ela. Assim, aproveitou a oportunidade para explicar o trabalho que os educadores da UFSCar vinham realizando. Renata disse que deveria dar um trabalhão conversar com tanta gente que pensa diferente de modo que o educador reiterou que era justamente a diferença que iria enriquecer o trabalho. Então, Maurício perguntou se Renata já havia contribuído realizando a indicação de

temas? Ela disse que não, foi então que ele o convidou para contribuir. Renata aceitou dizendo que seria um prazer. Então Maurício pediu para que a “Monitora de Culinária” refletisse sobre a realidade do Jardim Gonzaga, nas coisas que ela observava ocorrer, o comportamento das crianças para então ela indicar o que deveria ser desenvolvido no projeto. De modo em que Renata disse: “Sexualidade não é professor? Para estar falando para elas sobre sexo. Sobre o que acontece quando se faz em certas idades, sobre a prevenção de doenças.” Maurício também aproveitou para investigar qual o significado que a monitora de culinária atribuía ao projeto, de modo que ela indicou que o projeto da UFSCar tinha um significado muito bom, pois as crianças estariam na ECO e não na rua, e que as crianças demonstravam gostar dela e ela também gostava das crianças, bem como de trabalhar naquele espaço, fazer as festas e os bolos. Maurício agradeceu às contribuições da educadora e foi realizar as anotações daquela conversa (6).

- Em meio às atividades da tarde Rubens comentou com Maurício que havia uma criança acompanhada por sua mãe que estava fazendo a inscrição no projeto “Campeões na Rua”. Assim, perguntou se não era oportuno conversar com ela sobre seus interesses em participação no projeto. Maurício concordou e foi conversar com elas. Assim, pode conhecer Bia, de 11 anos e sua mãe Helenice, de 50 anos. Os quatro (Rubens, Maurício, Helenice e Bia) puderam dialogar um pouco sobre os projetos, a parceria estabelecida entre UFSCar e Secretaria de Cidadania e Assistência Social. O educador aproveitou para apontar o trabalho de investigação temática, cujo objetivo era desenvolver junto às crianças os temas, ou assuntos, apontados pela comunidade participante (responsáveis e equipe de educadores que atuavam no espaço). Assim, Helenice apontou: “A Bia tem preconceito com relação a sua raça negra. Ela chega a ofender sua irmã mais velha. Outra questão está no conteúdo escolar, pois ela não ‘guarda’ (leia-se memoriza, aprende) as coisas”. Maurício então perguntou se ela estava indicando que deveríamos conversar com todas as crianças do projeto sobre preconceito racial e educação escolar, de modo que mãe respondeu afirmativamente: “Sim professor”. O educador também quis saber quais eram as expectativas de Helenice, quanto à participação de sua filha, e até mesmo, o que significava o projeto para ela. Assim, de acordo com o educador Helenice comentou: “Eu gosto porque a Bia vai brincar, e vocês vão cuidar dela, e ajudar no desenvolvimento dela e aqui ela

também vai comer e não vai brigar com sua irmã mais velha” (7). Após aquele diálogo com a mãe de Bia, Maurício iniciou a conversa com a recém-inscrita participante.

- Maurício comentou que durante a conversa com a participante Bia, ela demonstrou ser muito extrovertida e simpática, falando de sua antiga casa e daquilo que gostava de fazer em sua nova residência. Assim, de acordo com Maurício a menina comentou gostar de brincar, mas não possuía brinquedos e que brincava de vôlei com uma amiga (que era a dona da bola) e de pega-pega. O educador também quis saber sobre as expectativas dela para o projeto, sobre o que poderia significar a sua participação de modo que Bia apontou novamente gostar de brincar e que ali, na ECO seria bom porque seria perto da casa dela, e que gostava dos professores, pois não tinha muitas amigas. Por fim, o Educador explicou para a participante que gostaria que ela os ajudassem a saber qual tema, ou assunto, seria importante de ser desenvolvido no projeto. Para tanto, ele pediu para que ela refletisse sobre o seu dia-a-dia, sobre sua nova casa, seu novo bairro, suas novas colegas. O educador comentou que após fazer o pedido, a participante parou um pouco e respondeu: “Ter educação e ter respeito. Para não falar palavrão e não xingar”. Após a conversa Rubens levou a mãe e a criança para conhecer o espaço. Em seguida a menina foi apresentada para a turma de participantes da tarde. Eles estavam sentados no centro da quadra, formando um pequeno círculo. Pois combinavam as atividades que seriam vivenciadas logo em seguida. Todas gente pode se apresentar falando seu nome, ao final da rodada de apresentação, Rubens comentou que ela era nova no projeto e no bairro, portanto seria muito importante recebe-la bem.
- No período da tarde Maurício comentou que também foi possível realizar a investigação temática com Fezinho. O educador comentou que apesar de Fezinho ser uma criança que gosta de correr, brincar e que está sempre muito próximo à seu primo Ninja. Fezinho se mostrou muito quieto durante a conversa. Maurício ainda disse: “Olha, não sei ao certo o que pode ser, mas observando o contexto de sua casa, onde tem muitos jovens e adultos, como ele se relaciona com seus parentes (Karatê, Ninja e Gigi) aqui no projeto, minha suspeitas são de que ele é muito pouco requisitado à falar em sua casa. Inclusive, acredito que dentre as crianças de sua casa ele é o único que não convive com o pai.” Maurício ainda justificou seu comentário dizendo que o terreno onde Fezinho morava, havia uma casa pequena, de meio lote, que era

compartilhada com mais 11 pessoas além dele. Contando com sua mãe, irmão mais novo, avó, tios, tias e primos e primas (8). Maurício seguiu com a investigação perguntando para a criança do que ela gostava de fazer no seu dia-a-dia. Fezinho disse que gostava de brincar, mas não especificou as brincadeiras. Daí o educador comentou que ao investigar sobre o significado, o participante apenas respondeu que achava legal. Por fim, ao procurar com que Fezinho indicasse um tema, ou assunto, Maurício explicou detidamente sobre a intenção dos educadores do VADL, principalmente de poder fazer com que toda gente aprendesse juntos. Mas que para isso era preciso saber o que as pessoas do bairro queriam aprender? Daí Maurício pediu para que ele tentasse pensar no bairro, nos seus amigos e amigas que também moram lá, nos seus familiares que moram em sua casa e após pensar neles, dizer o que seria bom aprender no projeto. Maurício comentou que Fezinho disse: “Coisas de não brigar”. Maurício disse que aquela foi uma conversa muito objetiva, com respostas muito “curtas e diretas”. Mas que deveríamos refletir sobre aquelas palavras e observar mais aquele participante, com vistas a tentar conhece-lo melhor.

- Logo que acabou o projeto Maurício procurou a mãe de Fezinho para conversar com ela para realizar a investigação temática. Para tanto, foi caminhando junto com o participante até sua residência que ficava do outro lado da rua da ECO. Portanto, muito próximo. Maurício disse que enquanto atravessavam o campo, Fezinho apontou-lhe para o centro do campo, onde haviam feitos “biroscas” (covas onde devem ser depositadas as bolinhas) para jogar bolinha de gude, dizendo para Maurício que era muito bom e que “rapelava” (vencia seus adversários ficando com suas bolinhas). Maurício relatou que quando o participante chegou no portão de sua casa o participante correu para dentro chamando pela sua mãe. Com isso Maurício comentou: “Aquela foi a segunda ocasião que vi uma criança fazendo aquilo. É engraçado, elas chegam em casa, do portão elas gritam ‘mãe, o professor está te chamando!’, sumindo para dentro da residência”. Logo em seguida, Maurício já estava conversando com Naná. De acordo com o educador, ao cumprimenta-la ele percebeu que ela tinha suas mãos úmidas, molhadas, dando-lhe a impressão que ela estava lavando seus utensílios de cozinha, pois Maurício diz ter ouvido barulho de panela de pressão. Durante o diálogo o educador explicou o motivo de sua visita, pedindo-lhe para que ela indicasse um tema, pensando nas condições do bairro, das famílias, das crianças que eram colega do Fezinho. Naná então lhe indicou que fosse trabalhado respeito pois, de

acordo com aquela mãe: “As crianças precisam aprender a ter mais respeito. Pois elas veem os adultos falando palavrão na rua, e muitas vezes não são os pais que falam. Precisam aprender a cuidar das coisas da ECO, porque é pra eles mesmo”. Maurício continuou sua conversa com Naná, e quis saber significado o projeto da UFSCar assumia para aquela mãe. Maurício comentou que Naná lhe disse: “Significa que meu filho está num lugar bom, que vão cuidar dele, que tem que aprender a ter um futuro melhor, Pra ter um futuro melhor que o meu”. Maurício agradeceu por ela tê-lo atendido parando o que estava fazendo e retornou para ECO (9).

Diário de Campo XII

Data: 06/09/2012

Horário: 8h – 11h (Manhã)

Local: Estação Comunitária do Jardim Gonzaga (ECO)

Educadores/as Presentes: Maurício, Mad, Micuim, Erika (PMSC), Rubens (PMSC), Professora da TO. UFSCar, Estudante da TO. UFSCar, Duas moradoras participantes da associação de “Amigas da Praça”.

Participantes Presentes: B-Boy, Macwin, Homem-Aranha, Corinthians, Batman, Zinho, Samanta, Balotelli, Nenê, Neymar, Barbara, Karatê.

Hoje fez uma manhã muito agradável. O céu estava coberto por nuvens, não fazia um frio. No começo do encontro ainda sentíamos uma brisa refrescante que fez com que boa parte das pessoas viessem agasalhadas. Contudo com o desenvolvimento das atividades muitas tiraram seus agasalhos.

Ao chegarmos na ECO, percebemos que algumas crianças brincavam de “suruba” (um jogo que tem uma dinâmica de pegadores e fugitivos). Os educadores Mad e Micuim observavam as crianças brincarem. Outras crianças aguardavam sua vez de jogar, pois, esta é uma brincadeira bem dinâmica, nas quais as rodadas se dão de forma rápida. Assim, as equipes eram formadas por três crianças, Portanto, jogavam seis (três pegadores e três fugitivos) jogadores por vez. As crianças que aguardavam sua vez para brincar formavam uma fila. O que garantia uma alternância nos times. Isso elas haviam organizado autonomamente, sem a intervenção dos educadores.

Chegada às 8hrs fomos tomar café da manhã e dar início às atividades daquela data. Para tanto, o professor Rubens chamou as crianças dizendo “Vamos lavar as mãos pra tomar café”. Rapidamente as crianças interromperam o jogo e correram para formar uma fila. As crianças lavavam as mãos e iam correndo para sala ocupar um lugar à mesa.

Café da manhã.

Já com todas as crianças na sala multiuso Rubens e Erika, ajudado por nós, educadores do VADL, servimos leite quente com bolinhas de cereal achocolatadas. Enquanto realizávamos o desjejum chegaram as educadoras da TO-UFSCar, principais responsáveis pela atividade do plantio de árvore. Elas já haviam visitado o espaço na semana anterior e, minimamente, conhecia boa parte das crianças, o que dispensou maiores apresentações.

Conforme as crianças terminavam o seu café-da-manhã, autonomamente, iam escovar os dentes. Notamos que nem todas tinham pasta de dente. Assim, para aquelas que não tinham, Erika aplicava a pasta de tubo grande de creme dental.

Roda de conversa para combinar as atividades

A atividade combinada para hoje era o Plantio das árvores na praça. Tal vivência era muito esperada pelas crianças da manhã, haja vista que esta era uma atividade programada para a semana anterior e que não havia sido realizada com as crianças daquele período. Com isso, somente as crianças da turma da tarde realizou tal feita, gerando grande frustração nas crianças da turma da manhã. Contudo, naquela manhã tudo estava certo, pois as árvores já estavam lá.

Ainda na sala multiuso realizamos um planejamento de nossa ação. Nós iríamos realizar o plantio de sete árvores. Portanto ficou definido de que três delas seriam dentro da própria ECO, aceitando a sugestão da professora da TO e o consentimento de Roberta (a supervisora do espaço). Já as outras mudas seriam plantadas na praça.

Durante nossa conversa também fizemos alguns “combinados”. Principalmente naquilo que tange a segurança, pois, mesmo estando próxima à ECO deveríamos ter muito cuidado com o trânsito de veículos ao atravessar a rua (a praça fica quase em frente a ECO, no outro lado da rua). Outro combinado foi de que se houvesse tempo, poderíamos realizar brincadeiras utilizando os brinquedos da praça. Encerramos nossa roda de conversa e demos início à nossa atividade de plantio.

O plantio das árvores: Na praça e na ECO.

Antes de sairmos da ECO separamos as 3 mudas que seriam plantadas naquele espaço. Mesmo não sabendo o nome das espécies, a professora da TO, nos indicou que aquelas eram às de “menor porte”. Portanto, cresceriam menos e com isso eram as mais indicadas para compor a paisagem daquele local.

Em seguida fomos para a praça. As crianças ajudaram a levar as mudas. Para tanto, mesmo não sendo muito pesadas, as árvores foram levadas em duplas ou em trios, pois elas eram delicadas e poderíamos quebra-las caso fossem transportadas de forma inadequada. As crianças mesmo se organizaram para levar.

Ao chegarmos à praça, nos reunimos no entorno de uma mesa de alvenaria e escolhemos os quatro pontos que seriam plantadas cada uma das árvores. Depois de definir o lugar, fomos até a residência de um morador que é vizinho à praça. Lá estavam as ferramentas

que utilizaríamos (Carrinho-de-mão/carriola, escavadeira, picareta e um balde), bem como um saco com “terra especial” (pois já vinha adubada).

Iniciamos a atividade e todas as crianças queriam participar daquela tarefa e contribuir com o plantio. Para tanto, foi necessário organizar um sistema de fila para o revezamento do uso das ferramentas, pois havia uma só de cada. Assim, primeiro era utilizado a picareta, para se iniciar os buracos no chão (que era um tanto duro). Depois se usava a escavadeira para fazer as covas, em seguida introduzíamos dentro do buraco e para tapar, misturávamos a terra do próprio buraco com a “terra especial”. Para finalizar, regávamos com água do balde, que, de tempos em tempos era cheio na casa de uma vizinha.

Após plantarmos as quatro mudas na praça, fomos para a ECO. Lá o solo era “menos duro” do que na praça. Ademais, a cada muda que era plantada as crianças apresentavam maior facilidade em realizar a tarefa. Assim, seguimos a mesma dinâmica de organização de fila. Toda gente pode realizar todas as tarefas (cavar, enterrar e regar).

Quando terminamos o plantio já era hora de almoçar. Convidamos as “Amigas da praça” para esse momento. Porém, elas disseram tinham outros compromissos, recusando o convite, mas agradecendo a oportunidade se despedindo da turma. Assim, fomos toda gente lavarmos as mãos e nos reunir novamente na sala multiuso para almoçar e conversar sobre a experiência daquela manhã.

Almoço

Antes de servir o almoço conversamos sobre a atividade daquela manhã e aproveitamos para combinar as atividades do encontro seguinte, ficando combinada a vivência do “Pé-na-lata”, do Handebol e do jogo “dez passes”. A professora da TO. pôde almoçar ficar para almoçar conosco. Já as outras meninas tiveram que ir embora. De almoço foram servidos arroz, feijão, coxas de frango assadas com batata e, de sobremesa, foi servida gelatina. Ao final do almoço as crianças escovaram os dentes e retornaram para seus lares.

Comentários.

- Antes de ser servido o café-da-manhã, Mad e Micuim observavam as crianças brincarem de do jogo “suruba”. Nesta feita, mesmo não estando correndo juntos com as crianças eles acabavam participando da brincadeiras. Ora como torcedores, ora como se fossem os técnicos das equipes. Pois, davam palpites, ora para os pegadores, ora para os fugitivos: “pula lá”, “Agora, corre!”, “vai, vai, vai!”. Nesse sentido, em conversa com a equipe Maurício salientou: “Oras, mas esse também é um modo de

participar! não é?”. Mad e Micuim sorriram, balançando a cabeça positivamente, como se concordassem com Maurício. Micuim salientou que não havia conflitos, elas se organizavam autonomamente, todas se respeitavam.

- Mad comentou observar que o jogo “Suruba” era praticado com grande frequência entre as crianças. Também disse ter percebido que as crianças demonstravam gostar muito, pois sorriam, torciam e também, aparentavam grande frustração ao perder o jogo. Notamos que alguns chegavam a reclamar com seus companheiros, ou, companheiras (brincavam juntos meninos e meninas), como fez Samanta: “Tá loco Érick, você pulou no mesmo quadrado que eu!”. Tal queixa se fez devido ao fato que naquela ocasião, ocupar o mesmo quadrado fez com que facilitassem a tarefa dos “pegadores”. Porém, embora sempre houvesse uma discussão ao final de cada “rodada”, percebemos que era o modo com o qual refletiam sobre as jogadas, eram como faziam para avaliar seus deslocamentos dentro do jogo, bem como o de seus colegas. Mad ainda ponderou: “É que a gente como educador fica preocupado com o lance da violência, com o respeito que a gente tá vendo aí nos temas geradores, mas se olhar bem, é o jeito deles dialogarem, não é que eles estão sendo violentos. A meninada se entende, não sai briga, não xingam. Agora, como ninguém quer perder eles cobram não é? Pior são os “cavalão” (se entenda “pessoas adultas”) que vão jogar bola no final de semana e até param de jogar por causa da entrada dura de um, da reclamação do outro. A meninada aqui está até bem!” (1).
- Ao pegarmos as mudas que já estavam na ECO à uma semana notamos que estavam bonitas, com aspecto de saudáveis, a terra escura e ligeiramente umedecidas. Levando-nos a compreender que foram muito bem cuidadas pela equipe de funcionárias/os da ECO (Renata, Branca, Mauro, Claudinei e Dinha). Maurício comentou com os educadores que era importante observarmos, pois aquilo poderia conotar cooperação, compromisso com os trabalhos que estava articulando com a equipe (2).
- Na praça, estavam nos aguardando as duas moradoras do bairro que faziam parte do grupo “Amigas da Praça”. Em conversa com a equipe, Maurício comentou sua percepção acerca do envolvimento daquelas duas mulheres na atividade: “As duas sempre participam das atividades que ocorrem no bairro. Inclusive soube que compõem a ‘Associação de Moradores’, bem como, são colaboradoras, ou

trabalhadoras do banco solidário chamado ‘Banco Nascente’⁴⁴. Gosto muito delas, inclusive por muito tempo seus filhos e filhas participaram do VADL. Achei muito importante a iniciativa delas em participarem. Até para que as crianças tenham referência de pessoas da comunidade, enquanto colaboradoras nas ações educativas do VADL”.

- Maurício comentou que pode observar quatro rodadas do jogo Suruba e, no ímpeto de poder ganhar, algumas crianças faziam “panelinha” para que seu time ficasse mais forte. Para tanto, como não podiam “cortar fila”, alguns calculavam quem seria do seu time na rodada seguinte de acordo com o posicionamento que ocupavam na fila. Daí, ou corriam para ocupar um calculado lugar na fila, ou demoravam para entrar nela, deixando outros/as irem à sua frente até que, em suas contagens, ocupasse um lugar de maneira a formar uma equipe “forte”. Algumas crianças ao identificar essa prática se queixavam, como fez Ronaldo: “O Karatê, vêm pra fila. Não vale ficar aí de fora esperando o Balotelli só pra entrar no mesmo time que ele!”. Percebemos que para além da denúncia, não havia conflito, grave. Após algumas poucas queixas, “ficava por isso mesmo”. Não houve interferência dos educadores nestes momentos. Eles apenas observaram. Micuim comentou, a partir da pergunta de Maurício, porque não interferiu nesses momentos: “Olha, como eu vi que não era nada sério, achei importante que eles resolvessem. Na verdade, num primeiro momento eu nem percebi as queixas. Só depois, quando eu percebi que era uma estratégia para ter uma equipe mais forte que dei mais atenção aos comentários que elas faziam. No momento, pensei em propor para que quem perdesse o jogo, imediatamente ocupasse a fila. Mas, lembrei que aquele momento era uma oportunidade nossa de vê-las manifestando sua autônima e liberdade. E pensando aqui agora, estou achei ‘da hora’ (entenda-se ‘legal’) o comportamento delas” (3).
- O jogo foi interrompido com o pedido do professor Rubens para que as crianças lavassem as mãos. Neste momento, houve uma correria para formar a fila, mas não nos pareceu haver brigas, ou desentendimentos, haja visto que foi uma disputa por lugar que se dava em frações de segundo em que as crianças projetavam seus corpos

⁴⁴ Banco sem fins lucrativos cuja proposta se insere no rol das ações em economia solidária a partir de incentivo a empreendimentos populares, com vistas a fomentar a economia local para desenvolvimento territorial e enfrentamento da pobreza.

na frente das outras, sem agressões nem xingamentos. Karatê disse para o Ronaldo: “Opa, cheguei primeiro! Cheguei primeiro”. E teve também Homen-Aranha que, mesmo sendo o “menorzinho”, estava a frente do próprio Karatê. Neste caso, só haviam duas meninas no encontro, Samanta e Barbara. Elas não participaram da “correria”, inclusive sendo as últimas a lavarem as mãos (4).

- Em conversa com os demais educadores Mad comentou sobre a maturidade das meninas, dado que ele não lembrava de episódios de desrespeito em que as duas estivessem envolvidas. Erika aproveitou para comentar que também havia observado isso. Porém, estava preocupada com constante falta de Barbara nos outros dias da semana. De acordo com Erika, a Barbara era frequentemente vista cuidando de seu irmão mais novo (de menos de dois anos de idade). Ela ainda comentou: “Ademais, temos a informação que o pai dela trabalha, e que a mãe cuida da casa. Mas, me preocupa o fato de vermos a mãe da Barbara sentada em uma cadeira na calçada, conversando com suas vizinhas enquanto a menina cuida do seu irmão. E sem falar nos gritos. Aquela mulher dá cada grito com ela” (5).
- Antes de sairmos para a rua combinamos com as crianças alguns cuidados. Para tanto, em lugar de simplesmente transmitir comandos optamos por problematizarmos algumas questões. Desta forma perguntamos como deveríamos proceder, dado que já havíamos realizado atividades externas em outros encontros. Assim Mad perguntou: “Qual cuidado temos que ter?”, de modo que as respostas foram: “Atravessar na faixa” (Neymar), “Dar a mão para uma criança menor” (Ronaldo), “Não correr na rua” (Samanta), entre outros que não foram possíveis identificar, pois, foram falados ao mesmo tempo. Rubens aproveitou este momento de diálogo para salientar que na praça teriam brinquedos (balança, gangorra, passeio do macaco, escorregador e etc.). Contudo, não era a intenção do nosso encontro brincar na praça. Batman perguntou se não podia brincar só um pouquinho. Combinamos que, se tivéssemos tempo, brincaríamos. Contudo, a atividade principal era plantar as árvores, e que poderíamos, em outro encontro brincar na praça. Toda gente concordou. Notamos que, no momento de plantar a última árvore algumas crianças estavam brincando na gangorra. Porém, compreendemos que seria natural que isso ocorresse. Maurício ainda comentou conosco: “Meu, deixa elas brincando lá porque não vai dar tempo de voltar para cá depois que plantarmos as árvores dentro da ECO, pois o tempo vai dar certinho pra

começar o almoço”. Maurício comentou que seria melhor deixa-las brincar do que precisar insistir para que ficassem na fila. Por fim, após efetivamente completar o plantio na praça, não foi necessário insistir com as crianças. Micuim, em lugar de chama-las, perguntou em tom de desafiador: “Quem é que vai ajudar a gente a plantar lá dentro agora?” De imediato as crianças que brincavam na gangorra se juntou ao grupo e nos dirigimos para dentro da ECO.

- Antes de irmos para a praça, Maurício consultou Mauro com objetivo de saber sobre o local mais apropriado para plantar as árvores no espaço da ECO. Mauro indicou os locais explicando que em tais pontos seria bom por conta do efeito da sombra, de não interferir no uso que fazem do espaço. Maurício concordou e perguntou se o funcionário toparia explicar para as crianças aquilo que ele acabara de explicar para Maurício. Mauro concordou. Desta forma, ao retornarmos para a ECO. Chamamos as crianças para sentar nos bancos que ficam posicionados na lateral do campo. Comentamos que chamaríamos o Controlador de Acesso para nos auxiliar na escolha do local do plantio, e justificamos que para além de ser morador e usuário do espaço nos momentos de lazer, o funcionário também possuía um bom conhecimento por trabalhar lá. Fomos ao seu encontro, visto que ele já sabia que iríamos consulta-lo. Mauro nos atendeu com muita solicitude. Nos orientou de maneira a indicar qual seria o melhor lugar para plantar as árvores, comentando para as crianças sobre o efeito desejado da sombra, do local onde seriam plantadas. Mad comentou que foi importante esse movimento de chamar alguém do espaço para contribuir, de envolv-lo junto com a criançada. Ademais o músico também comentou: “É se as crianças compreenderem o porque que a gente tá perguntando pra ele vai ser massa. Daí já constrói outra relação também não é? De respeito, de valorizar a sabedoria de alguém ali do bairro, de que os funcionários também são educadores”. Maurício reiterou: “Daí a importância de explicitar nossa intenção”.
- Karatê percebeu a diferença no solo da praça e do ECO. Ele comentou: “Nossa professor aqui é mais mole, a terra é mais fofa!”. Para regar as árvores recém plantadas utilizávamos o balde com água da própria ECO. Já na praça utilizávamos a torneira de uma vizinha para encher o balde.
- Após o almoço, aproveitamos a presença da professora da TO. que nos explicou que tal oportunidade surgiu a partir das ações do METUIA UFSCar, pois uma das

estudantes atuava no território do Pacaembu, Monte-Carlo, Cruzeiro do Sul e Jardim Gonzaga e comentou que em participação de uma reunião com trabalhadoras/es do “Banco Nascente” (na qual trabalham as duas participantes da “Amigas da praça”) foi convidada para participar da ação de plantio de árvores. Por sua vez a estudante transmitiu o convite para a professora que aceitou e articulou a ação junto ao professor responsável pelo VADL. Portanto a ação foi uma iniciativa das organizações comunitárias articulada com o grupo METUIA e com a coordenação do VADL. Assim, em reunião a professora da TO. considerou muito satisfatória a ação, dado o envolvimento das crianças do projeto, das organizações do bairro (banco popular e “Amigas da Praça”). Disse-nos que o objetivo foi de sensibilizar as crianças quanto a importância da apropriação dos espaços lúdicos de lazer, como as praças, bem como estimular a construção da identidade dos moradores com esses espaços, principalmente as crianças possibilitando não só um maior zelo, mas também fomentando a mobilização e luta pela manutenção e ampliação de tais espaços.

- Micuim disse que ele também avaliava como positiva a atividade e que também vislumbrava o objetivo de construção de identidade com o espaço da praça. Disse também que sempre passa em frente à praça quando vai para ECO, e nota a que ela é muito frequentada por crianças, adolescentes e jovens, mas não havia nenhuma área de sombra. Com o plantio, o educador comentou que para além da identidade das crianças do projeto com a praça, esperava que futuramente, outros grupos etários como adultos e idosos poderão frequentar a praça buscando também um espaço para se reunir com os amigos para uma boa conversa sob a sombra, ou para simples descanso.
- Maurício comentou com toda equipe que enquanto estava praça pôde conversar com um adolescente que por muitos anos frequentou o VADL. De acordo com o educador, num dado momento da conversa o garoto comentou que estávamos em cima da sala de sua casa. Maurício disse que não entendeu direito. O garoto, então disse-lhe que lembrou quando Karatê ao usar a escavadeira, acertou algo duro (inclusive tivemos que deslocar aquela cova, pois não se tratava de uma pedra, mas sim de uma placa de concreto). O garoto também comentou que lá havia muitas casas, mas que foram todas derrubadas pela prefeitura porque era um lugar perigoso. Maurício disse não soube identificar qual emoção traziam aquelas lembranças para o adolescente. Pareceu

apenas que o garoto estava narrando um fato, mas que intuía um certo amargor por parte do jovem em lembrar que morava ali, junto a encosta que dava de frente para o buracão. Maurício esclareceu para equipe o fato dizendo que o já haviam realizado no bairro duas grandes intervenções na infraestrutura do bairro e que a última havia sido iniciada em 2004 e concluída em 2006, ano em que a prefeitura (re)locou diversas famílias que moravam nas encostas do buracão, e realizou as últimas obras de pavimentação das vias (até o momento). A professora da TO, disse que não tinha residência em São Carlos, pois morava em São Paulo e quando disseram que ela viria para o bairro, disseram que ela viria para uma favela. Porém estranhou a condição das moradias, pois só tinha avistado casas de alvenaria. Foi então que Maurício explicou para a professora que uma das intervenções foi a substituição dos “barracos” por casas de alvenaria e, em alguns casos, derrubada dos barracos e relocação das famílias para outras casas, ou, até mesmo, casas em outros bairros (6).

Investigação Temática

- Micuim comentou que hoje conseguiu dialogar com Karatê acerca da investigação temática. O educador comentou que fez isso enquanto realizavam a atividade no plantio da árvore. Disse também seria interessante conversar com Karatê, pois Mad já havia conversado com seu pai e seu irmão. Assim, após o participante ter colocado a “terra especial” (com adubo) em uma das árvores, o educador o chamou para conversar, pois, dentro da dinâmica impelido na atividade de plantio ele deveria aguardar para realizar outra ação. Assim, neste o momento o educador o chamou para conversar. Micuim explicou ao participante que os professores estavam conversando com toda gente participante (pais, mães, responsáveis, os funcionários e os professores) com o intuito de saber o que era importante trabalhar na ECO com as crianças. Desta forma começou perguntando o que ele gostava de fazer no seu dia-a-dia, de maneira que o participante lhe respondeu que gostava de desenhar, soltar pita e bater-cartinha (em alguns lugares também é conhecido por “bater-bafo”). O educador então pediu para Karatê pensar em seu bairro, no comportamento de seus colegas, na sua vida e indicar um tema, ou assunto, que julgasse importante de ser desenvolvido no projeto VADL. Micuim comentou que Karatê foi muito firme ao apontar que deveríamos ensinar sobre “fazer limpeza na quadra, no bairro e nas praças”. Por fim, o educador comentou que quis saber qual o significado do projeto para o participante.

Karatê então disse: “o projeto é bom para não ficar na Rua”. Ao final, após o almoço, quando todas as crianças já não estavam no espaço, o educador comentou sobre o diálogo que teve com aquele participante. Assim, ele indicou que acredita que o fato de estarmos cuidando da praça, que era uma atividade diferenciada, pode ter influenciado na indicação do tema para Karatê.

- No período da tarde Mad conversou com Mano Brow. O participante é primo de Paulinho e filho de Carmô. Contudo, esta mãe cuida dos dois como se fossem seus filhos. Assim, já havíamos conversado com Carmô sobre Paulinho. Com efeito, era necessário ouvirmos Mano Brow. Assim, Mad comentou que conversou com o participante na hora do lanche final. Para tanto, o educador sentou-se à mesa onde estavam mais três participantes. Então Mad explicou que queria conversar com Mano Brow sobre o projeto, as atividades e perguntou se Mano Brow gostaria de ajuda-lo. O participante aceitou, sendo iniciado o diálogo. Mad comentou que durante a conversa Mano Brow disse gostar de jogar bola, estudar, brincar de pega-pega e empinar pipa quando tem um tempo livre. Então o educador perguntou o que significava o projeto para Mano Brow, de maneira que a criança respondeu: “É bom, porque aprende coisas boas, aprende as brincadeiras”. Por fim, eles também dialogaram sobre o tema que deveria ser desenvolvido no projeto. Então Mad perguntou: “Mano Brow, essa conversa que estamos tendo, nós vamos fazer com todo mundo. Nós queremos que as pessoas envolvidas no projeto nos ajude a escolher um assunto, um tema, que devemos desenvolver junto com as crianças. O que você acha que devemos desenvolver aqui no projeto?” Mad disse que o participante não entendeu, perguntando “Como assim?” e, mesmo com o educador explicando sobre os temas do ano anterior Mano Brow disse: “Eu quero temas bons para que as pessoas aprendam alguma coisa boa”. O educador comentou que tentou provocar a criança dizendo para ele pensar no bairro, nas outras crianças, o que seria bom que ele e seus colegas aprendessem, porém, Mano Brow não soube indicar.

Diário de Campo XIII

Data: 13/09/2012

Horário: 8h – 11h (Manhã)

Local: Estação Comunitária do Jardim Gonzaga (ECO)

Educadores/as Presentes: Maurício, Mad e Micuim, Rubens e Erika.

Participantes Presentes: Ronaldo, Bboy, Primo, Corinthians, Teves, Naldinho, Rosinha, Macwin, Betina, Sheila, Laura, Thatá, Babi, Karatê, Huck, Zinho, Barbara e Douglas.

Descrição das Vivências

Hoje fez uma manhã muito bonita. O céu com poucas nuvens ganhando destaque o seu azul, porém ventou bastante e na sombra fazia um friozinho. Ao chegarmos fomos recebidos pelas crianças que estavam no pátio. Havia apenas cinco crianças. Elas vieram ao nosso encontro para nos cumprimentar nos abraçando. Notamos que naquela manhã elas não estavam brincando, apenas estavam juntas, conversando, enquanto aproveitavam o sol sentados ao redor de uma mesa fixa de concreto que fica na área descoberta, em frente a sala do MovA (1).

Logo após nos cumprimentar elas formaram uma fila para poder lavar as mãos. Maurício foi buscar o sabonete líquido, pois geralmente é o Rubens ou a Erika que realiza tal função. Porém os professores não haviam chego ainda. Enquanto Maurício distribuía o sabonete, Mad, Micuim foram ajeitar a sala multiuso.

Café da manhã

Neste encontro foi servido leite quente com achocolatado e pão de leite com manteiga. Antes mesmo de começar servir o café-da-manhã chegaram os demais educadores, Erika, Rubens e o Micuim. Após todas as crianças terem realizado seu desjejum e escovar os dentes fomos para fora da sala para combinar as atividades. Procuramos um lugar onde sol pudesse nos aquecer.

Cuidando das árvores plantadas.

Assim, antes de sairmos foi explicado como faríamos o cuidado das árvores. Desta forma, cada criança recebeu uma “garrafa pet” de dois litros, encheu-a de água e regamos plantadas dentro da ECO, bem como, aquelas que haviam sido plantadas na praça. Antes de

sairmos da Estação Comunitária foi pedido para que cada criança escolhesse um amigo ou amiga para dar as mãos. Ainda na calçada em frente a ECO regamos um pé de amora e um pé de café, que foram plantados por moradores vizinhos à estação comunitária há alguns anos. Antes de atravessar a rua tivemos o cuidado de atravessar a rua utilizando a faixa de pedestre.

Na praça as crianças se dividiram autonomamente. Cada uma corria até uma árvore e despejava um pouco d'água. Os educadores apenas orientavam, de vez em quando, para que tentassem jogar o conteúdo de sua “garrafa pet” em todas as árvores plantadas, e não em uma só. Após regarmos todas as árvores sentamos nos banquinhos de cimento para dialogarmos sobre a experiência que acabávamos de vivenciar. Às 10h15min retornamos para ECO para vivenciar as outras atividades programadas. Para tanto, mais uma vez foi pedido para que cada participante escolhesse alguém para dar as mãos e, assim como no trajeto de ida à praça, as crianças foram conduzidas de forma a utilizarem a calçada e a faixa de pedestre.

Handebol

Esta atividade foi indicada na semana anterior (20/09/2012) pelas próprias crianças do período da manhã por saberem que a turma da tarde já haviam realizado tal atividade. Assim, o que foi pedido foi treino de handebol. Para tanto foram utilizadas bolas de iniciação nº10, bolas de borracha nº10, 10 minicones. Para o início da atividade, foi dado uma bola para que cada criança pudesse experimentar tal implemento na quadra. A orientação que elas receberam foi para que não chutassem a bola. Elas teriam um breve tempo para brincar livremente com as bolas recebidas. Logo em seguida foi pedido para que realizassem as três “passadas” com o salto característico do handebol, porém, sem que arremessassem a bola. As crianças foram orientadas para que aquelas que fossem destras iniciassem suas “passadas” com o pé esquerdo e para as que fossem sinistras/canhotas iniciassem a passada com o pé direito. Curiosamente só haviam crianças destras naquela manhã. Em seguida, foi experimentada a corrida com arremesso ao gol. Para tanto, foi colocado cones que delimitavam a área, bem como, outros cones no gol para que servissem de alvo para os arremessos. Então as crianças quicavam a bola até uma distância próxima da área delimitada, realizavam as três passadas junto com o arremesso. O exercício seguinte foi o de realizar um passe para o “pivô” e correr para receber a bola para arremessar para o gol. Neste exercício o educador Rubens fez o papel de pivô. Ambos exercícios feitos foram realizados somente com a mão direita. Às 10h15min encerramos a vivência do treino de handebol e iniciamos o jogo “Dez passes”.

Dez passes.

Para a realização deste jogo foi utilizada uma bola de iniciação nº 10 e dois “jogos” de coletes” nas cores roxa e amarelo. A turma foi dividida em duas equipes. Este é um jogo muito simples e toda turma participou. A brincadeira consiste em realizar passes de forma a não permitir que a equipe adversária intercepte os passos. Ao receber a bola a(o) jogadora(o) não poderá se deslocar/correr com a bola em mãos, devendo, então, realizar um novo passe para um(s) colega de equipe. A cada passe recebido, é contabilizado um passe em ordem crescente. A equipe que conseguir realizar dez passes ganha um ponto. Lembrando que a bola pode ser interceptada pela equipe adversária, ou caso caia no chão a contagem é reiniciada do 1.

Almoço e roda de conversa para combinar as atividades do encontro seguinte.

Antes de servirmos o almoço, aproveitamos para combinar as atividades do encontro seguinte. Assim, foram sugeridos pelas crianças “My God”, Capoeira, Salva, handebol, futebol. Mad sugeriu uma atividade musical. Como foram sugeridas muitas atividades, Micuim pediu para que fossem escolhidas apenas três atividades, bem como, a ordem em que seriam realizadas. Assim foram eleitas para o próximo encontro, Capoeira, “My God” e atividade musical respectivamente. Após combinarmos as atividades iniciamos nosso almoço. Nesta manhã foram servidos macarrão parafuso colorido, com molho de tomate, frango e, de sobremesa, foi servido laranja (que já veio descascada e cortada pela educadora Renata).

Comentários

- Como estava frio, algumas crianças não queriam lavar as mãos. Maurício comentou que, no sentido de incentivá-las, brincou com as crianças dizendo que haviam instalado um aquecedor para que ele pudesse lavar as mãos na água quentinha (isso não era verdade) e disse: “Eu vou lá pegar o sabonete e já vou ligar o aquecedor”. Corinthians disse: “Ah! Vai (leia-se ‘para de’) mentir ow!”. Em poucos instantes o educador voltou e enquanto aplicava o sabonete líquido nas mãos das crianças ia dizendo: “Vai lá! Vê como está quentinha agora”. Ao terminar ele foi lavar as mãos primeiro. O educador disse que água estava quente. Pouco a pouco as crianças se encorajaram. O mais engraçado é que umas crianças diziam que água estava quente, já outras crianças diziam que a água estava gelada. Ao final, todas lavaram as mãos.

- Em encontros anteriores já haviam ocorridas adaptações e alterações em nossa programação. Desta forma, substituição de uma prática (“pé-na-lata”) por outra (cuidar das árvores), foi muito bem recebida pelas crianças. Ademais, nós educadores/as ficamos surpresos com o entusiasmo delas ao ouvirem tal proposta. Desta forma, elas aceitaram de prontidão a substituição da atividade (2).
- Durante a atividade, todas queriam contribuir regando as plantas, pois com a estiagem das chuvas, o clima e o solo estavam secos e algumas plantas já se apresentavam murchas. Começamos regando as quatro árvores que ficam no espaço interno da ECO. Três foram plantadas na ocasião da visita das estudantes da Terapia Ocupacional, já outra está na ECO desde a sua construção. Na primeira árvore as crianças tiveram o impulso de despejar muita água. Micuim explicou que fora da ECO, na praça, não teríamos torneiras para encher nossas garrafas, sugerindo para que cada um despejasse apenas um pouco de água pois a árvore já teria o suficiente para mais alguns dias. Desta forma, ainda dentro da ECO as crianças foram reencher suas garrafas e passaram a regar com menos água. Percebemos que todas elas queriam regar todas as árvores, como se o intuito fosse de registrar sua contribuição para o desenvolvimento da vida de cada uma daquelas arvores. Foi uma atividade muito prazerosa, pois as crianças aparentaram entusiasmo, e de forma autônoma iam de uma árvore à outra (3).
- Após acabado a água de todas as garrafas, e regado todas as árvores plantadas na praça sentamos nos banquinhos de alvenaria para combinar as vivências seguintes. As crianças queriam brincar na praça, porém, quando consultadas acerca do tempo disponível, elas perceberam que não seria possível realizar as outras atividades que haviam sido planejadas (handebol e dez passes). Percebemos que Homen Aranha e Ronaldo queriam continuar na praça. Contudo, acabaram por ceder a vontade para o grupo maior de crianças em retornar para quadra (ECO) e “treinar” o Handebol. Assim, quando perguntado sobre a ordem em que iríamos brincar foi escolhido iniciar com o Handebol e depois o “Dez passes” (4).
- A vivência do Handebol foi muito interessante. As crianças haviam pedido para fazermos igual fizemos com a turma da tarde. Desta forma, é importante indicar que a turma da tarde havia realizado um “treino” inicial de handebol. Portanto, na

perspectiva esportiva, de rendimento. Expliquei-lhes que seria diferente de apenas jogarmos. Contudo, Balotelli, Barbara e Laura foram enfáticos ao dizer que gostariam de “treinar”, como atletas. Micuim disse-lhes que para o esporte o treino é mais rigoroso, que teríamos uma preocupação maior com a execução correta dos movimentos, da técnica do jogo. Desta forma, após combinada a vivência, Micuim, Maurício e Erika, de maneira discreta e breve, planejaram o treinamento. Decidimos ali mesmo que seria oportuno apontar para as exigências do esporte de rendimento. E assim se fez. Com efeito, as crianças ficaram menos a vontade, elas deveriam repetir o movimento da mesma forma como foi demonstrado. Algumas não entendiam regras do handebol. Por exemplo, não poder pisar dentro da área do goleiro, não poder correr com a bola nas mãos, que para poder se deslocar tendo a posse de bola, deveriam quicá-la. Como o grupo é composto por crianças com idades díspares, foi notada uma grande dificuldade em manter uma dinâmica fluente na execução das tarefas. Assim, às vezes uma pessoa executava rapidamente o que foi solicitado, enquanto outra demorava mais, deixando, por vezes, o pessoal da fila impaciente. Ronaldo, por algumas vezes dizia o “Macwin é lerdo professor”! Nós, educadores sabíamos que a vivência seguinte, o jogo “dez passes”, iria proporcionar uma dinâmica menos dirigida, “mais solta”, na qual as próprias crianças participariam da elaboração das regras, pois se tratava de um jogo. Desta forma, nos mantivemos firmes nas solicitações durante o “treino”. Pois, no momento do lanche seria realizada uma reflexão acerca das diferentes perspectivas para preparação de um jogo/brincadeira, e a cobrança dentro das práticas esportivas. E foi o que ocorreu.

- Após termos encerrado o “Handebol”, realizamos o jogo “Dez passes”. Este possui uma dinâmica mais fluente do que a vivência anterior, as crianças tem mais autonomia e liberdade para realizar as exigências motoras, desenvolver táticas de jogo. Percebi que as crianças sorriam mais, se esforçavam para conseguir receber o passe feito pelo/a colega. Com efeito, também cobravam empenho do/a colega de time, pois, com a organização de dois times identificados pelos coletes, ocorreu uma disputa. Diferentemente do que ocorreu no treino, cujo desempenho era individual. Portanto, foi muito oportuna a realização daquela atividade, logo em seguida do “treino”. Pois, inicialmente, durante a vivência do “Dez passes” as jogadas ficavam concentradas entre as crianças maiores, pois toda gente queria ganhar. Para tanto, elas compreendiam que os menores deixariam a bola cair e, conseqüentemente, os/as

maiores, evitavam passar a bola para os/as menores. Nós educadores/as já tínhamos a compreensão de que tal evento poderia ocorrer, portanto, ao perceber essa manifestação, inserimos a regra que somente seriam contados os passes feitos para pessoas que ainda não tivessem recebido a bola, fato este que condicionou os times a envolver um maior número de pessoas em suas jogadas e, como era um critério da regra, envolveu um maior número de crianças em cada “jogada”. Compreendendo que tal jogo não compõe o rol de atividades cooperativas, sabíamos da possibilidade da competição ser exacerbada, promovendo, inclusive, elementos e formas de exclusão. Foram realizadas duas “rodadas” inteiras, e iniciada uma terceira “rodada”. Sendo que cada equipe havia vencido um jogo. Desta forma, terminando empatado. As crianças queriam terminar o jogo, porém, o adiantado da hora não permitiu. Então fomos lanchar e finalizar o encontro.

- Durante o lanche explicamos para as crianças acerca da “rigidez” do treinamento esportivo. Podendo apresentar-lhes minimamente como um atleta profissional “encara” seus treinos. Para tanto foi perguntado se eles conheciam algum atleta profissional. Balotelli falou do Ronaldo (jogador de futebol da equipe do Corinthians) e disse que ele treina todo dia e que ganha muito dinheiro pra fazer aquilo. Macwin disse que ele era muito bom jogador. Percebemos que para as crianças participantes, a compreensão acerca de existência de esporte profissional estava muito ligado ao futebol (único esporte citado pelas crianças até aquele momento). Então Micuim perguntou se não teriam outros esportes nas quais as pessoas trabalhavam. Então Samanta disse que sim, que tinha a ginástica, o basquete e o Handebol. Barbara falou do Vôlei. Foi então que explicamos, minimamente, as diferenças entre esporte e jogo. Maurício disse que o esporte tem regras fixas e que não poderíamos “quebrar” nenhuma delas, inclusive aquelas relativas ao uso de uniformes, de tamanho de quadra e número de participantes e que tais regras valiam para qualquer lugar do mundo, pois os esportes tem confederações que ajudam a fiscalizar e profissionalizar sua práticas cujos praticantes tem como principais objetivos a conquista de recordes, ou de campeonatos. O educador também explicou que o jogo, em contrapartida, tinham suas regras definidas pelos/as próprios/as praticantes, podendo ser mais flexíveis e que não se tinha uma perspectiva tão acentuada de rendimento e busca por campeões, mas sim pelo prazer em compartilhar o momento da prática.

- Na hora de escolher as atividades realizamos uma votação, pois o número de vivências elencadas era grande e, certamente, não seria possível a realização de todas. Após explicado isso, foi perguntado quais seriam as prioridades. Neste momento percebemos que as crianças maiores influenciam bastante as menores, pois Corinthians havia sugerido futebol, junto com seu primo Ricardinho. Contudo, após Balotelli argumentar acerca da prática do “My God” eles abriram mão de sua sugestão e deram voto favorável para o My God. Maurício comentou com as crianças que para a realização da Capoeira nós teríamos também, alguns instrumentos musicais. Tais como, caxixi, atabaque, e nosso próprio corpo. Ao dizer isso Neymar perguntou se nosso corpo era um instrumento musical. Maurício então disse-lhes que na capoeira era preciso que as pessoas cantassem e, em alguns estilos de jogo, também bater palmas. A atividade musical foi sugerida por Mad. A princípio as crianças não demonstraram interesse. Porém, Mad comentou sobre a festa junina e do prazer que foi ensaiar, da oportunidade de vermos o Balotelli tocando, e do quão foi prazerosa a atividade para ele. As crianças, então concordaram e votaram favorável para a realização da atividade musical.
- Por fim, com relação as vivências desta manhã, as crianças declararam ter gostado do “treino” de handebol, motivo de surpresa para os educadores, dada a rigidez e controle da execução dos movimentos que impelimos nesta prática. Em conversa com a equipe pedagógica após o término das atividades da manhã, Micuim comentou que suspeita que em se tratando de elementos da cultura corporal, as crianças não tem participado de espaços onde ofereçam treinamento sistematizado para o alto-rendimento, com maior cobrança quanto a correta execução de um movimento (dentro do viés de cada modalidade esportiva), e que o jogo seria a manifestação da cultura corporal ao qual aquelas crianças vivenciam com maior frequência (5).
- Ao final das atividades com a turma da manhã os educadores notaram que não haviam ainda feito a investigação entre si. Maurício comentou a importância da participação deles também no processo de indicações dos temas, pois, também estávamos inseridos na comunidade participante do VADL, inclusive com a intencionalidade educativa. Assim, combinamos de realizar o registro das nossas contribuições, ou seja, dos próprios educadores da UFSCar.

Investigação Temática

- Logo após o término das atividades com as crianças os três educadores puderam fazer suas indicações temáticas. Assim o primeiro a contribuir foi Mad. Para tanto, ele e Maurício sentaram em um banco de alvenaria que fica situado em frente a sala multiuso de maneira que Micuim não participou deste diálogo. O músico indicou no diálogo que começou sua atuação no VADL, e por conseguinte sua inserção no Jardim Gonzaga, ainda em 2010. Ano que iniciou sua trajetória no projeto da UFSCar. Mad indicou que desenvolvêssemos os temas “cidadania” e “convivência”, cujo significado desta última era o de conviver com o outro, valorizando a troca de saberes e afeto. Maurício, coincidentemente, também indicou dois temas. A saber: “importância da escola na vida das pessoas”, e a “relação entre os gêneros”. Este último tema o educador justificou estar preocupado com a construção do papel e da identidade da mulher naquela comunidade, pois à elas tem sido delegado o papel de educar as crianças, os cuidados com a casa, bem como uma aparente posição subalterna em sua relação com o homem. Maurício aproveitou para também apontar para o significado que o projeto assumia para ele, desta forma, ele disse: “Vejo como uma oportunidade de me formar como pessoa, de aprender com aquela gente. Acredito que é um jeito de atuar politicamente lá, e também ensinar algumas coisas. Também sinto que é uma realização pessoal, porque estou lutando contra as desigualdades sociais. Também significa um espaço de carinho, afeto, amizades sinceras construídas com as crianças. Por fim, indico significar aprender respeito à vida e ao outro”. Durante a conversa Maurício apresentou que está no VADL desde o segundo semestre de 2006 e acredita ter uma boa vinculação com a população e com as crianças, pois também atua como coordenador no projeto “Campeões na Rua” desde 2010 (6). Mad ouviu atentamente o seu colega educador e também aproveitou para apontar como vinha significando o projeto, de modo que indicou que pra ele o VADL era uma possibilidade de desenvolver trabalho junto com a comunidade. O diálogo se desenvolveu de maneira que enquanto um anunciava suas reflexões acerca do tema, ou do significado do projeto, o outro ia tomando nota. Após compreenderem ter contemplado o trabalho de indicação temática os dois foram para cozinha para conversar com Micuim. Desta vez, os três juntos.

- Durante o intervalo entre as atividades do período da manhã e da tarde, logo após o almoço, quando não tinha mais crianças no espaço, Mad e Maurício realizaram o diálogo para investigação temática com o outro educador do VADL, o Micuim. Durante a conversa este educador pode apresentar que frequenta o bairro desde o segundo semestre de 2011, quando começou a atuar como voluntário na equipe do projeto de extensão e, que no início daquele ano, foi oficializado sua participação, sendo bolsista extensão cadastrado na Proext. Micuim apontou que enquanto Mad e Maurício conversavam a sós ele ficou pensando qual tema seria importante de ser desenvolvido. Assim, o próprio Micuim iniciou sua apresentação enquanto Maurício tomava nota: “Olha, de imediato, assim na hora, o que você mais pensa em indicar são os que já foram trabalhados, então respeito e saúde. Mas, pensando em trabalhar algo que não foi trabalhado e acreditando ser importante para o bairro, eu trabalharia ‘Meio Ambiente’, preservação ou conscientização. Mas, ainda acho que seria importante ser trabalhado o tema respeito”. Maurício disse estar confuso, e ainda não ter entendido se ele indicaria, ou não o tema respeito para além de meio ambiente. Então Micuim esclareceu que estava sugerindo os dois temas, “Meio ambiente” e “Respeito”. O educador também pode apontar o que significava para ele o VADL, de modo que disse: “Significa melhora, fazer com que as pessoas apendam coisas significativas para suas vidas. Vejo como um negócio para mudar o quadro que as pessoas vivem aqui no bairro. Vejo como uma oportunidade delas crescerem”. Por fim, Mad, Maurício e Micuim encerraram aquele diálogo sobre a indicação temática. Porém, antes, Mad comentou que ao ser estimulado a falar sobre o tema que ele indicava, sobre aquele diálogo que acabara de ocorrer, permitiu que ele se avaliasse, e também refletisse melhor sobre o entorno (7).
- Hoje no período da tarde Maurício conversou com mais dois participantes com objetivo de realizar a investigação temática. O primeiro deles foi Pato. Para tanto, o educador comentou que após a roda de conversa inicial ele pediu para conversar com o participante explicando o mote do encontro e justificando que o diálogo seria rápido e que poderiam escolher Pato para compor um time, pois ele logo retornaria. O educador e o participante sentaram nos bancos de alvenaria que ficam em frente ao campo e ao lado da cozinha. Durante a conversa Maurício quis saber o que o garoto gostava de fazer em seu dia-a-dia quando tinha um tempo livre. De acordo com o educador, Pato comentou que gostava de ficar assistindo televisão, jogar vídeo game,

jogar bola na quadra e fazer lição. Maurício também quis saber o que significava o projeto para Pato. Assim perguntou: “Pato, o que é que você pensa quando vê pro projeto, o que significa vir aqui? O que é que o projeto significa pra você?”. O participante respondeu da seguinte forma: “Significa Educação, aprender brincadeiras que eu não sei, ter respeito, ter educação com os colegas”. Maurício também comentou com os educadores acerca do tema indicado por Pato, assim o educador disse a equipe que: “Pato indicou respeito. Disse que as pessoas do bairro falam muito palavrão, disse que vê crianças e adultos fazendo isso. Disse também que é importante aprender todos os esportes, de modo a estarem prontos para quando alguém chama-los para disputar um campeonato”. O educador agradeceu à Pato e lhe explicou que estava conversando com todos os participantes e com seus respectivos responsáveis, com isso, o educador pediu para conversar com sua mãe. Então ficou combinado de, ao término das atividades daquele encontro, Maurício acompanhá-lo até sua residência para tentar conversar com sua mãe. Pato concordou. Ambos voltaram para a atividade que era realizada no espaço da quadra.

- Maurício também conversou com Ronaldinho. Para tanto, aproveitou o momento do lanche final. O participante também é neto da funcionária Luiza e primo dos participantes da manhã, Batman e Neymar. Em conversa com a equipe pedagógica, ao refletirem sobre o comportamento de algumas crianças, foi consensual entre a equipe pedagógica que Ronaldinho era uma criança espontânea, carismática e simpática. Por vezes, também, de acordo com Rubens ele era “genioso”, quando se via contradito, por exemplo, diante de uma “jogada duvidosa”, no sentido de tentarem realizar uma trapaça contra ele. Nessas ocasiões, o educador comentou que Ronaldinho costumava cruzar os braços e franzir as sobrancelhas dizendo que diante da trapaça ele que não iria jogar mais. Porém, até aquele momento os educadores da UFSCar não haviam presenciado tal fato. Durante a investigação temática Maurício procurou saber o que a criança gostava de fazer em seu dia-a-dia de maneira que Ronaldinho indicou gostar de jogar bola no quintal de casa com seu pai, de jogar vídeo-game, mexer no computador e, de vez em quando brincar na “quadra” (é assim que os moradores e moradoras chamam a ECO). O garoto também indicou gostar de brincar com sua coleção de “Ben-10” (personagem de desenho animado). Após apresentar o que gostava de fazer no seu dia-a-dia, Maurício disse que Ronaldinho também pode comentar sobre o significado que o projeto tinha para ele. Assim, o participante disse:

“O projeto é legal, é bom para as crianças porque elas aprendem as coisas, tipo aprender a ler, a escrever e a fazer as lições e também elas tem um lugar para brincar e não ficam na rua”. Por fim, após explicar os motivos da investigação temática e solicitar que o participante realizasse sua própria indicação, Ronaldinho disse: “É respeito, porque tem umas pessoas que não respeitam os mais idosos e as crianças, pois as crianças acabam desrespeitando outras crianças e os idosos”. Maurício agradeceu a participação de Ronaldinho e comentou que precisaria conversar com sua mãe. Assim, o educador pediu para o participante comentar com sua mãe que ele tentaria falar com ela mais tarde, no retorno da casa de Pato. Assim, sucedeu. Adiante segue a descrição do diálogo com sua mãe, Lila.

- Ao final do encontro Maurício foi até a casa de Pato para realizar a investigação temática com sua mãe. O educador comentou com Micuim e Mad que embora não tenha entrado na casa do participante, notou que os fundos da residência fazia divisa com os muros da ECO. Ao chegar na calçada em frente ao portão de sua casa, Pato adentrou a residência anunciando a chegada do educador. Sua mãe logo saiu para atender a Maurício. Assim, após anunciar os motivos de sua visita, Ana concordou em colaborar, bem como indicou: “Educação, respeito, e respeitar pai e mãe. O Pato este ano está comportado, mas ele no ano passado deu trabalho na escola. As mães têm um pouco de culpa nisso, deixam ir jogar bola, não cuida das crianças ir para escola, se preocupam com outras coisas tipo bater perna, cuidando da vida dos outros. E tem também negócio sobre as drogas. Porque na escola tem isso: o ‘PROERD’ (Programa Educacional de Resistência às Drogas), mas é só para algumas séries”. Maurício aproveitou para também perguntar para aquela senhora o que significava o projeto da UFSCar para ela. Então ela indicou que era para ele ficar menos na rua, pois se deixasse ele ficaria o dia e a noite na rua correndo atrás de pipa. Maurício agradeceu a Ana pelas indicações de temas e foi para a casa do outro participante. A saber: Ronaldinho.
- Ao chegar na Ronaldinho o educador foi recebido no portão pelo participante e falou que sua mãe o aguardava, assim, ainda no portão foi anunciada a presença de Maurício, que foi convidado para entrar. Maurício comentou que a casa de Ronaldinho é diferente da maioria das casas que ele havia observado no bairro. Pois, ela possuía acabamento externo e interno, tendo suas paredes pintadas e chão com piso frio. Já no

interior da casa, na sala, Maurício cumprimentou Lila. Ambos já se conheciam devido a constante presença de Lila na ECO. Ela disse ter ficado feliz com a presença do educador pois estava com problemas em seu computador. Pois, não estava conectando a internet. O educador comentou com a equipe pedagógica que achou interessante retribuir a gentileza com a qual a mãe de Ronaldinho o recebeu, ajudando-a com o problema no computador. Assim, após algumas tentativas de conexão, Maurício comentou que era um problema técnico procedimental, pois o que estava ocorrendo era que as informações de seu “modem-usb” (conexão de internet via operadora de telefonia móvel) estavam desconfiguradas. Após realizar a configuração da internet no computador de Lila, o sistema voltou a funcionar. O educador então comentou que aproveitou para iniciar o diálogo sobre os temas, ou assuntos que deveriam ser desenvolvido no projeto da UFSCar. Para tanto, pediu para que ela refletisse sobre o bairro, a condição das famílias, no comportamento de seu filho e dos colegas de seu filho e fizesse a indicação. Lila comentou que o projeto deveria estimular os estudos, falar sobre sonhos, sobre o que as crianças gostariam de ser quando crescer. Lila ainda complementou: “Porque em casa eu converso com Ronaldinho, mas eu vejo que muitas crianças não conversam com seus sobre isso” (8). Após Lila ter indicado o tema, Maurício aproveitou para perguntar sobre qual significado que o projeto tinha para ela, de modo que Lila respondeu: “É uma maneira de ele conviver com outras pessoas, pois o Ronaldinho é filho único, e é melhor que ele fique em frente à televisão, o ao videogame”. Maurício agradeceu a solicitude com a qual foi atendido e indicou que iria conversar com outras responsáveis para, ao final escolher um, ou mais temas que seriam desenvolvidos no projeto junto com as crianças. Ao chegar na ECO o educador comentou sobre a condição da moradia de Ronaldinho, comparando com a maioria das casas que observara no bairro. Os demais educadores também demonstraram surpresa. Ao final Maurício comentou: “Mas é realmente uma configuração familiar diferenciada das demais, pois, o Ronaldo é filho único, seu pai está empregado e com registro em carteira de trabalho. Quantas crianças aqui do projeto moram em uma casa com três moradores? Ou ainda, com seu Pai? E este pai empregado com carteira assinada? Ademais tem a avó que, como temos observado, também trabalha com registro em carteira e é vizinha, que acaba contribuindo com os cuidados com a criança”. Após dizer isso, Erika comentou que no projeto há muitas crianças que não convivem com seus pais. Indicando que muitos estavam em regime

de privação de liberdade, ou, até mesmo, não reconheciam as crianças, impelindo à exclusividade da educação das crianças às mães e avós maternos (9).

Diário de Campo XIV

Data: 20/09/2012

Horário: 8h – 11h (Manhã)

Local: Estação Comunitária do Jardim Gonzaga (ECO)

Educadores/as Presentes: Maurício, Mad, Micuim, Erika, Rubens.

Participantes Presentes: B-Boy, Macwin, Homem-Aranha, Corinthians, Ronaldo, Ricardinho, Batman, Zinho, Laura, Samanta, Balotelli, Nenê, Neymar, Barbara, Sheila, Rosinha, Betina.

Relator(a): Maurício.

Hoje foi uma manhã ensolarada, sem nuvens e quente. Ao chegarmos avistamos Karatê, Ronaldo, Ricardinho, Neymar, Batman, Capoeira e Corinthians brincando de “Acorda seu Urso” na quadra. Já Barbara, Samanta, Rosinha, Betina e Laura, estavam sentadas nos bancos de concreto que ficam em frente a sala multiuso. Ao chegarmos, as crianças interromperam o jogo e correram para nos abraçar. Após a seção de cumprimentos e abraços a educadora Erika, que já estava na ECO, chamou toda gente para lavar as mãos para tomar café (1). As crianças lavaram as mãos e foram para a sala.

Café da manhã e roda de conversa para combinar as atividades:

Nesta manhã foram servidas bolachas de água e sal e leite com achocolatado. Após tomarmos café-da-manhã, todas as crianças escovaram os dentes e voltaram para sala para realização de uma roda de conversa. Neste momento foi lembrada a programação do dia. Assim, ficou combinado de realizarmos “My God”, Capoeira e, por fim, atividade musical. Contudo, ao chegarmos ao pátio vimos que o pessoal do “Grupo de Caminhada” estavam desenvolvendo suas práticas na quadra, pois havíamos esquecido das atividades de tal grupo. Assim, consideramos que seria oportuna a prática da atividade musical primeiro, pois poderíamos ficar junto aos bancos e mesas de alvenaria.

Atividade Musical

Para a atividade musical, Mad lembrou uma apresentação realizada no festival sons e movimentos na qual cantamos e declamamos poesia. Desta forma, neste encontro foi

vivenciado o ritmo do coco (base utilizada para cantar “Asa Branca” no festival). Para tanto, o músico pediu para Maurício e Micuim pegarem os caxixis (instrumento muito utilizado na capoeira que seu som se assemelha à de um chocalho), enquanto iniciava a vivência sem instrumentos.

Iniciamos então com a “percussão corporal” do ritmo do coco. Para tanto eram realizados três batidas de mão no peito, produzindo o som “Tu tu tu” e duas palmas, que sonoramente chamamos de “Ta ta”. Para fazer as três batidas no peito era necessário alternar as batidas de mão (direita, esquerda e direita, ou, esquerda, direita e esquerda). Após todas as crianças conseguirem reproduzir o som, foi incrementado a dança do coco, na qual é feita uma marcação, muito características, com os pés na qual são feitas três marcações/paços dados três passos alternando entre deslocamento para frente e para trás, cujo terceiro passo sempre é dado por uma mesma perna. As crianças apresentaram certa dificuldade em realizar a percussão e dançar ao mesmo tempo. Então Mad propôs que as crianças só dançassem que ele marcaria o ritmo. Para tanto, seria necessário se deslocar durante o “Tu tu tu tá” e no último “Tá” fazer uma parada com um pé na frente, em seguida se repetiria o “Tu tu tu tá” com simultâneo movimento de dança, porém se deslocando em direção oposta (neste caso para trás) e ao realizar o segundo “tá” novamente fazer uma parada. Assim, sucedeu. Foram feitas algumas repetições deste exercício de modo que, ao compreender que as crianças conseguiam executar a percussão junto com a dança, foi solicitado que elas tocassem e dançassem. Após esta vivência variamos a prática.

Para tanto, a turma foi dividida em dois grupos que foram posicionados um de frente ao outro. Para um grupo foi distribuídos os caxixis. De acordo com o educador, esta vivência iria consistir em um jogo de pergunta e resposta. Assim, após um grupo fazer a percussão batendo suas mãos no peito, reproduzindo o “tu tu tu”, o outro iria “tá tá”, porém, utilizando agora os caxixis. Assim sucedeu, após algumas vivências, foi pedido para que fizessem isso dançando o passo básico do coco, ensinado anteriormente e, em seguida, foi alternada as solicitações para os grupos. Nesse sentido, quem estava com o caxixi deveria fazer a percussão peitoral, enquanto quem fazia tal percussão passou a utilizar o caxixi. Após esta troca, também foi solicitado para que as crianças dançassem.

Por fim, enquanto dançávamos e tocávamos os instrumentos (ou percussão corporal, ou caxixi) cantamos Asa Branca. Mad aproveitou ainda para tocar o instrumento escaleta (instrumento de sopro que possui teclas). Micuim, Maurício, Rubens e Erika, acompanharam cantando a canção proposta. As crianças cantaram juntas, aquelas que não sabia a música na íntegra cantou o refrão.

Após este momento realizamos a Capoeira.

Capoeira

Para iniciarmos a capoeira, fomos com todas as crianças para o centro da quadra, pois já havia acabado as vivências do Grupo de Caminhada da USF. Aproveitamos a marcação do círculo central do futebol para formarmos um círculo. Lá, Maurício comentou sobre a capoeira e o educador comentou que assim como a o ritmo do “coco, que havíamos acabado de vivenciar”, a capoeira também tinha uma origem afrobrasileira. Portanto, dos descendentes de africanos. Após comentar brevemente sobre a condição dos escravos e a capoeira como luta pela libertação. Iniciamos pelas músicas, assim após explicar que naquele momento iríamos fazer as palmas da “Capoeira Regional”, indicando que eram três batidas, foram cantadas cantigas muito conhecidas pelas crianças, a saber: “Peixe Vivo”, “Marinheiro Só” e “Cirandeiro”. Maurício tocou o berimbau, explicando para as crianças que é aquele instrumento quem comanda o estilo de jogo (Angola, ou Regional). Mad começou tocando o atabaque e micuim com o agogô. Com exceção do berimbau (devido ao seu tamanho e peso) as crianças foram alternando entre jogar capoeira com seu par no meio da roda e tocar um instrumento.

Após realizar algumas trocas “trocas” (na capoeira também é chamado de “compra” quando um capoeirista/participante interrompe o jogo de uma dupla, solicitando para jogar com um dos participantes, ou, como é comum dizer na capoeira “comprando o jogo”, enquanto o outro deixa a roda) e depois das crianças terem experimentado os instrumentos. Maurício comentou sobre os tipos de capoeira, dizendo que as mais comuns são a Capoeira Angola (jogo com movimentos feitos em um plano mais baixo, frequentemente próximo ao chão, mais lentos, muito caracterizado pela teatralidade que na capoeira também é chamado de mandinga, dissimulações e alguns rituais, tendo como o maior expoente o Mestre Pastinha) e a Capoeira Regional (com fortes características e traços de artes marciais, com muitos saltos, floreios e cujo propositos, Mestre Bimba, criou um método de ensino). O educador também comentou que é possível ouvirmos falar em capoeira acrobática, na qual quase não existe diálogo (pergunta e respostas através dos movimentos, ou seja, ataque repentino, inesperado que exija uma esquiva com destreza) entre os jogadores e são executados saltos incríveis. Por fim, ele também comentou existir a Capoeira Contemporânea, que muito se aproxima da Capoeira Regional do Mestre Bimba, porém não segue sua metodologia bem como, acabou incorporando outros elementos de novas artes marciais.

Antes de encerrarmos a vivência, Maurício ensinou alguns movimentos básicos da Capoeira Regional. Assim foram apresentados a “Benção” (chute frontal aplicado de maneira a atingir a região do tronco do “camarada” com toda a sola dos pé), e uma possível esquiva: a “negativa”. Também realizamos o “Martelo” (chute aplicado com o corpo em posição lateral em relação ao “camarada” tendo objetivo de atingi-lo utilizando a parte superior do pé, ou, “peito do pé” Golpe) e a Meia-Lua de Frente (golpe rodante, na qual a perna que está atrás descreve uma trajetória para frente e circular em direção ao lado oposto do próprio corpo). Por fim, foi ensinado uma defesa para esses dois últimos golpes. A cocorinha (esquiva na qual o capoeirista deve agachar, ficando de cócoras, com a mão protegendo a face e a outra, rente ao corpo espalmada no chão).

Sem percebermos o tempo passou rápido e as duas práticas, Atividade Musical e Capoeira, acabou tomando o tempo todo da vivência. Assim, quando nos demos conta já era hora de almoçarmos. Rubens nos atentou ao horário. Pedimos a ajuda para as crianças para levarmos os instrumentos para o almoxarifado. Após guardarmos os instrumentos, lavamos as mãos, educadores e crianças juntos, e fomos almoçar.

Almoço e roda de conversa.

Antes de servirmos o almoço conversamos sobre as atividades daquele encontro. Algumas crianças mostraram entusiasmo ao falar das atividades. Após a breve conversa também combinamos as atividades do encontro seguinte. Assim ficaram combinadas de realizarmos a brincadeira que faltou no encontro de hoje, o jogo “My God”, também ficou combinado de para brincarmos de “Rouba- Castelo”, sugerido pelas crianças, e de Teatrinho, sugerido por Mad.

Neste encontro foram servidos arroz, feijão, almondegas com molho de tomate, salada de cenoura ralada e, de sobremesa, gelatina. Após o almoço as crianças escovaram os dentes e se despediram. Nesse instante dialogamos sobre nossas percepções daquele encontro.

Comentários

- Na roda de conversa Karatê se mostrou muito entusiasmado com a vivência. Nas palavras do participante: “Hoje foi maior bom, capoeira é dá hora!”. Mad complementou parabenizando toda a turma dizendo: “Olha aí hein turma! Vocês todos estão de parabéns hein. Cantaram, tocaram, jogaram capoeira. Estou gostando de ver

hein!”. Ronaldo e Danilo também disseram gostar muito de capoeira, e que era o esporte que mais gostava (2).

- Samanta, Balotelli, Laura, Barbara disseram que gostaram da atividade musical. Samanta, no momento de troca de atividade enquanto nos deslocávamos do pátio para a quadra, cantou um coco que havia aprendido na escola em ocasião de visita de um grupo de músicas populares.
- Percebemos que Mad estava entusiasmado com a participação das crianças. Nesse sentido, além de parabeniza-las pessoalmente, durante a conversa com a equipe pedagógica o educador comentou: “Meu, a meninada é boa pra caramba! O Karatê toca tudo meu! No dia da festa junina, quando o pessoal da banda de forró estava perto, ele deu umas batucadas no surdo (que estava sendo utilizada como zabumba) no tempo certinho. Vou aproveitar o embalo da meninada, por isso sugeri o teatrinho, porque aí a gente já trabalha essa questão do uso do corpo, da expressão corporal”.
- Durante a vivência do “Coco”, notamos que algumas crianças apresentaram dificuldade no momento de realizar a tarefa de dançar e tocar um instrumento ao ritmo da música. Assim como algumas crianças, Erika também comentou ter dificuldade em realizar tais tarefas simultaneamente. Nesse momento, Mad disse que tal intento era realmente difícil. O educador sugeriu então para que aos poucos, fossemos acrescentando as atividades. Desta forma, começaríamos dançando fazendo o passo básico do Coco, Depois, a medida que sentíssemos confiança, faríamos a percussão no corpo, ou, tocaríamos o caxixi (algumas crianças estavam com o caxixi e outras não possuíam instrumentos) e, por fim, introduzíssemos o canto. E, caso acontecesse de nos perder, era para voltarmos a executar uma só tarefa (ou só dançar, ou, só cantar, ou só tocar instrumento/percussão corporal) e ir novamente, de maneira gradual, incluindo novos elementos. Com efeito, pudemos notar uma melhor fluência. Ademais Erika, Micuim e Maurício “engrossavam o coro” ajudando sempre na referência. Desta forma, quando uma criança se perdia, ela começava a prestar atenção nos colegas e nos educadores até retomar o ritmo novamente. Percebemos a riqueza que é trabalhar com as atividades musicais, pois, notamos que as crianças sorriam ao realizar os passos de dança, ao tocar o caxixi, mesmo quando erravam. Assim, insistiam no passo e na execução dos toques até entrar no compasso. No momento do “diálogo

musical” na qual as crianças foram divididas, todas elas estavam atentas à atividade. Até Homem-Aranha e Rosinha, os dois mais novos, conseguiram realizar a tarefa. Maurício comentou que as vivências musicais tem contribuído muito para possibilitar espaços de protagonismo (3).

- Antes de começar a capoeira Maurício comentou sobre uma possível origem dessa luta. Disse que existem muitas versões para a origem da capoeira. Porém, comentou que a que ele mais acredita é que ela foi inventada no território brasileiro por pessoas que foram raptadas de países africanos. Portanto, para Maurício, ela é Afrobrasileira. Aproveitou para falar da condição escrava e como ela era praticada. O educador fez isso lançando perguntas para as crianças. Assim, ele perguntou: “Será que as pessoas viviam felizes sendo escravas?”, as crianças responderam que não. Após falar sobre as condições de trabalho, de moradia, apontou a indignação com que viviam aquelas pessoas. Daí disse-lhes: “O pessoal treinava a capoeira, daí quando chegava um capataz, ou um capitão do mato, eles disfarçavam dizendo que aquilo era uma dança, ou uma brincadeira e era assim que eles treinavam sua capoeira”. Conforme Maurício ia contando, as crianças ouviam atentas, curiosas, como se estivessem em meio à uma contação de história. Num dado momento da vivência Maurício contou uma história sobre o nome de um golpe, a saber: A benção. As crianças gostaram muito, rindo da história. De acordo com o educador, esse golpe é conhecido por ser um chute “Desequilibrante” (pois para além dessa classe de golpes, na capoeira também existem golpes “traumatizantes”). De acordo com o educador os escravos estavam insatisfeitos com tudo o que sofriam, os senhores de escravos exerciam seu poder de forma autoritária, dando castigos para os escravos, humilhando-os, dando-lhes pouca comida de forma que eles só tivessem força para trabalhar, por vezes os tratavam como mercadorias entre outras coisas. Era muito comum os senhores de escravos se sentirem tão poderosos que alguns, ao ver seu escravo exigiam que eles lhe pedissem benção estendendo sua mão para que o “servo” a beijasse. Desta forma, já revoltados com suas condições de vida, eles simulavam o movimento de que iam beijar as mãos do senhor de escravo, porém, de súbito lhes desferiam um chute bem na região próxima ao peito e ao abdômen, fugindo para o meio do mato enquanto o senhor de escravo, caído no chão, tendia entender o que estava acontecendo. Ao contar o desfecho da história, notamos que as crianças riam, pareciam torcer para o escravo. Ronaldo disse: “Vai, bem feito”. Barbara perguntou: “Mas, ninguém pegava os escravo?”. Maurício

disse que eles fugiam para o meio do mato, alguns eram pegos, outros se juntavam à outros escravos que fugiam, formando grandes comunidades. Nesse instante Balotelli interrompeu dizendo: “Não era os quilombos professor pra onde os escravos fugiam?”. Maurício respondeu-lhe afirmativamente.

- Na hora da vivência de Capoeira as crianças também puderam tocar os instrumentos. Para tanto, Maurício explicou que as trocas deveriam ocorrer de forma dinâmica, para que quem estivesse jogando pudesse continuar jogando ao som da música. Assim, logo de início, houve um pequeno tumulto em torno do atabaque, pois, Macwin, Karatê, Corinthians e Barbara queriam tocar. Mad explicou que todo mundo ia poder tocar, porém, ele iria chamar, “um por um” (4). Enquanto isso, elas deveriam formar pares, ou, “comprar” o jogo de alguém. Assim se sucedeu. Notamos que para o agogô, não teve nenhuma confusão. Talvez indicando um menor interesse por aquele instrumento. Também percebemos que o Agogo tem um som muito alto e agudo e que, a maioria das crianças que foram tocá-lo iniciava batendo forte, sendo necessário atenta-las que o som estava impróprio. Já o berimbau somente Karatê indicou saber tocar. Contudo, ao recebe-lo vimos que ele não conseguiria tocar, pois era muito pesado e grande para ele. Ao final do encontro Maurício comentou com as crianças que numa próxima ocasião irá trazer os berimbaus menores (pequenos, apropriado para crianças). Contudo, ao final do encontro, Maurício percebeu haviam muitas cabaças quebradas.
- Durante a vivência de capoeira Rosinha não quis “jogar na roda”. Também observamos que as meninas tiveram predileção por jogar com outras meninas. Assim, somente Samanta jogou com o Corinthians. As demais, meninas Laura, Betina e Barbara, jogaram entre si.
- Maurício comentou sobre a experiência da Capoeira. “Já realizamos a capoeira em outros momentos. Soube que num passado distante, uns 7 anos atrás, havia um mestre capoeira que dava aulas no bairro. Porém já fazem anos que isso não ocorre, ademais, nenhuma das crianças que estavam aqui hoje participavam desses treinos. Possivelmente suas irmãs/os, pais/mães, tios/as. Daí que elas dizem saber jogar e, ao modo delas, elas jogam. Importante notar que nenhuma criança acertou a outra. Elas pareciam se esforçar para fazer os movimentos, algumas estrelas, alguns chutes. Outro

fato que eu achei curioso é que os meninos, especificamente, se desafiam. Assim, geralmente davam um golpe e ficam observando se o outro também daria, ou até mesmo o contrário, procurava fazer o golpe que o colega realizou. Mas eu acho bonito o lance das crianças jogarem brincando, sorrindo e se respeitando. A capoeira como uma grande brincadeira. Por isso que eu não gosto de falar que a ‘estrela’ está errada, e que o correto é o ‘AU’. Não é minha intenção quando elas estão fazendo o jogo delas, quando estão brincando de capoeira. Só que é importante ensinar que existem várias possibilidades: Uma é a delas, algumas outras eu pude explicar um pouco, inclusive a que realizamos é a baseada nos ensinamentos do Mestre Bimba”.

- Micuim comentou que ficou surpreso com a participação das crianças e também por elas conseguirem realizar com certa facilidade as duas vivências musicais (Coco e a Capoeira). Maurício comentou que com relação à capoeira foi escolhida estrategicamente três canções que as crianças já conheciam bem, que são apresentadas em outros espaços e em outras situações. Nas palavras do educador: “É prazerosa a musicalização durante os encontros com capoeira, porque é possível inserir muitas cirandas, e músicas do universo infantil, por isso que eu escolhi ‘Peixe vivo’, ‘Marinheiro Só’ e ‘Cirandeiro’”.
- As crianças disseram gostar muito da comida de Renata. Ronaldo comeu duas vezes. Macwin, inclusive, repetiu três vezes. Um hábito que temos reparado é que elas gostam de eu coloquemos o molho da salada. Macwin sempre pede “Professor, eu quero o molho. Põe aqui, espalhadinho!”. Percebemos também que a alimentação oferecida na ECO é bem variada. Quando Renata entrou na sala Micuim pediu uma salva de palmas para a monitora de culinária. As crianças atenderam prontamente, de modo que Renata pareceu ficar encabulada, porém contente (5).
- Em conversa com a Renata (funcionária responsável pelo preparo da refeição) ela comentou quem fornece a comida é o pessoal da divisão de merenda escolar da prefeitura. Portanto, é a mesma comida que vai para as escolas. Então, tem o dia certo pra chegar, carne, fruta, ovo, arroz, feijão, óleo e salada. Também aproveitou para dizer, em tom de brincadeira: “Vocês sempre comem macarrão, porque quinta é o dia do macarrão, às vezes a gente dá uma variada pra vocês não pensarem que a gente só serve isso pra criançada” (e riu). Aproveitamos para repassar os elogios feitos pelas

crianças ao se referirem à sua comida. Renata, um pouco envaidecida disse para Rubens “Acha professor!”. Esta funcionária é muito solícita e atenciosa com toda gente. Percebemos que as crianças gostam muito dela. É comum vermos alguns participantes ir cumprimenta-la com um abraço, ou até mesmo, fazer pessoalmente elogias à sua comida.

Investigação Temática

- Hoje à tarde aproveitamos a presença da mãe de três participantes do período da tarde. Assim, aproveitamos que Rosa estava aguardando consulta na USF para realizar o trabalho de investigação temática com ela. Rosa é mãe de Vanessa, Sassá e Robinho. Desta forma, ao vê-la do lado de fora da USF a professora Erika indicou para que Maurício dialogasse com ela. De pronto o educador aceitou a sugestão e foi falar com aquela mãe. Após se apresentar para Rosa, Maurício explicou o motivo de sua aproximação. Assim, Rosa disse que seria bom ajuda-los, mas salientou: “Olha, eu até posso ajudar, mas eu não posso perder a consulta. Tenho que ficar aqui na porta pra quando chamarem meu nome”. Nesse momento ela anunciou que estava aguardando para realizar uma consulta com o dentista. Maurício lhe disse que seria breve e que poderia ser ali mesmo. O Educador iniciou o diálogo explicando o que significava o tema, ou assunto, para os educadores. Desta forma, lhe disse que o propósito da investigação era poder desenvolver assuntos que a comunidade participante tivesse interesse que fosse desenvolvido no projeto da UFSCar junto com as crianças. Maurício comentou dos temas do ano anterior dizendo: “Então, no ano passado nós fizemos este mesmo trabalho de consulta à população e depois de falar com muitas mães, pais, avós, com as crianças e equipe de trabalho, foram escolhidos ‘Saúde e Respeito’. Este ano estamos quase terminando a consulta, faltam algumas pessoas. Daí decidiremos a partir das indicações. Rosa aceitou colaborar e, ao indicar os temas, disse: “Coisa que presta não é?! Respeitar e dar o respeito para que aprendam muitas coisas boas. Ultimamente eles só tem aprendido coisas ruins. O Robinho tem me dado problemas na escola. Ele falta muito, e muitas vezes que vai ele briga muito”. Após ela indicar o assunto, Maurício ainda quis confirmar dizendo: “Olha, então a senhora está indicando o tema respeito”. Rosa confirmou dizendo que sim e que as crianças do bairro brigavam muito. O educador salientou o fato de ela ter duas meninas e um menino participando do projeto, assim ele gostaria de saber o que significava o VADL

para ela, de modo que ela respondeu: “Pra mim aqui eles estão aprendendo alguma coisa, porque eles saem da escola e vem pra ECO. Não fica pela rua aprendendo o que não presta. A rua aqui no bairro não é muito boa, tem muita coisa ruim”. Maurício agradeceu a disponibilidade demonstrada por Rosa e disse que iria conversar com seus filhos sobre o mesmo assunto (o levantamento temático) com suas crianças. Em seguida o educador retornou para junto das atividades com as crianças.

- Pouco antes de finalizar as atividades do projeto Maurício comunicou os demais educadores do VADL sobre a conversa que havia tido com Rosa, mãe de Robinho, Vanessa e Sassá, e sugeriu para que conversassem, cada educador, com uma respectiva criança. Eles aceitaram e logo após o lanche e a escovação, cada um, separadamente conversou com uma das crianças.
- Ao final, após os três educadores do VADL terem conversado com cada uma das três crianças de Rosa, eles sentaram em torno da mesa de cimento, que fica em frente à sala utilizada para o MovA. Ali Maurício comentou sobre a investigação feita com Vanessa que havia se realizado naquele mesmo local. O educador disse que precisou explicar o que significava “tema” e “assunto” naquele contexto, o da investigação temática, pois a participante havia entendido que era para indicar conteúdos, indicando o interesse pelo ensino de natação. Assim, após explicar sua intenção em fazer o levantamento dos temas geradores a participante, inclusive apresentando os exemplos de temas/assuntos do ano anterior, Vanessa indicou: “Depois que você falou aí, eu acho que tem que ter respeito e educação. Do tipo para não bagunçar. Tem que aprender a não fazer safadeza e não passar a mão na bunda dos outros. Tem criança da minha idade, mais pequeno do que eu que faz isso”. Maurício comentou que nesse instante ficou preocupado, mas não quis que a garota se sentisse preocupada, ou, receosa em comentar com ele sobre o episódio. Então Maurício perguntou: “Mas, onde acontece isso aí, essa safadeza?”. E a menina comentou: “Isso acontece no Bar do Seu Domingo”, ou, aqui à noite quando tem ginástica. Então o Ninja (participante do período da tarde) o Fezinho faz isso, e também abraçam a gente por trás”. Maurício comentou que ficou preocupado quando Vanessa começou falando aquilo, mas, que ficou mais aliviado quando ela comentou que quem realizava os atos de passar-lhe a mão era outras duas crianças, inclusive mais nova que ela. Porém, disse à Micuim e a Mad que seria necessário conversar com os dois participantes citados, bem como, com

dona Rosa de modo a preservar a identidade das outras duas crianças. Por fim, Maurício também comentou sobre o significado que Vanessa atribui ao projeto. Desse modo, ao pedir que comentasse sobre isso a menina apontou: “Eu espero que eu vá fazer várias coisas. Que eu vou aprender atividades que vocês dão, aprender novas brincadeiras e só”. Maurício agradeceu e disse à Vanessa que ia conversar com Ninja e Fezinho para que eles não fizessem aquilo com a participante, mas que ela também deveria falar para sua mãe sobre o que estava ocorrendo.

- Micuim também comentou sua sobre a investigação temática feita com Robinho. De acordo com Micuim, o garoto tem seis anos e o participante se mostrou bastante desenvolvido e atento durante a conversa, pois realizou suas indicações com bastante segurança. Assim, ao ser perguntado sobre o tema, ou assunto, que os professores deveriam desenvolver no projeto Robinho disse o seguinte: “Aprender a ficar quieto e aprender a ler e a escrever pra poder estudar e não ficar burro”. De acordo com o participante indicou estar aprendendo a ler e a escrever na escola e que isso pode ter contribuído para a indicação do tema. O educador também indicou que durante a conversa Robinho pode apresentar que gostava de fazer no seu dia-a-dia, dizendo que gostava de brincar de carrinho e de esconde-esconde. De acordo com Micuim, o participante também indicou nunca ter brincado com outro brinquedo. O garoto também foi incentivado a dizer o que significava o VADL para ele. Nesse sentido, Robinho disse ao educador: “O projeto é legal, porque eu gosto de brincar e estudar. Aqui eu gosto de brincar de carrinho, de bola, de escolinha e ficar brincando com os brinquedos”. Micuim agradeceu e comentou que também havia conversado com sua mãe. O garoto quis saber o que a mãe havia dito, porém o educador ponderou que quem havia conversado com ela foi outro educador, na ocasião, foi o Maurício.
- Mad comentou que durante a conversa com Sassá a participante apontou que no dia-a-dia gosta de brincar de escolinha em casa, mas que quando está com suas primas ela brinca na rua. A participante também apontou que gosta de brincar de boneca. Mad teve dificuldade em explicar para Sassá sobre a investigação temática. Nesse sentido, mesmo apontando o tema/assunto, do ano anterior a menina insistiu em indicar conteúdo. E mesmo, quando Mad insistiu na pergunta a menina indicou: “Aprender brincadeira, esporte, a jogar bola, a fazer ginástica, a lutar e é isso!”. O educador comentou que no momento preferiu não insistir. Por fim ele perguntou para a criança o

qual o significado que o projeto tinha para ela, de maneira que ela lhe indicou que significava “brincar e respeitar o professor”. Em conversa com a equipe Mad comentou que o diálogo foi bem difícil, pois Sassá estava bastante agitada e que mesmo quando o educador explicava melhor a conversa, Sassá perguntava: “Como assim?”. Maurício comentou que é preciso ter paciência e procurar compreender a linguagem das crianças, pois, de acordo com o educador, geralmente as crianças não são consultadas acerca de seus gostos e interesses. Ademais, para as crianças do projeto, que eram moradoras de um bairro periférico e empobrecido, seria bem provável que elas fossem pouco convidadas, ou estimuladas a refletirem sobre suas próprias vontades.

- Ao final os educadores ficaram satisfeitos por terem conseguido conversar com a mãe e suas três crianças. Maurício aproveitou o momento que os educadores estavam juntos para compartilhar sua preocupação com o episódio narrado por Sassá, na qual Ninja e Fezinho estavam a incomodando com o ato de tocarem em partes de seu corpo que a incomodava, bem como o ato de abraça-la/agarrá-la. Os educadores comentaram que não percebeu nada. Então Maurício comentou aquilo vinha ocorrendo, principalmente em horário noturno, por conseguinte, fora do horário do VADL, mas que como estávamos sabendo da “história” deveríamos nos posicionar. Foi então que ficou decidido de conversar com Rubens e Erika, para que procurássemos observar melhor o comportamento das três crianças durante o projeto, bem como conversar com Ninja e Fezinho, seus respectivos responsáveis e com a mãe de Sassá, dona Rosa. Outro episódio que causou desconforto em todos os educadores foi desencadeado pelo comentário de Sassá, ao anunciar que em algumas ocasiões Ninja e Fezinho a incomodavam na presença de Dona Rosa, quando a menina a acompanhava num bar na qual a mãe gosta de frequentar para tomar cerveja. Nesse sentido Micuim comentou: “Pô, mas ir com a criança no bar pra beber cerveja é ‘zuado’ (entenda-se ‘ruim’) hein!”.

Diário de Campo XV

Data: 27/09/2012

Horário: 8h – 11h (Manhã)

Local: Estação Comunitária do Jardim Gonzaga (ECO)

Educadores/as Presentes: Maurício, Mad, Micuim, Erika (PMSC), Rubens (PMSC).

Participantes Presentes: Ronaldo, Bboy, Primo, Corinthians, Teves, Naldinho, Rosinha, Macwin, Betina, Sheila, Laura, Thatá, Babi, Karatê, Huck, Zinho, Barbara, Balotelli, Samanta e Douglas, Danilo.

Hoje fez uma manhã agradável. O céu não tinha nuvens e a temperatura estava agradável. Permitindo que não usássemos blusas ou agasalhos.

Ao chegarmos na ECO Bboy, Ronaldo, Rosinha, Corinthians, Teves e Primo correram para nos receber, dando-nos um abraço (1). Após o cumprimento, fomos caminhando até o pátio, onde algumas crianças estavam jogando bolinha de gude (Balotelli, Douglas e Zinho), outras estavam conversando sentadas nos banquinhos que ficam em frente ao campo. Cumprimentamos todas as crianças. Após o cumprimento pudemos observar o jogo de bolinha de gudes que estava ocorrendo no pátio. Às 8hrs as crianças lavaram as mãos e foram para sala multiuso realizar o desjejum matinal.

Café da manhã e roda de conversa para combinar as atividades:

Nesta manhã foram servidos biscoitos integrais com gotas de chocolate (cookies) e leite quente com achocolatado. Após o café da manhã aguardamos as crianças escovarem os dentes e, assim que todas já estavam na sala multiuso, nos reunimos em torno da maior mesa para combinarmos as atividades.

Às 8h35min começamos nossa roda de conversa. Nesse instante perguntamos se as crianças gostariam de contar alguma novidade. Após um breve bate papo sobre nossa semana, relembramos o que havíamos combinados na semana seguinte. Assim foram indicados para a realização nesta respectiva ordem: “Teatrinho”, “My-God” e o “Rouba-Castelo”.

Teatrinho.

Para realização do “Teatrinho” Mad se apropriou de uma história do livro “Sete histórias para Sacudir o Esqueleto”, cuja autora é Angela Lago. Para tanto ele adaptou uma das histórias. Assim, em sua adaptação, Mad nos contou a história de um jovem que tentava enganar a morte, para tanto, ele saiu caminhando à procura de um lugar onde não fosse possível morrer. A História contada foi a seguinte:

Havia um jovem que decidiu não morrer e disse: “Vou enganar a morte”. E saiu caminhando em busca de um lugar onde não pudesse morrer. Caminhou dias e dias pela mata, até que se deparou com um desconhecido. Ao encontra-lo cumprimentou-o e disse o motivo de sua peregrinação. O desconhecido, meio que desconfiado perguntou: “Mas você quer enganar a morte?”. O nosso destemido jovem respondeu que sim. Que estava disposto a não morrer. O desconhecido, então, decidiu caminhar junto. Mas, como já tinha dias que o nosso jovem não comia ele começou a sentir muita fome, perguntou para o desconhecido se ele não tinha algo para comer. O desconhecido disse que não. E eles prosseguiram na caminhada, até que de repente eles avistaram um enorme castelo. Foram até aquela grande construção e bateram na porta. Nossos dois corajosos peregrinos foram então recebidos por uma linda jovem. E elas perguntou: “O que fazem os dois jovens cavalheiros”. O rapaz não perdeu tempo, se ajeitou, fez uma postura bem corajosa e disse: “Estou tentando enganar a morte, estou procurando um lugar onde não se possa morrer”. A jovem fez um olhar que era um misto de espanto e admiração pela busca daquele jovem. Nosso rapaz ainda comentou: “No meio do caminho eu encontrei esse nobre cavalheiro que decidiu seguir comigo em minha busca, mas já fazem dias que não comemos e dormimos bem! A senhorita não poderia nos conceder um pouco de sua nobre comida e um bom chão para deitar nossos cabelos”. O corajoso jovem pediu abrigo e comida para aquela bela senhorita que os recebeu com muita simpatia, convidando-os para entrar em seu castelo. Porém, quando os dois jovens entraram eles ouviram o ranger das dobradiças e uma forte batida de porta. Ao olhar para trás eles viram que a porta se fechou sozinha, e quando voltaram seu olhar para frente, viram que aquela bela jovem havia se transformado numa figura alta, assustadora que disse: “Te peguei!” O susto do nosso corajoso jovem foi tão grande que ele caiu ali mesmo, duro, não sobrou nem um suspiro. O estranho acompanhante conseguiu sair correndo, e não olhou para trás!

Após contar a história foi realizada uma dramatização, na qual as crianças iam revezando os papéis. Assim, haviam os personagens do jovem, que hora era “a jovem” (portanto, também uma mulher), havia o desconhecido e a “morte”, que no momento da

interpretação Mad chamou de bruxa. Assim, enquanto um trio encenava o restante das crianças assistiam. Depois de fazer a cena, os atores e atoras eram substituídos pelas crianças que não haviam participado, ou que gostariam de realizar outro papel. Todas as crianças encenaram, participando do teatrinho. Em seguida, após encenações já era hora de mudar de atividade. Para tanto, fomos para a quadra.

My God

Para a realização do “My God” reunimos todas as crianças no centro da quadra. Parte das crianças já conhecia este jogo, pois já havíamos realizado em anos anteriores. Contudo, o professor Rubens e a Erika comentaram que não conheciam o jogo e que haviam aprendido lá na ECO. Micuim perguntou se a turma sabia a origem daquela brincadeira e, para nossa surpresa, as crianças disseram que não. Então aproveitamos o círculo central (marcação do futebol) da quadra, para explicarmos as regras, dividir as equipes e contar a origem da brincadeira.

Já em círculo Erika disse que pelo nome deveria ser de origem americana ou inglesa. Rubens concordou, algumas crianças que ficaram com dúvidas, já outras concordaram com o educador e a educadora. Outra parte disse que o jogo era do Brasil. Foi então apresentado que este jogo era de Moçambique, país pertencente ao grande continente africano e que o nome significava “Meu Deus!”. Na apresentação das regras do jogo, fomos auxiliados por algumas crianças, nas quais elas mesmas explicavam as regras. Aproveitamos também para esclarecer que o jogo era originalmente jogado em áreas abertas com superfícies planas, mas que realizaríamos na quadra coberta, protegidas do sol.

O jogo: Para a prática deste jogo foram formadas duas equipes e as rodadas possuíram uma dinâmica de tempo pré-fixado (estipulamos 7 minutos por jogada). Portanto cada equipe teve 7 minutos para cumprir uma função. O objetivo de uma é de empilhar um conjunto de cinco latas (de achocolatado, óleo, conservas, ou congêneres), formando uma “pirâmide” que ficaram posicionadas na região central da quadra de vôlei (coincidente com o círculo central do futebol). Esta tarefa deve ser executada por apenas um jogador por vez. Quando este conseguir empilhar as latas, ele deverá passar apena por cima das latas e gritar “My God!” e, imediatamente, derrubar novamente as latas com os pés (como num chute) para que o próximo participante de sua equipe faça o mesmo (monte a pirâmides de lata, grite “My God” e derrube as latas para que o próximo faça o mesmo e

assim sucessivamente). A cada vez que é realizada esta tarefa é computado um ponto. Em contrapartida, a função da outra equipe é de atrapalhar o time oposto. Para tanto, esta equipe fica posicionada na quadra de forma a não poder ultrapassar a marcação das linhas de fundo do vôlei, eles recebem uma bola para que possam atingir as latas que estão sendo equilibradas fazendo com que o participante tenha o (re)trabalho de empilhá-las novamente, ou “queimar” o participante, fazendo com que ele pare a montagem das latas, deixe-as como estão e retorne para fila para entrada de um parceiro de sua equipe.

Após transcorrido o tempo pré-determinado é registrado a pontuação da equipe que estava montando a pirâmide e, então troca-se o papel entre elas para a realização de uma nova jogada para ser computado os pontos da outra equipe. Ao final de uma rodada (portanto duas jogadas) é verificado qual equipe realizou mais pontos. Tal equipe é dada como vencedora.

Para a realização do jogo na ECO realizamos algumas adaptações. Uma foi relativa ao tipo de material, pois não tínhamos latas suficiente para realizar o jogo da maneira original. Nesse sentido foram utilizados três mini-cones e um taco (cabo de machado) para montar a base que seria equilibrada como pirâmide. Outra adaptação foi o número de bolas. Assim, foram utilizadas quatro bolas “dente de leite” (de borracha e bem leve), com vistas a dar uma maior dinâmica/velocidade ao jogo.

Após a explicação do Jogo as equipes foram divididas. Para tanto, foi pedido para que Balotelli e Samanta dividissem as equipes (escolhessem seus jogadores). Os times ficaram bem equilibrados, inclusive havendo empate após 2 rodadas (4 jogadas/tempos de 7 minutos). Decidimos então parar o esta atividade e iniciar a seguinte. Pedimos para as crianças para beberem água e retornar para o início da nova atividade.

Rouba-castelo

Para este jogo, atendendo o pedido das crianças, foram mantidas as equipes da atividade anterior. Com isso, acabamos ganhando tempo. Todas as crianças sabiam jogar “Rouba-castelo”. Inclusive esta atividade possui uma dinâmica parecida com a anterior. Pois, também possui a presença de dois times, na qual um tentará atrapalhar a tarefa do outro em um pré-determinado período de tempo. Para a realização deste jogo foram utilizados a quadra e 10 mini-cones e as mesmas quatro bolas.

No Rouba-Castelo foram utilizadas a marcação da quadra de vôlei. Assim, a dinâmica do jogo foi a seguinte: Enquanto uma equipe formou uma fila em um dos fundos da quadra, a outra equipe se dividiu nas laterais da quadra de vôlei. Formando assim, um corredor no centro da quadra. A tarefa da equipe que estava no fundo da quadra, era de um participante (o corredor) por vez de atravessar a quadra e apanhar os “castelos” (mini-cones) que estavam do outro lado (na outra linha de fundo do vôlei). Para tanto, deveriam atravessar todo o espaço central sem ser atingido. Enquanto os participantes de uma equipe tentavam atravessar com os castelos (só era permitido um castelo por vez, bem como, um participante por vez) os participantes da outra equipe tentavam acertá-lo com a bola de borracha (bola dente-de-leite, bem leve). Caso o participante “corredor” fosse atingido ele deveria abandonar imediatamente o “castelo” no mesmo local da quadra onde ele tivesse sido atingido e voltar para o fim da fila. No momento em que fosse atingido, outro participante de sua equipe estava liberado para correr. Podendo escolher entre pegar um castelo no fundo da quadra, ou, pegar o castelo abandonado pelo seu parceiro.

Ao final de 5 minutos é contado a quantidade de castelo que um time conseguiu “roubar” (transportar) de um lado para o outro da quadra. Este número era registrado e, então, trocava-se os papéis das equipes. Caso ocorresse de uma equipe apanhar todos os castelos antes dos 5 minutos o relógio era “pausado/parado” para que fossem reposicionados os castelos e reiniciado, a partir daquele tempo seguindo a contagem dos pontos de maneira crescente, sem interrompê-la (portanto é comum uma equipe marcar mais do que 10 pontos, ou, o número de cones).

Após realizarmos 4 rodadas o jogo foi interrompido pois já era hora do almoço. Assim, foi pedido para que as crianças organizassem fila e fossem para o enxaguatório lavar as mãos.

Almoço.

Neste encontro foi servido macarrão parafuso com molho e carne de panela, de salada tivemos couve flor e de sobremesa foi servida maçã. Aproveitamos o momento do almoço para combinarmos as atividades do encontro seguinte. As crianças sugeriram futebol, pega na linha, corrida-pô, atividade de música e pé-na-lata e “morceguinho-morcegão”. Assim, já é costumeiro, por haver um número incompatível de possibilidade para apenas um dia da semana, ocorreu uma votação. Antes, Micuim alertou da

impossibilidade do uso da quadra, antes das 9hrs, pois o pessoal da caminhada estaria junto. Assim, após deliberarmos coletivamente, ficou decidida a realização da atividade musical, “morceguinho-morcegão” e “corrida-pô”.

Conforme as crianças iam terminando a refeição elas iam escovar os dentes. Após escovar os dentes as crianças vinham guardar suas escovas e aproveitavam para se despedir dos educadores.

Comentários.

- Ao chegarmos percebemos que algumas crianças estavam jogando bolinha de gude na região do pátio em frente a cozinha. Ao final do encontro Maurício comentou com os educadores que eles costumam jogar no campo, inclusive fazendo as “biroscas” (pequenas covas/buracos no chão) e que quando elas jogam ali na frente, elas jogam uma variação chamada de “Corridinha”, na qual não há limitação de espaço, podendo se deslocar livremente por todo o chão, cujo objetivo é acertar a bolinha do adversário. Micuim observou algumas rodadas assim que chegamos à ECO, ele disse que não houve conflito entre as crianças, mas que ocorria algumas divergências quanto a bolinha ganha no jogo, já que quem perdia entregava uma bolinha sua. De acordo com Micuim, a divergência se passava devida escolha que a pessoa derrotada fazia, pois estavam entregando suas bolinhas mais velhas. O que gerava descontentamento do adversário que queria uma bolinha mais nova. Contudo, o ganhador acabava aceitando a bolinha que foi entregue pelo adversário encerrando a discussão e dando continuidade no jogo.
- Durante o café-da-manhã procuramos realizar uma roda-de-conversa para que as crianças falassem à vontade sobre seu cotidiano, contasse uma novidade que quisesse compartilhar com toda gente. Procuramos neste momento deixa-las bem a vontade, não sugerindo temáticas, ou assuntos. Nesta manhã, karatê disse que havia ganho um rato na tarde do dia anterior. Erika ficou espantada e perguntou: “Um rato? Mas não é um rãmister não? Um coelho do mato? É um rato mesmo Karatê”. O garoto respondeu que sim, dizendo: “É um ratão branco professora! Ele é bem grande”. Samanta confirmou dizendo que realmente se tratava de um rato e ainda complementou:

“Nossa, ele tem os olhos vermelhos! É Muito estranho, se eu visse na rua eu fugia!”. Como nós educadores sempre ficamos após o almoço para dialogar sobre nossas percepções o garoto retornou trazendo o animal. Maurício comentou: “Nossa é um rato e é grande mesmo! Parece aqueles que usam para alimentar outros animais, ou de cobaias, só que bem maior”. Micuim perguntou como ele ganhou aquele rato. A criança disse que foi de seu pai. Após alguns instantes observando o animal, orientamos Karatê para ir para casa se arrumar para ir para escola. Quando a criança já não estava mais no espaço. Rubens comentou que nunca tinha visto um bicho daquele num “pet-shop”. Erika e os demais educadores concordaram afirmando o mesmo.

- Quando Karatê disse ter um “rato branco” de estimação perguntamos quem mais tinha animal de estimação em sua casa. Com exceção dos irmãos Samanta e Balotelli e de Rosinha e Betina (que também são irmãs) todas as demais crianças afirmara ter animal de estimação. Patrícia e Ben-10 disseram ter uma calopsita (ave). Laura disse ter dois cachorros. Bboy falou que tinha um cachorro pit-bul, mas que morreu e que agora não tinha nenhum bicho. Barbara disse que também tinha um pit-bull. Naldinho disse ter três cachorros em casa. Ao final do encontro os educadores apresentaram estar surpreendidos com o número de cachorros que havia no bairro. Maurício ainda comentou: “Olha, eu que venho a pé vejo que tem algumas casas que tem até três cachorros. Teve uma ocasião que fui até a casa de um participante para conversar com a mãe daquela criança. Porém, estava difícil de ficar próximo à calçada de sua casa, pois o cheiro era tão forte, que incomodava. Ela tinha cinco cachorros. Todos de porte médio”. O professor Rubens comentou que é comum nas grandes metrópoles, onde as periferias são enormes, ter um profissional especializado em doenças causadas pelo contato do homem com o animal. Pois, especificamente nas periferias as pessoas têm muitos animais. Ao dizer essas palavras Micuim refletiu sobre o próprio Jardim Gonzaga e disse que ali era possível confirmar aquela informação, dado o número de animais que víamos solto pelo bairro. Maurício ainda comentou: “Mas vocês percebem que a maioria não é cachorro de ‘raça’, geralmente são ‘vira-latas’, sem raça definida. Engraçado que muitos ficam pelas calçadas em frente as casas de seus respectivos donos, geralmente são mansos, pois nunca precisei correr também não vi ninguém ser atacado, só que já vi muito cachorro correndo atrás do outro”. Já houve situações que vimos Ronaldo abraçado com seu animal. Erika apontou preocupar-se

com possíveis problemas de saúde que tal contato pode ocasionar, porque, como muitos cachorros estão acostumados com o trânsito de pessoas eles costumam ser dóceis, permitindo que acariciemos. Assim a educadora comentou: “Meu, tem uns bichos que são muito sujos, sei lá quando eles tomaram banho! Eu que não chego perto”. Para além da questão da higiene a educadora também comentou ter muito medo de cachorros e que no bairro, dentro da própria ECO, já passou apuros por conta dos cachorros de um funcionário que costumeiramente segue seu dono até o trabalho, contudo, disse nunca ter sido atacada (2).

- Mad comentou que ficou muito satisfeito com a vivência do teatrinho, pois, para além da participação das crianças, inclusive das mais velhas ele disse gostar da interpretação de algumas crianças. O músico também comentou que tem notado um gradual envolvimento das crianças com as atividades propostas, bem como, menores situações de conflitos. Micuim comentou estar percebendo o mesmo e disse: “Estou percebendo que as crianças tem ajudado mais umas as outras, dificilmente elas tem discutido. Até nas filas pra lavar as mãos elas discutem menos”. Mad comentou a importância de trabalharmos o Tema Gerador “Respeito”, que tem apontado como tema preliminar nas conversas com as responsáveis pelas crianças. Também disse que seria bom futuramente trabalhar dramatizações do cotidiano. Nas palavras do educador: “Poxa, seria legal a gente pegar as coisas que a gente vê aqui no bairro, ou, sei lá, tipo, a gente pergunta para Mauro e vê o que seria legal dramatizar. Mas, tipo, tinha que ser algo que ocorre com as crianças, mas tínhamos que ver bem como iríamos trabalhar”. Neste momento, o professor Rubens apontou que poderia ser sobre o trabalho infantil, principalmente o doméstico, pois é comum as crianças faltarem na escola para cuidar de um irmão mais novo, para arrumar a casa. Maurício concordou com Mad, dizendo que seria bom para iniciar com as crianças um diálogo sobre o direito ao lazer, saúde e educação, inclusive citando a legislação (através do estatuto da criança e do adolescente). Por fim, Mad disse estar entusiasmado com as possibilidades de trabalhar com a dramatização (3).
- Durante o Teatrinho percebemos que as crianças sorriam com a apresentação do colega, assistiam atenciosamente e ao final de cada apresentação aplaudiam o colega. No início, após Mad ter contado a história, ele ia indicando as falas dos personagens.

Porém, após algumas apresentações as crianças já sabiam o enredo, sendo auxiliadas somente para a realização das sequências de cenas. Mostrando boa capacidade de improviso, bem como envolvimento com a atividade. Micuim comentou que foi muito prazeroso ver o envolvimento das crianças e que está otimista quanto à participação no evento organizado pela professora do Departamento de Educação Física da UFSCar, chamado “Sons e Movimentos”.

- Durante o almoço Mad anunciou para Erika e Rubens que recebeu o convite da professora Yara para mais uma participação da turma do VADL no Festival Sons e Movimentos. A equipe da prefeitura ficou feliz com a notícia, indicando que ajudaria naquilo que fosse possível para preparar a apresentação. Rubens perguntou como era esse evento, como funcionava a apresentação. Maurício para os educadores da prefeitura que aquele era um festival artístico cultural bienal (ocorria de dois em dois anos) cujo objetivo era a divulgação da arte, através da dança e da música. E que havíamos participado da última edição, em 2010. Também explicou que o evento era aberto à outros grupos artísticos do município e que existia uma equipe que avaliava a síntese das apresentação para aprovação e inscrição no evento. Micuim reforçou que, mesmo sem a confirmação do transporte deveríamos iniciar os ensaios, já indicando que seria necessário auxílio, principalmente, com esse elemento: “O transporte”. Rubens e Erika disseram que iriam, junto com Maurício se mobilizar para conseguir o transporte. Decidimos, assim que tiver a confirmação da prefeitura acerca do transporte, anunciar para as crianças nosso intento e ver se elas teriam o interesse de participar.
- As crianças demonstraram grande curiosidade ao ouvir a origem do Jogo “My God”. Ao explicarmos que o jogo tinha origem em Moçambique, e que este era só um país do grande continente africano as crianças demonstraram estar surpresas com o tamanho do continente. Maurício ainda comentou que no continente africano haviam 5 países que tinham a língua portuguesa como língua oficial (Moçambique, Angola, Guiné Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe). E que assim como na América e no nosso caso, os Brasil, havíamos sido colonizados/invadidos por Portugal. Por isso falávamos a língua portuguesa. Erika perguntou porque o nome era em inglês Maurício não soube explicar. Dizendo que não sabia, comentando que poderia ser a

forte influência da Inglaterra que também havia colonizado vários povos daquele continente, à exemplo a África do Sul. Neymar falou que jogava, mas não sabia que era de lá da África. Maurício comentou que haviam muitas coisas no nosso dia-a-dia que era herança dos africanos e afro-brasileiros. Citou como exemplo o uso do quiabo, do leite de coco, do inhame, do azeite de dendê, bem como alguns pratos típicos: como a feijoada, vatapá, acarajé, e o mungunzá, o chuchu com camarão, entre outros. Ao final Maurício comentou que é importante apontar para as heranças culturais africanas e afro-brasileiras, dado o processo histórico de opressão e invisibilidade que a população negra vem sofrendo. Micuim endossou complementando ao dizer: “E no Gonzaga ainda, onde percebo que maioria da população é negra, é muito importante mesmo!”. Ao final, a equipe compreendeu que o jogo ajudou a iniciar uma conversa acerca da condição dos povos africanos, e, por conseguinte da população afrodescendente no Brasil.

- Durante a mudança do jogo “My God” pelo “Rouba-Castelo” foi atendido o pedido das crianças para que as equipes não fossem alteradas. Percebemos que Barbara e Balotelli encabeçavam uma disputa entre as equipes. Assim, como houve empate na vivência do primeiro jogo apresentado, as crianças queriam dar continuidade a disputa. Porém, ao final, a equipe de Balotelli perdeu, causando insatisfação nos jogadores de seu time. Karatê e Corinthians demonstraram estar bastante irritados por terem perdido, ficando bravos com os participantes da outra equipe que comemoravam. Todavia percebemos que ao comemorar algumas crianças direcionavam provocações para as equipes da equipe adversária. Micuim, no instante em que ocorriam as comemorações comentou discretamente para não intercedermos, com vistas a ver como iria se desdobrar as provocações e ver como as crianças iriam reagir. Nesse sentido, nossa única solicitação foi para que formassem uma fila à frente do professor Rubens para lavarmos a mão. Notamos o corre-corre que sempre acontece e as discussões pelo resultado do jogo logo sessaram. Nesse sentido, nos pareceu que a disputa agora era outra, a saber: Por um bom lugar na fila. Esta não gerou discussões. Micuim comentou que percebeu que Laura, Barbara e Betina não correram para fila, foram caminhando, lentamente, como não se importassem com aquela nova disputa (4).

- Durante o almoço as crianças pareceram ficar felizes com a sugestão de ir na praça para cuidar das árvores e brincar nos brinquedos. Neste momento, Batman soltou um grito: “Eba!”. No final do encontro Mad disse ficar surpreso com a felicidade das crianças em saberem que vão brincar na praça que eles brincam todos os dias quando não estão no projeto. Pois fica no bairro delas. Maurício comentou que é possível que elas não brinquem todas juntas, pois, quando não estão no projeto estão na escola, ou, ainda, pode ocorrer de suas mães e responsáveis não os deixarem brincar na praça sem a presença delas, ou, de alguém da família que fique observando.
- Mais uma vez as crianças elogiaram a comida de Renata, muitas delas pediram para repetir. Macwin é uma criança bem pequena e magra. Rubens mostrou preocupação pois ele comeu três vezes, três porções de comida bem generosas. Rubens também nos repassou a orientação da mãe de Ronaldo para que ele comesse apenas um pouco, o necessário, pois de acordo com a mãe, a médica/nutricionista havia lhe indicado uma dieta. Os educadores também demonstraram grande satisfação com a comida que é servida na ECO. Assim, de acordo com Micuim: “A comida daqui, além de ser bem variada com carnes, saladas, arroz, feijão e frutas, ela também é bem saborosa e muito bem preparada” (5).

Investigação Temática

- Nesta manhã Mad pode realizar a investigação temática com Danilo. Para tanto, o educador aproveitou o horário do almoço para conversar com o participante. O músico comentou ter sentado em uma cadeira de frente ao garoto, numa mesa em que almoçavam juntos Danilo e Ronaldo. O educador comentou que o participante demonstrou ser uma criança muito tímida, dando respostas curtas e em voz baixa. Em alguns momentos a criança gaguejou parecendo titubear, em outros exigia que a pergunta fosse repetida dizendo “hã?”. Todavia, Mad diz ter conseguido dialogar com Danilo. Assim, o educador nos disse que quando pediu para o participante indicar um tema ele falou o seguinte: “Tem que brincar, ensinar a ficar quieto e não fazer igual ao Macwin, não fazer coisa errada e não atrapalhar o outro”. Mad também conversou

com Danilo sobre as coisas que ele gosta. O educador ficou impressionado ao perceber que o garoto sabia tudo o que era relacionado ao time de futebol do Corinthians. Assim, Danilo falou os nomes de todos os jogadores, e disse gostar muito daquela equipe. Quando perguntado o que ele mais gostava de fazer no dia-a-dia Danilo indicou Gostar de brincar na ECO, com seus amigos, de pé-na-lata, de pega-pega, esconde-esconde, de futebol e de raquete. Disse também que gostava de brincar dentro de casa, e às vezes dela, na calçada. Por fim, Mad anunciou que para Danilo o projeto VADL assume o significado de brincar, pois o educador reproduziu as palavras de Danilo que disse: “O projeto eu venho para brincar”. O educador agradeceu a colaboração de Danilo disse ao garoto que iria tentar conversar com sua mãe Lucy. Para tanto iria acompanhá-lo até sua residência no retorno para casa.

- Após lanche Mad foi acompanhando Danilo e Ronaldo até suas residências. No meio do caminho encontraram Preta, mãe de Ronaldo. Preta explicou para o educador que sempre vai buscar seu filho Ronaldo, e que Danilo a acompanha por ser amiga e vizinha de Lucy, mãe de Danilo. Também explicou que quem vai buscar as crianças é Lucy. Porém a maioria das vezes é Preta quem busca. Mad, então, explicou que estava indo conversar com Lucy sobre o desenvolvimento do projeto e que iria até a casa de sua amiga para pedir indicações de temas para possíveis trabalhos com as crianças. Preta observou que já havia conversado com Micuim sobre isso, e que achava muito interessante que os educadores consultavam a comunidade para desenvolver seu trabalho. Enfim, Mad chegou até a casa de Lucy. O educador disse que a mãe de Danilo o aguardava no portão de sua casa e que aparentou estranhar a presença do educador. Mad se apresentou e disse o motivo de sua visita explicando o processo de investigação temática. Aproveitou também para comentar que estava conversando com toda gente envolvida com o projeto (responsáveis pelas crianças, trabalhadores da ECO e os educadores do VADL) e perguntou se ela também gostaria de colaborar. Lucy aceitou colaborar. Então Mad pediu para que ela refletisse sobre a realidade do bairro, do comportamento das crianças colegas de seu filho, sobre o comportamento de filho e indicasse um assunto, ou um tema que deveria ser desenvolvido no projeto. Mad disse que ficou surpreso com a resposta de Lucy, pois ela indicou “folclore”. Ao perceber que ela havia indicado um conteúdo, Mad diz ter comentado sobre os temas trabalhados no ano anterior, citando Saúde e Respeito, e perguntou novamente. Porém,

Lucy apontou novamente o folclore. Mad comentou que como ele já havia explicado o que seria os temas ele não deveria insistir, respeitando a indicação feita. Assim ele também comentou que perguntou sobre o significado que o projeto tinha para aquela mulher. De modo que ela respondeu: “Eu acho que é importante porque as crianças não ficam na rua, a educação que é dada é importante, principalmente sobre não gritar, a prática de atividade física também é importante”. Durante o diálogo Mad comentou o comportamento de Danilo, sobre ele ser tímido, falar pouco e às vezes gaguejar. A mãe do participante comentou que existe a suspeita de ele ter “autismo leve” e tal diagnóstico havia sido feito pelos médicos do postinho (USF Jardim Gonzaga). Ela também comentou que para além de gaguejar ele também pronuncia algumas palavras de forma errada, assim, ele também estava passando por uma fonoaudióloga. Mad agradeceu a solicitude daquela mãe e voltou para ECO.

- Erika chamou Maurício no período da tarde para conversar com uma mãe que acabara de inscrever seu filho no projeto da prefeitura. Assim, ele pode conhecer Fabi, que fez a inscrição de seu filho Cacá, de 5 anos de idade. Maurício comentou que ela aparentou ser uma mulher bem jovem, de aproximadamente 25 anos de idade. O educador pôde dialogar com Fabi e Cacá acerca da importância do envolvimento da comunidade no processo de eleição dos temas/assuntos que seriam desenvolvidos com as crianças durante as atividades do projeto VADL. Assim o educador solicitou para que ela refletisse sobre o bairro em que morava, Jardim Gonzaga, pensasse em seu filho e nas crianças moradoras do bairro, perguntando-lhe o que seria importante desenvolver junto com as crianças. Maurício disse que Fabi indicou dizendo: “De tudo não é? Respeito e Saúde principalmente”. Maurício também perguntou o que poderia significar o projeto para ela, quais eram as expectativas daquela mãe com relação à participação de seu filho, de modo que Fabi respondeu: “Acho legal, pois o Cacá não tem coleguinha para brincar. Aqui ele pode brincar e fazer amigos”. O educador então, agradeceu as indicações e disse-lhe que em breve haveria uma reunião com a comunidade envolvida com o projeto (responsáveis, trabalhadores da ECO e educadores do VADL) para decidir e anunciar qual(is) será(iam) os temas daquele ano. Maurício disse que conversaria com Cacá durante as atividades do projeto, pois o garoto estava ansioso para ir brincar junto com as outras crianças.

- Naquela tarde estava ocorrendo uma “atividade expressiva”, o teatrinho. Assim, todas as crianças estavam reunidas na quadra. Mad havia proposto a dramatização de uma história. Assim, as crianças se revezavam entre os personagens. Maurício comentou que aproveitou aquele instante para conversar com Cacá sobre a indicação de temas para o projeto. Assim, o educador comentou que logo após Cacá participar de um trecho da dramatização ele aproveitou para realizar o diálogo com o garoto, ali mesmo, junto das outras crianças e em meio à uma atividade. Assim, Maurício recobrou os instantes anteriores no qual conversou com a mãe do participante sobre os temas/assuntos, e assim perguntou para Cacá sobre o seria importante que as crianças aprendessem. Maurício disse que Cacá não soube responder. Maurício então lhe disse que no ano anterior haviam sido desenvolvidos os temas Saúde e Respeito, e que os professores ensinavam isso através das brincadeiras, jogos, passeios. Mas, de acordo com o educador Cacá continuou dizendo que não sabia dizer. Daí Maurício comentou com os educadores que em lugar de perguntar sobre o significado do projeto preferiu perguntar sobre as expectativas que o participante tinha e disse: “O que é que você pensou hoje quando sua mãe disse que você viria para cá? O que é que você acha/gostaria de fazer aqui amanhã, ou nos próximos dias?”. Maurício comentou com os demais educadores que Cacá disse achar bom ir pra lá, pois poderia brincar com outras crianças. Por fim, antes de encerrar a conversa, Maurício perguntou o que ele gostava de fazer no seu dia-a-dia, de maneira que a criança indicou que gostava de desenhar o Batman, o Homem-Aranha, gostava de brincar de carrinho e jogar bola e que gostava de brincar de bombeiro e de polícia. Maurício encerrou o trabalho de investigação com aquela criança. Assim, sem notar estavam os dois novamente participante do Teatrinho novamente. Em diálogo com os demais educadores do VADL, Maurício comentou que a criança deu a mesma resposta da mãe quanto ao significado, com isso o educador tinha dúvidas acerca do real significado para aquela criança, pois ele havia dado a mesma resposta que sua mãe. E disse: “Por isso eu acho interessante uma conversa, mas uma conversa afastadas de outros participantes para que um não influencie tanto nas indicações dos outros” (6).
- Nesta tarde Micuim também conversou com Camila. A participante havia começado à participar do projeto no início da semana. Ela é neta de Carmô (mãe de Mano Brow e tia/madrasta de Paulinho) e, de acordo com Micuim, ela é filha da irmã de Mano

Brow. Os educadores notaram que os meninos tem um grande cuidado com ela, pois eles chegaram de mãos dadas, como se estivessem conduzindo-a. Camila é bem novinha, ela tem 5 anos. Contudo, nas palavras de Maurício ela se mostrou bem “serelepe”, ativa, esperta, atenta. Pois, correu junto com todas as crianças e interpretou durante o teatrinho organizado pelo Mad com grande desenvoltura. Assim, da mesma maneira com que Maurício realizou o diálogo com Cacá, Micuim o fez com Camila. Então, no intervalo entre uma dramatização e outra o educador se aproximou da participante e conversou sobre as atividades do projeto, sobre o que ela mais gosta de fazer em seu dia-a-dia, bem como, o tema, ou assunto que ela gostaria que fosse desenvolvido no projeto. Dessa forma, de acordo com Micuim Camila disse que no dia-a-dia ela gosta de brincar, pintar e ficar com seu carrinho de boneca. O educador comentou também que ao perguntar sobre o significado do projeto Camila apontou que lá é lugar de brincar, jogar bola e fazer teatro, de ficar na roda com os outros e que gosta de ir para lá porque os meninos chamam ela para ir até o projeto e depois levam-na embora. Por fim, com relação ao tema, ou assunto que a participante indicou Micuim diz ter ficado intrigado, pois, de acordo com o educador a menina disse: “Ter médico que olha nós para ver se a gente não está com verme”, por final, o educador disse ter registrado que o tema seria saúde. Micuim pediu para que ao término do projeto ela e seu tio Mano Brow os acompanhassem até sua casa, com intuito de conversar com sua mãe Kely. Ambos concordaram. Camila demonstrou felicidade com a companhia do educador até seu lar.

- Micuim, acompanhado por Camila, Mano Brow e Paulinho, foram até a casa da mãe destes participantes. Chegando lá o educador percebeu que a família mora em uma mesma casa que, de acordo com o Micuim, era bem humilde, sem acabamento externo, ou reboco, na qual morava, Carmô, seu atual esposo, seus filhos e netos. Micuim comentou que ao chegar à residência Camila foi chamar sua mãe que logo saiu para recebê-lo. Lá o educador explicou o mote de sua visita, comentando sobre o trabalho de investigação temática, bem como citando os temas do ano anterior. O educador disse ter anunciado a importância da participação dela com a indicação de um tema, ou mais, pois em breve iríamos nos reunir com os responsáveis para decidir a temática daquele ano. Após essa breve explicação o educador comentou que ela disse: “Eu não sei dos pequenininhos, mas para esses de 10 e 11 anos é bom falar

sobre drogas, sexualidade, inclusive com os de 8 e 9 anos já é bom falar, porque as pessoas querem ganhar dinheiro fácil, e para isso envolvem as crianças porque elas não vão presas. Acho que em lugar de ter mais cadeia deveria ter mais casa de recuperação. Lembrei também da importância em trabalhar a União em família, pois sinto que isso está acabando”. Durante a conversa Kely comentou ter nascido em São Carlos e que sempre morou no Jardim Gonzaga. Também comentou que hoje está com 22 anos e já participou do projeto da UFSCar quando era adolescente chegando a comentar o nome de outros educadores e as brincadeiras que mais gostava. Por fim ela foi estimulada a falar sobre o significado que o projeto da UFSCar teria para ela, de modo que Kely respondeu: “Pra mim significa que minha filha vai poder interagir com pessoas diferentes dela, para que ela aprenda respeitar o próximo e aprenda esporte e outras coisas diferentes”. Já de volta à ECO o educador comentou com a equipe pedagógica que ficou muito satisfeito em conversar com a mãe de Camila, e que ela aparentou ser muito carinhosa com sua filha que ficou abraçada na mãe durante a conversa toda.

Diário de Campo XVI

Data: 04/10/2012

Horário: 8h – 11h (**manhã**)

Local: Estação Comunitária do Jardim Gonzaga (ECO)

Educadores/as Presentes: Mad, Micuim, Maurício, Rubens Erika.

Participantes Presentes: Samanta, Balotelli, Homem Aranha, Ronaldo, Macwin, Zinho, Huck, Guiga, Corinthians, Ricardinho, Douglas, Clarinha, Bárbara, Laura, Patrícia, Ben-10, Rosinha, Kim, Ket.

Hoje fez uma manhã nublada, porém a temperatura estava amena. Não sendo necessário o uso de blusa. Ao chegarmos na ECO fomos recebidos com abraços pelas crianças menores. Assim, Bboy, Ronaldo, Ben-10, Homen-Aranha e Corinthians correram para nos abraçar (1). Ao adentrar mais na ECO percebemos que as crianças estavam brincando de “suruba”. Havia uma boa marcação no chão, com os respectivos quadrados muito bem desenhados. Micuim perguntou quem havia marcado. Samanta comentou que foi o Mauro quem fez. Para tanto, o funcionário havia utilizado pedaços de gesso trazidos por seu cunhado que trabalha com gesso, o pai da Barbara. Observamos algumas rodadas e em seguida, Erika acenou com o sabonete e as crianças formaram fila.

Após lavar as mãos todos fomos para a sala multiuso para o café-da-manhã.

Café-da-manhã e Roda de Conversa

Neste encontro o café servido foi pão (de leite) com manteiga e leite com achocolatado. Após tomarmos o café da manhã e escovar os dentes, realizamos uma roda de conversa para sabermos das novidades e combinarmos as vivências daquela manhã. Assim, nesta manhã, já tendo a informação da reserva do ônibus da prefeitura que nos levaria para a participação no “Festival Sons e Movimentos” na UFSCar (que ocorreria no dia 8 de novembro), comunicamos as crianças acerca de tal convite. Elas ficaram entusiasmadas com a notícia e concordaram em participar. Após este anúncio e confirmação da participação no evento da UFSCar combinamos as atividades que seriam realizadas naquele encontro. A saber: a prática da atividade musical, do morceguinho morceção e da corrida-pô.

Atividade Musical

Como havíamos apresentado o convite feito pela professora da UFSCar para nossa participação no festival “Sons e Movimentos”, bem como deliberados conjuntamente sobre nossa participação, ou seja, aceitado o convite. Mad iniciou dizendo que seria muito importante darmos início aos ensaios. Porém, o educador também atentou que antes de definirmos as coisas (como seria a apresentação, o que iríamos apresentar), iríamos também convidar o pessoal da tarde para participar. Tendo em vista que o evento seria a noite e daria para toda gente estar juntos. Assim, Mad apresentou para as crianças que o objetivo inicial seria deste encontro era aprender a tocar juntos, de nos identificarmos como um “Conjunto”. Assim seria preciso reconhecer alguns sons e ritmos. Então ele pediu ajuda às crianças para pegar os instrumentos e irmos para o pátio (pois a quadra estava sendo utilizada).

Após pegar os instrumentos com ajuda das crianças, colocamos todos eles no chão e encostados na grade. Eram todos de percussão. Tais instrumentos foram doados pela diretora da Escola Estadual Coronel Paulino Carlos para o VADL, intermediada pelo professor de Educação Física de tal colégio. Foi organizada uma brincadeira de vivo ou morto na qual, usando o agogô. Mad dava os comandos: Som agudo deveríamos agachar (como no comando “morto”) e quando fosse tocado o som mais grave deveríamos levantar (como quando é dado o comando “vivo”). Após a identificação do som grave e agudo do agogô o educador pegou um bumbo e, mesmo trocado o instrumento realizou a mesma dinâmica do vivo morto, anunciando que com aquele instrumento também seria possível reproduzir sons graves e outros menos graves.

Depois de vivenciarmos o vivo ou morto, o músico ensinou um exercício cantado. Assim, as crianças deveriam repetir a seguinte canção: “O bumbo faz tum. A caixa faz tá. Os dois juntos fazem Tum Tum Tá”. Após as crianças cantarem algumas vezes. Ele começou a acompanhar realizando a percussão num “Surdo”. E repetiu a música algumas vezes. Em seguida pediu para as crianças diferenciarem o que qual era o som grave e qual era o som agudo (ou menos grave) que se tocava na musica que ele havia acabado de ensinar. De imediato as crianças identificaram.

O passo seguinte foi a organização de trios, pois estávamos em um número de 20 crianças e não tínhamos instrumentos de percussão para todas. Desta forma, foram formados seis trios. Macwin e Homem-Aranha, formaram um par. Desta forma, Homem-Aranha formou um trio com Rubens e Erika enquanto Macwin formou outro trio com Maurício e Micuim. Com os trios formados foram distribuídas uma baqueta para cada crianças, bem

como, os seis bumbos. Um para cada trio, e Homem-Aranha ficou no atabaque junto com Rubens e Maurício e Macwin no Agogô junto com Micuim e Erika. Depois de distribuído todos os instrumentos foi ensaiada a música que Mad havia acabado de ensinar. De acordo com este educador tal música tinha o ritmo e a cadência do rap.

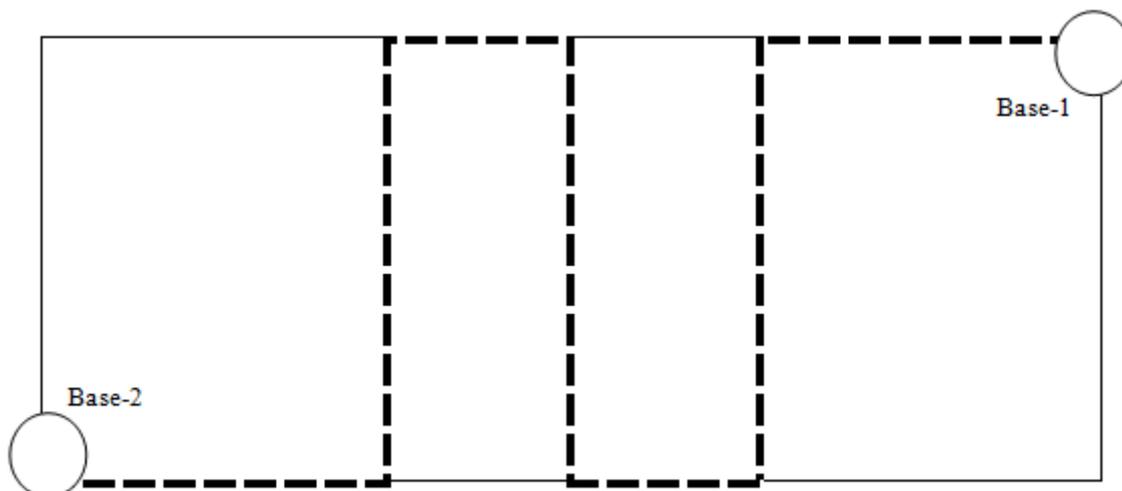
Percebemos um grande envolvimento com a atividade musical. Devido ao horário e o tempo disponível para todas as vivências, as crianças foram consultadas para saber se deveríamos interromper a atividade musical para dar início à brincadeira “morceguinho morcegão”. As crianças disseram que não, porém algumas demonstraram muito interesse pela “corrida-pô”. Então foi decidido que não realizaríamos o “Morceguinho-Morcegão”, continuando mais um tempo na atividade musical, e em seguida começaríamos a “corrida-pô” 2). Assim se sucedeu. Não foi realizado um revezamento de instrumentos naquele encontro, pois, Mad comentou que seria importante, naquele momento a repetição para um melhor aprendizado.

Notamos que com o ensaio, todas as crianças tocavam e cantavam juntas, como um grupo. Às 10hrs encerramos a vivência musical para dar início à “corrida-pô”. As crianças nos auxiliaram a guardar os instrumentos e as baquetas.

‘Corrida-pô’

Este jogo recebe este nome porque ele é uma junção de jogos. A saber: Uma corrida e o “Jô-Quem-Pô”. Este último também é conhecido como pedra, papel tesoura. A dinâmica desta brincadeira é a seguinte: Organiza-se duas equipes com o mesmo número de participantes (isso torna o jogo justo). Cada uma equipe deve ocupar a sua base e formar uma fila com um participante atrás do outro (como numa “fila indiana”). Ao comando dado pelo “árbitro” o jogo se inicia com a corrida de um participante de cada equipe em direção a base adversária. Para tanto, os corredores devem seguir uma trajetória pré-estipulada e demarcada no chão (no nosso caso utilizamos a marcação da quadra de vôlei, de maneira a formar um zig-zag) como demonstrado na figura logo adiante. Enquanto os corredores percorrem o trajeto, seus colegas de equipe apenas observam e torcem. Porém, inevitavelmente um corredor encontra o corredor adversário. Neste momento eles realizam um duelo de “Jo-quem-pô” (ou, pedra-papel-tesoura). O jogador que vencer o duelo segue na corrida em direção à base adversária. Já o jogador que perdeu o duelo senta no mesmo ponto em que foi derrotado (tomando o cuidado de não ficar em cima da linha que marca o trajeto da corrida), liberando um companheiro de sua base para iniciar a corrida. Este jogador que foi vencido

continuará no jogo, podendo ser salvo por um companheiro de sua equipe. Para tato será preciso passar por ele. Ao ser salvo ele retorna imediatamente para o final da fila em sua base.



Destaque com linhas pontilhadas do trajeto da “Corrida-Pô” realizada na quadra de vôlei da ECO.

Atentamos que é possível encontrar algumas variações nas regras deste jogo. Pois, originalmente vence a equipe que chegar primeiro à base do adversário. Contudo, com vistas a dar maior dinamicidade, em nossa variação vence a equipe que conseguir chegar à base inimiga e vencer todos os adversários.

Batman e Ronaldo dividiram as equipes. Foram realizadas duas rodadas deste jogo e, tão logo, já era o horário do almoço. Instruímos as crianças à lavarem as mãos e fomos para sala multiuso.

Almoço e roda de conversa.

Nesta manhã, diferentemente dos encontros anteriores, o almoço foi servido e durante o almoço anunciamos as atividades do encontro seguinte. Desta forma, enquanto as crianças almoçavam (neste encontro foram servidos arroz, feijão, frango assado com batata, de salada tivemos alface e, de sobremesa, foi fornecido banana) conversamos sobre as atividades desta manhã, bem como, combinamos as atividades do encontro seguinte. Assim, ficou combinado, a partir dos pedidos das crianças, realizarmos um ensaio para o festival, bem como utilizarmos os brinquedos e jogos que o projeto possui.

Comentários.

- Micuím comentou que sente muita satisfação em chegar na ECO e ser recebido aos abraços pelas crianças. O educador diz estar surpreso com o fato da recepção ainda se manter, pois, desde que começou a atuar no projeto, em 2011, sempre foi recebido de forma afetuosa pelas crianças. Mad apontou ter o mesmo sentimento, apontando que se sente acolhido pela comunidade que sempre o respeitou. Pudemos perceber que ambos educadores gostavam de atuar no VADL, em especial, no Jardim Gonzaga, dada a vinculação construída com as crianças, o respeito com a equipe da ECO, o empenho na realização das atividades (3).
- Após ter a confirmação do ônibus transmitimos o convite para participação no “Festival Sons e Movimentos” da UFSCar. Para tanto, começamos por relembrar da nossa apresentação no festival anterior, em 2010, de como havíamos sido bem recebido e, também, de como fomos aplaudidos e elogiados. Karatê comentou: “Nossa fii (leia-se filho) foi maior da hora! A gente foi num teatro que tinha um montão de gente! Foi maior da hora!”. Daquela turma, somente Karatê e Betina haviam participado daquela apresentação. Porém, Betina não veio ao encontro de hoje. Assim, as crianças demonstraram muito entusiasmo e euforia. Aceitando de imediato o convite e indicando a participação. Algumas se levantaram e sorriam indicando que sim, Samanta falou: “Que legal, vamos na UFSCar à noite!”. Nesse instante Micuím salientou que seria preciso pedir a autorização para os responsáveis de cada criança e ensaiar bastante. Mad salientou que deveríamos caprichar nos ensaios pra apresentação ficar bonita. Antes de encerrar o assunto, Maurício indicou que as crianças poderiam ir acompanhadas pelo responsável que realizou sua matrícula no projeto mais um acompanhante. Pois, o mesmo iria ocorrer com o pessoal da tarde. Ao final daquele encontro Maurício e Mad pode contar um pouco sobre a participação edição anterior do Festival para Rubens e Erika. Ambos demonstraram surpresa com a amplitude do evento quando foi apresentado que as apresentações ocorriam no “Teatro Florestan Fernandes” e que diversos grupos da cidade se apresentavam, e que o teatro ficava lotado de expectadores.
- Mad comentou sobre a atividade musical de hoje. O Educador começou nos lembrando que na última apresentação não foram utilizados instrumentos musicais, apenas realizamos percussão corporal, cantamos e dançamos. Desta vez, a doação nos permitira incrementar nossa apresentação. Também justificou iniciar com batidas mais

simples e um ritmo que tem ouvido as crianças comentarem e cantarem em alguns momentos, que é o “funk” e o “rap”. Contudo, iria aguardar o resultado da conversa com a turma da tarde para deliberar junto com as crianças e procurar realizar uma produção coletiva. Disse que ficou muito satisfeitos com aquele primeiro ensaio, pois, não houveram conflitos, e as crianças se respeitaram e realizaram muito bem o que foi solicitado.

- Para a atividade musical foi solicitado que as crianças formassem trios. Inicialmente haviam crianças que queriam ficar com seu colega. Mad explicou: “Olha pessoal, precisa ser três pessoas porque se for mais não vai dar para tocar o instrumento, pois vocês vão tocar juntos, ao mesmo tempo e não cabe mais do que três pessoas. Nós só temos 6 bumbos e se dividir vai dar pra todo mundo tocar”. Após ouvi-lo explicar sobre a necessidade de dividir houve um pequeno conflito para a formação dois grupos, pois ambos estavam com quatro crianças. Maurício reforçou as orientações de Mad explicitando: “Olha, vai ser ruim tocar em quatro, não vai ter espaço pra fazer o batuque”. Porém ninguém queria sair do grupo. Homen-Aranha disse que havia chego primeiro. Macwin dizia apenas que não ia sair dali. Primo disse a mesma coisa. Como as crianças sozinhas não conseguiram resolver, Mad reafirmou que três era o número ideal. Então Micuim sugeriu para as crianças decidirem nos “dedos⁴⁵” quem deveria deixar o grupo. Porém, antes perguntou para as crianças dos dois grupos se elas concordariam com o resultado dizendo: “Olha, vai ser na sorte, quem for escolhido topa formar outra equipe”. As crianças responderam afirmativamente. No sorteio de cada grupo os escolhidos foram Macwin e Homem-Aranha. Ambos apresentaram descontentamento com o resultado. Macwin chegou a dizer que ia embora. Micuim lembrou do que foi combinado antes. Porém, o pequeno acabou cedendo quando soube assim como Homem-Aranha, ele tocariam um instrumentos diferente dos demais, sendo acompanhado pelos educadores. Desta forma, ao final Macwin tocou o agogô (sendo orientado por Micuim e Erika) e Homem-Aranha um atabaque (sendo orientado por Rubens e Maurício).

⁴⁵ Este é um jogo de sorte geralmente utilizado para divisão de equipe, ou decisões como a que estava ocorrendo. Nesta, é formado um círculo com os participantes, ao comando de um deles todos indicam um número levantando os dedos e projetando sua mão ao centro. É contado o número total dedos indicados. Daí é feita uma contagem (em sentido horário, ou anti-horário) a pessoa que coincidir a contagem é a sorteada com aquilo que está sendo decidido (ir para um determinado time, iniciar uma jogada, ou até mesmo, como no caso deste encontro, deixar a equipe).

- Ao final do encontro, em conversa com a equipe pedagógica, compreendemos que muitos queriam compor um grupo de modo a acompanhar um colega de sua preferência. Nos pareceu que Macwin queria muito ficar junto de Primo, que era seu primo. Desta forma, mesmo assumindo a perspectiva de possibilitar que as crianças tivessem maior liberdade para resolução de conflitos e compreendendo que aquele que se passava não iria se desdobrar para uma situação de violência conflito, intervimos, pois, pareceu que a atividade não iria ser desenvolvida, pois de acordo com Micuim: “Olha, na hora eu lembrei que era pra ver como eles resolviam os problemas, mas, daí eu vi que a coisa não andava e que Macwin disse que ia embora. Então eu achei que seria melhor ajudar, e sugeri que fosse resolvido no “dedos” (4).
- Erika comentou que no início do ano era comum algumas crianças saírem do projeto quando se viam contrariadas, ou insatisfeitas com algumas situação, ou, atividade. , inclusive Macwin e Douglas e Naldinho eram os que mais faziam isso. Douglas e Naldinho gostavam de brincar na rua e numa carroça que ficava próximo à sua residência. Isso preocupava muito os funcionários da prefeitura (Renata, Odilon, outro controlador acesso, Roberta, Luíza e Maurício) que atuavam naquele espaço, pois para além de não compartilharem as práticas educativas, os educadores temiam acontecer algo de ruim com as crianças. Assim, em reunião a equipe decidiu que a criança que saísse do projeto sem ter autorização/pedido feito pelo responsável só retornaria para participar do projeto acompanhado pela pessoa responsável que fez a matrícula. Também disseram que na ausência da criança no dia posterior Maurício e Claudinha visitariam a casa da família para comunicar o ocorrido e conversar com os responsável, com vistas a solucionar o problema. Rubens e Erika comentaram que tal ação foi eficaz, pois as crianças não foram mais embora. Maurício comentou: “Olha, depois dessa conversa, nós percebemos que quando a criança não queria realizar a atividade ela ficava de fora por um tempo. Mas, depois de observar seus colegas participando elas acabavam retornando para a atividade e ficando até o final. Também ocorreram casos de que a criança não participou mesmo! Ficando de lado só observando, criando sua própria brincadeira. Até compreendemos que não dá pra fazer tudo muito atraente. Às vezes uma atividade agrada mais uns e a outros não. Por isso nos esforçamos para que as crianças participem. Não indo para as ruas, onde não podemos observar, já foi muito importante, pois, como muitas são vizinhas da ECO, elas não se davam conta da “formalização” do projeto. Até fico feliz por compreender

que as crianças percebem o espaço com uma extensão de suas casas, porém, é preciso que elas compreendam a importância da participação nas atividades. Erika complementou dizendo: “É, parece que com isso as crianças aprenderam a experimentar mais. Coisa que antes não acontecia. Elas não queriam e pronto! Agora está até legal, porque mesmo não querendo elas começam a fazer e depois gostam”.

- Para divisão das equipes Micuim justificou sua escolha em indicar Danilo e Ronaldo para tal tarefa. Nesse sentido, antes de iniciar a atividade o educador falou: “Então, deixa eu ver, eu vou escolher dois colegas que estão sempre muito quietinhos, são bem legais, bonitos (nesse momento as crianças riram), mas que precisam aparecer mais! Então eu vou chamar para escolher os times o Danilo e o Ronaldo”. Durante o diálogo entre os educadores, ao final do projeto, o educador reiterou sua escolha comentando: “Os dois parecem se manifestar bem menos que as outras crianças, embora eles sejam bem diferentes. O Danilo é quietão mesmo, já o Ronaldo ainda brinca, fala mais que o Danilo, mas geralmente ele acaba por realizar aquilo que foi proposto pelos outros.
- Erika, ao ouvir o comentário de Micuim acerca do comportamento de Danilo, comentou que a criança está sendo acompanhado por uma fonoaudióloga da equipe de Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF). Também comunicou que existe a suspeita de autismo. Pois, de acordo com Erika: “Teve um dia que a mãe do Danilo veio aqui pra falar sobre a fonoaudióloga que estava acompanhando ele. Daí disse que a própria ‘fono’ tinha suspeita de um autismo, só que num ‘baixo-nível’, ‘leve’. Inclusive pergunto como ele era aqui no projeto e a gente falou que era bastante quieto, que em algumas ocasiões nós reparamos que ele não brincava, ficava sentado observando, ou brincando sozinho”. Ao final, Rubens também comentou que a mãe foi orientada a controlar melhor a alimentação de Danilo, portanto, que não era para os educadores ficar de olho para que ele não exagerasse na hora da alimentação. Mad e Micuim disseram que iriam observar melhor o comportamento de Danilo para ver como poderiam contribuir.
- A brincadeira “Corrida-pô” é jogada sempre com muito entusiasmo. As crianças gostam da desta disputa, elas correm, torcem, dão risada, ficam irritadiças com a derrota. A equipe compreende que devida às suas regras não serem complexas e o

“fator sorte” ser preponderante para a vitória, tal atividade possibilita que as crianças das diversas idades joguem juntas em “pé de igualdade”.

- Muitas crianças elogiaram a comida da Renata. Hoje num dado instante a educadora foi até a sala para ver se estava tudo bem, de modo que Micuim pediu uma salva de palmas pela obra culinária da Renata. As crianças assim fizeram. Nos pareceu que a educadora ficou um feliz e um tanto envaidecida com os elogios. Balotelli disse que o frango estava gostoso igual o frango que sua avó fazia. Karatê disse adorar as batatas assadas daquele jeito, junto com o frango. Macwin disse que a comida “era dá hora!”. Samanta, lembrou da brincadeira que Maurício sempre fazia junto com Renata e disse: “Olha gente, vocês ficam elogiando que o Maurício fica com ciúmes hein!”. A turma toda riu, inclusive Renata que disse pra Maurício não ter ciúmes (5).

Investigação Temática

- Hoje no período da tarde Maurício conversou com uma participante nova e aproveitou a presença de sua mãe para dialogar com ela sobre qual o tema, ou assunto que ela gostaria que fosse desenvolvido no projeto. Assim, o educador comentou que primeiro conversou com a mãe, após ela ter matriculado sua filha no projeto. E depois, enquanto ocorria o ensaio, conversou com Miriam, a nova participante. O educador justificou que conversou com a criança separadamente para não incorrer da menina ser influenciada pelos apontamentos feito pela mãe.
- Maurício comentou com os outros educadores acerca do diálogo que teve com Roberta, que acabara de realizar a matrícula da filha no projeto “Campeões na Rua”. Assim, após a educadora Erika realizar os trâmites burocrático, o educador explicou a parceria entre a Prefeitura Municipal de São Carlos e a UFSCar, através das ações dos dois projetos (Campeões na Rua e VADL, respectivamente). Maurício iniciou perguntando quais eram as expectativas da mãe, e o que poderia significar o projeto para ela. Roberta então respondeu: “Eu acho que é um modo de segurança porque ao menos ela não vai estar na rua. Porque na rua ela vai estar aprendendo coisa errada e aqui ela vai estar aprendendo o que é o certo e, o que é o errado. Eu tenho medo que um dia ela venha se envolver com isso.”. Logo em seguida o educador aproveitou para

apresentar a perspectiva dialógica ao qual o projeto vinha buscando referência, para tanto apresentou a investigação temática dizendo: “Olha Rosana, nós temos uma preocupação de atuar de acordo com o interesse da população. Assim, nós temos procurado conversar com toda gente envolvida no projeto: pais, mães, avós, funcionários da ECO e os próprios professores. Procuramos, a partir dessa conversa conhecer melhor as famílias dos participantes, a realidade do bairro e, a partir daí, planejar as atividades que serão realizadas junto com as crianças. Por isso é fundamental que você indique um, ou mais temas, que você gostaria que fosse desenvolvido aqui no projeto. No ano passado, realizamos esse mesmo trabalho e foram desenvolvidos os temas ‘Saúde’ e ‘Respeito’. Você poderia indicar algum?” De acordo com o educador, Rosana ficou um tempo calada, abaixou a cabeça com se observasse algo que manuseava, e então respondeu: “com criança é o negócio das drogas mesmo. Agora com Adolescentes e jovens deve ser discutido a prevenção de doenças. As que são transmitidas pelo sexo e essas coisas”. O educador comentou que eles conversaram sobre o dia-a-dia daquela mãe, sobre as coisas que ela gostava de fazer, a infância dela. Ao final, Maurício agradeceu a colaboração e comunicou que no dia 15 haveria uma reunião noturna com a presença dos educadores (UFSCar e VADL) e os responsáveis pelas crianças que participavam dos projetos. A mãe indicou sua participação.

- Maurício aproveitou para conversar com Miriam enquanto ela participava de um jogo, o “Corrida-Pô”. Assim, enquanto a menina aguardava na fila sua vez de correr ele conversaram. O educador comentou que Miriam tem 11 anos e que em seu dia-a-dia, quando tinha um tempo livre gostava de comer e assistir televisão. A participante também indicou que costuma brincar à noite na rua de sua casa. Nestas ocasiões ela gostava do jogo “suruba⁴⁶” e brincava com seus amigos e vizinhos. O educador então

⁴⁶ Este jogo é uma variação de jogos de pega (pega-pega, pegador) que possui elementos do pic-banderia. Desta forma, existe uma equipe de “Surubeiros” (fugitivos) e uma equipe de “pegadores”. Para a realização do jogo são desenhados no chão seis quadrados dispostos em duas colunas contendo três quadrados cada. Os quadrados são relativamente grandes (aproximadamente 2x2m). As colunas com seus respectivos quadrados ficam dispostos paralelamente uns aos outros (portanto formarão 3 linhas contendo 2 quadrados cada uma). Entre os quadrados formarão corredores nas quais a equipe de “Pegadores” (na ECO era jogado com equipes de três “pegadores” e três “surubeiros”) deverão se deslocar para tentar pegar/tocar os surubeiros. Estes, à medida que são tocados deixam o jogo. Os surubeiros poderão somente se deslocar dentro dos quadrados e, caso pisem fora dos quadrados, automaticamente são eliminados. Todavia, para que os surubeiros vença o jogo, basta que apenas um consiga ir e voltar, atravessando as duas linhas que limitam o espaço da brincadeira. O jogo pode ser reiniciado com os mesmos jogadores, ou, com a entrada de uma nova equipe de “pegadores”. Quando, todos os surubeiros são pegos, os papéis são invertidos e o jogo é reiniciado.

comentou sobre a importância da participação das pessoas envolvidas com o projeto na eleição do tema/assunto que seria desenvolvido nas ações do VADL. Assim, após explicar o processo de investigação temática, apresentou os dois temas trabalhados no ano anterior, em seguida perguntou para Miriam o que ela indicava para este ano. Para tanto, pediu para que ela pensasse no bairro, em seus colegas e naquilo que seria importante para as crianças e adolescentes do bairro aprenderem. Miriam, então indicou: “As crianças do Gonzaga precisam aprender respeito, porque tem muita gente que bate nos outros, brigam”. Por fim, o educador quis saber sobre as expectativas daquela participante, ou, o que significava o projeto pra ela, de modo que a menina apontou: “Eu acho bom. Acho que vai significar meu desenvolvimento. Desenvolver força, musculo através das atividades esportivas. E vai desenvolver o raciocínio também”. Maurício disse ter conversado com a participante em três etapas, pois a conversa seguiu a dinâmica da brincadeira que estava sendo vivenciada naquele encontro. Maurício ainda comentou com seus colegas educadores que suspeitava que a atribuição do significado feita pela menina poderia ter sido influenciada pelas atividades vivenciadas naquele encontro.

Diário de Campo XVII

Data: 11/10/2012

Horário: 08h – 12h (**manhã**)

Local: Estação Comunitária do Jardim Gonzaga (ECO)

Educadores/as Presentes: Mad, Maurício, Micuim, Rubens e Erika,

Participantes Presentes: Sheila, Neymar, Rosinha, Barbara, Batman, Corinthians, Ricardinho, Ronaldo, Patrícia e Ben-10 e Vanessa.

O dia amanheceu nublado chuvoso. Fazia frio e as crianças estavam agasalhadas muitas aparentavam estar com sono. Chegamos a ECO bem acima do horário, às 8hrs. Nesta manhã, nenhuma criança estava no pátio. Todas já estavam na sala, prontas para tomar o café-da-manhã.

Café-da-manhã e Roda de conversa.

Nesta manhã foram servidos leite quente com achocolatado e “bolacha de maisena”. Os educadores do VADL auxiliaram Rubens e Erika a servirem o café para as crianças. Terminado o desjejum matinal, as crianças foram escovar os dentes e retornaram para sala para combinar as atividades daquele encontro.

Toda gente presente se acomodou no entorno uma mesa grande. Nesta manhã havia poucas crianças. Ali conversamos para saber das novidades e aproveitamos para relembrar o que havia sido combinado no encontro seguinte. Desta forma, devido às condições climáticas e o pouco número de participantes foi sugerido por Barbara e Samanta que após a atividade musical, fizéssemos uma manhã de “atividades livres⁴⁷” em lugar dos jogos e brincadeiras. Após toda gente concordar, dialogamos sobre como seria feito o empréstimo e devolução dos brinquedos no final da atividade (1).

Neste momento de roda de conversa os educadores anunciaram que havia sido combinado com a equipe de profissional da ECO (professores e funcionários) uma reunião com os professores (VADL e Campeões na Rua) e os responsáveis pelas crianças. Tal encontro seria realizado à noite, com vistas a facilitar a participação de um maior número de

⁴⁷ Termo utilizado pelo projeto “Campeões na Rua”, cujo significado aponta para um dia da semana na qual as crianças utilizam os brinquedos da ECO, bem como, podem trazer os seus de casa. Contudo, Rubens e Erika salientaram que existe um dia da semana específico para isso (sexta-feira) não podendo trazer brinquedos de casa nos outros dias da semana.

peessoas, principalmente para aquelas que trabalhavam e que por isso não conseguíamos conversar com elas. Assim, foi anunciada a data do dia 15 de outubro, que seria na próxima segunda-feira, no horário das 19hrs às 21hrs. Também foi explicado que naquele encontro seriam apresentados os temas elencados e que, naquele encontro, iríamos escolher coletivamente o tema, ou, os temas daquele ano. Para tanto, no final entregaríamos um lembrete impresso da reunião.

Atividade Musical

Para a atividade realizada com as crianças, Mad comentou sobre a conversa que teve com a turma da tarde. Pois, o pessoal da tarde também haviam aceitado participar do festival Sons e Movimentos na UFSCar, portanto, era preciso ensaiar, dado que no mês de Outubro também iria ocorrer um passeio para o SESC, portanto, diminuindo um encontro para o ensaio. Desta forma, o educador apresentou que, mais do que excelência musical ele gostaria de ver toda gente se divertindo e tocando junto. Portanto a proposta era aprender a ouvir o outro e “tocar junto”.

Desta forma, após apanharmos os instrumentos, retornarmos para a sala (pois estava chovendo e lá era um espaço com temperatura agradável e protegido da chuva). Parte dos exercícios realizados no encontro anterior foram repetidos, outros novos foram realizados. Assim, a criançada começou a treinar juntos as batidas do “rap” e do “funk”. Por fim, Mad salientou que sua ideia seria uma criação coletiva. Desta forma, o pessoal da tarde iria cantar e a turma da manhã ficaria responsável por tocar os instrumentos (dado que não teria instrumentos para todas as crianças no dia da apresentação).

Por volta das 9h40min encerramos o ensaio e guardamos os instrumentos para dar início à nova atividade.

Atividades Livres: Jogos e brinquedos.

Para iniciarmos as atividades, pedimos para que cada criança guardasse o instrumento musical que havia utilizado. Desta forma, como os instrumentos ficavam guardados dentro da mesma sala onde ficavam os brinquedos nos reunimos ali para que cada um e cada uma escolhesse aquele que iria utilizar.

Sheila, Barbara e Patrícia pegaram um jogo de tabuleiro, Rosinha pegou uma boneca, Macwin pegou um balde com peças plásticas de encaixar. Balotelli pegou um jogo de

raciocínio e convidou Maurício para brincar. Ronaldo pegou um “Cai-não-cai⁴⁸”, Corinthians, Ricardinho e Ben-10, pegaram um carrinho. Mad e Micuim convidaram algumas crianças pra fazer um futebol de tampinha. Após algum tempo, bem como trocas de brinquedos, já era hora do almoço.

Assim, foi organizada uma fila para devolução dos brinquedos, e as crianças lavaram as mãos para almoçar.

Almoço e roda de conversa para combinar o encontro seguinte.

Naquela manhã foi servido arroz, feijão, farofa, salada de couve flor e bolinho de carne. Aproveitamos o horário do almoço para combinar as atividades do encontro seguinte. Desta forma, enquanto a turma almoçava íamos realizando a votação das atividades.

Antes do término do almoço ficou decidido que na semana seguinte iríamos realizar mais um ensaio musical, jogar queimada e brincar de pega da bruxa. Conforme as crianças terminavam o almoço elas escovavam os dentes e se despediam dos educadores e das outras crianças. Neste momento, foram entregues filipetas, papezinhos nas quais estavam registrados o horário da reunião. Antes de entregar era lido para que a crianças soubesse do que se tratava caso ela, ou seus responsáveis, não soubessem ler.

Comentários

- No momento de escolher os brinquedos notamos alguns desentendimentos, pois algumas crianças queriam o mesmo brinquedo que outra. Desta forma, inicialmente deixamos elas tentarem solucionar a questão. Contudo, notamos que algumas crianças não queriam ceder. Desta forma, ao ver que alguns apresentavam grande resistência em ceder, Micuim explicou que seria muito positivo poder compartilhar os jogos e brinquedos, garantindo desta forma, que pudéssemos brincar com diversos jogos e brinquedos, em lugar de um só. A princípio houve resistência (2). Começamos então, dentro da sala a orientar para aquelas crianças que não estavam envolvidas no conflito para apanharem seus brinquedos e ir para sala multiuso brincar. Neste momento Balotelli falou: “Tá vendo, vou dividir o meu jogo com o Maurício. Vocês ficam aí perdendo tempo!”. Assim, Macwin e Ronaldo que disputavam o pega-varetas

⁴⁸ Brinquedo industrializado na qual a sua dinâmica de jogo consiste em que um jogador por vez (alternadamente) retire as varetas que estão atravessando transversalmente em um tubo. Tais varetas sustentam bolinhas de gude. Vence o jogador que conseguir retirar as varetas derrubando o menor número de bolinhas.

- entraram em um acordo sobre o uso compartilhado, na qual iriam trocar os brinquedos (3).
- Micuí e Mad organizaram um torneio de futebol de tampinhas na qual, inicialmente participaram os irmãos Batman e Neymar junto com os educadores. Em seguida Macwin, Ronaldo, Ricardinho e Corinthians, que haviam pegos outros brinquedos decidiram participar, deixando de lado os brinquedos escolhidos inicialmente. Micuí comentou que ficou muito satisfeito em vê-los brincarem juntos, sem que houvesse desrespeito (4).
 - Ben-10 começou brincando de carrinho, pois havia inicialmente escolhido este brinquedo. Contudo, poucos minutos depois foi convidado por Ronaldo para brincar de “Cai-não-Cai” junto com o educador Erika, deixando de lado o carrinho que havia inicialmente escolhido. Notamos então que as crianças começaram a dialogar e a compartilhar os brinquedos. Algumas, inclusive deixaram de lado sua escolha inicial (5).
 - Erika, Barbara, Samanta e Sheila, permaneceram jogando o tempo todo um jogo de tabuleiro chamado de “Vamos reciclar?”. Este jogo era cheio de “comandos”. Estes eram dados de acordo com o posicionamento do “peão” em uma determinada casa. As quatro pareceram bastante envolvidas com o jogo, pois elas sorriam, torciam na hora de jogar o dado.
 - Rosinha ficou o tempo todo com sua boneca. Brincou de “mamãe” e, após algum tempo se juntou à Ben-10 e Rubens no “Cai-não-cai”. Neste momento, Ronaldo já havia se juntado à turma do “futebol de tampinhas”.
 - Mad comentou que tem percebido um gradual comportamento cooperativo entre as crianças. Inclusive salientou que acredita estar criando um vínculo maior com as crianças a partir do desenvolvimento do seu trabalho com a música. Ao apresentar suas percepções o músico resgatou momentos do ano anterior na qual tinha dificuldade de ministrar suas atividades, pois “as crianças não davam espaço” para a vivência com música. Mas, que desde a festa junina ele tem sentido uma crescente.

Percebendo um “clima” de harmonia. Mad também comentou sobre a atividade de plantio, pois, de acordo com o educador: “Foi muito massa ver as crianças plantando. Acho que o lance da árvore vai ser uma coisa duradoura, vai durar muitos anos, todos queriam fazer parte daquela história. Fiquei muito emocionado depois, quando refleti sobre isso. Daí lembrei dos Sons e movimentos de 2010 e de como que algumas crianças lembravam com carinho de alguns detalhes e do quão foi marcante para mim e quão marcante parece ter sido para elas também”.

- Micuím pareceu muito satisfeito com o comportamento das crianças. O educador comentou que ficou preocupado com a postura inicial das crianças em discutir sobre quem ficaria com os brinquedos. Em conversa com Maurício, este educador comentou que foi importante a fala de Balotelli, que é um dos mais velhos, pois, de acordo com Maurício ele pode exercer uma grande influência sobre as decisões dos menores. E que, naquela ocasião estava exercendo de forma positiva ao atentar as demais crianças sobre as vantagens e dividir um brinquedo. Durante a conversa ao final do encontro, Maurício apontou que para além de uma provocação, aquela poderia ter sido uma forma consciente que o garoto teve de solucionar o imbróglio, dizendo que o desfecho foi o mais favorável possível (6).
- Maurício e Balotelli ficaram o tempo todo jogando o jogo de raciocínio chamado “Hora do Rush”. Neste os jogadores deverão retirar um “carrinho especial” do meio de um engarrafamento. Para tanto só poderão fazer movimento na horizontal e na vertical. O brinquedo pode ser jogado de forma cooperativa com os participantes dando sugestões para movimentação, ou, de forma competitiva, marcando-se o tempo gasto para completar a tarefa. Ali, Maurício apontou que foi utilizada uma variação do desafio, pois, não era contado o tempo e, cada participante escolhia a configuração dos carrinhos para que o outro participante cumprisse a tarefa de tirá-lo do engarrafamento.
- Micuím salientou que algumas crianças depois que lavaram as mãos fizeram questão de ajudar a levar os utensílios para o almoço, como os talheres e pratos e canecos. Todos estes são de plásticos. Micuím ainda comentou que isso pode reforçar o sentimento de “bem estar”, de acolhimento e vinculação com o espaço e as pessoas que estão lá (7).

- Para que as crianças não se esquecessem de avisar seus responsáveis sobre a reunião noturna do dia 15 foi impresso, ali mesmo na ECO, com ajuda de Erika e Rubens, algumas filipetas informando sobre a reunião noturna que ocorreria com o objetivo de promover a deliberação sobre o tema gerador daquele ano. Assim, Rubens também indicou que deveríamos deixar uma quantidade de filipetas para entregar para as crianças que não foram neste encontro, mas que podem aparecer na sexta, ou ainda na própria segunda-feira.

Investigação Temática

- No período da tarde realizamos a investigação temática com mais um participante deste período. À saber: com Luiz Fabiano, também pudemos aproveitar a presença de sua mãe no espaço para também dialogar com ela. Desta forma. Ela foi acompanhar seu filho levando-o até a ECO, neste momento Micuim aproveitou para conversar com a Carol, mãe do participante. Micuim se apresentou e explicou que fazia parte da equipe de educadores da UFSCar, aproveitou também para explicar a parceria entre a prefeitura e a universidade explicando o desenvolvimento do VADL no território. Com efeito, após explicar sobre a investigação temática, pediu para que ela indicasse contribuísse indicando um tema, ou assunto que acreditava ser importante para as crianças e adolescentes do bairro. Micuim disse aos educadores que ela indicou para que trabalhássemos respeito e comunicação, porque os jovens do bairro falam muitas gírias. Carol também indicou que ensinássemos as crianças interagir com as pessoas de maneira a não ter conflitos, ou brigas. Por fim, o educador também procurou compreender o significado que aquela mãe atribuía ao projeto, para tanto perguntou: “O que é que o projeto significa para a senhora?”. De modo que ela respondeu: “Eu acredito que o projeto vai ajudar a abrir a cabeça dele. Vai ajudar ele a se relacionar com outras crianças, a tirá-lo das ruas. Acredito que o projeto irá ajudar bastante com isso”. Micuim agradeceu e comentou que teríamos a mesma conversa com o filho dela. Antes de se despedir convidou Carol para participar da reunião noturna que ocorreria na segunda-feira seguinte, a informando-a que em tal reunião seria deliberado o tema, ou assunto que seria o foco de trabalho dos educadores da UFSCar.

Diário de Campo XVIII

Data: 15/10/2012

Horário: 19h – 21h (noite)

Local: Estação Comunitária do Jardim Gonzaga (ECO) – Praça próxima a ECO

Educadores/as Presentes: Maurício, Mad e Erika.

Participantes Presentes: Carmô (mãe de Paulinho e Mano Brow), Kely (mãe de Camilinha), João (Pai de Karatê e Ninja), Lucy (Mãe de Danilo), Aninha (mãe de Batman e Neymar), Preta (Mãe do Ronaldo), Marilena, (Mãe de Balotelli e Samanta). Além dessas participantes também estavam presentes mais 4 pessoas às quais não possuímos o TCLE⁴⁹.

Reunião para descodificação e eleição dos temas geradores

Este diário foi escrito de maneira diferente daqueles confeccionados até o momento. Nesse sentido aponto que optei experimentar um formato mais próximo ao proposto por Bogdan e Biklen⁵⁰ em sua forma estrutural. Nesse sentido, aponto ter inserido os comentários (parte reflexiva) imediatamente abaixo dos eventos relatados (parte descritiva) de maneira a permitir uma maior fluência e dinamicidade na leitura, aproximando-o da dinâmica ocorrida nas atividades relatadas.

Antes mesmo de começar.

Para a realização deste encontro/reunião foram tomados alguns cuidados prévios. Assim, de forma a poder ter um maior número de famílias/responsáveis participando da reunião, foi feito contato telefônico por mim (Maurício) com as(os) responsáveis, bem como a entrega de comunicado/bilhete para as crianças informando a data e o horário do encontro.

⁴⁹ Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Para efeito de levantamento da Investigação Temática que é uma ação do VADL as informações são colhidas e analisadas devido à ação de construção da práxis do citado projeto de extensão. Contudo, a título de efeito da pesquisa de mestrado que realizo junto ao PPGE-UFSCar, não tenho apresentado a análise das asserções de tais pessoas até o momento. Mesmo tendo a compreensão da interferência (transformações) que elas promovem, dado a necessidade de uma construção ética da pesquisa.

⁵⁰ BOGDAN, Roberto; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

Para a realização do contato telefônico Maurício utilizou os números indicados na ficha de inscrição do projeto “Campeões na Rua”.

- *Durante a “ligação” foi constatados que alguns números estavam errados, pois foi dada a mensagem de que “telefone não existe”, outros, ainda, emitiram a mensagem de “Caixa Postal”.*
- *Eu não me lembrava da confirmação da presença do educador Mad (VADL-UFSCar) na reunião desta noite. Desta forma, causou-me uma boa surpresa vê-lo chegar, me deixando feliz com a possível expressão de comprometimento e engajamento daquele educador com o projeto, pois estar ali em horário que não é previsto na distribuição do trabalho e da carga horária do projeto de extensão da UFSCar foi uma grata surpresa, alegrando-me. Micuim havia justificado que seria impossível devido às aulas do curso de Educação Física que ocorrem em horário noturno (1).*

Outro cuidado anterior a reunião foi o de apresentar o trabalho de descodificação ainda em reunião de equipe. De maneira ao apontar para um movimento inicial de descodificação daquilo que havia sido investigado em campo, bem como a realidade concreta, durante a investigação temática realizada junto com a comunidade participante. Assim, foram tabulados os dados registrados nos diários de campo do VADL. Onde constavam os registros que a equipe pedagógica fazia da investigação. Desta forma, as indicações foram organizadas e agrupadas em pré-temas que seriam apresentados e problematizados durante a reunião de logo menos com a população.

Igualmente importante salientar o auxílio dado pela equipe da Secretaria Especial de Infância e Juventude (SMEIJ) que emprestou o aparelho de “datashow”. Pois, tal equipamento permitiu a projeção de imagens das atividades realizadas nos encontros do VADL, bem como, a dos próprios “temas” que seriam novamente descodificados pela população, facilitando assim todo o processo planejado para aquele encontro.

Por fim, para a reunião também houve a importante contribuição da monitora de culinária Renata (Renata) que, dada a preocupação com o horário do encontro (19hrs às 20hrs), preparou um bolo de fubá e um suco de morango, com vistas a deixar disponível para que as pessoas se servissem à vontade (2).

Alguns minutos antes do início.

O encontro com as mães, pais e responsáveis foi marcada para às 19hrs. Assim, combinamos, eu e a educadora Erika de irmos junto à Estação Comunitária (ECO). Para tanto, encontrei-a na rua Episcopal, na altura do Mercado Municipal. Costumeiramente não vamos juntos, porém, devido ao horário da reunião e por eu estar carregando um equipamento (“data show”) de muito valor ela propôs a “carona”. No caminho comentei sobre como estava ansioso pelo momento de “logo menos”, da importância da participação das famílias naquele momento.

A carona também serviu para combinarmos algumas coisas. Desta forma, pedi-lhe para que ela anotasse as falas das/dos participantes, para que, posteriormente pudéssemos (equipe pedagógica do VADL e do “Campeões na Rua”) compreender melhor o que estava sendo anunciado pela população. De prontidão ela aceitou tal tarefa.

A sala utilizada para a reunião foi a sala multi-uso. Esta sala é ampla e possui mesas grandes, cadeiras e uma das paredes está toda coberta com espelho. Este espaço é comumente chamado de sala multiuso (permitindo a vivência de atividades de leitura, escrita, dança, dramatização e musicalização) e refeições do VADL/“Campeões na Rua”, bem como para as atividades de grupo noturnos como o “Grupo de Convivência” (da Unidade de Saúde da Família em noites de terças e quintas-feiras) e outras atividades fomentadas pela Secretaria Municipal de Cidadania e Assistência Social (SMCAS)..

A sala multiuso foi organizada de forma a formar um semicírculo, pois, à frente desta “meia-lua” foi realizada a projeção de imagens, bem como a apresentação/explicação da tabulação dos temas.

As pessoas foram chegando aos poucos. Conforme elas chegavam iam sendo convidadas à comer o bolo de fubá e a beber o suco. Às 19h10min havia na sala cinco pessoas, a Dona Carmô (responsável por Paulinho e Mano Brow), que foi acompanhada por sua filha, Kely (que é mãe de Camilinha), seu José (pai de B-boy), e mais dois adultos que não possuímos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (que para efeito das ações do VADL suas contribuições foram consideradas, mas que para a pesquisa serão apresentadas somente após autorização). Então, devido ao adiantado da hora, anunciei que aguardaria mais cinco minutos para dar início a reunião com vistas à esperar por alguém que pudesse estar atrasada/o. Desta forma às 19h15min demos início á reunião.

É Possível dividir a reunião em duas partes. A primeira foram apresentadas algumas imagens das atividades que já vínhamos realizando, contamos um pouco o dia-a-dia do projeto, como se desenvolvia os encontros. Quem fazia parte da equipe, os passeios, as atividades musicais. Explicamos também que algumas atividades haviam sido desenvolvidas a

partir de análises preliminares da investigação temática. Que vinha apontando o respeito como um possível tema.

A segunda parte possibilitou a participação das pessoas, pois foi neste momento em que foi realizada a eleição do “Tema Gerador”. Para tanto, foi apresentado o trabalho de investigação temática, realizado a partir dos registros dos diálogos que realizados para tal tarefa.

A Reunião.

Iniciei a reunião, mesmo com a ausência de algumas pessoas que haviam sinalizado que estariam presentes, justificando a importância de respeitar o horário. Principalmente em “consideração” as pessoas que chegaram no horário correto, às 19hrs. Também lhes expliquei que a intenção era não provocar atrasos no horário do término da reunião, previsto para às 20h30min. Depois de realizar essas considerações iniciais foi promovida uma rodada de apresentação na qual toda gente, pode se apresentar falando seu nome. Toda gente que estava presente se apresentou.

Após as apresentações foram projetadas imagens de ações realizadas pelas intervenções do projeto de extensão da UFSCar em parceria com a Prefeitura (VADL e “Campeões na Rua”, respectivamente). Para tanto, foram utilizadas fotos que registravam as vivências de “Atividades Livres”, “Leitura e Escrita”, “Jogos e Brincadeiras na Quadra”, “Musicalização”, atividades externas (bicicletas no CJ e Atividade na pracinha e “Passeios”). Ao apresentar as imagens e explicar os objetivos de cada uma das atividades projetadas na parede, pude realizar comentários sobre os processos educativos decorrentes de cada atividade elencada. Para tanto, foram reproduzidas algumas falas e atitudes das crianças que julgamos serem as mais significativas para aquele espaço de reunião.

- *Na primeira parte da reunião, na qual eu apresentava as imagens das vivências do projeto pude notar que ao projetar as fotos as pessoas comentavam em voz baixa umas com as outras, apontavam para as imagens, sorriam, falavam o nome de uma criança, de um familiar. Tive a impressão de estarem felizes devido aos sorrisos e os semblantes em seus rostos (3).*

Durante a apresentação foram chegando mais responsáveis e antes de ir para o próximo ponto de pauta, havia 11 pessoas na reunião, para além da equipe pedagógica (Eu, Erika e Mad). Desta forma, após o término da apresentação de nossas vivências na ECO, foi

apresentado a primeira descodificação feita pela equipe pedagógica do VADL a partir da leitura dos diários de campo até aquela data.

Na projeção haviam tabulados e apresentados em formato de tabela, algumas pré-categorias nas quais a população iria indicar se nós, da equipe pedagógica havíamos realizado de forma correta tal descodificação dos temas que estava sendo ali indicados.

Para esse trabalho foram apresentados apenas dois “slides” contendo uma planilha do “Excel” em cada um. O primeiro “slide” continha uma parcela das análises (13 pares, ou seja, a análise das indicações de 13 crianças com sua/seu respectiva/o responsáveis) na qual estavam representados os dados das indicações temáticas ditas “completas”. Este slide representava os diálogos que representamos com as crianças e suas/seus respectivas/os responsáveis.

Relações Familiares	A3	A1											
Folclore			A1										
Educação Escolar				A1		B1				B2			
Respeito		B1	B2		A1; B1	B2	A1; B1	B1	A1	A1; B1		B1	B1
Saúde	B1												B2
Comunidade/ Cuidar do Meio Ambiente									B1				
Drogas	A1												
Sexualidade	A2												
Brincar			B1									B1; B3	
Falar Sobre o Futuros/sonhos				A2									
Esporte, Luta, Ginástica												B2; B4	
Não soube dizer													
Relações de Gênero													
outras referências Aprender fora do bairro													
Cidadania													
Convivência													
conversar sobre dança e música													
Felicidade													
Aprender a comer com a boca fechada													
Pra gente Ficar bonita													

Figura 2 - Imagem projetada com vistas a sinalizar o como foi feita a análise dos diários

- *Atento que naquele momento não foi minha tarefa/objetivo explicar cientificamente o trabalho inspirado na redução fenomenológica, contudo não deixei de apontar que as “pré-categorias temáticas” ali apresentadas já eram um movimento de interpretação/descodificação e posterior codificação das falas de crianças e suas/seus respectivos/as responsáveis. Realizando um*

movimento de busca por aproximações nas falas das pessoas que colaboraram.

A Figura -1 representa a projeção realizada na reunião. Para além de exemplos de asserções, note-se a presença de cores na planilha. O intento foi de facilitar a visualização e compreensão acerca da possível aproximação/convergência que a equipe do VADL estava compreendendo existir entre os temas/assuntos indicados pelas crianças e seus familiares responsáveis. Assim a convergência e aproximação eram expressa pela apresentação da mesma cor.

- *Nesse sentido, buscamos apresentar o movimento/necessidade pela compreensão holística, integral de modo a evitar a dissociação das manifestações locais em suas relações com o todo (local, municipal e global), bem como a interioridade/subjetividade de cada um construída a partir do pano de fundo da realidade concreta local, mediadora da intersubjetividade entre participante e equipe pedagógica.*
- *A justificativa pela presença de cores na planilha se faz devida a experiência da equipe pedagógica acerca da condição de vida da população do Jardim Gonzaga. Assim, não é tão dificultoso encontrar com pessoas adultas não alfabetizadas no bairro. Desta forma, a preocupação em colorir a planilha foi de facilitar a identificação da convergência que um campo da planilha tinha com o outro, visto ao apresentar eu ia indicando com uma caneta laser o campo da projeção desejado, ao mesmo tempo em que lia os caracteres/palavras contidas em tal campo.*

Havíamos até aquele momento conseguido dialogar com um total de 23 pares (ou seja, crianças e seus familiares), mas a imagem projetada não contemplava à toda gente que participou do processo, pois havia os diálogos realizados com as pessoas da equipe profissional da ECO, bem como a própria equipe pedagógica do VADL. Portanto, devido ao tamanho da “planilha” a imagem ficaria ruim para a projeção. Nesse sentido, foi preparado e apresentado mais um slide. Este continha uma síntese que compreendemos ser qualitativa da investigação, pois, nela, estavam expressas também, o número de asserções de cada “tema/assunto”.

Categoria	Entrevista				GERAL
	QTD COMPLETAS	QTD EDUCADORAS E EDUCADORES	QTD SOMENTE AS CRIANÇAS	QTD SOMENTE RESPONSÁVEIS	
Relações Familiares	3	0	0	0	3
Folclore	1	0	0	0	1
Educação Escolar	4	2	3	0	9
Respeito	27	2	5	0	34
Saúde	4	1	3	0	8
Comunidade/ Cuidar do Meio Ambiente	2	1	1	0	4
Drogas	2	0	1	1	4
Sexualidade	1	1	0	0	2
Brincar	4	0	0	0	4
Falar Sobre o Futuros/sonhos	1	0	1	0	2
Esporte, Luta, Ginástica	3	0	0	0	3
Não soube dizer	3		1	0	4
Relações de Gênero	0	2	0	0	2
Dar outras referências Aprender fora do bairro	0	2	0	0	2
Cidadania	0	2	0	0	2
Convivência	0	2	0	0	2
Conversar sobre dança	0	0	1	0	1
Felicidade	0	0	1	0	1
Aprender a comer com a boca fechada	0	0	1	0	1
Pra gente Ficar bonita	0	0	1	0	1

Figura 3 - Slide apresentado com vistas a apresentar detalhamento qualitativo-quantitativo de interesses por tema.

- *O objetivo de apresentação deste “slide” foi de apontar mais detalhadamente o interesse por temas que crianças, responsáveis e equipe de educadoras e educadores possuíam, bem como dar continuidade no processo de leitura da realidade. Desta forma, de acordo com a apresentação dos “pré-temas/assuntos” e seus respectivos números, foi pedido para que aquela, ou aquele que se sentisse a vontade comentasse um pouco o como vinha percebendo tal manifestação, ou seja: “Como se expressava tal pré-tema/assunto no Jardim Gonzaga”.*

Este momento, o da problematização a partir da apresentação dos pré-temas/assuntos, marcou o início de um processo maior por busca de convergências entre os próprios temas/assuntos que poderiam emergir como o(s) “Tema(s) Gerador(es)” eleitos. Com efeito, buscamos promover uma maior participação da população presente. Para tanto, fui perguntando para as pessoas como elas percebiam, por exemplo, o desrespeito no bairro? Quais eram as situações que elas identificavam como sendo atitudes desrespeitosas? Por que

trabalhar aquilo com as crianças? Qual a importância? Fazia esses questionamentos ora direcionando para uma pessoa especificamente, ora de forma geral, para que quem se sentisse à vontade para falar pronunciasse suas reflexões.

Importante salientar que, procurei fazer estes questionamentos na perspectiva da “problematização” para uma reflexão acerca das práticas/manifestações que mantinham uma relação direta entre o então “pré-tema/assunto” com as respectivas práticas/manifestações que concretamente ocorriam no bairro. Para tanto, procurei realizar tal intento de forma respeitosa, não invasiva, numa postura provocativa, instigadora, problematizadora. Assim, me esforcei para que aquele não fosse um momento maçante, desconfortável. Para tanto, busquei utilizar as palavras e trechos que recordei ter sido expressado nos momentos de entrevista que eu havia participado. Desta forma, ao falar de respeito recordei e reproduzi a fala de uma mãe que disse que “as crianças aqui no bairro falavam muito palavrão”. Desta forma, foi possível apontar, também, para a ideia da formação dos “pré-temas/assuntos” para posteriormente agrupá-los ao identificar convergências entre dois, ou mais, destes.

Após a minha fala, tive a impressão que as pessoas ainda estavam inseguras para falar. Então perguntei: Por que respeito? Como assim? O que as crianças do projeto devem aprender sobre respeito? Que atitude que elas manifestam que representam situações de desrespeito? Com a problematização e levantamento de questões referentes ao próprio cotidiano do bairro, tive a percepção das pessoas sentirem-se mais a vontade para falar e expressar suas compreensões.

As pessoas presentes puderam expor suas compreensões, seus pontos de vista acerca de cada pré-categoria apresentada. Segue adiante as falas dos participantes (destacadas em negrito e itálico) que pudemos registrar quando houve a problematização proposta por mim (Maurício). Para facilitar elas foram agrupadas de acordo com o Pré-tema elencado.

Educação Escolar

- ***Um senhor responsável por uma criança (ambos não possuem o TCLE) participante da turma da manhã perguntou se educação escolar é pra trazer os cadernos da escola para o projeto? Pois, ele disse compreender que educação escolar é ter oportunidade melhor.***
- ***“As crianças aprendem a ler e escrever, e já acham que sabem tudo” (Aninha).***
- ***“Eles faltam bastante, perdem matéria” (Preta).***

- *“Muitos de nós não estudamos e não gostava de ir à escola. Gostaria que meu filho fosse e estudasse” (João).*
- *“Eles vão ter mais oportunidade no futuro se frequentar a escola” (avô de um participante da turma da tarde – não possui TCLE).*

Respeito

- *“Há quinze dias atrás o Camaleão estava brigando, e outros estavam incentivando a briga, isto é errado. Eles falam palavrão, incentivam a brigas” (Aninha).*
- *“Eles quebram o espaço todo: Escola, ECO e praça. Primeiramente, educação vêm de casa” (Marilena).*
- *“Se a gente manda currículo, e coloca que mora no Gonzaga, eles não pegam” (Aninha).*
- *“Falta os pais conversarem com as crianças, senão como fazer eles respeitarem. Precisa ensinar sobre as palavras preconceituosas, sobre raça. É preciso ensinar as crianças a serem mais humildes”. Os pais, pagar pensão não é suficiente, é preciso dar carinho, para eles te reconhecerem como pai e mãe”. (João)*
- *“Falta muito diálogo dentro de casa, mãe e pai batem, trabalham o dia todo” (Lucy)*

Sexualidade e drogas

- *“Os pais deixam as crianças fazer tudo. Os adultos não respeitam as crianças. Fumam na frente das crianças, na rua, na praça” (Aninha).*
- *“Aqui no bairro todo mundo faz na frente das crianças, ficam na praça fumando, com aquele cheiro todo, as crianças vão se acostumando, ou ainda, “se pegam” na frente das crianças, daí elas e acabam fazendo isso” (Lucy).*

Um outro momento que marcou a possibilidade da emersão do significado que o projeto VADL possuía para as pessoas foi promovido quando da seguinte problematização: Qual o significado do projeto para a comunidade? Porque vocês matricularam as crianças no projeto? O que vocês esperam do projeto? Mais uma vez a população pode apontar seus pontos de vista e compreensão.

- *As falas de Seu José, seu gestual suas expressões (seus olhos baços, o franzir de sobrancelhas, sua atenção) me levaram a acreditar que ele estava bastante emocionado. Tal percepção foi*

fortalecida principalmente quando ele comentou sobre sua situação escolar (pois não completou os estudos).

Logo adiante apresento a fala das pessoas participantes quando instigados a apontarem o significado que o projeto VADL assumia para elas.

Significado do projeto

- **“É importante para as crianças não ficar na rua”- (Avô de um participante da tarde – sem TCLE)**
- **“O projeto é da hora, porque não aprende coisa ruim né. “É importante porque muitos de nós não teve escola” – (João).**
- **“O projeto é uma coisa boa pro bairro, pois as crianças não tem outro lugar pra ficar. É importante que o projeto continue e, principalmente, porque tem bastante criança na rua” – (trabalhadora do banco comunitário nascente – sem TCLE).**
- **“Importante para o bairro, ajuda bastante as crianças a brincar, a fazer lição de casa” (de um participante da tarde – sem TCLE).**
- **“Poderia fazer reunião todo mês para cada um falar sua opinião, acho que chegaremos a algum lugar” (Lucy).**

Deliberação do(s) tema(s):

Tendo em vista aquilo que foi apresentado, e dialogado com os participantes pude perceber que a equipe pedagógica obteve êxito no processo de descodificação suscitado pela investigação temática, na qual, a partir da fala dos participantes foram destacados os pré-temas, bem como o significado que as pessoas vinham atribuindo ao projeto. No entanto, era necessário agora oficializar a escolha do tema, dado que havia o apontamento de vários, inviabilizando o desenvolvimento de todos eles em um período de 8 à 12 meses. Ademais, é importante salientar que já vínhamos trabalhando o tema respeito, dado que em análises preliminares notamos que este era uma indicação muito frequente feito pelas pessoas que colaboraram.

Então, com vistas a dar encaminhamento para tal questão retomei o slide anterior contendo os pré-temas/assuntos com suas respectivas quantidades de asserções, bem como, a identificação de convergência de acordo com as cores apresentadas. Com ajuda de Erika e Mad, expusemos que numa análise meramente quantitativa, e considerando um agrupamento

que apresentava uma ordem decrescente de número asserções, primeiramente apareceu os pré-temas afetos e convergentes à um grande tema **Respeito** (“Relações Familiares”, “Respeito”, “Comunidade/Cuidar do Meio Ambiente”, “Falar sobre Futuro/Sonhos”, “Relações de Gênero”, “Dar Outras Referências/Aprender Fora do Bairro”, “Cidadania”, “Convivência”, “Felicidade”, “Aprender a Comer com a Boca Fechada”).

Em seguida foram feitos apontamentos para uma convergência com o tema **Saúde** (“Saúde”, “Drogas”, “Sexualidade”, “Pra Gente Ficar Bonita”) que vinha seguido por um pré-tema único, a **Educação Escolar**. Por fim, e com um número total menor de asserções surgiram as indicações que convergiam para o tema **“Conteúdos”** (“Folclore”, “Brincar”, “Esporte/Luta/Ginástica” e “Conversar sobre Dança”).

Porém, em conversa com a população foi percebido a relação de interdependência entre muitas dos pré-temas, inclusive entre aqueles que a equipe pedagógica não havia indicado (através das cores).

Assim após dialogarmos com as pessoas presentes e buscando respeitar aquilo que emergiu da análise dos diários de campo, elegemos, de maneira consensual, que a melhor configuração temática seria a eleição do Tema **Convivência**, por compreendermos que a partir do desenvolvimento de tal tema seria possível contemplar de maneira adequada os interesses da comunidade participante (crianças participantes, responsáveis, funcionárias/os da ECO e equipe pedagógica do VADL). Fomentando e promovendo, desta forma, a reflexão acerca de alguns eixos: “Respeito”, “Relações familiares”, “Comunidade e meio ambiente”, “Relações de gênero”, “Relações interetárias”, “Relações e interétnicas”, bem como “Convivência Escolar”.

Após a eleição do tema foi esclarecido que três eixos escolhidos foram indicações dos educadores/as, portanto “eixos dobradiças” (alusão aos “temas dobradiças” do trabalho proposto por Paulo Freire). A saber: “Relações de Gênero”, “Relações interetárias”, “Relações Interétnicas”, dada a latência dos temas, observado pelos educadores e educadoras que atuam no espaço. Perguntei se havia alguma dúvida e se havia algo que deveria ser mudado. As pessoas demonstraram satisfação com as escolhas. Uns acenavam positivamente com a cabeça, outras diziam: “Sim, é isso mesmo!”. Não havendo alterações.

Após a oficialização do tema deste ano, busquei atender um pedido de Lucy perguntando sobre a possibilidade de realização de outra reunião noturna, com vistas a avaliar as atividades e ampliar a participação das pessoas nas ações do VADL. Toda gente acenou positivamente, inclusive dizendo que o horário estava bom, pois dava para jantar e assistir à novela. Chegamos então à data de 12 de Novembro, às 19hrs. Também comuniquei que às

vésperas da reunião as crianças receberiam um comunicado, inclusive com vistas a convidar as pessoas que não puderam ir ao encontro de hoje.

Preta, mãe de Ronaldo (participante da turma da manhã) perguntou sobre a possibilidade de montar um “grupo de mães” que pudessem acompanhar/participar mais ativamente das ações do projeto. Expressei um grande contentamento com a iniciativa de maneira a incentivar a formação de tal grupo. Naquele instante Preta pediu auxílio para que nós a ajudássemos a anotar o nome das pessoas interessadas. Assim, a educadora Erika coletou o nome de sete pessoas (Preta, Aninha, Keli, Marilena, mais uma avó de um participante do grupo da tarde, e uma a trabalhadora do Banco Comunitário). As mulheres combinaram de se encontrar com Erika na ECO na quarta-feira seguinte (24/10/2012) às 14hrs para combinar como serão realizadas as ações desse grupo.

Agradei, em nome de Erika, Mad e das/os demais trabalhadoras(es) e educadores/as que não puderam participar daquele encontro, a presença de toda gente na reunião. Esta foi encerrada com uma entusiasmante salva de palmas dada pelas pessoas presentes.

- *Ao final, enquanto recolhia o data show algumas pessoas vieram conversar comigo sobre o projeto, e disseram que foi muito bom ver as imagens das atividades, dos passeios e que não sabia que o projeto fazia as coisas daquele jeito, Lucy comentou: “Antes eu achava que era só recreação sabe? Igual o da escola no final de semana!”. Preta elogiou o trabalho de consulta à população, me pareceu realmente entusiasmada com o “grupo de mães”.*

Diário de Campo XIX

Data: 18/10/2012

Horário: 08h – 11h (manhã)

Local: Estação Comunitária do Jardim Gonzaga (ECO)

Educadores/as Presentes: Mad, Maurício, Micuim, Rubens e Erika,

Participantes Presentes: Ronaldo, Corinthians, Teves, Danilo, Sheila, Samanta, Rosinha, Laura, Balotelli, KaKa, Huck, Zinho, Karatê e Primo

Hoje pela manhã o céu estava sem nuvens e a temperatura agradável, permitindo que ficássemos sem blusa. Ao chegamos as crianças já estavam em fila para lavar as mãos. Corinthians, Rosinha, Teves, e Primo saíram da fila correndo para nos cumprimentar (1).

Após os cumprimentos, acompanhamos as crianças até a sala multiuso onde foi servido o café da manhã.

Café da manhã e roda de conversa para combinar as atividades.

Nesta manhã foi servido “pingado” com pão de leite com manteiga. Maurício e Micuim tomaram café sentados à mesa junto com as crianças. Após escovar os dentes iniciamos nossa roda de conversa e ficou combinado a realização de Ensaio musical para a apresentação no festival da UFSCar a brincadeira “pé-na-lata” e em seguida, a brincadeira “queimada”.

Ensaio Musical.

Mad já havia conversado com as duas turmas do projeto (manhã e tarde). Ambas aceitaram participar do evento que ocorrerá na UFSCar. Desse modo, o educador organizou a dinâmica dos ensaio, bem como da apresentação e, para não perder tempo, seguiu com seus combinados. Assim, a turma da tarde já havia escrito as letras das músicas, pois eles iriam cantá-las. Tais canções tiveram como inspiração/motivos os “Temas Geradores”, eleitos em reunião realizada com a população. Assim ficou decidido o tema “Convivência”, cujos eixos apresentados para aquela atividade foram o Respeito, Meio Ambiente e Convivência Escolar. Enquanto a turma da manhã iria tocar os instrumentos (todos de percussão).

Para o ensaio, as composições (2 músicas e uma poesia) foram transcritas em uma cartolina e fixado na parede para que pudéssemos tocar e cantar acompanhando as letras e para facilitar o processo de memorização. As canções eram as seguinte:

Cuidando do meio ambiente

(Poema criado por crianças do VADL/Campeões na Rua - 2012)

O planeta Terra

Vamos conservar

Podemos começar

Não jogando lixo no mar

Todo o lixo que eu pegar

No chão eu não vou jogar

Para o mundo reagir

Vamos reciclar!

Dos animais

Vamos todos cuidar

Para isso acontecer

As florestas vamos preservar.

Para as árvores e plantas crescerem

Temos que regar

As queimadas nas praças

Vamos evitar

Respeito

(Canção em ritmo Rap criada pelas crianças do VADL/Campeões na Rua – 2012)

Eu sou respeitado por minha família.

E respeito os meus professores.

Nós somos iguais a todos do planeta.

E o respeito serve para todos

Respeite as diferenças amigos e família.

Respeite as nossas naturezas

E o Alimento que nos nutre.

Indo para a escola.

(Canção em ritmo Funk criada pelas crianças do VADL/Campeões na Rua - 2012)

Quando eu chego na escola

Lousa está cheia de lição

A professora me ensina

um montão de informação

Para aprender a ler, a escrever e a desenhar.

Chega no intervalo a gente gosta de brincar

E quando acaba a aula

Guardo o material

Se despede da professora

Dizendo tchau

Portanto, no encontro de hoje, pela primeira cada criança ficou com um instrumento para si. Dentre tais instrumentos havia caxixis, um bumbo grave, caixas, um agogô, dois reco-reco e um triangulo.

Para o ensaio foram realizadas montagens das batidas dos ritmos funk e rap. Pois, as músicas elaboradas pela turma da tarde foram desses dois gêneros musicais.

Todas as crianças participaram. Como havíamos realizado um passeio na semana anterior e a notícia de que iríamos em breve para UFSCar (o que indicava para algumas crianças mais um passeio) havia mais participantes do que vínhamos tendo.

As crianças estavam todas tão imersas na atividade que num dado momento Mad interrompeu e consultou as crianças sobre a possibilidade da não realização das outras atividades. As crianças aceitaram. Assim, naquele encontro, em termos de atividades, só foi realizado o ensaio.

Almoço

No almoço deste encontro foi servido macarrão com molho de tomate e carne de panela. Antes de irmos embora demos algumas orientações acerca do passeio para o SESC. Desta forma informamos que não seria necessário, nem possível, levar lanche, pois lá iríamos receber um, bem como, também iríamos participar de diversas práticas corporais. Por fim, lembramos que somente poderia participar do passeio aquelas crianças que trouxessem a autorização assinada por sua/seu responsável. As crianças escovaram os dentes e foram para seus lares para poder ir para escola.

Comentários

- Após o almoço, em reunião com a equipe do VADL, Maurício fez comentários sobre o possível engajamento das crianças. Assim, ele falou: “Elas gostam muito dos jogos e brincadeiras, mas, é possível que elas também gostem muito das atividades musicais, ou ainda, é possível que elas estejam comprometidas em fazer bonito na apresentação. Daí o interesse pelo ensaio ser maior que a vontade de brincar. Outra coisa a ser considerada é poder tocar um instrumento, que no fundo, alguns podem encarar como uma grande brincadeira (2).
- Mad comentou com os educadores que deveria ter solicitado para que as crianças da manhã também elaborassem músicas que tivessem como pano de fundo um dos Temas Geradores eleitos. Nas palavras do educador: “O objetivo da atividade musical foi de aprender a tocar o ritmo rap e do funk coletivamente para acompanhar as canções que seriam feitas pelo pessoal da tarde, nesse momento percebi que deveria ter feito um tema gerador como pessoal da tarde, e o outro da manhã, pois houve reclamações por parte do pessoal com relação ao motivo pelo qual só o pessoal da tarde poderia realizar as letras. Tentei me explicar dizendo que a finalidade do exercício era justamente esse, o de integrar as duas turmas no mesmo processo mesmo que eles não se encontrem”. Nesse momento, Mad estava se referindo à uma conversa que teve com Karatê, na qual ele suspeitou que o educar não estivesse sendo sincero e estivesse privilegiando o pessoal da tarde. Para equipe Mad comentou que foi apenas uma estratégia que, em verdade, poderia ter sido diferente, mas que para aquele processo deveríamos manter o caminho escolhido e mais adiantes estarmos atentos à isso.

- O início do ensaio foi bastante difícil. Algumas crianças não conseguiam encontrar o ritmo correto. Mad decidiu executar em grupos menores o mesmo instrumento, para que eles pudessem compreender o seu toque, pra depois executar coletivamente. Samanta conseguiu aprender a tocar seu instrumento bem rápido, e com uma expressão de felicidade a menina comentou: “Mad, posso tocar de novo, mais com todo mundo”. Sobre esse episódio Mad, muito satisfeito, comentou: “Para algumas pessoas a fala desta menina pode não parecer nada, mas ela se apropriou de uma linguagem, e em seguida vivenciou, assim como todos, uma experiência musical, baseada na prática do fazer, estimulando uma aproximação com a música”. Maurício e Micuim compreenderam que Mad estava se referindo ao protagonismo de Samanta (3).

Diário de Campo XX

Data: 25/10/2012

Horário: 8h – 11h (manhã)

Local: Estação Comunitária do Jardim Gonzaga (ECO)/SESC

Educadores/as Presentes: Maurício, Erika, Rubens e Micuim.

Participantes Presentes: Ronaldo, Bboy, Primo, Corinthians, Teves, Naldinho, Rosinha, Macwin, Betina, Sheila, Laura, Thatá, Babi, Karatê, Huck, Zinho, Barbara e Douglas.

O dia estava ensolarado e já chegando a ECO, notamos animação das crianças. Como prevíamos, devido ao passeio, havia mais crianças do que o comum. Fomos recebidos com calorosos abraços das crianças. Assim que chegamos as crianças foram lavar as mãos para ir tomar café-da-manhã para poder ir ao passeio (1).

Café da manhã e roda de conversa para combinar as atividades do passeio

Hoje foi servido leite com achocolatado e bolacha de água e sal. Renata preparou essa refeição simples, pois de acordo com ela “as crianças iriam pegar o ônibus”. Com efeito, a educadora justificou que tinha que ser uma coisa rápida pra elas não perderem a hora, e leve pra elas não passarem mal durante o caminho. Enquanto elas tomavam o café, foram feitas algumas orientações acerca de nosso comportamento durante a visita. A saber: Ficar sempre junto dos educadores, respeitar os colegas e as pessoas que estarão no espaço junto com a gente.

Conforme elas iam terminando o café-da-manhã foi pedido para que elas entregassem suas autorizações para o professor Rubens e escovassem os dentes.

Também foi pedido para não correr, pois iríamos chamara para entrar no ônibus de acordo com a ordem/sequência das autorizações.

Fomos para a frente da ECO aguardar a chegada do ônibus que estava prevista para 8h40min. Contudo ele atrasou. Desta forma, enquanto ele não chegava as crianças mais velhas ficaram conversando, enquanto Micuim brincou de “siga o mestre” no espaço da calçada, na frente da ECO.

Às 9hrs o ônibus chegou as crianças se concentraram próximo a Rubens que estava bem ao lado da porta do ônibus e, conforme ele chamava as crianças iam entrando no carro. A

viagem foi muito breve, pois o SESC é relativamente perto. Chegamos com considerável atraso no SESC, pois já eram 9h25, quando deveríamos estar lá às 9hrs.

Atividades no SESC

Ao chegarmos fomos recebido por uma simpática guia. Ela nos explicou lá iríamos participar de duas grandes atividades, mas que antes era preciso a um Teatrinho. Assim, nosso grupo foi até o espaço onde ocorria a dramatização. Lá era uma peça curta, 10min aproximadamente, na qual, a partir de uma linguagem lúdica apresentava o direito ao lazer e de brincar que toda criança tem.

Terminado o teatrinho nos dirigimos para o Ginásio. Lá estava montada uma estação de atividades circenses. A guia comentou que como chegamos atrasados a atividade-1 (Estação do circo) já havia iniciado, mas que não teria problemas nossa turma entrar para participar. Dentro do grande ginásio as crianças se organizavam autonomamente para participar da atividade de seu interesse. Desta forma, lá foram vivenciadas trapézio, fitas, argolas, acrobacias, perna de pau, malabares e equilibrismo de prato.

Às 10h15min houve um grande rodízio. Nossa turma foi para atividade-2. Esta consistiu na realização de um “jogo de personagem”, cuja dinâmica era igual de um caça ao tesouro, na qual tínhamos que ajudar o IBAMA a salvar espécies que estavam sendo ameaçadas (jacaré do papo-amarelo, lobo-guará, mico-leão-dourado e arara-azul).

Neste jogo todas as crianças que participavam daquela atividade foram divididas através da utilização de coletes coloridos formando quatro grupos. Estes deveriam se deslocar pelo espaço, a procura das pistas sempre juntos de seus “monitores de equipe”.

Mesmo dividido em quatro equipes aquele era um jogo cooperativo, portanto as equipes dependiam uma da outra para conquistar o objetivo final e vencer o personagem “terrorista caçador”. Que tentavam atrapalha-los em suas tarefas.

Ao término do jogo todas equipes venceram. Já eram 11h15min, portanto, já estávamos passando da hora. Assim as crianças receberam um kit de lanche (pao de leite com presunto e queijo, uma maçã e um suco de caixinha pequeno).

Nos despedimos dos monitores, embarcamos e comemos nosso lanche dentro do ônibus, durante o trajeto de volta. Ao chegar, ainda dentro do ônibus, orientamos para que as crianças escovassem os dentes em casa e tivesse cuidado com o trânsito na hora de descer do ônibus. À medida que elas iam descendo, desejamos boa aula e instruíamos para que fossem direto para casa.

Comentários

- O café da manhã foi bem animado com todas as crianças comentando sobre como esperavam ser o passeio e algumas delas comentando que já haviam visitado aquele espaço. Todas as crianças comeram suas bolachas e tomaram seu leite rapidamente, pois estavam ansiosas pela chegada do ônibus que a levariam ao SESC.
- Durante o Café da manhã Maurício, Rubens e Erika comentaram com Micuim e Mad sobre a reunião que ocorreu no dia anterior (24/10 – quarta-feira) com as mulheres que formaram o “Grupo de Mães” na ocasião da reunião noturna para eleição dos “Temas Geradores”. Rubens apontou que no dia da reunião sete mulheres indicaram a presença, porém somente Preta e Carla havia ido. De acordo com Erika ela tentou realizar contato telefônico com todas elas. Contudo, educadora comentou que conseguiu contato somente com quatro delas. Ela também apontou que nas outras três ligações que fez, não conseguiu contato. Ao final, das quatro mulheres que sinalizaram interesse em participação nos encontros, somente estiveram presente Preta e Carla. Maurício comentou que estava muito feliz com o envolvimento demonstrado pelas duas mães. Ademais, de acordo com os educadores que participaram da reunião, o “balanço” do encontro noturno foi positivo. Maurício perguntou o que elas achavam dos projetos. Ambas disseram estar muito satisfeitas, pois disseram que seus filhos sempre comentavam de forma positiva a participação do projeto. Rubens perguntou como elas gostariam de ajudar. Preta e Carla disseram não saber, mas que estava ali para ajudar. Rubens então apresentou os projetos as ações, as atividades e a programação. As mães aparentaram satisfação ao ouvir as ações realizadas pelo projeto “Campeões na Rua” e o trabalho complementar que o VADL possibilitava. Elas continuaram sem saber como ajudar. Então Rubens comentou que o projeto tinha um “ponto fraco” que eram as escovas de dente. Ele não sabia como fazer para acomodar de modo mais higiênico as escovas. Pois o lugar onde ficavam guardados os Kits de saúde bucal (estojo plástico com escova e pasta de dente) era de tecido e, para além de úmido, muitos ficavam muito sujos devido as mãos das crianças. Assim, convidou elas para pensar numa solução junto com eles. Maurício comentou com os educadores e mães que aquele primeiro encontro era para a formação do grupo. E que seria importante refletir sobre a atuação dos projetos no bairro e pensar em novas ações. O encontro durou aproximadamente uma hora. Os educadores agradeceram a

presença no encontro e ficou indicada a data do dia 07 de novembro (duas semanas) para o próximo encontro.

- Maurício comentou que soube que o SESC estaria desenvolvendo atividades especiais no chamado “mês da criança”. Assim, ao saber de tal oportunidade, entrou em contato com a equipe do SESC-São Carlos com vistas a poder participar junto com as crianças do VADL. Maurício comentou que foi atendido com muita solicitude, ainda salientou: “Foi uma ótima oportunidade. Após pré-agendar nossa visita comentei com a funcionária do SESC que levaria uns três dias para confirmar, pois iria solicitar o transporte (ônibus) para a prefeitura. Contudo, a funcionária do SESC perguntou o número de crianças e quando disse que seria em torno de 25 ela se prontificou à conceder o transporte. Portanto, ali mesmo estava resolvido o problema e, de “pré-agendada, nossa presença passou para o status de “confirmada”. Porém, é importante salientar que para a turma da tarde seria realizado um passeio à Biblioteca Municipal de São Carlos, pois o SESC não estava realizando atividades no período da tarde. O educador indicou a possibilidade de dialogar sobre os espaços públicos, e espaços gratuitos do município de São Carlos. Fomentando nas crianças a vontade por espaços fora do bairro.
- Neste passeio o SESC abriu as portas para outros grupos. Portanto, para além das crianças do VADL, estavam presentes crianças de mais duas instituições. Uma de educação infantil e a outra era de um conhecido projeto socioassistencial do município de São Carlos, que é gerido pela instituição da Igreja Católica. Nós, educadores pudemos reconhecer tais instituições através dos uniformes das crianças. Nesse sentido Maurício também observou, chamando a atenção de seus colegas educadores para também observarem, que na instituição particular não haviam crianças negras (ao menos neste dia) participando da atividade. Em conversa, já na ECO, Micuim disse que então pode compreender que “A desigualdade social no Brasil também é expressa pela cor de pele. Deu pra notar também a diferença nas roupas que elas usavam, nos tênis que eram de marca”. Mad comentou que “era muito marcante o contraste, porque a criança da escolinha era tudo branquinha com o olho claro” (2).
- Percebemos que quando chegamos no ginásio as crianças do VADL ficaram extasiadas, paralisadas. Pareceu que elas não sabiam para onde ir primeiro. Assim,

logo no começo elas pareceram meio tímidas. Porém com o passar do tempo as crianças foram se soltando e começaram a tentar andar com a perna de pau, subir nos “Tecidos”, tentar fazer malabares com as claves, entre outras atividades circenses. As crianças se mostraram muito animadas e satisfeitas quando conseguiam realizar alguns movimentos, ou tarefa que era exigida.

- Durante a estação circense Samanta se machucou de tal maneira que ficou o restante do passeio “amoadada” (cabisbaixa, triste). Realmente foi um acidente inusitado. Samanta realizava uma atividade no trapézio, contudo, ao tentar fazer um movimento ela acidentalmente bateu com seu joelho no próprio queixo, fazendo com que mordesse sua língua. A mordida foi tão severa que furou a língua da menina que para além de sangrar muito, também à fez sentir uma grande dor. O professor Rubens trouxe gelo para amenizar a dor, bem como, diminuir o sangramento. Samanta até conseguiu brincar um pouquinho depois, mas, era perceptível o incômodo que ela sentia. Durante o jogo de personagem ela ficou o tempo todo próxima do professor Erika.
- Durante a segunda atividade as crianças acompanharam seu guia. Somente Macwin se afastava do grupo, dando trabalho para os educadores que, o tempo todo, tiveram que ir atrás dele para que voltasse a ficar próximo à toda gente.
- Já de volta à ECO e refletindo sobre o passeio Micuim comentou: “Depois deste passeio, para mim, ficou claro como as crianças gostam de ter a possibilidade de fazer algo diferente, passear e sair um pouco do seu local de rotina diária. Elas se mostram muito felizes e contentes ao poderem entrar no ônibus e dar uma passeada pela cidade. Também notei que elas acabam se produzindo com roupas novas e que só usam em ocasiões especiais, pois para eles esse passeio é um dia mágico”. O educador apontou estar muito satisfeito com a atividade e com a possibilidade de vê-los dividir o espaço e atividades com crianças pertencentes à outros bairros e instituições (3).
- Dentro do ônibus durante o retorno perguntamos o que é que as crianças haviam achado daquele passeio? De forma geral elas indicaram que gostaram das atividades. Disseram que as brincadeiras foram bem legais. Ronaldo falou que o SESC era muito

bonito e que nunca tinha ido lá. Já Balotelli destacou o tamanho da unidade, dizendo ter achado o lugar bem grande, e apresentando ter gostado das atividades vivenciadas. Karatê disse que seria muito bom voltar mais lá mais vezes. Maurício então disse que qualquer um pode frequentar lá. Pois lá além de ser um espaço privado/particular, também aberto ao público de segunda à tarde a domingo, com muitas atividades. Inclusive algumas são gratuitas. Barbara comentou que ia falar com a mãe dela para levar ela lá. Macwin exclamou “É de graça? Nossa que da hora!” (4).

- Mad também comentou sobre o comportamento das crianças, dizendo: “Pra mim foi uma manhã muito agradável e descontraída. Pude notar, com o caso de Samanta, união entre as crianças, pois depois do acidente as outras crianças mostraram preocupação e solidariedade com a amiga. No final todas ficaram alegres pelo passeio e pedindo por mais. Foi de grande satisfação pessoal poder estar com elas naquele momento especial” (5).

Diário de Campo XXI

Data: 08/11/2012

Horário: 08h – 11h (manhã)

Local: Estação Comunitária do Jardim Gonzaga (ECO)

Educadores/as Presentes: Mad, Maurício, Micuim, Rubens e Erika.

Participantes Presentes: Ronaldo, Corinthians, Teves, Danilo, Sheila, Samanta, Rosinha, Laura, Balotelli, Huck, Zinho, Karatê, Primo, Macwin, B-boy.

Último ensaio antes da apresentação

A manhã de hoje foi muito marcante, ora pelas condições climáticas, ora pelo clima de ansiedade ao qual todos estávamos envolvidos. Pois hoje era o dia da nossa apresentação no Festival Sons e Movimentos” (UFSCar-2012). Assim, ainda pela manhã, sem sinais de nuvens no céu, era possível ver a lua.

Ao chegarmos à ECO, Ronaldo, Teves, Rosinha, Karatê vieram ao nosso encontro correndo para nos abraçar. Saudamos as crianças. Algumas estavam jogando bolinha de gude em frente à cozinha. Neymar e Batman acompanhavam as atividades do “Grupo de Caminhada”. Pois estavam aferindo a pressão de sua avó (1).

Chegamos no pátio e tão logo Erika chamou as crianças para lavar as mãos. Após esse cuidado, fomos toda gente para sala multiuso tomar café e organizar o ensaio para nossa apresentação.

Café da manhã e roda de conversa

Nesta manhã foi servido iogurte de morango com cereal de milho. Os educadores do VADL aproveitaram para tomar café da manhã junto com as crianças. Após tomar café-da-manhã. As fomos escovar os dentes junto com as crianças. No retorno sentamos em torno da maior mesa que tinha para dialogarmos sobre as atividades daquele dia.

Neste momento pudemos transmitir algumas orientações acerca do espaço que íamos visitar à noite. Bem como informar-lhes que elas poderiam ir acompanhadas pela pessoa que realizou sua matrícula e um outro acompanhante. Assim, cada participante poderia ir com duas pessoas. Também combinamos que naquela manhã seria realizado apenas o ensaio, para que concentrássemos na apresentação.

Ensaio para apresentação:

Para o ensaio, ainda dentro da sala multiuso, foram distribuídos os instrumentos musicais e as cadeiras de maneira a formar um semicírculo de frente para uma divisória basculante que divide a sala multiuso do almoxarifado. Nesta divisória foram fixados cartolinas com as letras das músicas. Na realidade tais letras já estavam fixadas à uma semana. Portanto, as crianças viam aquelas músicas todos os dias. Assim, o primeiro momento do ensaio consistiu em apenas cantar as canções compostas pelas crianças da tarde a partir dos temas geradores (“Respeito”, “Meio Ambiente” e “Escola”).

Após nos ouvirmos cantando, realizamos as batidas instrumentais acompanhados pela sanfona de Mad. Após apenas tocar ao ritmo solicitado pela sanfona e seu tocador. Cantamos e tocamos ao mesmo tempo. Neste momento, enquanto as crianças tocava e cantavam, Maurício ia de pessoa em pessoa, para etiquetar os instrumentos com o nome da respectiva criança que estava com ele. O objetivo era deixar marcado com o nome de quem iria utilizá-lo logo mais à noite.

Após “passar” músicas, fomos para a quadra, pois já havia encerrado o encontro do grupo de caminhada. Neste momento cada criança levou seu instrumento.

Lá procuramos realizar da maneira mais próxima aquilo que seria realizado logo mais a noite, no Teatro Florestan Fernandes. Para tanto, utilizamos o palco instalado em uma das extremidades da quadra.

Às 10h30min encerramos nosso ensaio, lavamos as mãos, e fomos para sala multiuso para almoçarmos.

Almoço e últimos informes sobre o passeio de hoje à noite.

Antes de ser servido o almoço aproveitamos para reforçamos alguns informes. Um deles foi que nenhuma criança iria embarcar no ônibus se não tivesse entregue a autorização assinada pela/o responsável. Outro informe foi com atenção ao horário. Seria fundamental não atrasarmos a saída do ônibus que sairia às 18h30min de frente da ECO. Mais uma vez foi reforçado o convite para a participação das/os responsáveis. Também foi salientado que não era necessário levar lanche, pois iríamos levar um coletivo.

Após os informes foi servido o nosso almoço combinamos que na semana seguinte teríamos uma “folga” dos ensaio musicais devido a intensidade que foi tal atividade assumiu naqueles dias. Com isso, foi anunciada a visita de estudantes do curso de Terapia Ocupacional

que viriam para participar de alguns encontros e que, já no próximo, faria uma “Contação de História”, e por eleição organizada pelas crianças, também seriam realizadas as brincadeiras “pé-na-lata” e o “pega-na-linha”.

Nesta manhã foi preparado e servido arroz, feijão, frango, couve flor e de sobremesa foi servida laranja. Depois de almoçarmos as crianças escovaram os dentes e retornaram para seus lares para irem para escola e voltar a nos encontrar a noite.

Comentários

- Mad comentou que distribuiu os instrumentos de acordo com o número de vezes que cada um tinha tocado nos ensaios. Portanto, o que definiu quem ficaria com tal instrumento foi, para além da habilidade em tocar, o número de vezes que havia praticado no ensaio. Mad salientou que o objetivo da apresentação não era o da excelência musical, mas sim a participação no evento com vistas a promover o protagonismo das crianças no processo de criação e apresentação no festival. Durante o almoço o músico comentou com as crianças e educadores que estava muito feliz, dizendo estar muito orgulhoso com envolvimento de toda gente. Até Renata que passou na sala na hora do almoço comentou “Nossa professor, que bonito! As crianças estão tocando bem. Estão todos de parabéns!”. O músico ainda comentou com os educadores após o almoço que compreende ser de fundamental importância para o projeto participar de eventos da natureza do “festival”, pois estimula nas crianças o desejo de fazer as coisas com maior profundidade e respeito, ademais, o evento daria mais concretude às ações de orientação da arte educação (2).
- Notamos um certo clima de tensão. Micuim comentou que certamente era a ansiedade pela apresentação. Assim, durante o ensaio houve um pequeno desentendimento de Macwin com Balotelli. Este cobrou que Macwin fizesse direito, que por sua vez o mandou ficar quieto. Daí ocorreu troca de ofensas. Foi necessário intervirmos, pois os dois não pareciam ter intenção de parar com a discussão. Assim, Mad pediu para que fosse mantido o respeito entre toda gente e atenção no ensaio, para que pudéssemos aproveitar aqueles últimos momentos antes do evento. A discussão encerrou, e o ensaio seguiu seu curso (3).
- Durante o ensaio Maurício e Micuim auxiliaram as crianças mais novas na função de acompanhamento musical. Outra questão que os dois puderam colaborar foi no

acolhimento daquelas crianças que faltavam muito e apareceram no dia do ensaio final, pois ao saberem do passeio para UFSCar apareceram na ECO com esperança de participarem. Neste caso, como o intuito do projeto é poder atender o maior número possível de crianças, e não excluí-las e marginalizá-las ainda mais do que já são, essas crianças também puderam participar do passeio, com a condição de ensaiar direitinho e trazer a autorização assinada pelas/os responsáveis. Mad comentou que sabe do risco de tal realização (inclusão de pessoas no dia da apresentação), mas que pensando em poder acolher mais pessoas e proporcionar momentos de protagonismo para aquelas crianças e adolescentes, foi adotadas estratégias para não incorrerem em erros muito graves. Um deles foi de que as crianças recém-chegadas fizessem parte do “coro”, não atuando com os instrumentos “Graves” da percussão (4).

- Com exceção do momento inicial em que houve um pequeno conflito, certamente por conta da ansiedade e tensão, não houveram mais confusões durante a realização do ensaio, pelo contrário conseguimos, ao final, realiza-lo com sucesso! Foi muito emocionante para todos. Após as crianças já terem retornado à seus lares, a equipe pedagógica estava reunida na sala multiuso. Neste momento os educadores do VADL puderam refletir sobre o quanto esta atividade, que durou um mês de preparação, proporcionou participação ativa (ora no processo de criação – músicas e poema – ora nos ensaios), proporcionando momentos de protagonismo e comprometimento com aquilo que estavam sendo proposto e produzido. Neste processo, o papel da equipe pedagógica foi apenas o da mediação dos encontros, cujas escolhas pelo ritmo e criação da letra foi toda das crianças participantes (5).

Apresentação
“Festival Sons e Movimentos” (UFSCar)

Atividade Noturna.

Para participar da apresentação, para além da inscrição junto ao Departamento de Educação Física e Motricidade Humana da UFSCar (responsável pelo evento), também contamos com o apoio da Secretaria de Cidadania e Assistência Social, que forneceu o transporte. Este ônibus era o mesmo que é feito o transporte público coletivo do Município de São Carlos.

(C.O.) Os educadores Rubens e Erika foram quem articularam o fornecimento do transporte, assim que foi anunciado o interesse em participar do evento na UFSCar. Eles comentaram que é sempre muito difícil conseguir transporte. Mas, curiosamente para eventos realizados em período noturno é mais fácil, dado que a demanda/concorrência é menor (6).

Maurício Chegou na ECO às 18h30min. Entre os educadores do VADL ele foi o único à ir até o Jardim Gonzaga para ajudar a embarcar os instrumentos e acompanhar o embarque das crianças. Micuim e Mad aguardaram nossa chegada em frente ao Teatro Florestan Fernandes. Ademais, Rubens e Erika também foram na ECO para auxiliar Maurício nesta tarefa.

O educador chegou na Estação Comunitária às 18h20min. Lá encontrou parte das crianças. Restante foi chegando depois. Ele pode observar que as crianças estavam muito arrumadas.

(C.O.) Notei que alguns meninos ajeitaram o cabelo com gel, as meninas estavam maquiadas algumas crianças usavam calçados que pareciam novos, ou, ao menos que não eram usados no dia-a-dia do projeto. As crianças e adolescentes sorriam o tempo todo, estavam mais agitadas que durante o dia. Desta vez estavam juntas a turma da manhã e a turma da tarde. A calçada de frente a ECO estava tomada pelas crianças. Estava bonito todo aquele frisson. Também me percebi agitado, porém não estressado, eu estava alegre, feliz e possivelmente eufórico. Como aquelas crianças (7).

Erika e Rubens chegaram logo após Maurício. Os educadores do “Campeões na Rua” estavam com a maioria das autorizações. Outras foram entregues ali na hora.

Os educadores, com ajuda das crianças trouxeram os instrumentos para frente da ECO. Às 18h30min o ônibus chegou. Maurício reparou a ausência de muitas crianças do período da manhã, inclusive de algumas que se destacaram nos ensaios. Tais como as duplas de irmãos Balotelli e Samanta e Patrícia e Ben-10.

(C.O.) Perguntei para Rubens e Erika se eles tinham recebido as autorizações daquela turminha que não havia chego ainda e ambos disseram que não. Tive a compreensão que, não iriam, pois era possível que suas respectivas mães e responsáveis não os tivessem autorizados. Fiquei um pouco incomodado, pois Balotelli e a Samanta haviam se empenhado nos ensaios, eram um dos mais velhos, uma boa referência para os mais novos. Ao final me percebi aborrecido com o fato de saber que aquela atividade seria bastante marcante, dada a experiência anterior (do ano de 2010). Enfim, tínhamos que embarcar.

Toda gente estava pronta. Junto com os participante e educadores, também embarcaram 3 responsáveis. Preta, que era mãe de Ronaldo. E duas mães de crianças participantes da tarde (1, inclusive, levou seu bebê de colo). Para embarcar foi muito rápido. Primeiro entraram as 3 pessoas adultas convidadas pelas crianças. Em seguida foram chamadas as crianças de acordo com a ordem das autorizações que estavam em posse dos educadores.

(CO) Como de costume houve uma aglomeração perto da porta o ônibus assim que ele parou. Porém informei às crianças e adolescentes que as pessoas seriam chamadas, “uma a uma” para entrar no coletivo e que, portanto, poderiam até sentar nos bancos da calçada para aguardar ser chamados. Neste momento notei que algumas crianças reservavam lugar, mesmo ainda fora do ônibus. Karatê falou para Ronaldo, que já havia subido no coletivo: “O! Guarda meu lugar aí nessa janela aí na sua frente hein!”. Embora a euforia em que nós todos, ou ao menos da maioria, não houve conflitos, brigas ou, discussão. O sentimento era de alegria.

Durante o trajeto de ida as crianças foram cantando as 2 músicas que seriam apresentadas. Também havia quatro crianças do período da tarde que aproveitaram para ensaiar o poema que seria recitado.

(C.O.) Pude perceber o quanto o passeio estava sendo prazeroso, o ônibus foi passando pelo centro. Os adolescentes comentavam sobre as pessoas que estavam na rua. Cantavam, cutucavam o colega que estava próximo e fazia um comentário. Também pude, Mais uma vez, observar a colaboração entre as crianças, principalmente o cuidado das crianças mais velhas para com as mais novas. Assim, como o coletivo não tinha cinto de segurança, pedi para que as crianças permanecessem sentadas durante a viagem. Porém quando um adolescente via um colega levantar-se, era solicitado para que ela voltasse a sentar, com vistas a respeitar o meu pedido, bem como, para que não se machucasse (8).

Não demorou muito para chegar na UFSCar. Os educadores Mad e Micuim aguardavam a chegada do pessoal em frente ao Teatro. Ali foi onde a turma toda desembarcou. Como não era hora de entrar para o espetáculo, os educadores foram com as crianças para um lugar mais reservado, ao lado da loja da “EdUFSCar”. Esta é uma livraria que fica sob a biblioteca. Lá foi um bom espaço, pois havia uma grande área livre e banheiros e bebedouros. Ali, houve uma seção de fotos. Também foi possível e ensaiar, baixinho e sem tocar os instrumentos, para não atrapalhar as pessoas que estudavam logo acima da gente, na biblioteca.

(C.O.) Essa noite devido ao festival havia um movimento atípico naquela região da UFSCar, pois, para além de estudantes havia também bastante populares, pessoas do município que vieram assistir ao festival. Micuim comentou comigo que estava bastante agitado. Eu disse ao educador que também estava, mas que era uma euforia boa. Aproveitamos para tirar fotos com as crianças reunidas. Algumas, mais curiosas se afastavam do grupo. Contudo, estávamos preparados, sabíamos do comportamento de algumas crianças e ficamos atentos, quando percebíamos o afastamento logo íamos chama-la(s) para voltar pra junto do grupo.

Próximo ao horário da apresentação o grupo se aproximou da coxia do teatro. Lá a equipe foi instruída a tirar os calçados, pois haviam coberto o piso do palco com um material chamado Linóleo (de acordo com a organização com vistas a proteger o palco). Ainda fora do teatro as crianças foram organizadas por fila na qual a organização foi feita de acordo com o instrumento que seria tocado. Junto com a organização da fila foram distribuídos os instrumentos de acordo com os respectivos nomes que haviam sido fixados. Como algumas crianças da manhã haviam faltado, foi possível que algumas crianças da tarde as substituíssem, pois, também haviam ensaiado as batidas nos instrumentos.

(C.O.) Na apresentação anterior (em 2010) também tivemos que tirar o calçado, inclusive havíamos alertado as crianças quanto a possibilidade. Contudo, entendo o descontentamento de algumas crianças quando do pedido de tirar o tênis. Haja visto que, como comentei anteriormente, algumas haviam colocado sua melhor roupa, tudo combinava. E, dê repente, tinha que “tirar o tênis!”. Contudo, acredito que a indignação não coube na adrenalina que eu, e possivelmente as crianças sentiam. Por diversas vezes pediram para que fizéssemos silêncio, pois mesmo estando fora do teatro seria possível nos ouvir. Com efeito, tamanho era o nervosismo que não percebíamos estar falando alto.

Quando deu 20hrs já era hora da apresentação das crianças do projeto. Por sorte, somente naquele exato instante começou a garoar. Contudo, os participantes já haviam entrado no teatro iniciar a apresentação, não comprometendo nem os instrumentos, nem a emoção do momento.

Ao entrarmos estava muito escuro. Os educadores se dividiram entre a grande fila de crianças com vistas a direcioná-los. Quando toda gente já estava posicionada as luzes do palco se acenderam, iluminando e apresentando as crianças para o público que encheu o teatro.

(C.O.) Ao entrarmos estava realmente muito escuro, não era possível enxergar à uma distância de 3 metros a sua frente. Haviam cortinas escuras que ajudavam a manter aquele “breu”. Enquanto entrávamos ouvi Ronaldo dizer: “estou com medo”. De modo que Erika o confortou: “Calma Ronaldo, estou logo aqui do seu lado” (9). Não sei dizer se o medo de Ronaldo era por entrar em um ambiente muito escuro, ou se era pela apresentação que estava logo por iniciar. Confesso que eu me senti um pouco desconfortável,

pois, não estava acostumado com multidões. Mas, ao mesmo tempo sabia da minha responsabilidade ali, enquanto educador e enquanto a referência que exercia. Eu vinha na frente “puxando a fila”. Assim que entrei no palco, eu não conseguia enxergar a plateia, pois era muito escuro. Desconfiei que também não seria possível que ela nos visse. Sussurrávamos ao orientar as crianças acerca dos lugares que cada participante deveria assumir. Indicávamos o lugar, a ordem dos instrumentos e elas seguiam os “comandos”. O pessoal da organização também nos ajudava. Quando estávamos todos nos nossos lugares, prontos para a apresentação, sinalizei para o pessoal da organização. Eu estava bastante nervoso. Num dado instante me percebi refletindo sobre se o que eu sentia era medo, ou nervosismo? Neste instante, as luzes do palco se acenderam, eu estava de frente para a plateia, mas só conseguia enxergar as pessoas das primeiras fileiras, tamanha escuridão. Olhei para trás as crianças sorriam, algumas, para além de sorrir, puxavam o ar colocando as duas mãos na boca. Aquela imagem em nada me lembrava medo, espanto, mas sim a expressão de alguém que fora surpreendido com um presente inesperado e muito desejado. Fui tomado por uma emoção e felicidade que me fez falar.

Maurício, com um microfone em mãos, apresentou-se e anunciou o grupo “Meninos e meninas do Gonzaga” (Nome eleito pelas crianças junto com Mad). Comentou que se tratava de um grupo de crianças participantes dos projetos VADL e Campeões na Rua, cuja parceria havia se estabelecido entre o Departamento de Educação Física da UFSCar com a Prefeitura Municipal de São Carlos (através da Secretaria de Cidadania e Assistência Social). O educador comentou que os projetos iniciaram juntos no Jardim Gonzaga, no ano de 2002 e que, portanto, completava 10 anos. Por fim, anunciou que aquele momento era especial pois seriam apresentadas ao público três composições de autoria das próprias crianças participantes. Tais composições exprimam o interesse da população do bairro, revelado a partir de trabalho de investigação temática de inspirado no grande educador popular, Paulo Freire. Em seguida ele fez um discreto aceno para Mad e foi dado início à apresentação.

Mad, que estava com sua sanfona, atuou como “Maestro” dando o sinal para o início. As crianças erraram o começo. Mad, sinalizou imediatamente, que deveríamos recomeçar. Assim se sucedeu. E a apresentação seguiu seu curso, de acordo com a boa qualidade conseguida nos ensaios.

(C.O.) Inicialmente pensei que as crianças estavam muito nervosas, por isso erraram. Contudo, ao perceber o erro Mad sinalizou rapidamente o erro dizendo: “ô... ô... o! Em seguida indicou no ar qual música seria a primeira. Foi então que percebi que houve uma confusão acerca de qual música seria tocada primeiro, e não era nervosismo. Fato este confirmado com a veemência com que as crianças “bateram seus tambores” em seguida. Trazendo grande emoção para os educadores e plateia. Digo isso por observar na face das pessoas que estavam ali próximos, nas primeiras filas, ao sorrirem, apontarem com ternura alguma criança no palco.

A primeira canção apresentada foi “Indo pra Escola”, Depois foi apresentado um poema “Cuidando do Meio Ambiente” e, por fim, foi cantado o Rap intitulado: “Respeito”. Este fechou nossa apresentação. Ele foi apresentado de forma “solo” por Mano Brow. Enquanto o participante da tarde cantava, três participantes dançavam à frente, eram eles Primo, B-boy, e Cacá.

A primeira canção foi embalada ao ritmo do funk, muito alegre e com bastante energia. O poema, teve outra intensidade, mais envolvente, pois foi iniciado com uma melodia sublime e leve tocada por Mad com a sanfona. Após um tempo o som da sanfona deu espaço para a voz das crianças começaram a recitar, porém a sanfona continuava tocando, como um pano de fundo para o poema. Esta apresentação ficou muito bonita, pois, as 4 crianças o recitaram, como em um “jogral”, cada um falou um trecho na sua vez. Quando eles terminaram de recitar a sanfona ainda continuava aquela melodia agradável, porém o volume subiu e de forma harmoniosa e contínua o som foi diminuindo. Por fim, e especialmente ao final, foi apresentado o Rap. Neste momento, senti que todas as crianças aparentaram estar muito à vontade, confiantes e seguras. É possível que estivessem nervosas, mas eu não conseguia perceber nervosismo. Mano Brow pegou o microfone estimulado por Mad cumprimentou a plateia com um “Iaí! Boa noite” o público respondeu timidamente ao “boa noite”. Espontaneamente e de forma imediata o garoto repetiu o cumprimento como se exigisse energia: “Iaí pessoal! Boa noite!”. Desta vez foi correspondido. O garoto se apresentou como um autêntico “Mestre de Cerimônias”. Era como se o palco fosse a quadra da

ECO, enquanto as batidas do RAP começaram a ecoar ele caminhou de um lado ao outro do palco só aguardando seu momento de cantar. De súbito, vieram à frene três crianças muito espirituosas, que com muita inocência, ludicidade e improviso, dançaram Hip-Hop, dando cambalhotas, rodopiando no chão, plantando bananeira. Eram eles Primo, B-Boy e Cacá (8, 6 e 5 anos, respectivamente). Cada momento era um que tomava o centro do palco. A energia que eles colocavam nos movimentos era tanta que às vezes pareciam tropeçar nos próprios pés. E a plateia aplaudia a cada movimento feito, ora por espanto frente à destreza e habilidade daqueles meninos, ora tomadas por uma ternura ao ver aquelas crianças e sua produção, sua coragem, seu protagonismo. Enquanto dançavam, a voz de Mano Brow ecoou pelo teatro. Tipicamente uma voz de uma criança de 11 anos, porém com uma eloquência, naturalidade e presença de um grande “rapper”. Tudo estava espantosamente em harmonia. Não sei se tomado pela emoção, ou, por qualquer explicação técnica/positiva que busque justificar a física da acústica do teatro favorecendo a propagação das ondas sonoras e tornando o som mais agradável. Mas, foi realmente lindo, maravilhoso e emocionante para toda gente presente (Crianças, educadores, convidadas e plateia).

As crianças foram aplaudidas em pé. Fomos todos juntos, de braços dados até a frente do palco e agradecemos. Como haviam mais apresentações saímos rapidamente do palco pelo mesmo lugar que entramos (não foi pela entrada principal, foi pela coxia do teatro, que fica na parte de baixo).

Fora do teatro ainda garoava. Algumas crianças estavam completamente descalças, outras estavam de meias. Assim, pedimos para que corresse até a rampa da biblioteca que era coberta. Lá havia uma espécie de “arquibancada” que nunca tínhamos visto antes. Utilizamos ela para que as crianças calçassem seus sapatos. Mais uma vez foi servido bolacha e suco para as crianças para que pudessemos entrar no teatro e assistir as apresentações seguintes.

Ao terminar a apresentação fomos aplaudidos, as crianças sorriam, pareciam estarem surpresas com a reação do público. Contando com as crianças (22 participantes naquela atividade), e somando com os educadores (Mad, Micuim, Erika, Rubens e Maurício) éramos um grupo relativamente grande. Ocupávamos todo o palco. Assim, em meio aos aplausos Mad rapidamente pediu para agradecermos à plateia. Mesmo sem ensaiar este

agradecimento rapidamente estávamos perfilados, abraçados uns aos outros, ombro à ombro, caminhamos até a frente do palco, na qual fomos efusivamente “aplaudidos em pé” pelo público. Todos ficamos emocionados, felizes, satisfeitos. Digo isso, por perceber a reação no corpo das crianças, elas sorriam, de súbito olhavam para todas as direções do teatro, como se não acreditassem naquilo que estava acontecendo: “Pessoas diferentes, de diferentes idades, desconhecidas, em pé, aplaudindo com bastante energia aquela feita”. Minha percepção foi confirmada logo com a saída do teatro, pois, nem a garoa fininha e os pés molhados conseguiam conter aqueles corpos irrequietos. Ao ocuparmos a área coberta nos abraçávamos, as crianças pulavam e se abraçavam. Mano Brow, tinha uma reação diferente, como que extasiado, meio paralisado, com poucas palavras e um sorriso solto no rosto. Dizia “Foi dá hora hein!”. Parabenizei Mano Brow, e comentei com ele e Mad que da próxima vez ele é quem deveria apresentar o projeto, e não eu. Mano Brow riu. Mad e Micuim também parabenizaram as crianças (10). Aproveitamos enquanto as crianças estavam todas juntas nas “arquibancadas”, calçando seus tênis para voltarem para dentro do teatro, para lhes dizer que estávamos muito orgulhosos de todas elas. Perguntei se valeram a pena os ensaios. Em coro a maioria respondeu que sim. Karatê, também estava bastante agitado. Fazia o batuque sem mesmo estar com os instrumentos em mãos. Após as crianças terminarem de calçar os sapatos, foi servido um suco de groselha com “bolacha de água e sal”. A ideia original era para “Enganar a fome”, como disse Renata. Pois as crianças haviam saído sedo de casa e, possivelmente muitas não teriam jantado por conta do horário de saída do ônibus (18h30min). Perguntei para Deby o que ela sentiu quando foi recitar a poesia? Ela disse que estava bastante nervosa, mas que quando começou a falar passou o nervosismo. Perguntei para turma o que eles acharam de se apresentar num teatro? Barbara achou que o teatro era bonito e achou que a apresentação ficou bonita. Deby falou que foi uma pena a mãe não poder ir, mas que estava muito feliz. B-boy falou: “achei legal que os outros bateu palma quando eu dancei”. Cacá endossou a fala do colega lembrando e descrevendo seus passos de dança e cambalhotas. Micuim disse que foi importante sentir tudo aquilo, pois comentou ter ficado muito emocionado. Rubens e Erika se aproximaram, logo após as crianças

arrumarem seus tênis, pois ficaram ajeitando os instrumentos que ficaram na porta da coxia, pois, com a emoção, os educadores do VADL esqueceram que os instrumentos ficaram para trás, correndo para acompanhar as crianças na rampa da biblioteca, bem como, também fugindo da chuva. Ao se aproximar Rubens disse que estava muito orgulhoso das crianças, pois achou que a apresentação ficou mais bonita do que ele esperava. Disse também que foi fundamental as crianças receberem, o que nas palavras do educador foram os “calorosos aplausos”. Que seria bom pra autoestima daquelas crianças. Erika também fez um comentário nesse sentido dizendo que as crianças puderam experimentar um protagonismo em uma manifestação, no caso artístico cultural, que possivelmente elas não tenham tantas oportunidades. Ambos, Rubens e Erika, declararam estarem satisfeitos e orgulhosos com o feito das crianças (11). Enquanto conversávamos as crianças terminavam seu lanche e calçavam seus sapatos. Quando todas já estavam prontas subimos para frente do teatro, pois era hora de assistirmos algumas apresentações.

Para assistir as apresentações Maurício dividiu as crianças em três grupos. Pois, o teatro não tinha lugar para que ficássemos toda gente juntas, pois o público havia ocupado boa parte do teatro. Antes de entrar cada um dos educadores (Maurício, Rubens e Erika) ficaram juntos/responsáveis com/por um dos grupos. Também combinaram de se encontrarem ali na frente da entrada principal do teatro às 21h05min estarmos ali na entrada principal do teatro para podermos pegar o ônibus e retornar para o bairro junto com as crianças. Assim, sucedeu.

(C.O.)Maurício comentou que Ficou junto de Macwin, Primo, Mano Brow, Karatê e Paulinho. Na divisão que fizemos não consideramos o número total de crianças, ou, faixa etária. Mas sim, a personalidade delas. Desta forma, Maurício justificou: “Aquelas que eram mais agitadas eu fiquei próximo, por percebermos (Eu, Rubens e Erika) que tenho um bom vínculo com essas crianças e como estaríamos em um lugar desconhecido, compreendi que os dois educadores não queriam facilitar para que houvesse coisas erradas (uma criança bagunçar, ocorrer conflitos, uma criança se afastar do grupo, ou, se perder e etc.)”No tempo em que estivemos dentro do teatro houve apresentação de Poesias, Bandas e danças, inclusive pude perceber que dança do ventre chamou a atenção dos meninos que estavam comigo, pois, embora

eles não tenham comentado/falado, eles riam e cutucava seus colegas chamando a atenção de seus amigos quando a dançarina fazia um passo com uma conotação mais sedutora, ou provocante. Maurício ainda comentou: “Às 21hrs tivemos que sair do teatro para poder voltar pra casa. Fiquei muito satisfeito com o bom comportamento das crianças. Não sei julgar se foi a estratégia de dividirmos a turma, ou, se foi a situação de estarmos num espaço desconhecido por elas. Todavia, compreendo que as crianças tiveram a oportunidade de observar “o como” as outras pessoas se comportavam naquela situação, dentro de um teatro (12).

Pudemos assistir à aproximadamente de 5 a 6 apresentações. Às 21hrs o Festival ainda não tinha acabado, havia mais grupos para se apresentarem, porém, já era hora de retornarmos. Nos encontramos no local combinado e só foi preciso descer a rampa da biblioteca para embarcar no ônibus. Contudo, estava chovendo. Assim. Primeiro organizamos uma fila no local protegido. A ordem das crianças na fila era a mesma das autorizações que estavam em posse do Professor Erika. Desta forma, do mesmo jeito que embarcamos na ida (com as pessoas convidadas entrando primeiro no ônibus depois a turma do projeto) estávamos embarcando na volta.

(C.O.) Ao deixarmos a parte interna do teatro Karatê, Barbara, Deby e outras crianças se queixaram dizendo que queriam ficar mais tempo. Porém Rubens reforçou que era importante respeitarmos aquilo que tínhamos combinados, inclusive, com cada responsável que autorizou sua criança a vir. Eu ainda comentei: “Já pensou se a gente quebra o combinado com seus pais. Depois eles não vão confiar em deixar vocês saírem com a gente de novo!”. De forma geral eu sinto que as crianças concordaram e compreenderam que devíamos voltar. Mas, a vontade de ficar era grande. Pois a qualidade das apresentações foi ótima.

No caminho de volta o motorista fez um trajeto diferente. Assim, não “cortou” pela cidade, voltando pela rodovia Washington Luiz. Desta forma o caminho de volta foi mais rápido.

(C.O.)No caminho de volta as crianças estavam quietas, só apresentaram agitação quando estava dentro do campus da UFSCar. Quando

o ônibus passava próximo à um local onde tinham estudantes as crianças acenavam, quando ela deixou a portaria da “área sul” as crianças novamente acenaram, mas desta vez para o “patrimônio UFSCar” enquanto acenavam diziam: “Tchau UFSCar”. Ao observá-las procurei refletir se aquele momento em que estavam quietas era decorrente de um momento de reflexão que faziam? Ou, se por estarem voltando pra casa pela pista/rodovia não tinham com quem mexer como teriam nas ruas? Ou, ainda, se estavam prostrados enquanto um efeito fisiológico de uma grande descarga de adrenalina? Não tive a perspicácia de perguntar ali no momento, apenas fiquei pensando nisso. Contudo, aproveitei para tentar conversar com as três responsáveis que haviam aproveitado o convite. A primeira foi Preta, mãe do Ronaldo. Fui até o banco do ônibus que ficava bem na frente dela. Ela estava sentada junto com sua “comadre” (era como Preta tratava a mãe de um participante da tarde). Perguntei o que ela achou da apresentação e do passeio? Ela respondeu que estava muito feliz em poder ter ido até o teatro, pois nunca tinha entrado em nenhum. Também disse ter chorado na hora em que aplaudiram as crianças. Nas palavras da mãe: “Eu fiquei tão emocionada professor! Eu comecei a chorar em ver meu filho sendo aplaudido. Só de lembrar eu me arrepio toda. É uma que o pessoal do Gonzaga não participa de nada. Seria bom eles verem seus filhos aqui, se apresentando, fazendo uma coisa boa! Agora esse pessoal fica lá. Por isso que os jovem de lá são daquele jeito. Ninguém incentiva eles”. Embora ela tenha feito as críticas à postura dos outros/as responsáveis pude perceber que ela estava bastante emocionada com o conjunto do passeio (em assistir seu filho Ronaldo, em ir ao teatro pela primeira vez, em ver as crianças serem aplaudidas) (13). Então conversei com a outra responsável. Ela, por estar sentada junta de Preta ouviu a conversa. Endossou o que a “comadre” havia acabado de dizer e complementou: “Muito lindo professor, eu não sabia que vocês fazia aquilo lá de música com as crianças. Eu amei! E foram elas mesmas que escreveram aquilo tudo? A música? A Poesia?” Me pareceu que a mulher não acreditava que fosse seu filho com seus colegas que tivessem criado as letras das músicas e o poema. Assim, aproveitei para explicar-lhe que foram as próprias crianças que produziram. Disse que no dia-a-dia do projeto durante a convivência com as crianças, sempre tínhamos uma boa surpresa, sempre aprendia algo com elas. Também aproveitei para

explicar que os participantes do VADL tinham encontros com musicalização. Portanto, não havia aulas de um instrumento em si, mas procurávamos estimular o a curiosidade e o interesse das crianças pelas artes musicais. Cumprimentei as duas mães, agradecendo a presença e a companhia durante o passeio. Procurei a terceira responsável, mãe de uma participante menina da tarde, porém notei que ela estava amamentando e como não tenho a mesma proximidade que tinha com Preta, por exemplo, preferi aguardar a oportunidade de conversar com ela em outro momento.

Chegamos no Gonzaga às 21h25min. Cinco minutos antes do horário combinado com as famílias (21h30min). Havia chovido, mas no momento do desembarque não estava chovendo. Antes de descer do ônibus, e já em frente a ECO, Maurício agradeceu a presença dos convidados (responsáveis), parabenizou as crianças e disse estar muito feliz e orgulhoso e pediu uma salva de palmas em celebração a beleza daquele encontro noturno.

Ao descer do ônibus algumas crianças ajudaram os educadores a guardar os instrumentos na ECO. Maurício, Rubens e Erika voltaram para seus lares juntos (14).

Diário de Campo XXII

Data: 29/11/2012

Horário: 08h – 11h (**manhã**)

Local: Estação Comunitária do Jardim Gonzaga (ECO)

Educadores/as Presentes: Mad, Maurício, Micuím, Rubens e Erika.

Participantes Presentes: B-boy, Ronaldo, Ricardinho, Corinthians, Teves, Patricia, Bem-10, Barbara, Samanta, Rosinha, Balotelli.

Hoje o dia amanheceu nublado e, como o Jardim Gonzaga fica numa região de vale, estava relativamente frio, nos impelindo a vestir blusa. Contudo, com o decorrer da manhã o vento levou as nuvens embora fazendo o sol brilhar forte e aquecer aquela manhã.

Chegamos na ECO com alguns minutos de atraso. Com efeito, as crianças já estavam dentro da sala multiuso, porém não haviam servido o café ainda.

Café da manhã e roda de conversa.

Nesta manhã foi servido leite com achocolatado e biscoito (rosquinha) de chocolate. Após as crianças tomarem café-da-manhã organizamos uma roda de conversa em torno de uma grande mesa. Neste momento relembramos aquilo que estava programado para hoje e organizamos a sequência da vivência. Assim, ficou combinado “contação de história”, “Garrafobol” e “Rouba-Castelo”.

As crianças escovaram os dentes e retornaram para ouvir a história.

Contação de história.

Nesta manhã, em celebração o mês da “Consciência Negra” Maurício e Micuim contaram uma adaptação da história “Menina Bonita do laço de Fita”, escrita por Ana Maria Machado. Para tanto, inspirado na apresentação feita pelas estudantes de Terapia Ocupacional, os educadores utilizaram carretéis de linha de costura e Fantoques que retratava uma família de pessoas negras. Este foi comprado pelo professor responsável pelo projeto de extensão, especialmente para dialogar e observação ao tema da educação para as relações étnico-raciais. Os educadores também aproveitaram para utilizar um teatro de fantoches que a ECO possuía. Logo adiante, de forma sintetizada, está a história apresentada:

Era uma vez um coelhinho branquinho que ficou encantado com a beleza de uma menina que tinha a pele pretinha, o cabelo encaracolado, os olhos pretos igual à azeitonas pretas e que quando a mãe dela fazia tranças em seu cabelo, pendurava lacinhos e a menina parecia uma princesa africana. Daí ele resolveu que queria ter um filho pretinho igual aquela menina linda. Para tanto ele vai perguntar pra ela qual é o segredo para que ela fosse tão pretinha. A menina não sabia, então ela decidiu inventar. Falou que tinha tomado banho de tinta. Daí o coelho foi lá e tomou banho de tinta. Porém na primeira chuva ele perdeu a cor e ficou branco de novo. O coelho então tornou a perguntar para a menina: “Menina bonita do laço de fita, qual é o segredo pra você ser tão pretinha?” e como a menina não sabia, ela tornou a inventar dizendo que tinha comido uma porção enorme de jabuticaba. Lá foi o coelho comer um montão de jabuticaba. Contudo, como já era de se esperar ele teve uma baita dor de barriga...

Assim desenrolou parte da história. A menina ia inventando várias mentiras e o coelho, inocente, acreditava. Até que um dia o coelho chegou na casa da menina e ela estava junto de sua mãe. O coelho lhe fez a pergunta de sempre: “menina bonita do laço de fita, qual é o seu segredo pra você ser tão pretinha”. A menina ia inventar outra mentira, algo sobre feijoada, porém sua mãe, uma negra linda, sorridente e simpática, resolveu se meter e, mostrando uma foto de uma velha senhora negra disse: Artes de uma avó preta que ela tinha? Aí o coelho resolveu pensar e percebeu que mãe da menina podia estar falando a verdade. Ele parou um pouco, pensou e percebeu que a gente se parece com nossos tios, ou com nossos pais, ou com nossos avós, ou ainda com parentes distantes. Daí ele percebeu que se quisesse ter um filho pretinho igual a menina bonita do laço de fita, ele teria que encontrar uma coelhinha pretinha, igual à menina. E não é que o danado do coelho encontrou uma linda coelhinha preta para casar. Não demorou muito pra ela se apaixonar por ele também. Eles namoraram e, coelho quando namora tem um montão de filhos. Nasceram de várias cores, inclusive uma coelhinha pretinha, da cor que ele achava lindinha. O casal de coelhos escolheram a menina bonita do laço de fita para ser a madrinha da coelhinha. E toda vez que a coelhinha saía com laço colorido no pescoço sempre alguém perguntava: Coelha bonita do laço de fita, qual é o segredo pra você ser tão a pretinha? Ela dizia: Conselhos da mãe da minha madrinha?

Maurício tinha os fantoches das três personagens negras. Os fantoches eram de pessoas negras. Para representar o coelho, a coelha e os filhotinhos, foram utilizados carretel de linha branca e um de linha preta, respectivamente. Para representar os filhotes

foram utilizados carretéis pequenos de linha de costura coloridos e um preto. Este para representar a coelhinha.

Após contação de história, houve uma conversa sobre nossa descendência, sobre nossos antepassados e nossos familiares. Em seguida, foi realizada a vivência da brincadeira Garrafobol.

Garrafobol

Varição do jogo de “queimada”. Nesta todos os jogadores e jogadoras recebem uma garrafa plástica de refrigerante (fechada contendo pouco de água para que não caia com o vento). Assim, o objetivo é derrubar a garrafa dos(as) participantes do time oposto com a ajuda da bola. Todos(as) participantes podem utilizar seu corpo para defender sua garrafa. Aquele(a) que tiver sua garrafa derrubada pela bola, ou por acidente ao defender, deverá ocupar o “cemitério” (espaço externo à marcação da quadra de vôlei – por exemplo). Vence a equipe que conseguir derrubar todas as garrafas dos componentes da equipe adversária. Para a realização desse jogo foi necessário uma “garrafa pet” para cada participante, e duas bolas leves para que não machuque quem for queimado.

Realizamos duas rodadas do jogo Garrafobol na qual apenas uma equipe venceu a duas partidas. No momento de trocarmos o jogo, as crianças pediram para manter as equipes.

Rouba-castelo.

No Rouba-Castelo foram utilizadas a marcação da quadra de vôlei. Assim, a dinâmica do jogo foi a seguinte: Enquanto uma equipe formou uma fila em um dos fundos da quadra, a outra equipe se dividiu nas laterais da quadra de vôlei. Formando assim, um corredor no centro da quadra. A tarefa da equipe que estava no fundo da quadra, era de um participante (o corredor) por vez de atravessar a quadra e apanhar os “castelos” (garrafas pet) que estavam do outro lado (na outra linha de fundo do vôlei). Para tanto, deveriam atravessar todo o espaço central sem ser atingido. Enquanto os participantes de uma equipe tentavam atravessar com os castelos (só era permitido um castelo por vez, bem como, um participante por vez) os participantes da outra equipe tentavam acertá-lo com a bola de borracha (bola dente-de-leite, bem leve). Caso o participante “corredor” fosse atingido ele deveria abandonar imediatamente o “castelo” no mesmo local da quadra onde ele tivesse sido atingido e voltar para o fim da fila. No momento em que fosse atingido, outro participante de sua equipe estava liberado para correr. Podendo escolher entre pegar um

castelo no fundo da quadra, ou, pegar o castelo abandonado pelo seu parceiro. Ao final de 5 minutos é contada a quantidade de castelo que um time conseguiu “roubar” (transportar) de um lado para o outro da quadra. Este número era registrado e, então, troca-se os papéis das equipes. Caso ocorresse de uma equipe apanhar todos os castelos antes dos 5 minutos o relógio era “pausado/parado” para que fossem reposicionados os castelos e reiniciado, a partir daquele tempo seguindo a contagem dos pontos de maneira crescente, sem interrompê-la (portanto é comum uma equipe marcar mais do que 10 pontos, ou, o número de cones).

Após jogarmos 4 rodadas e antes de começar a quinta, as crianças foram instruídas à formarem uma fila que ia dos menores para os maiores para lavar as mãos, pois já era a hora do almoço. Assim, elas lavaram as mãos e foram almoçar.

Almoço e roda de conversa para combinar as atividades do encontro seguinte.

Antes de servirmos o almoço combinamos as atividades do encontro seguinte. Assim, ficou combinado de lermos uma parte da última edição do Jornalzinho neste ano (2012), brincarmos de “pé-na-lata” e realizarmos uma vivência musical, respectivamente. Maurício também pediu para elas não esquecerem de conversar com seus pais e mães sobre as raízes de suas famílias.

No almoço de hoje foram servidos macarrão, almondegas com molho de tomate, alface, suco de groselha e de sobremesa foi servido gelatina de morango. Após o almoço as crianças escovaram os dentes e foram para casa se arrumar para ir para escola.

Comentários

- Para aquele encontro os educadores do VADL só lembravam que estava programada a Contação de História, mas não lembravam das brincadeiras programadas. Pois, geralmente eles sabem quais são as atividades do dia. Porém, desta vez, Micuim, Maurício e Mad não lembravam, nem tampouco estavam com as anotações daquilo que foi programado. Assim, os educadores só tinham certeza da Contação de História. Somente após consultarmos as crianças é que Micuim afirmou ser realmente aquela a programação proposta. Assim, ele ressaltou: “Meu, a Samanta depois de uma semana lembrou direitinho as conversas que tínhamos feito durante a escolha dos jogos. Ela foi falando o que escolhemos e como foi escolhido. Achei impressionante. Só a partir daí que eu fui lembrar”. Micuim demonstrou satisfação em perceber que as crianças

não mudaram a programação aos seus gostos, mantiveram aquelas elencadas no encontro anterior. Nas palavras do educador: “Eu fiquei feliz com isso, porque eu acho que isso aponta para o quanto elas estão comprometidas com aquilo que foi combinado” (1).

- A escolha desta história (“Menina bonita do laço de fita”), especificamente, buscou dialogar com a educação para as relações étnico-raciais. Pois, para além de Novembro ser o mês da “Consciência Negra”, a temática aqui abordada também foi eleita como um dos eixos que compõem o grande tema “Convivência”, emergente no processo de eleição dos Temas Geradores. Assim, nos apropriamos da linguagem lúdica da “Contação de História” para iniciarmos o diálogo com as crianças. Para tanto, Maurício perguntou o que é que o coelhinho queria fazer? Karatê respondeu que ele queria ficar pretinho. Contudo, logo foi corrigido por Samanta que atentou: “Não, ele queria ter um filho pretinho”. Outras crianças concordaram com Samanta. E assim Maurício foi problematizando com outras perguntas relacionadas a história que ele e Micuim haviam contado. O objetivo da problematização era para que as crianças avaliassem sua própria condição hereditária. Para refletissem sobre suas próprias descendências. Assim ele prosseguiu: “Mas quando o coelhinho tentou mudar de cor ele conseguiu?” Em coro as crianças responderam um “não” bem sonoro. “O que foi que ele fez então?” e assim sucessivamente. Ao final da problematização sobre a história e ainda com a configuração da turma em semicírculo de frente ao teatrinho de fantoche, Maurício chamou atenção para a cor dos olhos do educador Mad e perguntou a ele porque ele tinha os olhos esverdeados. Mad disse: “Olha eu sei que sou descendente de italianos e portugueses. Então deve ser por causa disso. Porque os olhos da minha mãe são castanhos claro, e os do meu pai são iguais aos meus, esverdeados. Daí eu acho que eu nasci assim por causa dos meus avós eles sim tinham olhos claros”. Maurício comentou que ele tinha a pele parda e cabelo crespo e disse: “Eu pude conhecer o meu bisavô, que foi o avô do meu Pai. Seu nome era Pedro, era um senhor italiano alto, e pele branca. O pouco cabelo que tinha já era branco tinha os olhos verdes. Da minha família de lá (da Itália) é que veio meu nome Belmonte. Mas, minha avó, mãe do meu pai era bisneta de escravos. Bem, na verdade dizem que a mãe da minha avó é filha “de uma filha de escravos” com um português. Ela tinha a minha cor e o cabelo crespo. Porém seus olhos eram claros, de uma cor acinzentada”. Maurício também comentou que por parte de mãe sabia muito pouco, pois não

conviveu com eles, apenas os visitavam em sua cidade no interior de Minas Gerais (Coronel Fabriciano), uma vez ao ano. Mas, depois que começou a estudar não voltou mais lá (isso já tem 7 anos). Contudo, Maurício afirmou que seus avós maternos eram brasileiros e afrodescendentes (2).

- Após Maurício falar de si ele perguntou para as crianças sobre quem conhecia a história de sua família, sua descendência. Muitas crianças diziam conhecer seus avós maternos. Que inclusive, muitos ainda viviam junto a eles. Barbara disse que sua avó era baiana, já Samanta e Balotelli disseram que sua avó, era do Paraná, mas que moravam com ele ali no Jardim Gonzaga. Tiveram respostas que diziam que seus avós eram mineiros, e outros que eram baianos e, por fim tiveram resposta que diziam não saber. Maurício propôs que, como numa lição de casa, a tarefa seria descobrir/pesquisar a descendência. Portanto as crianças deveriam perguntar para suas/seus responsáveis sobre seus antepassados, sua família, quem eram, qual a etnia (na ocasião Maurício utilizou a palavra etnia dizendo em seguida “raça, ou cor”) para que no encontro seguinte falassem um pouco sobre seus antepassados (3).
- Ao final do encontro Micuim comentou que lhe chamou a atenção algumas crianças afirmarem não conhecer seus avós paternos. A professora Erika comentou “Bem, aqui não é difícil, porque muitas crianças não vivem com seus pais. Quem cuida é a mãe, ou, geralmente a avó materna. Aí você vai analisar a mãe tem uma relação conturbada, ou ruim com o pai da criança. Então ela acaba nem falando muito sobre aquela parte da família para a criança” (4).
- Após a contação de história organizamos uma “fila indígena” até a sala ao lado (Biblioteca menino-maluquinho), e pedimos, que na ordem em que estava a fila, cada participante pegasse a sua e fosse colocar água (2 dedos para que o vento não derrubasse a garrafa), tendo em vista a prática do “garrafobol”. No momento de colocar a água na garrafa algumas crianças jogaram água em seus colegas, causando descontentamento e pequenos conflitos/discussões. Houveram também crianças que quase encheram a garrafa de água, conferindo um grande peso aquele recipiente, de maneira à dificultar que fosse derrubada. Assim, num primeiro momento Mad entreviu pedindo para que não jogassem água no colega. Num segundo momento, quando todas as crianças já estava no centro da quadra para dividirmos as equipes, Micuim

comentou sobre as duas atitudes, compreendidas como impróprias dizendo: “Olha só, não é legal esse lance de colocar muita água porque se não o jogo não funciona. Não fica legal. Vocês notaram que a gente sempre joga com uma bola leve. Essa bola é assim porque a ideia é que não nos machuque. Só que por ser leve ela pode não derrubar a garrafa se esta estiver cheia de água. A emoção do jogo está justamente em conseguir defender sua garrafa. Imaginem se não precisar defender, se ela for ‘inderrubável’. Daí não teria jogo”. Ao terminar suas palavras Batman falou para Macwin: “Tá vendo! Quer dar uma de esperto”. Macwin logo respondeu: “A fica quieto aí vai ô!”. O educador aproveitou também para falar das provocações: “E tem também o lance de vocês jogaram água, ficar provocando o outro. Se sabe que o colega não quer que faça a brincadeira, não faz” (5). Micuim disse isso comentando o episódio da água, pois a brincadeira de molhar as mãos e espirrar água nos colegas começou com Balotelli e kaká, porém, logo outras crianças também o fizeram. Mad ainda reforçou. “E olha só. Eu vi que começou com os grandes. Está vendo como é que os pequenos aprendem! Logo eles começaram também, daí virou briga!”. Em conversa após o lanche, os educadores refletiram sobre aquela situação. Maurício disse que não era nada grave, mas Mad ressaltou que as coisas sempre começam assim, de forma corriqueira, ademais, ele concordaram acerca da influência e liderança que os meninos mais velhos exerciam sobre os mais novos compreendendo que seria oportuno trabalhar melhor essa questão da aprendizagem interetária, buscando aproveitar a positividade de tal influência (6).

- No final do encontro, após as crianças terem retornado para seus lares, Maurício comentou com os demais educadores que durante o diálogo sobre a história faltou problematizarmos sobre a questão do preconceito racial na atualidade. Assim, ele comentou: “Nossa, na hora não lembrei, mas podíamos ter resgatado a questão da piada que foi comentada com o Balotelli, podíamos ter falado sobre a representação das pessoas negras na mídia (como elas aparecem nas novelas, nas capas de revista, nas histórias infantis), isso tudo é importante para a formação da identidade dessa turminha, sendo negro ou não”. Após esse comentário Mad lhe confortou dizendo que na semana seguinte seria reiniciada a conversa devida a proposição feita para as crianças de pesquisarem sobre suas “raízes”, seus ancestrais.

- Durante o jogo as crianças mostraram-se exaltadas. O garrafobol é um dos jogos que a turminha mais gosta (dividindo a predileção com o pé-na-lata). Porém, ele tem seu aspecto competitivo muito acentuado. Desta forma, durante o jogo ocorreram casos de conflitos que geraram atitudes impróprias. Assim, homen-aranha ao ter sua garrafa derrubada se irritou com um colega alegando que este deveria ter defendido sua garrafa. Ao assumir a posição do “cemitério” (espaço onde fica quem foi “queimado”), ainda bravo, arremessou sua garrafa contra a grade em sinal de descontentamento. Maurício compreendeu aquilo como expressão de raiva/descontentamento e uma atitude imprópria e de certa forma violenta. Desta forma pediu para que não fizessem aquilo por ser perigoso, ou estragar o brinquedo (no caso garrafa), pois iria amassar o fundo e ela não iria mais parar em pé. Porém a competição era tanta que ocorreu novamente. Geralmente ao ser “queimada” a criança tinha um “acesso de raiva”, de indignação, e diziam: “tá loco viu”, ou “alá!”, em seguida arremessavam suas garrafas. Desta forma, Maurício parou o jogo e explicou que a partir daquele momento o seria incluída mais uma regra no jogo, e que esta seria emprestada do futebol de salão. Assim, quem tivesse uma atitude anti-desportiva seria punida com “2 minutos”. Ficando dois minutos fora do jogo e retornando ao término deste tempo. Duas crianças (Balotelli e Macwin) ainda repetiram por mais umas vez o ato revoltoso de jogar a garrafa e xingar. Ambas cumpriram os dois minutos. Micuim, inclusive sentou-se junto das crianças para conversar com elas enquanto era contado o tempo. Depois disso, e nas demais rodadas não ocorreram casos como os de jogar a garrafa ou de acusar o colega de não ajudar. Ao final do encontro, Mad comentou com a equipe: “Meu, foi legal porque as crianças ficavam bravas quando o adversário derrubava sua garrafa, ficavam indignadas, mas não direcionava sua raiva a ninguém. Continuavam a reclamar, mas não indicavam culpados iniciando discussões. Me lembrou até os episódios do ‘Chaves’.” (7)
- Micuim, que ficou sentado junto com as crianças que cumpriam os “2 minutos”, disse que conversou com as crianças e comentou: “Acredito que durante o jogo “garrafobol” algumas crianças ficaram bravas e revoltadas por acharem que estavam sendo injusticadas, até mesmo pelos educadores que estavam arbitrando o jogo. Quando sentei ao lado delas e conversei sobre a importância de não se alterar, se controlar, para não perder a razão em discussões, e principalmente, sobre a importância do respeito com o próximo. Neste momento de diálogo tive a impressão das crianças

estranharem eu estar ali conversando. De acordo com que dizem sobre o desrespeito no bairro, tenho impressão que elas esperavam tomar uma bronca, se xingada. Mas daí eu disse que os ‘2 minutos’ era justamente pra trazer calma, para que a pessoa pensasse em o que estava acontecendo? ” (8).

Diário de Campo XXIII

Data: 06/12/2012

Horário: 08h – 11h (manhã)

Local: Estação Comunitária do Jardim Gonzaga (ECO)

Educadores/as Presentes: Mad, Maurício, Micuim, Rubens e Erika.

Participantes Presentes: B-boy, Ronaldo, Ricardinho, Corinthians, Teves, Barbara, Samanta, Rosinha, Danilo, Sheila, Balotelli, Ben-10, Patrícia, Huck, Zinho, Karatê e Primo.

Estava um dia de sol bem agradável. Hoje chegamos um pouco mais cedo (7h50min) do que o que costumamos chegar. Fomos recebidos apenas Batman, Neymar e Barbara que já estavam na ECO. As crianças foram chegando logo em seguida. Começamos a conversar com elas no pátio, próximo a cozinha.

Maurício propôs um jogo que as crianças já conheciam, o “Ninja”. Assim, brincamos todos no pátio em frente a cozinha até dar hora de iniciar as atividades.

Erika e Rubens chegaram com o sabonete líquido para todos lavarmos as mãos para tomarmos café da manhã. Todas as crianças e Maurício lavaram as mãos e foram para sala tomar café da manhã.

Café-da-manhã e roda de conversa para combinar as atividades.

Nesta manhã foi leite com groselha (temperatura ambiente) e bolacha de água e sal. Os educadores do VADL aproveitaram para sentar à mesa e tomar café da manhã junto das crianças. Durante o café-da-manhã fizemos nossa conversa sobre as atividades que seriam desenvolvidas naquele encontro. A saber: Leitura do Jornalzinho, o jogo pé-na-lata e a realização de uma atividade musical. Contudo, o Jornalzinho ainda não estava pronto. Dialogamos com as crianças sobre este fato e ficou decidida a vivência somente das duas atividades elencadas e, se tivéssemos tempo para outra atividade. Iríamos combinar na hora (1).

Antes de irmos escovar os dentes, Maurício perguntou se as crianças haviam feito a pesquisa sobre seus antepassados, ou, suas raízes. As crianças disseram que não fizeram porque não lembraram.

O Jogo Pé-na-lata

O pé-na-lata foi realizado no campo, pois ao iniciarmos o jogo estava ocorrendo o encontro do grupo de caminhada. Portanto, antes de começarmos combinamos as regras (onde era permitido se esconder, se o pegador da rodada seguinte era o último, ou o primeiro a ser pego). Após combinarmos as regras iniciamos o jogo. Algumas pessoas compreendem este jogo como uma variação do esconde-esconde. Portanto, existe a presença de um pegador/a e de fugitivos/as. Estes deverão se esconder dentro do espaço permitido para realização do jogo. O jogo se inicia com o “pegador” posicionando a lata dentro de um determinado espaço (na qual ela deverá sempre se manter) e escolhendo alguém para “dar uma bica” (um chute) na lata⁵¹, arremessando-a para longe. O pegador deverá ir pegar a lata (pode ser correndo, ou caminhando) e retornar andando de costas, não podendo olhar para trás. Neste interim, enquanto o pegador vai buscar a garrafa, os fugitivos se escondem (por isso o pegador não pode olhar para trás). Após colocar a garrafa no lugar determinado o pegador começa a procurar os participantes e, a medida que ele os encontra ele corre até a garrafa e fala o nome de quem ele encontrou. O Fugitivo que foi encontrado deve ficar sentado em um lugar próximo a área onde está a garrafa (só não é permitido ficar à frente da garrafa, pois, pode ocasionar acidentes). Porém, para que o pegador vença o jogo é preciso que ele tenha atenção, pois, pode ocorrer de algum fugitivo, que não tenha sido pego, venha dar “uma bica” na lata, libertando quem já tinha sido pego e fazendo com que o pegador tenha que buscar a lata sem olhar para trás reiniciando o jogo. Aqueles fugitivos que já estavam escondidos permanecerão escondidos (podendo trocar de lugar). O jogo termina quando o pegador consegue capturar todos os fugitivos. Então, é começada uma nova rodada com o novo pegador que, geralmente, foi o primeiro a ser pego na rodada que acabou de acontecer.

O jogo estava muito agradável. As crianças aparentavam se divertir muito. Contudo, após algumas rodadas de pé-na-lata a brincadeira foi interrompida para que trocássemos de atividade. Contudo as crianças queriam continuar brincando daquele jogo, pois disseram estar gostando. Mad salientou que não seria bom realizar a atividade musical em pouco tempo. As crianças pediram para fazer apenas mais algumas rodadas. Havia ali um empasse entre a vontade das crianças e o planejamento originalmente proposto. Assim, após uma breve conversa entre Mad e Maurício, ficou decidida a realização de mais algumas rodadas de “pé-na-lata”, sendo mantida a atividade musical com adaptações (2).

⁵¹ Na Estação Comunitária utilizamos uma garrafa pet com um pouco de água, equivalente a “três dedos”, para que o vento não derrubasse a garrafa, mas atentamos que originalmente eram utilizadas latas de óleo, achocolatado, leite em pó. Daí o nome do jogo.

Mad e Maurício foram preparar a atividade musical enquanto Micuim, Rubens e Erika permaneceram no jogo “pé-na-lata”. Esta atividade foi desenvolvida até às 9h40min, quando foi novamente interrompida, para que trocássemos de atividade.

Atividade Musical.

A atividade musical desta manhã foi realizada na sala multiuso. Foi pedido para que toda gente sentasse em torno de uma grande mesa. Maurício e Mad apresentaram que eles haviam aprendido a atividade que seria ministrada ainda enquanto frequentavam a escola. Assim foi iniciada uma roda de conversa com o tema “escola”. Após a roda de conversa, foi ensinado o “Batuque do Caneco”. Esta é uma brincadeira musical que trabalha, principalmente, ritmo.

Após a roda de conversa e a realização do batuque, lavamos as mãos e as canecas e realizamos nosso almoço.

Almoço.

Antes que fosse servido o almoço combinamos as vivências do encontro seguinte. Assim, após elencadas várias atividades ficou decidido que faríamos a atividade Musical que não foi realizada hoje (pois aquela era uma adaptação) e um festival de pega-pega (na qual seriam realizados vários tipos de pega-pega). A refeição de hoje foi macarrão, salada de alface e com frango assado com batatas. Também foi servido suco de groselha. De sobremesa foi servido maçã.

A medida que as crianças terminavam seu almoço elas escovavam os dentes elas se despediam dos educadores e retornavam para seus lares.

Comentários.

- Hoje seria realizada a entrega do “Jornalzinho” do mês de Dezembro. Este será a última edição deste ano. Contudo, devido à atrasos na diagramação desta edição a impressão não foi realizada à tempo. Com efeito, os educadores tiveram que postergar a data em que seria realizada a entrega e leitura deste material. Para tanto, foi explicado o motivo para as crianças. Elas não demonstraram grande descontentamento com a notícia. Maurício comentou com os educadores: “Dentre as nossas atividades o jornalzinho é aquela que mais lembra um ambiente de aula, na qual as crianças devem se organizar para ler, pintar e, em alguns casos, até escrever. Como no caso de “caça-

palavras”. Me pareceu que elas não ficaram aborrecidas por mudarmos a programação. Talvez seja o caso de envolvê-las ainda mais no processo de produção do jornalzinho. Assim como era feito com o ‘ECOzine⁵²’ na qual elas organizavam colagens das matérias e depois apenas fazíamos xerox para distribuir entre elas e parte para população.

- Os educadores já haviam comentado que o jogo pé-na-lata era um dos preferidos das crianças. Como é uma brincadeira que lembra o “pic-esconde” ela acaba não se configurando com um jogo de embate, de confronto. Porém é possível que indiquem que existe uma competição entre o pegador contra aquelas crianças que se escondem. Contudo, é possível observar que o jogo apresenta alguns elementos cooperativos. A exemplo, quando as crianças vão se esconder atrás da caixa d’água, por exemplo, elas ficam tão apertadas que precisam se abraçar para que ninguém fique com partes dos seus corpos à vista. Ou quando os mais velhos como Samanta, ou, Bárbara ajudam Rosinha (que é menorzinha) a se esconder. Contudo, a equipe de educadores salientaram que as crianças aparentam muita satisfação em realizar essa brincadeira, não havendo conflitos, ou discussões. Maurício comentou que aquele era um momento pleno onde a alegria de brincar era compartilhada. Até mesmo para quem fazia o papel de “pegador/a” (3).
- Dentro da necessidade de decidir pela adaptação de uma vivência, ou efetiva não execução dela, Maurício e Mad dialogaram brevemente sobre a possibilidade da adaptação. Nesse sentido o educador consultou o músico acerca da realização da vivência musical. Mad comentou sucintamente que não seria nada complexo, que a ideia era continuar aquilo que já vinha sendo desenvolvido, como a necessidade de “perceber o outro, tocar com o outro”. Maurício falou que conhecia uma brincadeira cantada feita com latas/potes de achocolatados que daria pra fazer com canecos, que inclusive havia uma música chamada “Fome Come” (do grupo Palavra Cantada) que o pessoal usa seu ritmo. Mad comentou conhecer com outro nome e aceitou. Junto com a atividade musical Maurício comentou que tentaria disparar um diálogo sobre os

⁵² Material informativo produzido pelas crianças em ocasião de participação no projeto “Campeões na Rua”. O nome “ECOzine” faz alusão à técnica de produção de material gráfico/informativo conhecida como Fanzine. Por isso a aglutinação das palavras ECO, de Estação Comunitária com as sílabas zine de Fanzine. Este último por sua vez é uma aglutinação de duas palavras inglesas “Fan” (de Fanatic = fanático) e “Zine” (de magazine). Cujo uso original era atribuída à produção desprezível de uma revista editada por um fã. Para divulgar sua banda preferida, criação de quadrinhos, poesias e etc.

aspectos positivos da escola, Mad disse que achava interessante. Assim, enquanto Micuim permaneceu com as crianças na brincadeira Maurício e Mad prepararam a vivência seguinte.

- Após o encerramento das atividades Maurício e Mad dialogaram sobre a adaptação da atividade musical. Mad apresentou estar preocupado em não desenvolver as atividades programadas. Maurício comentou com o músico que dentro da perspectiva dialógica de trabalho as pessoas da equipe pedagógica, os/as educadores/as tinham que estar atentas para não incorrerem em “licenciosidade”, para tanto deveriam compreender que são “autoridades”. Com efeito, nas palavras de Maurício: “Olha ‘nem tanto ao céu, nem tanto a terra’. O problema é ‘espontaneímos’, não programar nunca o que vai fazer, ou, minimamente não fazer emergir dos diversos conteúdos/atividades um ‘tema’. Como também atuar com autoritarismo, ser meio que um ‘tirano’ que manda simplesmente por acreditar que deve mandar, nunca ouvir o outro, não dialogar. Agora, acredito que adaptamos de forma coerente. Nós também estamos experimentando a convivência a partir do brincar. Temos é que estar atentos para não adaptarmos sempre! Daí é licenciosidade!” Mad ouviu atentamente as palavras de Maurício, ficou quieto por uns instantes, parecendo refletir naquilo que o educador havia lhe dito e então falou: “É! Também ia ser dureza, porque adaptar porque não temos o Jornalzinho pode, agora porque eles estão com vontade de se jogar um pouco mais pra se divertir não pode! não é?”. Mad procurou expressar que seria injusto, e talvez autoritário não conceder ao pedido das crianças (4).
- Foi utilizado o contexto “escolar” para anunciar a atividade musical. Tal mote se deu foi uma adaptação, pois esse não era o objetivo inicial da atividade musical. Contudo, foi muito oportuna a adaptação, haja visto que não foi realizada a atividade do Jornalzinho (leitura e escrita, pintura e jogos de passatempo) devida a não impressão deste material. Assim Maurício iniciou dizendo que aprendeu ao “Batuque” na escola, numa aula de “Educação Artística”. Daí Maurício comentou que gostava muito de ir para escola e perguntou: “Quem aí também gosta de ir para escola?” Toda a turma sinalizou que sim. Então o educador perguntou o que é que as aquelas crianças gostavam na escola? Desta forma, foi iniciado um diálogo franco, na qual as crianças puderam expressar livremente aquilo que sentiam pela escola. Emergindo os seguintes comentários: A participante Patrícia comentou que ela tem tirado boas notas e que sua

disciplina favorita é Português e História, mas que gosta bastante também de Ciências e História; Barbara também comentou que gosta bastante de ir a escola, pois lá também é um lugar de paquera. Neste momento as crianças acharam graça e, junto com os educadores, riram; Todos comentaram adoram a aula de Educação Física, pois eles podem brincar e correr bastante. Algumas crianças falaram que gostavam bastante de ir a escola porque lá encontravam todos seus amigos. Neste momento Micuim e Mad explicaram que é muito bom encontrar os amigos na escola. Mas Micuim salientou: “É importante vocês aproveitarem a oportunidade de estarem matriculados em uma escola e estudarem o máximo possível, para aprenderem bastante e poderem garantir um futuro com melhores oportunidades” (5). Ao final das atividades Micuim comentou ter gostado muito daquela roda de conversa. Nas palavras do educador: “Eu gostei muito dessa roda final, foi uma conversa horizontal, na qual as crianças falaram o que realmente vinha na cabeça. Creio que foi algo construtivo para as crianças, pois alguns participantes comentaram que iriam tentar estudar bastante para conseguir comprar o que quisessem” (6).

ANEXOS

Anexo 1 – Modelo do “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”.



VIVÊNCIAS EM ATIVIDADES DIVERSIFICADAS DE LAZER (DEFMH / UFSCAR)



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____,
autorizo a participação de _____,
no projeto “Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer”, bem como concedo a realização de registro das observações em diários de campo e uso de imagens obtidas no projeto para divulgação do mesmo e desenvolvimento de pesquisas. Os riscos com a participação dos/as responsáveis consiste em eventual constrangimento e dos/as participantes do projeto são os mesmos de uma sessão regular de recreação (eventual escorregão, queda, entorse que pode ocorrer no decorrer das atividades, exercícios, jogos e brincadeiras), mas todos os cuidados estão sendo tomados para evitá-los. Todavia, poderá haver benefícios para o aperfeiçoamento da metodologia de trabalho pedagógico dos projetos trazendo subsídios a discussões na área de lazer, educação física, musicalização, arte educação e da educação em geral inclusive repensando o ambiente escolar, bem como subsidiar mudanças na política pública de educação, esporte, lazer, cidadania e assistência social da cidade de São Carlos. Salientamos que os nomes dos participantes e seus respectivos responsáveis serão alterados garantindo sigilo.

São Carlos, ____ / ____ / ____.

Assinatura do Participante

Assinatura do Responsável

Anexo 2 - 42º Jornalzinho VADL

Esporte Para Cidadania

Departamento de Educação Física e Motricidade Humana / Universidade Federal de São Carlos
Secretaria Municipal de Esporte e Lazer – Secretaria Municipal de Cidadania e Ação Social / Prefeitura Municipal de São Carlos
Apoio: ProEx/UFSCar

Ano 12, Número 42

Maio, 2012

Editorial

Olá turminha do Gonzaga! Comemoramos há poucos dias o “Dia do Índio” e o “Dia do Trabalhador” e, no dia 13 de maio comemoraremos o “Dia das Mães”. Por isso, essa edição vem com uma excelente contribuição feita pelo estudante de Educação Física da UFSCar, Lenon Ferreira Corezomáé, indígena da etnia Umutina, que nos contou um pouco sobre a cultura de sua comunidade. Também pudemos entrevistar Odair (funcionário da ECO) que em celebração ao “Dia do Trabalhador” falou sobre seu trabalho. Ainda tem as atividades de passatempo para que vocês aprendam e se divirtam ao mesmo tempo! Então, turminha, boa leitura e diversão a todos e todas. Lembre-se, logo que acordar no domingo, dia 13 de maio, dê um abraço bem carinhoso na mamãe.



Da esquerda para direita: Andressa, Débora, Odair (entrevistado do mês), Larissa, Natan e Augusto

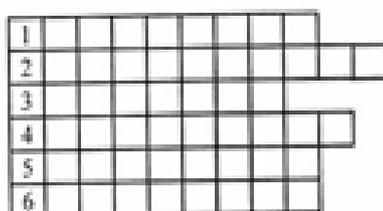
Entrevista do Mês (Odair de Jesus)

Olá! Meu nome é Odair de Jesus e já faz nove meses que trabalho na Estação Comunitária (ECO) como Controlador de Acesso. Minha função é cuidar do patrimônio da ECO e ficar atento para que ninguém faça mau uso deste espaço. Moro aqui mesmo no bairro e estou satisfeito com a carga horária, pois são onze horas diárias com uma escala na qual eu trabalho um dia e folgo no outro. Isso ajuda a não torná-lo cansativo. Não escolhi essa profissão, meu sonho mesmo era ser jogador de futebol, pois sou habilidoso e entendo um pouco de jogadas. Porém, mesmo não tendo escolhido esta profissão eu estou satisfeito e a realizo da melhor forma possível para mostrar para as pessoas que através do meu trabalho hoje eu sou diferente do que fui no passado. Hoje tenho um emprego digno e embora o salário não satisfaça meus desejos em ter um carro ou uma casa própria, ele tem ajudado a suprir com algumas necessidades como pagar as despesas do lar, comprar os alimentos, pagar as contas etc. Assim, sinto que depois que conheci Jesus Cristo, pois sou evangélico e toda minha vida está fundada nas palavras de Deus, as coisas estão melhorando. Gostaria também de dizer que o “Dia do Trabalhador” é uma boa data para reconhecer a luta do trabalhador, que muitas vezes não tem seus direitos respeitados. Direitos estes que estão na constituição e que muitas vezes não são reconhecidos. Gostaria, antes de me despedir, dizer que quando eu era criança fui muito bagunceiro e não gostava de estudar, mas graças a Deus tive uma oportunidade. Então, para as crianças deixo a mensagem para que não falem a escola, respeitem seus professores e estudem bastante para que tenham oportunidades melhores das que eu tive.

1º de Maio – Dia do Trabalhador

Em Maio de 1886, trabalhadores realizaram uma série de manifestações nas ruas de Chicago, nos Estados Unidos da América. Essas manifestações tinham por finalidade reivindicar a redução da jornada de trabalho para 8 horas diárias e teve a participação de milhares de pessoas. Ocorreram confrontos com a polícia e várias pessoas morreram ou ficaram feridas. Três anos mais tarde, a segunda Internacional Socialista (organização mundial dos partidos políticos social-democratas, socialistas, liberais e trabalhistas) reunida em Paris decidiu por convocar anualmente uma manifestação com o objetivo de lutar pela 8 horas de trabalho diário. A data escolhida foi o 1º de Maio, como homenagem às lutas sindicais de Chicago. Em 1º de Maio de 1891 uma manifestação no norte de França é dispersa pela polícia resultando na morte de dez manifestantes. Esse novo drama serve para reforçar o dia como um dia de luta dos trabalhadores. Em 1919 o senado francês ratifica 8 horas diárias de trabalho e proclama o dia 1º de Maio desse ano como feriado. Apesar de até hoje os estadunidenses negarem o reconhecimento dessa data como sendo o Dia do Trabalhador, a luta dos trabalhadores estadunidenses conseguiu a aprovação da redução da jornada de trabalho diário. No Brasil, a data foi consolidada em 1924 no governo de Artur Bernardes (presidente entre 1922 e 1926) e, a partir do governo de Getúlio Vargas (presidente entre 1930 e 1945, incluindo golpe de estado em 1937), as principais medidas de benefício ao trabalhador passaram a ser anunciadas em Maio. Atualmente, inúmeros países adotam o 1º de Maio como o Dia do Trabalhador, sendo considerado feriado em muitos deles.

Passatempo



CRUZADINHA

- 1- OLIDADO MELI DENTIS.
- 2- ME ENSINA A LUR.
- 3- FAZ SHOWS E CANTA.
- 4- DIRIGE ÔNIBUS.
- 5- COZINHEIRA CASAL.
- 6- OLIDADO PORTÃO.

O Dia do Índio e a cultura indígena no olhar de Lennon Ferreira Corezomáé

Meu nome é Lennon. Sou da etnia Umutina, que está situada no estado de Mato Grosso. O dia do índio é um dia que deve servir para reflexão acerca dos povos indígenas, sobre suas culturas e tradições, sobre o sofrimento durante o período de colonização e o quanto ainda sofrem nos dias atuais.

Os povos indígenas não festejam somente no dia 19 de Abril (Dia do Índio), e sim a semana toda. Nestes dias temos que procurar alimentos através da pesca, da caça, da colheita de frutos nativos e de parte da plantação para fazermos uma grande festa para toda a aldeia. Há a participação de homens e mulheres de todas as idades. A maioria dos homens sai à procura do alimento enquanto as mulheres ficam responsáveis pelo preparo das comidas tradicionais. Em homenagem aos nossos antepassados e em sinal de preservação de nossa cultura pintamos nossos corpos.

No dia 19 nos divertimos muito dançando e brincando com nossos jogos tradicionais, entre outros.

Um jogo que é comum é o de arco e flecha, sendo dividido em gênero, e em categorias: crianças, jovens, adultos. Neste temos que procurar um objeto para ser flechado, pode ser uma laranja, um tronco de uma bananeira, desenho de animais em casca de madeira entre outros. Colocamos o objeto a certa distância das pessoas que vão flechar, e então, pode flechar um de cada vez, ou todos de uma vez só, pois cada um conhece qual a sua flecha. O indígena que acertar o objeto vai acumulando ponto, e quando atingir o número de pontos estabelecidos ele ganha o prêmio que pode ser algum artesanato do povo Umutina.

Enfim, nos organizamos com prazer para fazer uma grande celebração, pois é um momento no qual estão juntas as pessoas mais velhas e mais novas da nossa família, bem como os amigos, podendo ter a oportunidade de aprender mais sobre a cultura e histórias dos nossos antepassados.

Anexo 3 - 43º Jornalzinho VADL

Esporte Para Cidadania

Departamento de Educação Física e Motricidade Humana / Universidade Federal de São Carlos
 Secretaria Municipal de Esporte e Lazer – Secretaria Municipal de Cidadania e Ação Social / Prefeitura Municipal de São Carlos
 Apoio: ProEx/UFSCar

Ano 12, Número 43

Agosto, 2012

Editorial

Oi galera do Gonzaga! Esperamos que vocês estejam bem. Acabamos de preparar a edição deste mês do jornal e esperamos que gostem! Dia 22 de agosto comemoramos o “Dia do Folclore” e poderemos saber mais sobre esta data. Também iremos lembrar a festa junina e nos divertir com a seção “Vamos Colorir”. Neste ano o projeto Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer (VADL) completa 10 anos de atividade só no Jardim Gonzaga, assim realizamos uma entrevista especial com Célio, que foi participante desse projeto e hoje é funcionário da ECO. Um abraço para todos vocês e bom proveito!

Pedalando no Centro da Juventude

Na última quinta-feira, 23/08/2012, o Projeto de Educação Ambiental e Lazer (PEDAL) do Departamento de Educação Física e Motricidade Humana da UFSCar realizou atividade no Centro da Juventude do Jardim Monte Carlo por ocasião das “Olimpiadas do CJ”. O objetivo da atividade foi o de divulgar a bicicleta como uma possibilidade de transporte, lazer, trabalho e esporte. As atividades se caracterizaram pelo lúdico, através de uma série de brincadeiras que envolviam equilíbrio e destreza dos participantes na mobilidade com a bicicleta.

**Entrevista do Mês**

Este mês conversamos com Célio Pereira da Silva. Hoje ele é funcionário da ECO, mas no passado foi um participante do projeto Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer (VADL). Ele começou quando tinha de 13 para 14 anos. Em tom de brincadeira ele disse que pretende continuar participando do projeto até os 102 - 103 anos. As atividades eram realizadas na chacinha, onde hoje é o Centro da Juventude (CJ) do Monte Carlo. O entrevistado comentou que naquele tempo não ocorria brigas, os participantes se respeitavam e que isso era importante para ganhar a admiração e respeito das pessoas. Na chacinha eram realizados jogos e brincadeiras, tais como jogar bola e a utilização da horta comunitária. Porém, essa atividade só era realizada no máximo duas vezes por semana, o campinho estava destruído e a piscina não podia utilizar. Também houve ocasiões que ocorreram atividades no CRAS (antigo Centro Comunitário). Lá ele conheceu a equipe do METUIA que “veio e mostrou o caminho”. Célio lembra dos professores e professoras que ele conheceu ao longo de sua participação. Desta forma, falou com muita saudade do Adonis, da Maria, da Patricia, do Luiz e do Matheus. Nosso entrevistado comentou que em sua época não era servido café-da-manhã. Tinha apenas um lanche na hora do almoço e, também, não havia kit para escovação dos dentes como temos hoje. O que ele lembra com mais prazer foi de um passeio realizado para UFSCar onde ele pode conhecer outros estudantes e algumas profissões, ficando admirado com o tamanho do campus e com as coisas que tinha lá. Célio diz que o projeto ajudou-o a crescer na vida, a abrir os olhos e a mostrar-lhe o caminho correto.

Entrevistadores: Guadalupe, Nicole, Jamime, Joana e Daniel. Agradecimento especial à turma da tarde que contribuiu com elaboração das perguntas da entrevista.

Festa Junina

No dia 28 de junho de 2012 foi realizada a Festa Junina que nesse ano contou com a participação do Grupo Musical 'Ofício Difícil'. As crianças do projeto, os participantes do Grupo de Caminhada junto com os educadores fizeram bonito para a nossa festa acontecer. Contamos esse ano com o Matias tocando no teclado as canções 'Pula Fogueira' e 'Balão', acompanhado pelo 'Ofício Difícil'. Foi bonito ver toda gente alegre e sorridente cantando e dançando com som ao vivo. Após a festa a funcionária Lina, que preparou um ótimo banquete com pipoca, suco e bolo, disse: *'Muito bonito tudo isso, as músicas sendo tocadas ao vivo, as crianças dançando até a gente que é funcionária conseguiu se divertir, muito bonito mesmo'*. Bom galerinha essa festa só aconteceu, porque nós fizemos nossa parte, trabalhamos juntos e respeitamos uns aos outros.



O Folclore

Em 22 de agosto, o Brasil comemora o Dia do Folclore. A data foi criada em 1965 através de um decreto federal. No Estado de São Paulo, um decreto estadual instituiu agosto como o mês do folclore. O folclore pode ser percebido na alimentação, linguagem, artesanato, religiosidade e vestimentas de uma nação. Segundo a Carta do Folclore Brasileiro, "constituem fato folclórico as maneiras de pensar, sentir e agir de um povo, preservadas pela tradição popular, ou pela imitação".

A palavra folclore surgiu a partir de dois termos antigos: 'folk', em inglês significa 'povo' e 'lore', conhecimento. Assim folk + lore quer dizer conhecimento popular. O folclore brasileiro é um dos mais ricos do mundo, formou-se ao longo dos anos, com a participação de índios, negros e brancos.

Vamos colorir!



CUCA



Anexo 4 - 45º Jornalzinho VADL

Esporte Para Cidadania

Departamento de Educação Física e Motricidade Humana / Universidade Federal de São Carlos
 Secretaria Municipal de Esporte e Lazer – Secretaria Municipal de Cidadania e Ação Social / Prefeitura Municipal de São Carlos
 Apoio: ProEx/UFSCar

Ano 12, Número 45

Dezembro, 2012

Editorial

Olá galerinha do Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer, estamos chegando a mais um fim de ano e com ele vêm a última edição desse jornalzinho. Nessa edição começamos com uma reportagem sobre nossa apresentação no Festival Sons & Movimentos, depois temos a entrevista do mês com o educador Daniel, temos também uma matéria sobre o Dia da Consciência Negra e por fim atividades de passatempo. Bom pessoal, um ótimo Natal e Ano Novo a todos/as!!!

Festival Sons & Movimentos UFSCar

As crianças e jovens participantes pelo projeto de Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer realizado na Estação Comunitária do Jardim Gonzaga se apresentaram no 8º Festival Sons & Movimentos organizado pelo Departamento de Educação Física e Motricidade Humana da Universidade Federal de São Carlos (DEFMH/UFSCar).

Em meados do mês de outubro as crianças e jovens iniciaram as atividades de elaboração de suas próprias canções e poesias no contexto dos temas geradores eleitos pela comunidade: convivência e educação escolar.

A apresentação ocorreu no dia 8 de novembro no Teatro Florestan Fernandes nas dependências da UFSCar. Foi uma oportunidade para as crianças e jovens participantes do projeto mostrarem à comunidade de São Carlos parte do trabalho desenvolvido em torno da linguagem musical e artística, bem como deles entrarem em contato com outras experiências do universo da arte elaborado por alunos/as, grupos e projetos da UFSCar.

Entrevista do Mês

O entrevistado desse mês é o professor de Educação Física Daniel, conversamos com ele a respeito de sua participação no projeto Vivências em Atividades Diversificadas de Lazer e sobre o tema gerador eleito esse ano, que é convivência e educação escolar, bem como do último tema gerador, respeito. Daniel nos disse que trabalha na Estação Comunitária do Jardim Gonzaga (ECO) desde que passou em um concurso da Prefeitura, em 2011, comentou que gosta muito de trabalhar, aprender e brincar com as crianças do Gonzaga. O educador nos disse que é importante saber respeitar as diferenças dos outros, e que de maneira geral as crianças do projeto tem respeitado a todos. Que de vez em quando há alguns casos de desrespeito, mas que isso tem se tornado cada vez mais raro e que ele está muito feliz com esse aprendizado dos participantes. Para ele respeito é saber aceitar as diferenças, conviver com ela em harmonia, e aprender com isso, aprender que nós não somos iguais, mas que as diferenças são boas, que saber agregar essas diferenças é muito interessante. Convivência é saber juntar tudo isso, e estar feliz, estar alegre, com os próximos. Disse-nos que convive muito bem com os responsáveis das crianças, e que todos o respeitam bastante, e sempre quando é possível ele marca reunião com os pais para todos estarem por dentro do que esta ocorrendo no projeto, como os funcionários da ECO também, que ele consegue escutar o que as pessoas querem dizer, e que elas também escutam o que ele tem a dizer, e que é muito importante essa troca de experiências e aprendizado.



Dia da Consciência Negra

No dia 20 de novembro foi comemorado o Dia da Consciência Negra. Tivemos no projeto atividades relacionadas a este dia, tais como contação de histórias africanas e afro-brasileiras realizadas pelas estagiárias do curso de Terapia Ocupacional da UFSCar e uma breve conversa com os/as participantes do projeto sobre os povos africanos.

No dia 20 de novembro de 1695, morreu Zumbi, líder do Quilombo de Palmares. Ele representa a luta do negro contra a escravidão no Brasil. Zumbi dos Palmares morreu em combate, defendendo seu povo e sua comunidade. Os quilombos representavam uma resistência ao sistema escravista e também uma forma coletiva de manutenção da cultura africana no Brasil. Zumbi lutou até a morte por esta cultura e pela liberdade.

Contação de histórias

No projeto VADL, as alunas da Terapia Ocupacional participaram da contação de histórias africanas e indígenas observando o tema educação das relações étnico-raciais, para que as crianças pudessem ter um maior entendimento, respeito e valorização dessas culturas. Foram contadas duas histórias, a primeira foi a da "Menina Bonita do Laço de Fita" a respeito de uma linda menina de fita no cabelo que desperta a admiração de um coelho branco que faz de tudo para ficar pretinho como ela. Mas ele não sabe como a menina herdou aquela cor, e aí começa a confusão. A segunda história foi sobre "Luana: a menina que viu o Brasil neném", ela é a primeira heroína afro-brasileira de nosso país. Ela tem oito anos e adora lutar capoeira. Com seu berimbau mágico, ela se transporta para outras épocas e lugares, nos levando a descobertas inacreditáveis. Entre outras coisas, nos ensina o valor da nossa cultura e a importância das diferentes raças na formação do povo brasileiro.

As crianças se mostraram muito atentas e disseram que gostaram muito. Ao perguntar para algumas delas sobre o que acharam da contação de histórias disseram:

"Muito legal, ótima, gostei das duas."
(Débora Correa, 9 anos)

"Eu gostei também das duas, mas gostei mais da primeira, foi mais engraçada."
(Kemily Vitória Pereira da Silva, 7 anos)

"Ótimo e legal."

Natan (11 anos), Tales (10 anos) e Wesley (9 anos)

Passatempo

Consciência Negra



Feliz Natal

